UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

RETRATOS SOMBRIOS DA MODERNIDADE:

MEMÓRIAS DO SUICÍDIO NO RECIFE DURANTE A DÉCADA DE 1920

PEDRO FREDERICO FALK

RECIFE
2011

PEDRO FREDERICO FALK

RETRATOS SOMBRIOS DA MODERNIDADE:

MEMÓRIAS DO SUICÍDIO NO RECIFE DURANTE A DÉCADA DE 1920

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como Requisito Parcial à obtenção de Título de Mestre em História.
Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda

RECIFE

2011

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB-4 1291.

F191r Falk, Pedro Frederico.
Retratos sombrios da modernidade : memórias do suicídio no Recife durante a década de 1920 / Pedro Frederico Falk. - Recife: O autor, 2011.
287 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, 2011.
Inclui bibliografia.

1. História. 2. Modernidade. 3. Suicídio. 4. Recife - 1920. I. Miranda, Carlos Alberto Cunha (Orientador). II. Titulo.

981 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2011-74)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO ALUNO PEDRO FREDERICO FALK

Às 14h do dia 31 (trinta e um) de maio de 2011 (dois mil e onze), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Pedro Frederico Falk** intitulada "**RETRATOS SOMBRIOS DA MODERNIDADE: MEMÓRIAS DO SUICÍDIO NO RECIFE DURANTE A DÉCADA DE 1920**", em ato público, após argüição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "**APROVADO**", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Carlos Alberto Cunha Miranda (orientador), Antonio Paulo de Morais Rezende e Emanuela Sousa Ribeiro. A validade deste grau de Mestre está condicionada à entrega da versão final da dissertação no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar a partir da presente data, conforme o parágrafo 2º (segundo) do artigo 44 (quarenta e quatro) da resolução Nº 10/2008, de 17 (dezessete) de julho de 2008 (dois mil e oito). Assinam, a presente ata os professores supracitados, o Coordenador, Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, e a Secretária da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 31 de maio de 2011

Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda

Prof. Dr. Antonio Paulo de Morais Rezende

Profª. Drª. Emanuela Sousa Ribeiro

Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho

Sandra Regina Albuquerque

Ao Meu Pai: Meu exemplo; meu crítico;
meu incentivador; meu herói.

Àqueles que no momento de desespero, só
enxergaram o suicídio como a saída

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Professor Doutor Carlos Miranda por aceitar orientar um tema que ainda consiste num tabu. Agradeço também pelo entusiasmo, pela liberdade e pela efetiva orientação durante o processo de elaboração das idéias e de construção desta dissertação.

Aos professores da banca de qualificação, Profª. Drª. Christine Dabat e a Profª. Drª. Giselda Brito, pela ajuda e aconselhamento e também aos professores da banca de defesa, Prof. Dr. Antonio Paulo Rezende e a Profª. Drª. Emanuela Ribeiro.

Aos professores do Departamento de História da UFPE, em especial a Profª Drª Patrícia Pinheiro pelo incentivo à pesquisa e pelas críticas construtivas durante a elaboração da monografia de final de curso do bacharelado, e do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Também agradeço a Levi Rodrigues do Departamento de História pelo auxílio. Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro.

À Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, a Profª Drª Socorro Ferraz, pela preocupação em gradear o CFCH, se preocupando com o bem-estar das pessoas e evitando os possíveis suicídios por impulso.

Aos funcionários da Fundação Joaquim Nabuco, Memorial de Justiça de Pernambuco, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano e Laboratório de Pesquisa e Ensino em História UFPE, sem os quais a pesquisa não poderia ter sido feita.

Aos amigos da turma de mestrados pelos diversos momentos de convivência, em especial àqueles que se tornaram além de colegas de turma: Bruna Hanny; Eliana Sales; Ezequiel Canário; Flávia; Lídia Rafaela; e Priscilla Quirino.

Aos amigos e familiares, por fazerem parte de minha vida e pela compreensão nos momentos de ausência das festividades. Agradecimento à Liana Simões, Vivina Figueiroa, Tia Alba e Auxiliadora (Mãezinha) pelos incentivos e apoios.

Agradeço aos meus pais James e Elda, aos meus irmãos Camilla e Tiago, aos meus cunhados Andrezza e Rodrigo e ao meu sobrinho Eric pelo apoio, entendimento e por fazerem a vida mais feliz. Em especial ao meu pai, pela paciência, pelas leituras dos meus trabalhos e pelas sugestões dadas, nunca negando seu auxílio.

A todos vocês um muito obrigado!

RESUMO

O Brasil da década de 1920 passou por diversas modificações, especialmente, as cidades urbanas. Incluindo nestas o Recife, que buscou se adaptar aos padrões do mundo moderno. Modernizam-se os meios de transporte, a vida doméstica, os meios de diversão, os padrões de consumo e de beleza, a questão da higiene e da saúde, a família, o controle social, etc., ou seja, a população e o seu cotidiano. Assim, a vida não seria mais a mesma, pois os modelos do mundo arcaico rural e da família tradicionalista patriarcal ficaram perdidos no espaço, com os jovens e as mulheres, gradualmente, se libertando das antigas instituições sociais (igreja, família, comunidade), que antes exerciam controle sobre suas vidas.

Segundo o pensamento de Durkheim, modificações dessa natureza, possivelmente, poderiam ser sentidas nas taxas de suicídio, pois, a população nestas condições encontrar-se-ia em um estado de anomia, com a quebra das regras sociais e o incentivo ao consumismo. Não se encontrando mais as antigas formas de sociabilização protegendo a população, pois os indivíduos buscavam se libertar das mesmas.

Assim, esta dissertação procura mostrar a influência das modificações provindas da modernidade no Recife dos anos vinte sobre as taxas de suicídio, utilizando para isto os discursos médicos, religiosos e jurídicos, mas, sobretudo, pela imprensa, principal órgão na divulgação dos casos de suicídios ocorridos no Recife. Pelas informações presentes nas notícias dos suicídios e das tentativas de suicídio no jornal Diário de Pernambuco, montamos nosso banco de dados, que veio a possibilitar num melhor entendimento deste fenômeno complexo no Recife dos anos vintes, bem como a sua consequente ligação com as modificações ocorridas com a Modernidade neste período.

Palavras-chave: Suicídio. Modernidade. Recife. Anos Vinte.

ABSTRACT

Brazil in the 1920's went through several modifications, especially, the urban cities. Recife may be included in those that tried to adapt to modern world standards. It modernized the means of transportation, domestic life, the means of entertainment, the standards of consumption and beauty, the issues of hygiene and health, the family, social control, etc., or in other words, the population and its daily life. As such, life would not be same, since the archaic world models e the traditional patriarchal family got lost in space, with the young adults and women gradually freeing themselves from the earlier social institutions (church, family, community), that used to control their lives.

According to Durkheim's thinking, modifications of this nature, possibly, would be felt on the suicide rate, since the population in these conditions would find itself in a state of anomie, with the shatter of social rules and consuming incentives. It would not find the old forms of socialization protecting its population anymore, since the individuals were trying to free themselves from those ones.

This dissertation, therefore, seeks to show the influence of the modifications that stem from the modernity in Recife during the 1920's over the suicide rates, by means of medical, religious and legal speech, and, mainly, by the press, the main instrument in the discloser of the suicide cases that occurred in Recife. With the information published in the news articles about the suicides and attempted suicides in the Diário de Pernambuco, we built our database, which through statistical analysis gives a better understanding about this complex phenomenon in Recife of the 1920's, as well as its consequent connection with the modification that happened with the Modernity in this period.

Keywords: Suicide. Modernity. Recife. 1920's.

SUMÁRIO

Sigla das Instituições **XI**
Lista de Figuras **XII**
Lista de Tabelas **XIII**

Introdução **01**

Capítulo 1: A Inter-relação entre o Biológico, Psicológico e Social: Como Compreender o Suicídio **08**
1.1. As Teorias Psiquiátricas **09**
1.1.1. Jean-Étienne Esquirol **10**
1.1.2. A Neurobiologia do Suicídio **16**
1.2. As Teorias Sociológicas **18**
1.2.1. Karl Marx **19**
1.2.2. Émile Durkheim **21**
a. Suicídio Egoísta **23**
b. Suicídio Altruísta **27**
c. Suicídio Anômico **28**
d. Suicídio Fatalista **31**
1.2.3. Andrew Henry e James Short **33**
1.3. As Teorias Psicanalíticas (Psicológicas) **37**
1.3.1. Freud **37**
1.3.2. Karl Menninger **43**
a. Desejo de Matar **44**
b. O Desejo de Ser Morto **45**
c. O Desejo de Morrer **46**
1.3.3. Gregory Zilboorg **47**
1.3.4. Jean Baechler **56**
1.3.5. Edwin Shneidman **58**
1.3.6. Beck **60**

Capítulo 2: Os Anos Loucos: A Década de 1920 **63**
2.1. Eletricidade **67**
2.2. Os Meios de Transporte **68**
2.3. O Consumo e a Beleza **75**
2.4. A Higiene e Saúde **82**
2.5. As Famílias na Modernidade **89**
2.6. Contos Suicidas: O Suicídio Romântico **99**
2.7. Os Espaços de Sociabilidade **108**
2.7.1. O Cinema **111**
2.7.2. Críticas aos meios de diversão **114**
2.8. Conflitos **116**

Capítulo 3: Os Três Poderes: Religião, Judiciário e Medicina e as suas Relações com a Modernidade e o Suicídio **120**
3.1. Saber Religioso: Religião, Modernidade e Suicídio **120**
3.2. Saber Jurídico: Polícia e Judiciário na Apuração dos Suicídios **132**
3.3. Saber Médico: Medicina, Sociedade e Suicídio **157**
3.3.1. Suicídio e as Teses Médicas **169**
3.3.2. Teses Médicas, Medicina Legal, Suicídio, Década de 1920 **172**

Capítulo 4: Os Voluntários da Morte: Modernidade, Suicídio e Imprensa Pernambucana, em especial, o Diário de Pernambuco **187**
4.1. Os Desiludidos da Vida: As Notícias dos Suicídios no Diário de Pernambuco **192**
4.1.1. Variáveis de Tempo: Mês, Estações Climáticas; Dia da Semana e Horário **195**
4.1.2. Aspectos Epidemiológicos **204**
4.1.3. Uma Escolha: Fatores de escolha para a realização do ato **222**
4.1.4. A Última Gota: As razões para os suicídios **238**
4.1.4.1: As Cartas Suicidas: As Mensagens de Adeus **252**

Considerações Finais **258**

Referencial Bibliográfico **261**
Fontes Primárias **261**
Bibliográfico **263**

SIGLA DAS INSTITUIÇÕES:

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, Divisão de Hemeroteca, Pernambuco	**APEJE**
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro	**BN**
Fundação Joaquim Nabuco – Setor de Microfilmes, Pernambuco	**FUNDAJ**
Laboratório de Pesquisa e Ensino em História UFPE, Pernambuco	**LAPEH**
Memorial da Justiça de Pernambuco, Pernambuco	**MJPE**
Domínio Público (Site)	**DP**

LISTA DE FIGURAS:

Figura 01: Propaganda das Lâmpadas Wotan. *Diário de Pernambuco*, 27/12/1921 **67**
Figura 02: Effeitos do Progresso. *A Pilhéria*, 09/06/1923 **69**
Figura 03: Lotação dos bondes. *A Pilhéria*, 11/08/1923 **69**
Figura 04: O Progresso. *Diário de Pernambuco*, 19/03/1922 **70**
Figura 05: Propaganda da Venda de Carro. *A Pilhéria*, 20/12/1924 **74**
Figura 06: Moda, *Diário de Pernambuco*, 21/08/1921 **74**
Figura 07: Moda: Para Automóvel, *Diário de Pernambuco*, 21/08/1921 **74**
Figura 08: Moda: Modelo para Automóvel. *Diário de Pernambuco*, 24/07/1921 **77**
Figura 09: Moda: Chapéus de Verão. *Diário de Pernambuco*, 24/07/1921 **77**
Figura 10: A Moda. *Diário de Pernambuco*, 07/05/1922 **78**
Figura 11: A Moda. *Diário de Pernambuco*, 16/04/1922 **78**
Figura 12: Charge sobre os almofadinhas, *A Pilhéria*, 04/08/1923 **79**
Figura 13: Infância Escovada, *Diário de Pernambuco*, 12/02/1922 **79**
Figura 14: Propaganda das Pílulas do Dr. Denaut. *Diário de Pernambuco*, 23/09/1921 **80**
Figura 15: Propaganda do Creme Simon, *Diário de Pernambuco*, 03/05/1922 **80**
Figura 16: Concurso Infantil d'A Pilhéria, *A Pilhéria*, 25/08/1923 **81**
Figura 17: Propaganda Pílulas de Foster, *Diário de Pernambuco*, 01/09/1928 **81**
Figura 18: Fachada do novo edifício do Departamento de Saúde e Assistência. *Saúde e Assistência*, outubro de 1923 **84**
Figura 19: Syphilis. *Saúde e Assistência*, maio de 1924 **86**
Figura 20: Alcoolismo. *Saúde e Assistência*, novembro de 1924 **87**
Figura 21: Propaganda Neve de Glycerina Gallia. *Diário de Pernambuco*, 09/07/1922 **93**
Figura 22: Anúncio de oferta de emprego para mulheres. *Revista da Cidade*, 07/08/1926 **95**
Figura 23: Propaganda da Gillette, *Diário de Pernambuco*, 19/04/1922 **102**
Figura 24: Propaganda do Remédio Urotropina. *Diário de Pernambuco* 13/09/1925 **106**
Figura 25: Piquenique em Gurjahú. *Revista da Cidade*, 07/08/1926 **108**
Figura 26: Charge de uma aviadora. *A Pilhéria*, 16/06/1923 **108**
Figura 27: Capa da *Revista da Cidade*, 07/08/1926 **109**
Figura 28: Anúncio do Filme "Não Te Cases". *Diário de Pernambuco*, 22/03/1922 **111**
Figura 29: O banho do pobre, *Revista da Cidade*, 07/08/1926 **116**
Figura 30: Charge contra os socialistas. *A Pilhéria*, 07/07/1923 **118**
Figura 31: Problema na coleta de lixo, *A Pilhéria*, 18/08/1923 **119**
Figura 32: Impressões digitais, *MJPE* **146**
Figura 33: Fotografia do cadáver de Francisco A.L., *MJPE* **146**
Figura 34: Esquema de Lesões do Instituto de Medicina Legal de Pernambuco, *MJPE* **149**
Figura 35: Anúncio para consultas com Dr. Ulysses Pernambucano. *Diário de Pernambuco*, 07/10/1921 **150**
Figura 36: Anúncio de Pillofero, *Diário de Pernambuco*, 02/10/1921 **161**
Figura 37: Uma galinha na rua do Imperador. *A Pilhéria*, 16/06/1923 **192**
Figura 38: Anúncio do carro Buick para turismo. *Diário de Pernambuco*, 01/07/1928 **201**

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Quantidade de Suicídios/Tentativas por Ano em Pernambuco, 1920-29 **193**
Tabela 02: Quantidade de Suicídios e Tentativas em Pernambuco por ano 1920-29 **193**
Tabela 03: Estações climáticas e a ocorrência de suicídios e tentativas em Pernambuco, 1920-29 **196**
Tabela 04: Quantidade de suicídios e tentativas de acordo com os meses em Pernambuco, 1920-29 **197**
Tabela 05: Quantidade de suicídios e tentativas por dia da semana em Pernambuco, 1920-29 **199**
Tabela 06: Quantidade total de suicídios e tentativas relacionada ao gênero e dias da semana em Pernambuco, 1920-29 **200**
Tabela 07: Quantidade de suicídios e tentativas por horário em Pernambuco, 1920-29 **202**
Tabela 08: Quantidade total de suicídios e tentativas por horário em relação ao gênero em PE, 1920-29 **202**
Tabela 09: Quantidade de suicídios e tentativas por gênero em Pernambuco, 1920-29 **205**
Tabela 10: Quantidade de suicídios e tentativas por gênero em relação às faixas etárias, em Pernambuco, 1920-29 **207**
Tabela 11: Quantidade de suicídios e tentativas por faixa etária em Pernambuco, 1920-29 **209**
Tabela 12: Percentual da raça nos casos de suicídios e tentativas em Pernambuco, 1920-29 **210**
Tabela 13: Percentual da raça relacionado ao gênero feminino em Pernambuco, 1920-29 **211**
Tabela 14: Quantidade de suicídios e tentativas relacionados à raça e estado civil em Pernambuco, 1920-29 **212**
Tabela 15: Quantidade de suicídios e tentativas relacionados ao estado civil em Pernambuco, 1920-29 **213**
Tabela 16: Percentual das mulheres que cometeram o ato em relação à sua atividade profissional em Pernambuco, 1920-29 **215**
Tabela 17: Total de suicídios e tentativas em relação às profissões e ao gênero masculino em Pernambuco, 1920-29 **218**
Tabela 18: Percentual dos suicídios e tentativas por local em Pernambuco, 1920-29 **220**
Tabela 19: Percentual dos casos em relação à área rural e ao Recife, em Pernambuco, 1920-29 **221**
Tabela 20: Relação dos suicídios e tentativas com o gênero e local do ato em Pernambuco, 1920-29 **223**
Tabela 21: Relação dos crimes cometidos por gênero antes do suicídio ou tentativas, em Pernambuco, 1920-29 **224**
Tabela 22: Quantidade de suicídios e tentativas por método, relacionado com gênero, local do ato, e grupo etário em Pernambuco, 1920-29 **229**
Tabela 23: Tipos das armas brancas e de fogo usadas nos suicídios e tentativas relacionadas à área rural e ao Recife, em Pernambuco, 1920-29 **232**
Tabela 24: Local do ferimento por armas de fogo ou brancas e por gênero nos casos de suicídios e das tentativas em Pernambuco, 1920-29 **234**
Tabela 25: Local do pulo/afogamento em relação à quantidade, genro e área do suicídio em Pernambuco, 1920-29 **235**
Tabela 26: Instrumentos usados nos enforcamentos e sua quantidade em PE, 1920-29 **236**

Tabela 27: Tipo de veículo usado quando se tratando de esmagamento em Pernambuco, 1920-29 **236**
Tabela 28: As razões para os suicídios e as tentativas em Pernambuco, 1920-29 **239**
Tabela 29: As razões para os suicídios e as tentativas relacionados ao gênero em Pernambuco, 1920-29 **241**
Tabela 30: Razões amorosas para os suicídios e as tentativas em relação ao estado civil em Pernambuco, 1920-29 **243**
Tabela 31: Razões para os suicídios e as tentativas em relação ao local do ato e o grupo etário em Pernambuco, 1920-29 **244**
Tabela 32: Relação das cartas deixadas por faixa etária em Pernambuco, 1920-29 **254**
Tabela 33: Valor Percentual da Quantidade de Termos Usados correlacionados com seus respectivos anos em Pernambuco, 1920-29 **259**

INTRODUÇÃO

Refletir sobre a sua própria existência, decidindo entre a vida e a morte, consiste numa capacidade unicamente da espécie humana. A humanidade em si só existiu e ainda existe pelo simples fato de nós humanos achamos razões para nos mantermos aqui presentes, contudo, existem aqueles que decidem acabar voluntariamente com a sua existência antes de morrer por doença, velhice ou violência. [1]

A morte voluntária, ou o suicídio, atualmente, consiste num problema mundial, tendo em vista que:

> Em 2003, cerca de 900 mil pessoas cometeram suicídio no mundo inteiro. Em 2004, aproximadamente oito mil brasileiros tiraram a própria vida. Embora a taxa média no Brasil não seja considerada alta (4,5 suicídios a cada 100 mil pessoas), o problema vem crescendo em certos segmentos da população, como homens mais jovens, índios, idosos, trabalhadores do setor agrícola que tiveram a saúde prejudicada por pesticidas e mulheres jovens gestantes moradoras de rua. Algumas cidades brasileiras possuem taxas acima da média nacional, como Porto Alegre, onde em 2004 na população masculina registraram-se 16 casos para cada 100 mil homens. [2]

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), na maioria dos casos de suicídio, os indivíduos apresentavam um problema mental. [3] Contudo, a associação do suicídio com problemas mentais nem sempre foi aceita pela literatura científica, pois ao longo da história da Humanidade, o suicídio foi visto de diferentes formas, tais como: recuperação da honra, influenciado por questões demoníacas, para entrar no paraíso, para acompanhar o esposo na outra vida, por questões econômicas, e entre outras. Uma coisa é certa, a história nos mostra que a visão acerca do suicídio nunca foi uniforme, variando de sociedade para sociedade, e de épocas para épocas.

O termo suicídio deriva do latim, das palavras *sui* e *caedes*, em que a primeira significa si mesmo e a segunda, ação de matar, logo ação de matar a si mesmo. Existem, entretanto, controvérsias quanto à origem desse termo, pois alguns estudiosos colocam a sua origem com Sir Thomas Browne da Inglaterra em 1643, outros com Charleton em 1651, e outros com Edward Phillips em 1662. Há, ainda, referência de que a palavra

[1] MINOIS, Georges. **History of Suicide:** Voluntary Death in Western Culture. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999, p. 2

[2] Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=25076. Acessado em: 07/05/2011.

[3] Revista JC. Ano 2, Número 96, 3 de Junho de 2007

suicídio foi primeiramente usada na França pelo abade Prevost em 1734 e outros com o abade Desfontaine em 1737. [4]

Existe também uma não uniformidade quanto à definição do termo suicídio, sendo este diferenciado pela utilização do termo tentativa de suicídio. O suicídio, segundo o Dicionário Prático Ilustrado de 1928, significava o homicídio de si mesmo.[5] Assim, podemos observar o fator de crime dado ao suicídio, pois, segundo este mesmo dicionário, o termo homicídio significava: "ação de matar um ser humano. O homicídio pode ser voluntário e nesse caso toma o nome de assassínio; ou involuntário e em tal caso a lei pune segundo as causas e não segundo o efeito."[6]

Devido à consideração de que alguns especialistas sugerem que o suicídio possa ocorrer de forma consciente ou inconsciente[7], utilizaremos a definição de suicídio de Shneidman e quanto à definição de tentativa de suicídio utilizaremos uma adaptação de Durkheim[8].

Desta forma temos que o suicídio consiste "[n]um ato consciente de auto-aniquilação, mais bem entendida como um mal-estar multidimensional em um indivíduo cheio de necessidades que percebe o suicídio como a melhor solução". [9] Já a tentativa de suicídio seria o ato do suicídio em si, "mas interrompido antes que dele resulte a morte." [10] Optamos por esta definição porque os dados apenas mencionam o que seriam os suicídios conscientes.

O suicídio visto pela perspectiva analítica – estudo e análise do suicídio a partir de dados estatísticos- teve seu grande primor no final do século XIX, com o estudo de Durkheim, publicando em 1897, um clássico da literatura sociológica, *O Suicídio*. Nele é declarado que o suicídio só podia ser estudado como um fator social, através de uma perspectiva analítica.

---

[4] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "O Suicídio ao Longo dos Tempos". In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez (editores). **Suicídio:** uma morte evitável. São Paulo: Atheneu, 2006.

[5] **DICCIONÁRIO PRÁTICO ILLUSTRADO.** Novo Diccionário Encyclopédico Luso-Brasileiro. 2º Ed. rev. Porto: Livraria Chardron, 1928. P. 1082. BN

[6] Idem, p. 596. BN.

[7] Inconsciente seriam as ações que ao longo prazo auxiliariam na morte de um indivíduo ou ações de perigo extremo. Exemplos de ações que podem levar ao suicídio inconsciente, ou seja, atitudes que levam a uma morte indireta: fumar, esportes radicais, alcoolismo, etc.

[8] Para Durkheim, o suicídio seria "todo o caso de morte que resulta diretamente ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir esse resultado. A tentativa de suicídio é o ato assim definido, mas interrompido antes que dele resulte a morte." DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 15.

[9] SHNEIDMAN, E. S. "Definition of suicide". New York, 1985. Apud CORRÊA, H.; BARRERO, S. P.. "O Suicídio: Definições e Classificações". In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. (editores). **Suicídio:** uma morte evitável**.** São Paulo: Atheneu, 2006, p. 31.

[10] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. Op. Cit. p. 15.

Nesta dissertação buscamos trabalhar os dados coletados por diversos discursos e pelas notícias, sendo estas analisadas pelo viés da estatística analítica, com a finalidade de verificar a possível influência do progresso tecnológico e da modernidade[11] no Brasil - que vieram a modificar as relações sociais, o qual começou no século XIX e continuou durante o início do século XX -, sobre o suicídio, analisando como um objeto social.

Isso porque, enquanto consolidava-se a República, os indivíduos vão se libertando da influência da família, da religião, da comunidade ou das redes sociais do trabalho, ou seja, tendo início a novos comportamentos, os quais foram influenciados pela transformação social e econômica. Ademais, "A modernidade, com as suas invenções, causa realmente espanto e deslumbramento, medos e desejos, e a cidade é o espaço onde ganha maior dimensão" [12]. Assim, o foco principal de nossa pesquisa será a década de 1920 em Pernambuco, com destaque para a modernidade na cidade do Recife.

Com a expansão do capitalismo, "a onda modernizadora tomara conta das grandes cidades do mundo [...]. As cidades passavam por transformações significativas, para atender aos sonhos progressistas e facilitar o avanço da 'verdadeira civilização" [13], causando impactos sobre os hábitos do dia-a-dia.

Assim, esses avanços científicos e tecnológicos causaram impactos, que possivelmente afetaram as taxas de suicídio, pois além das mudanças sociais ocorridas, foram introduzidos novos meios de se suicidar, tais como: pela pistola Mauser; maquinarias das indústrias, esmagamentos por trens e bondes elétricos etc.

O suicídio apesar de não ter sido considerado crime pela legislação brasileira, era, nos anos vinte, discutido nos periódicos religiosos, nas teses de medicina, presente dos processos criminais e nas notícias do Diário de Pernambuco. Assim, a escolha do tema referente ao Recife da década de 1920, deve-se a sua importância regional na época. Além do mais, foi durante a década de 1920, que o Recife, assim como muitas capitais de estados brasileiros, buscou urbanizar-se e modernizar-se. Ademais, segundo

[11] A modernidade, segundo uma primeira aproximação de Anthony Giddens, "refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991. P. 11.

[12] REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX**. Recife: FUNDARPE, 1997. Pp. 30.

[13] REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit. Pp. 31/32.

A. Alvarez [14] foi a partir dos anos 20 que se multiplicaram os estudos científicos sobre o suicídio.

A presente dissertação buscou estudar como a Modernidade afetou no cotidiano das pessoas no Recife na década de 1920, em especial, a sua influência sobre o suicídio, através dos discursos religiosos, médicos, judiciários e pela imprensa. Visto que, segundo Durkheim, os períodos de crises ou de transformações favoráveis afetavam as taxas do suicídio, levando ao seu aumento. Devido às perturbações da ordem coletiva.

Nesta dissertação, foi estudado como a sociedade recifense dos anos 20 percebia o suicídio e os diversos fatores sociais envolvidos neste fenômeno, utilizando para isto: jornais da época, como o Diário de Pernambuco; periódicos, como O Dia; teses de Medicina; e processos de arquivamento dos casos de tentativas de suicídio e suicídios, presentes nos Memorial do Tribunal de Justiça de Pernambuco.

Buscamos entender o suicídio a partir das características econômicas, sociais e culturais no Recife nos anos vinte do século XX. Para isso serão utilizados estudos de diversas áreas de conhecimento, em especial, a sociologia e a psicologia entre as ciências humanas, visto que são as que mais produziram reflexões sobre o tema. Estas áreas abordam o suicídio de acordo com os seus ideais e conhecimento, desta forma, buscamos entendê-lo na sua multidisciplinaridade.

As teses de medicina da Faculdade de Medicina da Bahia constituem como uma fonte ideal do saber médico acerca do suicídio no período analisado, pois ainda hoje há um domínio por parte dos profissionais de saúde no estudo do suicídio. Utilizamos as teses da Faculdade de Medicina da Bahia, devido ao fato que esta instituição funcionava desde meados do século XIX, enquanto que a Faculdade de Medicina do Recife só iniciou suas atividades em 1920 e a sua primeira turma de formados foi em 1925. Outra razão, para a utilização das teses da Bahia, deve-se a proximidade deste estado com Pernambuco. Todas essas teses de medicina de 1920 da Faculdade de Medicina da Bahia podem ser encontradas no Laboratório de Pesquisa e Ensino e História (LAPEH) do Departamento de História da UFPE.

As notícias da imprensa da década de 1920, em especial, o Diário de Pernambuco, são fontes importantes, para o estudo aqui proposto. O Diário de Pernambuco foi escolhido como a fonte principal pelo simples fato que, ao termos feito uma análise preliminar entre este jornal, o Jornal do Commercio e o Jornal Pequeno,

[14] ALVAREZ. A. **O Deus Selvagem – um estudo do suicídio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

observamos que as notícias se repetiam, sendo que no Diário havia mais publicações dos casos de suicídio e tentativa.

O Diário trazia notícias tanto das tentativas de suicídio como dos suicídios. O jornal também noticiava casos onde havia a dúvida se era suicídio, homicídio e até desastres acidentais, assim, possivelmente poderiam ter sido suicídios disfarçados de acidentes, como um meio de evitar a vergonha de se ter tentado o suicídio, pois notamos certo preconceito com os suicidas, classificando indivíduos que haviam tentado o suicídio como tresloucados. Contudo, aqui só trabalhamos os casos em que foram mencionados como suicídios e tentativas, e alguns casos de dúvida, desde que mostrassem sinais bem claros de que estivessem mais para um suicídio do que um crime ou acidente.

As notícias no Diário de Pernambuco sobre as tentativas de suicídio e de suicídio trazem diversas informações, como: o nome do suicida; endereço de residência; dia do ato; o meio utilizado e em alguns casos traz informações sobre a idade, o motivo, estado civil, naturalidade e raça. Nos casos de tentativa de suicídio, as noticias ainda trazem o nome do médico que socorreu a pessoa e caso fosse internada, o hospital onde o foi. Assim, as notícias poderão auxiliar num melhor entendimento do suicídio, mostrando os principais meios utilizados para se cometer o ato, bem como, mostrar fatores sociodemográficos (estado civil, raça, idade, fator social, razão, etc.) mais comuns no período analisado. O Diário de Pernambuco, do período analisado, pode ser encontrado em microfilmes na Fundação Joaquim Nabuco.

Outra fonte importante de informação seria os periódicos da época, como os periódicos religiosos, como *O Dia*, pois o mesmo traz informações de como a Igreja Católica via o suicídio no Recife durante o período estudado. Trabalhamos também com outros periódicos de notícias e de saúde, porém com uma abordagem menos aprofundada. Estes periódicos foram encontrados no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Os Processos do Memorial do Tribunal de Justiça de Pernambuco também consistem numa importante fonte de informação. Observamos que havia processos pedindo o arquivamento em casos de tentativas de suicídios e os processos para averiguar a causa da morte do indivíduo se foram por homicídio, acidente ou suicídio. No caso de suicídio, também, havia o arquivamento do processo. Para que isto ocorresse, era realizado um exame médico de ofensa física ou de homicídio pelo Instituto de Medicina Legal de Pernambuco, que traz diversas informações, além do

nome da pessoa que tentou o suicídio, como: a cor, altura, naturalidade, idade, residência, constituição física, temperamento e o meio utilizado.

Nos processos de arquivamento, os peritos também devem responder algumas questões sobre a pessoa, como exemplo nos casos de tentativas: se há ferimento ou ofensa física; qual o meio que ocasionou; se foi ocasionado por veneno, substancia anestésica, incêndio, asfixia ou inundação; se por sua natureza e sede pode ser causa eficiente da morte, a constituição ou estado mórbido anterior do ofendido concorrem para torná-lo irremediavelmente mortal; se das condições personalíssimas do ofendido pode resultar sua morte; se resultou ou pode resultar mutilação ou amputação, deformidade ou privação permanente de algum órgão ou membro; se resultou ou pode resultar enfermidade incurável e que prive para sempre o ofendido de poder exercer o seu trabalho; e se produziu incomodo de saúde que inabilite o ofendido de serviço por mais de 30 dias.

Assim, as teses da Faculdade de Medicina da Bahia; as notícias do Diário de Pernambuco; periódicos; e os processos do Memorial do Tribunal de Justiça de Pernambuco virão a se completar, onde todos os três são influenciados por valores sócio-culturais presente numa sociedade. Desta forma com a utilização dos documentos e da bibliografia foi possível escrever a história do suicídio no Recife na década de 1920.

A dissertação foi composta de quatro capítulos acrescidos da Introdução e Considerações Finais. O primeiro capítulo, intitulado "A inter-relação entre o biológico, psicológico e social: como compreender o suicídio" aborda as três principais áreas de estudo das teorias referentes ao suicídio, sendo estas: psiquiátrica, sociológica, e psicológica. Dentre destas três áreas, abordamos diversas teorias referentes ao suicídio. Utilizando basicamente de um vasto material bibliográfico.

O segundo capítulo, intitulado "Os anos Loucos: a década de 1920", abordamos o mundo dos anos 20, retratando as principais mudanças ocorridas no contexto brasileiro, dando ênfase ao Recife. Destas mudanças buscamos mostrar a nova mentalidade que surgia na época e a suas influências nas relações sociais dos indivíduos, bem como na sua vida cotidiana. Este capítulo apresenta uma bibliografia referente aos anos vinte e também artigos de periódicos, visto que estes constituem numa rica fonte de informações.

O terceiro capítulo, “Os três poderes: Religião, Judiciário e Medicina e as suas relações com a Modernidade e o Suicídio”, trabalha a questão do suicídio visto: pela ótica religiosa, principalmente, a católica, utilizando para isto o periódico *O Dia*; pela ótica judiciária e policial, utilizando os processos criminais; e pela ótica médica, utilizando as teses médicas da Faculdade de Medicina da Bahia, nas quais os discursos médicos brasileiros estavam ligados aos saberes científicos europeus, principalmente, da influência dos estudiosos franceses, italianos e alemães.

Desta forma, este capítulo é composto de material bibliográfico e por informações apresentadas nas teses médicas, nos processos criminais do Memorial de Justiça de Pernambuco e nos periódicos religiosos, com ênfase ao *O Dia*.

O quarto e último capítulo, cujo título “Os Voluntários da Morte: Modernidade, Suicídio e Imprensa Pernambucana, em especial o Diário de Pernambuco”, analisa estatisticamente o banco de dados coletados pelas notícias dos casos de suicídio e de tentativas de suicídios publicadas neste jornal.

Com o banco de dados, buscamos observar a relação das diversas variáveis coletadas e o suicídio e a tentativa através de uma análise temporal, epidemiológica e socioeconômica. Isto possibilitou no melhor entendimento deste fenômeno complexo com as mudanças ocorridas, que afetaram a população recifense da década de 1920.

CAPÍTULO 1

A INTER-RELAÇÃO ENTRE O BIOLÓGICO, PSICOLÓGICO E SOCIAL:

Como Compreender o Suicídio

O suicídio é um fenômeno complexo que envolve diversos fatores, permitindo, assim, diferentes e variadas abordagens e enfoques. Segundo Edwin Shneidman, o suicídio consiste num mal-estar multidimensional[1], logo esta característica do suicídio permitiu que ele fosse abordado por diferentes áreas de estudo, tais como: a psiquiatria; a psicologia; a sociologia; a filosofia; como entre outras.

Como a literatura sobre o suicídio é numerosa, buscaremos discutir as principais teorias explicativas do suicídio, seguindo a ênfase dada pelos autores Humberto Corrêa e Sérgio Perez Barrero[2], que seriam as teorias psiquiátricas, psicológicas e sociológicas.

Segundo Maria Luiza Dias, "na maioria destes trabalhos procura-se definir o que se entende por suicídio, os tipos existentes, as motivações que conduzem alguém a matar-se e como se pode preveni-lo ou tratá-lo." [3]. Contudo, vale lembrar que nossa área de domínio disciplinar possui grande importância na determinação de nossa abordagem do estudo do suicídio. [4]

Na visão de Georges Minois, apesar das diferentes explicações para o suicídio, estas vêem a se complementarem mais do que se contradizerem, visto que para ele a decisão que um indivíduo faz pelo suicídio é resultado de múltiplos fatores, sendo que muitos destes são independentes do seu desejo ou vontade. Para ele, no entanto, a decisão final do ato recai sobre o indivíduo. [5]

Esse pensamento também se encontra presente em Corrêa e Barrero, na qual dizem que as principais teorias (psiquiátrica, psicológicas e sociológicas) não devem ser excludentes entre si, visto que:

---

[1] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.
[2] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "As Teorias do Suicídio". In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. **Suicídio.** Op. Cit. 2006.
[3] DIAS, Maria Luiza. **Suicídio: Testemunhos de Adeus.** São Paulo: Brasiliense, 1997.
[4] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.
[5] MINOIS, Georges. **History of Suicide.** Op. Cit. p. 323.

> Não devemos nos esquecer de que o ser humano é biológico em suas vulnerabilidades à doença mental, à impulsividade etc., é social em suas inter-relações com o tecido social em que vive e é psicológico na sua forma única e individual de existir e de interagir com suas dimensões biológicas e social. [6]

1.1. As Teorias Psiquiátricas:

Nos princípios do século XIX, o estudo do suicídio, pela ótica da Medicina, passa a ser relacionado com a alienação mental. Foi tanto assim, que o atual ramo da medicina conhecida como psiquiatria, foi fundada sobre o nome de alienismo. [7]

A psiquiatria, segundo Gregory Zilboorg[8], veio a substituir a teologia no campo de estudo da psicologia humana, deste modo, "o suicídio começou a ser visto como o resultado do estado de psicopatia (chamado de insanidade temporária) ou por psicose aguda.

Segundo Corrêa e Barrero[9], veio da teoria psiquiátrica a primeira teoria que tentou explicar as causas do suicídio, através de Philippe Pinel e posteriormente, seu discípulo Jean-Étienne Esquirol.

Philippe Pinel estabeleceu com o seu tratado *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale ou la manie*, publicado em 1801, a ligação da tendência suicida com problemas mentais, levando os indivíduos a exagerar sobre os acontecimentos desagradáveis que ocorressem em suas vidas. Contudo, Pinel no seu tratado ora desviava da ótica médica para a moral, visto que a medicina da época utilizava de tratamentos morais para combater o suicídio. [10] Entretanto, só foi com Jean-Étienne Esquirol que ocorreu uma primeira sistematização da teoria psiquiátrica do suicídio. [11]

---

[6] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "As Teorias do Suicídio". In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. **Suicídio.** Op. Cit. p. 43.
[7] OLIVEIRA, Saulo Veiga. **O Suicídio de escravos em Campinas e na província de São Paulo (1870 – 1888).** [Dissertação] Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007.
[8] ZILBOORG, Gregory. "Considerations on Suicide, with Particular Reference to That of the Young". American Journal of Orthopsychiatry, 7: 15-31, 1937. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996, p. 63.
[9] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "As Teorias do Suicídio". In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. **Suicídio: Uma Morte Evitável.** São Paulo: Atheneu, 2006. p. 37.
[10] MINOIS, Georges. **History of Suicide.** Op. Cit. p. 318.
[11] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "As Teorias do Suicídio". In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. **Suicídio: Uma Morte Evitável.** São Paulo: Atheneu, 2006.

1.1.1. Jean-Étienne Esquirol:

Esquirol [1772 – 1840] foi um médico alienista francês, que prosseguiu o trabalho nosográfico de Pinel. [12] Ele começou a sistematizar o suicídio com o seu livro *Les Monomanies. S*egundo Minois[13], ele nem sempre foi consistente nos seus estudos, pois em 1838, escreveu que os homens só se suicidam por causa de delírio e que todos os suicidas seriam insanos. Posteriormente, no mesmo ano, ele passou a atribuir o suicídio à questão de ansiedade de origens morais, com o seu tratado *Des maladies mentales*[14].

Neste, Esquirol não abordou somente o suicídio, mas diversas questões, como: insanidade; alucinações; ilusões do insano; fúria. alienação mental; epilepsia; terminações críticas da loucura; lipemania ou melancolia; demonomania; monomania; mania; demência; e idiotia.

Para ele, o suicídio pode ser visto por diferentes visões, como as influenciadas pela moralidade; pelas crenças religiosas e pelas leis. Os motivos seriam dos mais diversos, não podendo limitá-los, visto que o suicídio acontece sob circunstâncias tão opostas. No entanto, para ele, os homens destroem-se mais devido a sentimentos sublimes,

> Todas as paixões têm suas épocas de fúrias. No seu excesso, tem nada que eles não sacrificariam, e homem enquanto presa da paixão, poupa nem sua própria vida. No delírio febril e mania, mais vida são tomadas do que usualmente esperada. Hipocondria e lipemania são frequentemente as verdadeiras causas da repugnância e total fadiga da vida, que frequentemente dão vida para aquela forma de suicídio, que nós chamamos de voluntária. [15]

Vale observar, que na opinião do autor, nem todos os desejos de terminar com a existência resultam em suicídio, pois podem resultar também em homicídios. Também não seria suicídio, quando o indivíduo age sob a ordem de sentimentos nobres ou generosos, ao colocar-se em perigo com morte inevitável ou realize o sacrifício voluntário, em nome da obediência as leis ou convicção religiosa, ou ainda para a salvação de sua nação. Há tradições de certos países que requerem dos seus membros a morte voluntária, isto em determinadas condições especiais, logo para Esquirol, isto não seria suicídio, visto que estas tradições são mais fortes do que o próprio instinto de vida.

---

[12] GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v. 9.
[13] MINOIS, Georges. **History of Suicide.** Op. Cit.
[14] Neste trabalho será usada a versão traduzida para o inglês. ESQUIROL, E. **Mental Maladies: Treatise on Insanity.** Philiadelphia: Lea and Blanchard, 1845.
[15] ESQUIROL, E. **Mental Maladies: Treatise on Insanity.** Philiadelphia: Lea and Blanchard, 1845, p. 254. Observação: As traduções, do inglês para o português, feitas nesta dissertação foram feitas por Pedro Falk.

Ao final, o suicídio é apresentado como um fenômeno com diversas causas e possui diferentes características, e não se restringe, exclusivamente, a uma doença. "Foi em consequência de terem feito o suicídio uma doença *sui generis*, que eles estabeleceram proposições gerais, que a experiência desaprova" [16].

Voltando-se as questões das paixões, Esquirol afirmou que quando estas foram fortemente excitadas, produzem distúrbios no organismo ou na compreensão humana.

> Quando a alma é fortemente mexida, por violenta e inesperada afeição, funções orgânicas são pervertidas, a razão é perturbada, o indivíduo perde sua autoconsciência, está em um verdadeiro delírio, e comete atos mais inesperados; estes mais opostos do seu instinto, das suas afeições e interesses. [17]

Assim, as paixões ou emoções privam os seres humanos da sua capacidade de reflexão, apesar delas provocarem o delírio temporário, o suicídio por ele provocado é prontamente executado. Caso esta não seja consumada, não significa que o impulso será renovado, visto que a tentativa infrutífera deveu-se a uma crise da sua afeição moral. Para Esquirol este é o suicídio tido como involuntário e agudo, que difere do suicídio crônico e premeditado.

Quanto ao suicídio crônico, este veio a aumentar as discussões referentes ao aspecto criminalístico do suicídio, devido a sua característica de ser premeditado. Para Esquirol, aquele que tenta repetidamente contra a sua própria existência, quase sempre se encontra em estado semelhante aquele em desespero, conectado com delírio.

A dor física também pode ser uma das causas para o suicídio, visto que aquele com uma doença cruel e longa acaba tornando-se impaciente e debilitado pelo sofrimento. Assim, termina se suicidando como uma forma de eliminar seus males intoleráveis. "Ele [o indivíduo] considera que a dor da morte é apenas temporária, e rende-se ao desespero premeditado" [18] Razões estas que também levam os hipocondríacos ao suicídio.

Tratando do suicídio dos maníacos, Esquirol classificou este como ocorrendo sem reflexão. Ele buscou comprovar isto pelo simples fato que os maníacos, usualmente, se suicidam ao jogar-se de alturas, mostrando, assim, o seu ato impulsivo. Além do mais, os maníacos são afetados pelas ilusões, que os fazem terem uma visão errônea das coisas, que é piorada com os ataques de pânico, que são comuns a eles.

[16] ESQUIROL, E. **Mental Maladies.** Op. Cit. p. 255.
[17] Idem, p. 256.
[18] Idem, p. 258.

Entretanto, há maníacos que se suicidam ao descobrirem que possuem esta doença e suas possíveis consequências.

A monomania também pode levar o indivíduo ao suicídio, devido à presença das ilusões ou alucinações e dos delírios da emoção. A nostalgia pode ser outro fator, em consequência do arrependimento de ter deixado seu país de nascença ou da aflição de ter tido seus objetos de ligação inicial removidos. Com isto, o desejo de suicídio surge do sentimento de revisitar seu país natal, que faz florescer as emoções e o desespero pelo reencontro com os objetos a que foi separado.

Para Esquirol há também duas outras razões para o suicídio crônico, tanto pelo ódio da vida ou pelo cansaço da vida. Enquanto, este vem de um estado ativo, com uma forma de irritabilidade e exaltação da sensibilidade, já aquele se encontra num estado passivo, sendo efeito da atonia[19] da sensibilidade.

O ódio da vida seria mais frequente, devido às inúmeras circunstâncias que podem provocá-lo. Ele afeta todas as classes, entretanto, sendo mais frequente entre homens com certa abundância de riqueza e dignidade, pois possuem mais emoções. Assim, os homens desgostosos da vida, passam a odiá-la e, eventualmente, se destroem. Neste caso, os indivíduos não são avessos a vida em si, eles apenas buscam a morte não como um desejo, mas como uma forma de sair de seus sofrimentos. O cansaço da vida também leva ao suicídio, devido ao tédio ou pelo efeito de abandono e prazeres frívolos.

> O homem precisa ter desejos, ou ele decaí para um estado de cansaço árduo. Mas se ele esgotou a sua sensibilidade por um excessivo exercício das emoções e o abuso dos prazeres; se, tendo esgotado todas as fontes de felicidade, não há nada mais que possa causar nele para sentir que ele ainda vive, e todos os objetos externos são indiferentes à ele; se, o mais meios de auto-satisfação tenha ele aproveitado, menor o número são de novos objetos que ele conhece que são calculados para acordar seu interesse; homem então ocupa um vazio assustador. Ele afunda para o estado de saciedade, um cansaço terrível, que o conduz ao suicídio. Desistir da vida, é para ele um ato de indiferença. [20]

Essa forma de suicídio, segundo ele, é chamada de esplênico[21] e é crônico, pois é executado com frieza e compostura. Este tipo de suicídio não é anunciado nem por violência nem por esforço, contudo, uma característica para quem sofre do baço é a melancolia.

---

[19] Atonia - **1** *Med* Diminuição da tonicidade normal de um órgão contráctil. **2** *Med* Estado de relaxamento dos tecidos ou órgãos. **3** *Med* Debilidade geral, fraqueza, frouxidão: "Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo" (E. da Cunha). Fonte: Dicionário Michaelis Online.

[20] ESQUIROL, E. **Mental Maladies.** Op. Cit. p. 265.

[21] Esplênico - *Anat* **1** Relativo ou pertencente ao baço. **2** Situado no baço. Fonte: Dicionário Michaelis Online.

Nos suicídios análogos ao baço, os indivíduos se encontram em um estado de desencorajamento moral ou debilidade física, em consequência das causas físicas ou de moral ou intelectual variáveis, cujas fraquezas acabam levando os doentes ao suicídio.

Esquirol menciona que "há pessoas que, em meio à fortuna, grandeza e prazeres, e aproveitando o perfeito uso de sua razão, após ter envolvido seus relacionamentos e amigos, colocarem seus afazeres em ordem, e escrito excelentes cartas, corta o fio da vida." [22] O suicídio destes seria devido ao fato que se renderam a uma resolução delirante, devendo procurar os sinais nos seus corações e lembrando que são influenciados por diversas causas, que os levam ao ato. A miséria, a fome e a ruína também serem uma das causas ao suicídio, tanto que as taxas são mais frequentes nos períodos de calamidade.

Em relação ao suicídio dos monomaníacos, o autor notou que estes mostravam sinais de alienação mental, em especial da lipemania[23]. Esta também se encontra ligada a quase todos os suicídios homicidas, onde esta doença é controlada por uma emoção levada até o delírio, mas ainda presente a razão, notada na compostura dos homicídios. Menciona que não são raros os casos de homicídios por ciúmes, raiva ou vingança, seguidos de suicídio.

Este alienista francês mostra que há indivíduos que não buscam se suicidarem, devido ao receio de uma condenação eterna, visto que o suicídio é um crime sem perdão. Como meio de driblar isto, sabem que após tirarem uma vida, serão condenados a morte, crime este que possibilita o reconcilio com Deus e, assim, se preparam para uma morte feliz. Há, também, aqueles que assassinam seus objetos de afeto, como uma forma de preservá-los das dificuldades da vida ou dos perigos da condenação. Ainda há os que cometem o homicídio como uma forma de evitar a separação entre ele e o assassinado, acreditando que serão reunidos após a morte.

Relata ainda casos em que "a disposição ao suicídio é algumas vezes fingido, [...] há indivíduos que ameaçam tirar suas próprias vidas, sem o mínimo de intenção de fazê-lo." [24] Isto ocorre quando as pessoas utilizam de todas as formas possíveis de ameaça, visando acabar com a resistência e conseguirem aquilo que desejam.

Quanto à relação do suicídio com causas externas, ele chegou a conclusão que estas sozinhas não são produtoras do suicídio, visto que há presente as predisposições

[22] ESQUIROL, E. **Mental Maladies.** Op .cit. p. 267.
[23] Lipemania - *Med* Forma de loucura que torna o doente muito triste e melancólico, levando-o não raro ao suicídio. Fonte: Dicionário Michaelis Online.
[24] ESQUIROL, E. **Mental Maladies.** Op. Cit. p. 273.

individuais. Quanto à questão da hereditariedade, apesar de mostrar exemplos de famílias que se suicidam, ele nem nega, nem afirma que esta questão está relacionada diretamente com o suicídio. Em relação à faixa etária, menciona que é mais frequente entre os 20 e 30 anos.

> Apesar do suicídio se manifestar como uma forma de alienação mental, só após a idade da puberdade, não temos visto obstantemente, nos nossos dias, crianças de escola exterminando sua existência, as vítimas de uma educação viciosa, que ensina que o estado de nada se apresenta após os limites desta vida, e que é lícito para o homem se privar de sua existência, quando esta se torna desagradável para ele. [25]

Já em relação à velhice, esta serviria como protetora ao suicídio, pois inspira o indivíduo a manter-se vivo, visto as baixas necessidades de sua vida. Com relação às mulheres, menciona que estas estão mais predispostas à alienação mental do que os homens, contudo, o contrário ocorre em relação ao suicídio. Isto porque nas mulheres "a exaltação de sua sensibilidade; o entusiasmo de sua imaginação; o exagero de sua ternura e seus afetos religiosos, produz doenças em oposição ao suicídio." [26] Quando as mulheres vêem a se suicidarem, deve-se, geralmente, ao amor ou à lipemania.

Para Esquirol,

> educação, a leitura de trabalhos que exalta suicídio, o poder da imitação, desprezo por opiniões religiosas, os excessos da civilização, o espírito militar, revoluções políticas, a depravação da moral, vício do jogo, onanismo, o abuso de licores fermentados, dor física, pelagra, também são causa que levam o homem à cometer suicídio. [27]

A educação precisa ensinar e fortalecer os indivíduos com os valores religiosos, percepção moral, hábitos de ordem e o ciclo natural da vida. Assim, ensinando o indivíduo a respeitar as leis e seus deveres com a sociedade e com a vida, evita a busca do suicídio.

> Quando uma grande mudança intelectual e moral é trazida para a sociedade, ele influencia no progresso do pensamento, e a condição da existência. [...].
> Há épocas na sociedade, mais favoráveis do que outras ao suicídio, em consequência da exaltação geral da mente. Quanto mais excitado for a mente, e quanto mais ativo à suscetibilidade, quanto mais aumenta o querer, quanto mais as causas do desgosto multiplica, torna-se mais frequente a alienação mental e o suicídio. [28]

Além da educação, os livros e o teatro também podem influenciar sobre o suicídio, pois estes quando mostram os triunfos do crime, o desvirtuamento, a oposição aos credos, aos laços familiares e aos deveres para com a sociedade, acaba ocasionando

[25] ESQUIROL, E. **Mental Maladies.** Op. Cit. pp. 277-278.
[26] Idem, p. 278.
[27] Idem, p. 279.
[28] Idem, p. 280.

certo desprezo pela vida, assim, multiplicando os casos de suicídios. "A morte é considerada como um asilo seguro contra a dor física e os sofrimentos da moral." [29]

> Contudo, poltrões e guerreiros, mulheres e homens, mestre e escravo, rico e pobre, criminoso e o homem honesto, todos se autodestroem; oferecendo nenhuma outra diferença, do que aquelas que lançam-se sobre as causas estranhas ao caráter de cada um. [30]

Para Esquirol, é difícil descrever o suicídio agudo, pois os indivíduos agem assim que resolve se suicidar. O grau do impulso, se mais violento ou não, depende de inúmeros fatores, tais como: idade, sexo, temperamento, hábitos, profissão, irritabilidade e entre outros. Porém, nas pessoas inclinadas ao suicídio pode-se notar a presença de diversos sintomas de melancolia ou hipocondria, como problemas intestinais[31], mudanças na aparência, entre outras.

Quanto aos instrumentos e meios utilizados para o suicídio, os indivíduos, geralmente, escolhem de acordo com suas profissões e hábitos, contudo:

> há alguns que não escolhem o tipo de morte, nem o instrumento, nem os meios de sua destruição, mas empregam qualquer coisa que oferece; se valendo de todas as circunstâncias favoráveis ao seu desígnio, tão logo que sua resolução é formada. Isso é especialmente verdadeiro com respeito ao suicídio agudo, maníaco, aqueles funcionando sobre doenças febris, e assim que o delírio das emoções ataca. [32]

Com relação ao suicídio dos hipocondríacos, que difere dos de lipemania, eles são contidos por inúmeros motivos, visto que não buscam a sua destruição com medo da morte, do sofrimento que possa vir com uma tentativa mal sucedida ou por receio de sofrerem penalidades religiosas, além de outras razões como por afeto, honra, etc.

Dentre as tentativas de suicídio, Esquirol notou que entre 100 delas, apenas metade não sucede, no entanto, os que são interrompidos do seu ato, acabam tentando posteriormente com novas fúrias, já os que escapam, acabam apresentando uma diferente disposição moral e intelectual.

Segundo Esquirol,

> [...] o suicídio oferece todas as características de alienação mental, do qual é, na realidade, um sintoma: que nós não devemos olhar por um sinal singular e peculiar de suicídio, visto que nós observamos ele sob circunstâncias a mais opostas, e como ele é sintomático ou secundário, tanto em delírio agudo ou

---

[29] ESQUIROL, E. **Mental Maladies.** Op. Cit. P. 280.
[30] Idem, 282.
[31] Nos casos mencionados por Esquirol, observamos certa preocupação com as questões intestinais, havendo diversos casos onde administra laxantes aos pacientes, inclusive, há um caso curioso em que se aplicaram sanguessugas ao ânus do paciente. Nas mulheres, observamos a preocupação do mesmo com a menstruação, visto que durante a menstruação a mulher pode ter desejos suicidas, que desaparecem com o fim do período menstrual.
[32] ESQUIROL, E. **Mental Maladies.** Op. Cit. p. 285.

> febril, ou em delírio crônico. Finalmente, a abertura de corpos de mortos suicidas, tem dado pouca luz nesse tópico. [33]

Nas autopsias, ele notou que lesões ao cérebro eram raras, contudo, havia, frequentemente, mudanças nos órgãos digestivos, em especial, do canal alimentar.

Quanto à questão da prevenção ao suicídio, Esquirol alude que o devido tratamento deve ser direcionado ao tipo de insanidade do indivíduo, pois o suicídio pode derivar-se de casos de delírios, das emoções ou de insanidade. Todavia, dependendo do caso, deveria voltar-se aos conselhos religiosos e de moral pública, buscando, assim, prevenir suicídios ocasionados por erro de opinião ou de exaltação das emoções.

Para ele, deveria sim haver uso das leis contra o suicídio, sendo que estas deveriam ter a finalidade de prevenção e não de punição, pois dados mostram que o suicídio é mais frequente nas sociedades em que as leis, que condenavam o suicídio, perderam sua força.

> Até que uma sábia legislação aplique algum recurso para esse mal social, os amigos da humanidade deveriam desejar que a educação pudesse repousar na base sólida dos princípios morais e religiosos.
> [...]
> [Visto que o] Suicídio prevalece, quando os excesso da civilização ameaça destruir os Impérios. [34]

Segundo Corrêa e Barrero,

> a teoria psiquiátrica esteve sempre presente, após sua fundação por Esquirol, no pensamento médico e particularmente no psiquiátrico. [...]. Entretanto, em alguns períodos do século XX, faltou-lhe o vigor inicial, possivelmente devido à influência que obteve a psicanálise, bem como as teorias que daí se originaram, nos meios médico e psiquiátrico. [35]

1.1.2. A Neurobiologia do Suicídio:

Maria Asberg e colegas mencionam que em pacientes psiquiátricos há uma alta frequência de suicídios, especialmente naqueles que sofrem de doenças depressivas, contudo, uma minoria dos pacientes depressivos tenta ou comete suicídio. Desta forma, para eles, deveria se estudar o suicídio pelos fatores biológicos concomitantes com as doenças psiquiátricas e as suas possíveis relações com este comportamento. Contudo, o estudo dos fatores biológicos é algo pouco abordado, tendo em vista que os estudos do

[33] ESQUIROL, E. **Mental Maladies.** Op. Cit. P.301.
[34] Idem, P. 314.
[35] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "As Teorias do Suicídio". In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. **Suicídio**. Op. Cit.

suicídio buscam, geralmente, os fatores de risco do comportamento suicida, dentre as variáveis demográficas, socioculturais e psicológicas. [36]

Os estudos do suicídio referentes ao seu aspecto biológico começaram no início de 1970. Foram dirigidos aos indivíduos depressivos que haviam entrado nos hospital por tentativas de suicídio, visto que aparenta haver uma influência dos fatores relacionados ao sistema serotonérgico[37] no comportamento suicida. [38]

> A neurociência das atitudes suicidas só recentemente tem sido reconhecida como uma distinta especialidade, em parte devido a sua dependência com as antigas fundações estabelecidas pelas áreas afins da epidemiologia, neuroanatomia, neurofisiologia, neuroquímica, biologia molecular, e neuroendocrinologia. [39]

Para Stoff e Mann [40] os modelos demográficos, sociais, desenvolvente e psicológico utilizados para identificar os indivíduos potencialmente suicidas possibilitam um fraco prognóstico para o auxílio clínico. Nesta questão entra a perspectiva biológica, que para eles consiste numa abordagem promissora ao campo dos estudos do suicídio, visto que isto "pode assistir na investigação dos fatores de risco que predispõem uma pessoa para atitudes suicidas e que aumenta o entendimento da etiologia, tratamento, e, ultimamente, prevenção..." [41].

Nos estudos da neurobiologia do suicídio, há duas principais estratégias utilizadas, que seriam os desafios neuroendócrinos e a capacidade neurotransmissora. [42] Nestes estudos, segundo Teng e Demetrio, a teoria referente ao suicídio mais aceita é:

---

[36] ASBERG, Marie; TRÄSKMAN, Lil; THORÉN, Peter. "5-HIAA in the Cerebrospinal Fluid: A Biochemical Suicide Predictor?". Archives of General Psychiatry 33: 1193-1197, 1976. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996, p. 343.

[37] Sistema Serotonérgico ou Serotoninérgico – "grupo neuronal cujo neurotransmissor é a serotonina; os corpos celulares dos neurônios que contêm serotonina situam-se no tronco cerebral, seus axônios se projetam em direção a diversas estruturas de modo difuso. Possuem funções muito diversas, como indução do sono, controle da dor ao nível medular, etc.". GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v. 22, p. 5334.

[38] MORAIS, Paulo Rogério. Neurobiologia da Depressão e Suicídio. In: BAPTISTA, Makilim Nunes. **Suicídio e Depressão: Atualizações.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

[39] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000, p. 376.

[40] Em relação à questão da neurobiologia do suicídio, o fundador da suicidologia moderna, Edwin Shneidman, refere ao livro *Neurobiology of Suicide: From the Bench to the Clinic*, editado por John Mann e David Stoff, como mais compreensivo e recente nesta área. SHNEIDMAN, Edwin S. **Comprehending Suicide: Landmarks in 20th – Century Suicidology.** Washington, DC: American Psychological Association, 2007.

[41] STOFF, David M; MANN, J. John. The Neurobiology of suicide: from the bench to the clinic**.** New York: New York Academy of Sciences, 1997. In: SHNEIDMAN, Edwin S. **Comprehending Suicide: Landmarks in 20th – Century Suicidology.** Washington, DC: American Psychological Association, 2007, p. 80.

[42] Ibidem.

> a teoria do estresse-diátese ou estresse-vulnerabilidade, em que os fatores ambientais (sociais, culturais, dietéticos, história de vida pessoal) concorrem com os biológicos, aumentando mutuamente o risco de desenvolver o comportamento suicida. Fatores ambientais vistos como estressores, desencadeariam o comportamento suicida em indivíduos que possuíssem predisposição estrutural. [43]

"O modelo diátese-estresse de Mann *et. all.*. pode ser considerado um continuador natural das teorias psiquiátricas, acrescido dos conhecimentos modernos sobre a biologia molecular, estudos de imagem funcionais, genética e epidemiologia" [44], além da neuroquímica e da morfometria[45] quantitativa.

Segundo Stoff e Mann, o tratamento contra o suicídio é baseado nos fatores de risco, princípios gerais de gestão e o tratamento da doença psiquiátrica associada – aqui podemos observar ainda a utilização dos métodos de prevenção de Esquirol, que deveria tratar da determinada doença mental do paciente com idéias suicidas. Contudo, este tratamento poderia ser aprimorado com a utilização da perspectiva da neurobiologia, que, possivelmente, possa vir a possibilitar uma melhor identificação de indivíduos suicidas e possibilitando no uso de novas estratégias de prevenção.

> O suicídio pode ser compreendido como o resultado final de uma conjugação de fatores biológicos e ambientais que interagem evolutivamente de forma complexa, levando às principais alterações observadas no córtex pré-frontal, com a interação dos neurotransmissores, dos hormônios e substâncias relacionadas ao estresse crônico, e dos outros fatores tanto estruturais como ambientais. Muitos estudos ainda são necessários para se estabelecer maior clareza do processo biológico do comportamento suicida e auxiliar nos programas de prevenção e intervenção do suicídio. [46]

1.2. As Teorias Sociológicas:

A teoria sociológica do suicídio é tida como iniciada com a publicação da obra *Le suicide: Étude de sociologie* de Émile Durkheim em 1897. Contudo, segundo Maria Luiza Dias[47], a abordagem social do suicídio poderá também ser atribuída a: Enrico Morselli, com o seu *Il suicidio,* de 1879, e Thomas Masaryk, com o *O suicídio como fenômeno social de massa*, de 1881, ou até mesmo autores mais antigos, como Karl Marx.

---

[43] TENG, Chei Tung; DEMETRIO, Frederico Navas. Neurobiologia do suicídio. In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio: Estudos Fundamentais.** São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 134.
[44] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "As Teorias do Suicídio". In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. **Suicídio: Uma Morte Evitável.** São Paulo: Atheneu, 2006, p. 38.
[45] Morfometria - **1** Medida da forma externa. **2** Medida das formas físicas e dos fenômenos terrestres. Fonte: Dicionário Michaelis Online.
[46] TENG, Chei Tung; DEMETRIO, Frederico Navas. "Neurobiologia do suicídio." Op. Cit., p. 150.
[47] DIAS, Maria Luiza. **Suicídio: Testemunhos de Adeus.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

Nas teorias sociológicas busca-se entender o suicídio por uma abordagem mais social, tanto que se deve estudá-lo associados aos fatores sociais e não individualmente. "Tais fatos transcenderiam a esfera da vida individual e dependeriam de forças exteriores ao indivíduo presentes na dinâmica dos valores e padrões da cultura de determinada sociedade." [48]

1.2.1. Karl Marx

Karl Marx publicou, em janeiro de 1846, um artigo intitulado *Peuchet: vom Selbstmord*, que recebeu em português o título *Sobre o Suicídio*[49]. O artigo em si consiste em excertos de Jacques Peuchet – antigo diretor dos Arquivos da Polícia -, mas que também trazem escritos e modificações de Marx.

Para ele, o suicídio consiste num sintoma da organização deficiente da sociedade moderna, pois as taxas de suicídio, que são tidas com uma média normal e periódica, variam "na época da paralisação e das crises da indústria, em temporadas de encarecimento dos meios de vida e de invernos rigorosos, esse sintoma é sempre mais evidente e assume um caráter epidêmico." [50]

Para Marx a maior causadora do suicídio seria a miséria, contudo faz a observação que o suicídio também se encontra presente em todas as classes, inclusive "entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos. A diversidade das suas causas parece escapar à censura uniforme e insensível dos moralistas." [51]

A razão pelo suicídio dos ricos seria para Marx o seguinte:

> As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desanimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado, e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a personalidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrar-se de uma existência detestável. [52]

Contudo,

> É verdade que, quanto mais nossa época de comércio progride, mais raros se tornam esses nobres suicídios da miséria, que cedem lugar à hostilidade consciente, ao passo que ao miserável são brutalmente impostas as

[48] DIAS, Maria Luiza. **Suicídio.** Op. Cit. p. 24.
[49] MARX, Karl. **Sobre o Suicídio.** São Paulo: Boitempo, 2006.
[50] Idem, p. 24.
[51] Ibidem.
[52] Ibidem.

> oportunidades do roubo e do assassinato. É mais fácil arranjar a pena capital do que algum trabalho. [53]

Marx defende que o suicídio não é antinatural, como Madame de Staël[54] havia determinado o suicídio. Isto porque o suicídio ocorre diariamente na sociedade, logo, devido a isto, "está na natureza de nossa sociedade gerar muitos suicídios". Contudo, os produtos variam de sociedade para sociedade e "é [isto] o que precisamos ter em mente para trabalharmos na reforma de nossa sociedade e permitir-lhe que se eleve a um patamar mais alto [do destino do gênero humano]." [55]

Para Marx:

> Tudo o que se disse contra o suicídio gira em torno do mesmo círculo de idéias. A ele são contrapostos os desígnios da Providência, mas a própria existência do suicídio é um notório protesto contra esses desígnios ininteligíveis. Falam-nos de nossos deveres para com a sociedade, sem que, no entanto, nossos direitos em relação a essa sociedade sejam esclarecidos e efetivados, e termina-se por exaltar a façanha mil vezes maior de dominar a dor ao invés de sucumbir a ela, uma façanha tão lúgubre quanto a perspectiva que ela inaugura. Em poucas palavras, faz-se do suicídio um ato de covardia, um crime contra as leis, a sociedade e a honra. [56]

A verdade é, segundo o autor, o homem consiste num próprio mistério para ele mesmo, tanto que é mais fácil censurá-lo do que conhecê-lo.

> Quando se vêem a forma leviana com que as instituições, sob cujo domínio a Europa vive, dispõem do sangue e da vida dos povos, a forma como distribuem a justiça civilizada com um rico material de prisões, de castigos e de instrumentos de suplício para a sanção de seus desígnios incertos; quando se vê a quantidade incrível de classes que, por todos os lados, são abandonadas na miséria, e os párias sociais, que são golpeados com um desprezo brutal e preventivo, talvez para dispensar-se do incômodo de ter que arrancá-los de sua sujeira; quando se vê tudo isso, então não se entende com que direito se poderia exigir do indivíduo que ele preserve em si mesmo uma existência que é espezinhada por nossos hábitos mais corriqueiros, nossos preconceitos, nossas leis e nossos costumes em geral. [57]

Para ele, as penalidades e as infâmias aplicadas aos suicidas não possui finalidade na contenção do suicídio, visto que os suicidas, geralmente, não estão preocupados com isto. As únicas mudanças, para se evitar o suicídio, só teriam êxito caso houveste uma reforma total da ordem social.

Segundo Karl Marx,

> O suicídio não é mais do que um entre os mil e um sintomas da luta social geral, sempre percebida em fatos recentes, da qual tantos combatentes se

[53] MARX, Karl. **Sobre o Suicídio.** Op. Cit. p. 44.
[54] Madame Staël ou Germanine de Staël (1766-1817) foi uma literária, que manteve um célebre salão em Paris dos anos 1790.
[55] MARX, Karl. **Sobre o Suicídio.** Op. Cit. p. 25.
[56] Idem, p. 26.
[57] Idem. pp. 26-27.

> retiram porque estão cansados de serem contados entre as vítimas ou porque se insurgem contra a idéia de assumir um lugar honroso entre os carrascos. [58]

Para o autor, "a classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos próprios defeitos de nossa sociedade." [59] O suicídio, em si, consiste no último recurso contra os incômodos da vida privada, tendo em vista a carência de algo melhor.

Concluindo, para Marx:

> O suicídio elimina a pior parte da dificuldade, o cadafalso ocupa-se com o resto. Somente com uma reforma de nosso sistema geral de agricultura e indústria pode-se esperar por fontes de recursos e por uma verdadeira riqueza. Nos pergaminhos, podemos facilmente proclamar constituições, o direito de todo cidadão à educação, ao trabalho e, sobretudo, a um mínimo de meios de subsistência. Mas, com isso, não se fez tudo; ao se escreverem esses desejos generosos sobre o papel, persiste a verdadeira tarefa de fazer frutificar essas idéias liberais por meio de instituições materiais e inteligentes, por meio de instituições sociais. [60]

1.2.2. Émile Durkheim

Émile Durkheim, em 1897, publicou a sua obra *Le suicide: etude sociologique*, que procurou explicar o suicídio pela visão sociológica. Segundo Shneidman[61], a sua obra se tornou o mais conhecido texto na área, sendo também Durkheim o mais conhecido na área da suicidologia acadêmica.

Anteriormente a publicação desta sua obra, Durkheim, segundo Nunes[62], já havia abordado o tema do suicídio, como num artigo de 1888, que abordou as ligações entre a natalidade e o suicídio, e também em 1889-1890, quando ministrou seu terceiro curso de sociologia, que teve o suicídio como tema central.

A sua obra *Le Suicide* (O Suicídio) foi dividida em: a introdução; Primeiro Livro: Os Fatores Extra-Sociais; Segundo Livro: Causas Sociais e Tipos Sociais; e, por último, Terceiro Livro: Do Suicídio como Fenômeno Social em Geral.

Na introdução de sua obra, Durkheim procura definir o que seria o suicídio para ele, assim, considera que:

> Chama-se suicídio todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, ato que a vítima

[58] MARX, Karl. **Sobre o Suicídio.** Op. Cit. p. 29.
[59] Idem, p. 44.
[60] Idem, p. 50.
[61] SHNEIDMAN, Edwin S. **Comprehending Suicide: Landmarks in 20th – Century Suicidology.** Washington, DC: American Psychological Association, 2007.
[62] NUNES, Everardo Duarte. "O Suicídio – reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX". **Caderno de Saúde Pública** 14: 7-34, Rio de Janeiro, jan-mar, 1998.

> sabia dever produzir esse resultado. A tentativa de suicídio é o ato assim definido, mas interrompido antes que dele resulte a morte. [63]

Para ele, cada sociedade tem a sua disposição definida para o suicídio, isto em cada momento de sua história. Esta disposição muda devido às mudanças do estado social:

> Isto quer dizer que toda a ruptura do equilíbrio social, quando eclode repentinamente, sempre demanda tempo para produzir todas as suas consequências. A evolução do suicídio é assim composta por ondas de movimento que, distintas e sucessivas, verificam-se por arranques, desenvolvem-se durante um tempo estacionando em seguida, para depois recomeçar. [64]

No primeiro livro de sua obra, Durkheim buscou observar se havia relações entre o suicídio e fatores extra-sociais, tais como: a loucura/alienação; alcoolismo; raça; hereditariedade; clima; temperatura; sazonalidade; e imitação. Contudo, não encontrou relações significantes entre estes fatores. Para ele, foi devida à asseveração que na época foi estabelecida uma estrita relação entre o suicídio e a loucura, Durkheim procurou verificar a veracidade desta relação, contudo, declarou: "não podemos [...] ver em todo o suicida um louco." [65]

O segundo livro de *O Suicídio,* segundo Nunes[66], consiste no cerne da proposta de Durkheim. Nesta parte ele irá classificar os diferentes tipos de suicídio, de acordo com as suas causas sociais, como pode ser visto a seguir:

> Demonstramos, com efeito, que em cada grupo social há uma tendência específica para o suicídio que não pode explicar nem mediante a constituição orgânico-psíquica dos indivíduos, nem mediante a natureza do meio físico. O resultado disto é que, por eliminação, ela depende necessariamente das causas sociais e constitui, por si só, um fenômeno coletivo. [67]

No entanto, para Durkheim torna-se impraticável fazer uma classificação dos suicídios com base nas suas formas ou nas suas características morfológicas. Logo, ele buscou classificar os suicídios com base numa classificação etiológica, ou seja, das causas que os determinam. Para isto, ele lançou mão em dados estatísticos, pois:

> Se quisermos saber de que confluências diversas resulta o suicídio considerado como fenômeno coletivo, é sob a sua forma coletiva, isto é, pelos dados estatísticos, que será necessário, antes de tudo, estudá-lo. É a

[63] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 15.
[64] Idem, p. 19.
[65] Idem, p. 40.
[66] NUNES, Everardo Duarte. "O Suicídio – reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX". **Caderno de Saúde Pública** 14: 7-34, Rio de Janeiro, jan-mar, 1998.
[67] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Op. Cit. p. 141.

> taxa social que se deve tomar diretamente como objeto de análise; é preciso partir do todo para chegar às partes.[68]

Assim, Durkheim, visando à realização do seu intento social coletivo, recomendou que deixasse de lado "o indivíduo como indivíduo, os seus móbiles e as suas idéias, indagaremos sobre o estado dos diferentes meios sociais (confissões religiosas, família, sociedade política, grupos profissionais etc.) em função dos quais o suicídio varia." [69]

Desta forma, Durkheim veio a classificar o suicídio em três tipos principais: o suicídio egoísta; o suicídio altruísta; e o suicídio anômico. Há também o suicídio fatalista, sendo que este não recebeu muita atenção do autor, visto que foi apenas mencionado numa nota de rodapé. Será visto a seguir cada um dos tipos.

a. Suicídio Egoísta:

Esta forma de suicídio refere-se "a esse estado em que o eu individual se sobrepõe exageradamente ao eu social e o prejudica, poderemos dar o nome de egoísta ao tipo particular de suicídio que resulta de uma individuação excessiva." [70]

Visto que o suicídio está relacionado com a integração da sociedade, que quando esta se encontra fortemente integrada, consegue manter os seus indivíduos na sua dependência e que estão ali a serviço desta sociedade, assim, evitando que os indivíduos se suicidem a seu bel-prazer. No suicídio egoísta houve certa distensão entre esta integração da sociedade com os seus cidadãos.

Portanto, Durkheim notou que o suicídio varia na razão inversa do grau de integração da sociedade, podendo esta ser religiosa ou doméstica ou política. Exceção esta feita no caso das crianças (abaixo dos quinze anos), que são naturalmente egoístas, e aos idosos (quando este chega ao fim da vida), que se assemelham às crianças, tendo em vista a rara incidência de suicídios entre estes, pois para as crianças ainda não há a imagem da sociedade, que ainda está sendo construída, e para os idosos está imagem começa a desaparecer.

Durkheim, observando a razão pela qual há mais suicídio entre os protestantes do que os católicos, e menos ainda com os judeus, chegou a conclusão que, o protestantismo permite mais aos seus fiéis um livre exame e que estes participem mais

[68] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Op. Cit. p. 144.
[69] Idem, p. 149.
[70] Idem, p. 221.

na elaboração do seu credo, visto que não há uma interpretação já pronta da bíblia, pois isto deve ser feito por cada um. Assim, a igreja protestante encontra-se menos integrada do que a católica, na qual seus fiéis já recebem sua fé já pronta. Além do mais, na religião protestante, há menos crenças e práticas religiosas do que a católica, e uma sociedade religiosa não pode existir sem crenças, logo, quanto mais extensa for estas crenças, mas fortes serão as crenças coletivas.

Com relação ao judaísmo, devido às perseguições que sofreram, fez-se criar nos seus fiéis um sentimento de solidariedade, visto que "a necessidade de lutar contra uma animosidade geral, a própria impossibilidade de livre comunicação com o restante da população, obrigaram-nos a se manter estreitamente unidos uns aos outros." [71] Portanto, o judaísmo acabou se tornando mais coesa, em relação às outras duas religiões, e, devido à intolerância a que sofreu, a fez fechar-se em si mesma, logo, "como feito, o judaísmo, [...], consiste essencialmente em um conjunto de práticas que regulam minuciosamente todos os detalhes da existência e que dão pouco espaço para os juízos individuais" [72].

> Não é, portanto, à natureza particular das concepções religiosas que se deve a influência benéfica da religião. Se protege o homem contra o desejo de se destruir, não é porque ela lhe pregue, com argumentos sui generis, o respeito por si próprio; é porque se trata de uma sociedade. O que constitui essa sociedade é a existência de certos números de crenças e de práticas tradicionais, e por conseguinte obrigatórias, comuns a todos os crentes. Quanto mais essas situações coletivas são numerosas e fortes, tanto mais a comunidade religiosa está fortemente integrada; mais forte também será a sua virtude de preservação. O detalhe dos dogmas e dos ritos é secundário. O essencial é que tenham a possibilidade de alimentar uma vida coletiva suficientemente intensa. [73]

Com relação ao nível educacional e o suicídio, Durkheim notou também que nas nações protestantes havia certa importância a educação primária, visto que isto possibilitaria a leitura individual da bíblia, enquanto que nos países católicos havia mais analfabetos. Assim, pelos seus dados estatísticos, ele notou que o suicídio ocorre mais frequente nas classes mais elevadas, que seriam os profissionais liberais e aqueles dedicados ao estudo, a elite intelectual.

Essa relação da educação e do suicídio também serviu para explicar a razão pela qual as mulheres se suicidam menos do que os homens, visto que a educação delas é muito menor, além de que entre elas não haviam grandes necessidades intelectuais, visto que as suas condutas seguem pelas crenças.

---

[71] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Op. Cit. p. 160.
[72] Idem, p. 161.
[73] Idem, pp. 172-173.

Todavia, essa relação não pode ser observada no judaísmo, pois apesar dos judeus serem muito instruídos, esse alto nível educacional deve-se a questões particulares. Como os judeus são um grupo minoritário, eles se esforçam mais, em relação pela busca de conhecimento, para serem intelectualmente superiores aos outros povos à sua volta como uma forma de defesa ao ódio destes. Este esforço pelo conhecimento também era encontrado entre os protestantes, quando estes estavam em condições de minoria.

Deste modo,

> Se nos meios instruídos a tendência para o suicídio se agrava, esse agravamento é devido, como dissemos, ao enfraquecimento dos credos tradicionais e ao estado de individualismo moral que daí resulta; com efeito, não se manifesta quando a instrução tem outra causa e responde a outras necessidades. [74]

Com relação ao suicídio e ao estado civil, Durkheim notou várias associações entre estes dois. Com o casamento, supõe-se que haverá certa integração entre duas pessoas, que irá servir como um fator contra a influência do suicídio, entretanto, Durkheim mostrou que isto não é sempre verdadeiro.

Para ele, quando o casamento é demasiadamente precoce, isto acaba gerando um agravante sobre o suicídio, especialmente sobre os homens, visto que a taxa de mortalidade, entre ambos os gêneros, dos que casaram jovens, é mais alta do que os solteiros, isto se baseando na mesma faixa etária. A razão para isto, segundo Durkheim, é social, pois "tudo leva a crer que os casamentos prematuros determinam um estado moral cuja ação é nociva, sobretudo para os homens." [75] Entretanto, há uma mudança quando os casados encontram-se a partir dos 20 anos, pois, neste caso, há certo favorecimento contra o suicídio, ou seja, o coeficiente de preservação é beneficiado comparando-o ao dos solteiros.

O benefício do casamento, em relação aos solteiros, contra o suicídio varia conforme os sexos, ou seja, "o sexo mais favorecido em situação conjugal varia conforme as sociedades e que o índice de diferença entre as taxas dos dois sexos varia segundo a natureza do sexo mais favorecido." [76]

Com relação à viuvez, Durkheim notou que este "reduz o coeficiente de ambas as partes, mas, na maior parte das vezes, não o suprime totalmente" [77], isto porque os

[74] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Op. Cit. p. 170.
[75] Idem, p. 184.
[76] Idem, p. 185.
[77] Idem, p. 185

viúvos se suicidam mais do que os casados, porém menos do que os solteiros. Assim como visto no parágrafo sobre o benefício do casamento, o sexo favorecido na viuvez muda de acordo com a sociedade e que a diferença das taxas dos gêneros também varia de acordo com a natureza do mais favorecido.

Deste modo, quando a viuvez só representa o fim do laço conjugal, ou seja, o indivíduo quando casado contribuía pouco com o seu casamento, a morte de um dos cônjuges traz poucas repercussões sobre a busca pelo suicídio.

Todavia, quando o casamento estabelece uma sociedade doméstica e ocorre à morte de um dos cônjuges, isto vem afetar o equilíbrio desta sociedade, pois um dos cônjuges terá que exercer a função que antes era do outro cônjuge. Neste último caso, a viuvez afeta mais ao homem, pois a atividade que antes recaia a sua esposa passa agora para ele, algo ao qual não estava acostumado, ou seja,

> É por isso que ele perde muitas das vantagens de que beneficiava com o casamento. Não é porque já não está casado, mas porque a família de que era chefe está desorganizada. Não é o desaparecimento da esposa, mas sim o da mãe que está na origem dessa desordem. [78]

Ademais, a presença de filhos também veio a mudar a relação entre o coeficiente de preservação e o suicídio, pois homens casados sem filhos são mais propensos ao suicídio do que os viúvos com filhos. Isto porque, "os filhos fazem com que o viúvo se agarre mais à vida mas, simultaneamente, tornam mais aguda a crise que ele atravessa."[79] A ausência de filhos e sua influência sobre as taxas de suicídio encontram-se mais forte no que diz respeito às mulheres, visto que as mulheres casadas sem filhos acabam se suicidando mais em comparação as solteiras, isto em comparação as mesmas faixas etárias.

Esta diferença ocorre pelo simples fato que as mulheres se beneficiam menos com a vida familiar em comparação aos homens. Durkheim notou que "a imunidade que revelam as pessoas casadas costuma-se dever, para um dos sexos integralmente e, para o outro em grande parte, à ação não da sociedade conjugal, mas da sociedade familiar." [80]

> Assim, nas sociedades em que o homem extrai mais proveito da família do que a mulher, sofre mais do que ela quando fica só, mas, simultaneamente, está em melhores condições para suportar esse sofrimento em virtude das influências salutares que recebeu e que o tornaram mais refratário às decisões desesperadas. [81]

[78] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Op. Cit. p. 195.
[79] Idem, p. 195.
[80] Idem, p. 196.
[81] Idem, p. 205.

Deste modo, pode-se observar que, assim como a sociedade religiosa, a sociedade familiar constitui num obstáculo contra o suicídio, e quanto mais denso for a família, maior será este obstáculo.

Com relação às sociedades políticas, Durkheim notou que a taxa de suicídio se multiplica quando há a desintegração das sociedades jovens, que se encontram em via de evolução e de concentração. Vale observar que quando não estão em processo de desintegração, o suicídio é raro neste tipo de sociedade.

A taxa de suicídio diminui quando certo país encontra-se nos períodos de produção de agitações políticas e o mesmo ocorre durante as grandes guerras nacionais. No entanto, isto só ocorre quando estas estimulam as paixões. Estas paixões excitam os sentimentos coletivos, na qual a sociedade se torna intensamente integrada, com vista a um determinado fim. Portanto, os homens acabam se unindo como uma forma de defesa ao perigo comum e, consequentemente, seus atos tornam-se menos egoístas, em vista ao bem comum.

b. Suicídio Altruísta:

Chegamos agora ao suicídio altruísta e podemos considerá-lo como o oposto do suicídio egoísta, em vista que: "Uma individualização excessiva leva ao suicídio, uma individualização insuficiente produz os mesmos efeitos. O homem se mata facilmente quando está desligado da sociedade, mas também se mata se estiver por demais integrado nela." [82]

Assim, o suicídio altruísta seria "aquele em que o eu não pertence a si próprio, em que se identifica com outra coisa que lhe é exterior, em que o pólo de conduta reside fora dele, isto é, situa-se em um dos grupos a que pertence." [83]

Este tipo de suicídio seria comum entre os povos primitivos, pois nestes casos o homem tem o dever com a sua sociedade de se suicidar, podendo, inclusive, ser punido com a desonra e flagelos religiosos caso não cumpra com as suas obrigações perante a sua sociedade. Há, então, três categorias de suicídio que define bem este dever e obrigação: "suicídio de homens que chegam ao limite da senilidade ou são atingidos

[82] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Op. Cit. p. 229.
[83] Idem, p. 234.

pela doença; suicídio de mulheres por ocasião da morte do marido; suicídios de subalternos ou de servos por ocasião da morte de seus chefes." [84]

Segundo Durkheim, nem todos os suicídios altruístas são ocasionados como uma obrigação do dever do indivíduo com a sua sociedade. Sendo assim, ele diz ser necessária uma terminologia que diferencie os casos desta forma de suicídio.

Para os suicídios altruístas que ocorrem como um dever, descrito anteriormente, como a forma de suicídio comum aos povos primitivos que ocorrem por ser uma obrigação, Durkheim as diferenciou como suicídio altruísta obrigatório.

Há também o suicídio altruísta facultativo, que neste caso seria os suicídios dos indivíduos que não tiveram expressamente a obrigação de fazê-los. Apesar da sociedade não obrigá-los a se suicidarem, ela os apóia na sua decisão, razão pela qual ainda fica caracterizado de altruísta.

A última forma do suicídio altruísta seria o agudo, na qual o suicídio místico consiste no seu modelo ideal.

O suicídio altruísta não é somente típico dos povos primitivos, pois o mesmo pode ocorrer nas civilizações mais recentes, entretanto, vale registrar que:

> Dado que em nossas sociedades contemporâneas a personalidade individual tende cada vez mais a libertar-se da tutela da personalidade coletiva, estes suicídios não poderiam estar muito divulgados entre nós. Pode-se sem dúvida afirmar que os soldados que preferem a morte à humilhação da derrota, [...], e que os infelizes que se matam para evitar uma vergonha para a família, cedem a móbiles altruístas. [...]. Mas são casos isolados, que só se produzem excepcionalmente. [85]

c. Suicídio Anômico:

O suicídio anômico, diferentemente do egoísta e do altruísta, "distingue-se não pela maneira como os indivíduos estão ligados à sociedade, mas pelo modo como esta os regula. [ou seja][...], provém do fato de a atividade dos homens estar desregrada e do fato de eles sofrerem com isso." [86]. Esta forma de suicídio estaria ligada às sociedades modernas e a economia das mesmas.

Para Durkheim, há uma influência agravante no aumento das taxas de suicídio, quando as sociedades presenciam uma crise econômica. Não é a miséria, porém, que influencia neste aumento e sim as crises que fazem aumentar as taxas, podendo estas ser de prosperidade ou de desastres. Para ele,

[84] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Op. Cit. p. 231.
[85] Idem, p. 241.
[86] Idem, p. 279.

> as crises industriais ou financeiras fazem aumentar os suicídios, não é porque elas façam empobrecer, uma vez que as crises de prosperidade têm o mesmo resultado; é porque se trata de crises, isto é, perturbações da ordem coletiva. Qualquer ruptura de equilíbrio, ainda que dela resulte um bem-estar maior e uma maior vitalidade geral, incita à morte voluntária. Todas as vezes que no corpo social são produzidas graves modificações, devam-se elas a um súbito movimento de crescimento ou a um cataclismo inesperado, o homem mata-se mais facilmente. [87]

Estas crises possuem a característica de mudarem as necessidades humanas, sendo estas as físicas, as morais e os desejos, nas quais se encontram autenticamente regulamentadas (não necessariamente no sentido jurídico) de acordo com cada classe social, ou seja, cada classe tem sua noção do seu bem-estar máximo a que podem ambicionar. Estas necessidades não são fixas, pois variam de acordo com o rendimento coletivo, as alterações das idéias morais da sociedade podendo modificá-las no sentido do seu aumento ou diminuição.

Devido a isto, nos períodos de desastre econômicos, os indivíduos são obrigados a reduzirem as suas exigências, sujeitando-se a uma posição inferior ao qual estava acostumada, a sociedade passando por uma nova reeducação moral em referência aos seus benefícios da ação social. No entanto, o mesmo ocorre nos períodos de prosperidade, em vista que ocorre um aumento brusco da fortuna e do poder, causando também modificações das condições que requerem algum tempo para serem reclassificadas pela consciência pública. Deste modo, podemos notar que os períodos de crise produzem um estado de desregramento, que também pode ser definido como anomia, a razão pelo nome deste tipo de suicídio.

Para Durkheim, este tipo de suicídio, em seu estado crônico, seria característico das sociedades industriais e comerciais, visto que "[...], o progresso econômico consistiu principalmente em isentar as relações industriais de qualquer regulamentação. Há não muito tempo, havia todo um sistema de poderes morais que as disciplinava." [88]

> As funções industriais e comerciais estão, com efeito, entre as profissões em que mais se verificam suicídios. Estão quase no mesmo nível das carreiras liberais, chegando por vezes a ultrapassá-lo; são sobretudo sensivelmente mais atingidos do que a agricultura. É que a indústria agrícola é aquela em que a influência dos antigos poderes reguladores ainda se nota mais e em que a paixão pelos negócios penetrou menos. [...], os patrões dos operários, pois são provavelmente os primeiros os mais atingidos por esse estado de anomia. [...]. O horizonte das classes inferiores está limitado pelas classes que lhe estão acima e, precisamente por isso, os apetites daquelas são mais definidos.[89]

[87] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Op. Cit. pp. 264-265.
[88] Idem, p. 275.
[89] Idem, pp. 278-279.

Logo, as sociedades modernas têm a anomia como um fator regular e específico de suicídios, tendo em vista o desregramento presentes nelas. Todavia, vale observar que, ao contrário do que pensa Karl Marx, para Durkheim a pobreza e a miséria não afetam a taxa de suicídio, visto que para este a pobreza acaba protegendo os indivíduos do suicídio, pois funciona como uma forma de trava, que mantém o indivíduo numa constante disciplina, fazendo-o aceitar mais facilmente a disciplina coletiva. "Por conseguinte, quanto menos se possui, tanto menos se está inclinado a aumentar ilimitadamente o conjunto das necessidades" [90].

Durkheim também notou a presença da anomia na questão familiar, como no caso do início da crise da viuvez, em que a morte de um dos cônjuges traz certo desregramento na família, pois esta precisa se adaptar a nova situação em que se encontra.

Outro fator da questão familiar seria o divórcio, na qual os divorciados se suicidam bem mais do que em comparação aos outros estados civis, tendo em vista que com o divórcio há uma separação tanto das pessoas como dos bens.

Durkheim notou que nas sociedades em que o divórcio consiste num direito legal, ocorre uma menor taxa no suicídio das mulheres em comparação com as sociedades em que não há o divórcio ou que este existe há pouco tempo. Isto se deve, segundo ele, que nas sociedades com direito ao divórcio, é a mulher que se beneficia com o casamento.

Esta questão referente às mulheres e ao divórcio deve-se ao fato que os casamentos para elas não consiste em algo útil, tendo em vista que a monogamia era considerada uma obrigação absoluta e pela qual ela não tinha nenhuma compensação. Assim, o divórcio as possibilitou de saírem de uma situação caso se tornasse intolerável para as mesmas, razão pela qual o divórcio acabou protegendo as mulheres do suicídio.

Com relação ao homem, sendo casado possui certo equilíbrio moral, visto que o casamento limita seus desejos. Justamente o inverso ocorre com o solteiro, pois é marcado pela instabilidade, em que se encontra em estado de agitação e insatisfação, fatores que os tornam mais propensos ao suicídio. Devido a esta razão, que nas sociedades em que há a permissão para o divórcio, o homem casado possui uma menor imunidade, tendo em vista a sua aproximação com o homem solteiro.

[90] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Op. Cit. p. 274.

Deste modo pode-se observar que a anomia conjugal, causada pelo divórcio, é resultado "de uma constituição moral sui generis, que por sua vez é causado por um afrouxamento da regulamentação matrimonial; é essa constituição, [...], origina a excepcional tendência para o suicídio que os divorciados revelam." [91]

d. Suicídio Fatalista:

O suicídio fatalista recebeu pouca atenção de Durkheim, ele mencionou essa categoria de suicídio numa simples nota de rodapé no final do capítulo V do segundo livro. Para Durkheim, o suicídio fatalista se opõe ao suicídio anômico e:

> É aquele que resulta de um excesso de regulamentação; aquele que é cometido pelos indivíduos cujo futuro é uma incógnita completa e cujas paixões são reprimidas violentamente por uma disciplina opressiva. É o suicídio dos casados muito jovens, da mulher casada sem filhos. [92]

A pouca atenção dada a este tipo de suicídio por Durkheim, deve-se ao fato que este tipo tinha pouca importância na época e era difícil encontrar casos de suicídio para exemplificar.

Na última parte do segundo livro, "*Formas Individuais dos Diferentes Tipos de Suicídio*", Durkheim buscou corresponder os tipos sociais com os tipos psicológicos. Visto que para ele:

> Cada suicida dá ao ato um cunho pessoal que exprime o seu temperamento, as condições especiais em que se encontra e que, por conseguinte, não pode ser explicado pelas causas sociais e gerais do fenômeno. Mas estas, por sua vez, devem imprimir aos suicídios que determinam uma tonalidade sui generis, um sinal particular que os caracteriza. É esse sinal coletivo que se trata de identificar. [93]

Assim, com base na tabela *classificação etiológica e morfológica dos tipos sociais do suicídio*[94], o suicídio egoísta seria caracterizado fundamentalmente pela apatia e com variedades secundárias, que seriam: melancolia e sangue-frio; para o suicídio altruísta seria energia passional ou voluntária e secundariamente seria como: sentimento calmo do dever; com entusiasmo místico e com coragem tranqüila; para o anômico seria irritação repulsa e secundariamente: recriminações violentas contra a vida ou contra alguém em particular. Durkheim ainda mostra possível o acontecimento dos suicídios mistos, que poderia ser a presença de dois ou mais tipos de suicídio num caso,

[91] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Op. Cit. p. 297.
[92] Idem, p. 300; nota de rodapé de número 29.
[93] Idem, pp. 303-304.
[94] Idem, p. 320.

assim, seriam possíveis: o suicídio ego-anômico; o suicídio ego-anômico-altruísta; e o suicídio ego-altruísta.

No terceiro livro, sendo este o último dentro da obra, Durkheim irá mais uma vez enfatizar a sua idéia central, que:

> A taxa social dos suicídios só se possa explicar sociologicamente. É a constituição moral da sociedade que fixa em cada instante o contingente dos mortos voluntários. Existe, portanto, para cada povo uma energia determinada que leva os homens a matar-se. Os movimentos que o paciente executa e que à primeira vista parecem representar exclusivamente o seu temperamento pessoal constituem, na realidade, a continuação e o prolongamento de um estado social que manifestam exteriormente. [95]

Para ele, as constantes taxas do suicídio de uma sociedade qualquer, desde que estas não mudem, auxiliam no entendimento de que o suicídio não pode ser estudado individualmente, visto que as causas que determinam esta taxa são independentes dos indivíduos.

Quando Durkheim buscou observar relações entre o suicídio e outros fenômenos sociais, ele concordou com a idéia de que o suicídio deve ser condenado, porém, não retornando aos castigos violentas a que eram submetidos no passado. Alias, o suicídio também deve ser considerado como um ato imoral. Comparando o suicídio ao homicídio, mais uma vez o autor notou que o suicídio é mais urbano e mais frequentes nos países protestantes, enquanto que o homicídio é mais rural e com maior incidência nos países católicos.

Por fim, o suicídio é, para ele, um fenômeno de patologia social, na qual o mal-estar pela qual passa a civilização atesta "uma alarmante miséria moral".

> Os progressos anormais do suicídio e o mal-estar geral que atingiu nas sociedades contemporâneas derivam das mesmas causas. O que revela esse número excepcionalmente elevado de mortos voluntários é o estado de perturbação profunda em que se encontram as sociedades civilizadas, que atesta a sua gravidade de maneira inequívoca. [96]

O aumento do suicídio poderia ser evitado caso haja uma reestruturação dos grupamentos locais e o que ele chama de descentralização profissional, pois isto viria a causar uma multiplicação dos centros da vida comum, entretanto, sem causar o rompimento com a unidade nacional. Visto que isto deteria o mal-estar pela qual a sociedade suporta.

[95] DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** Op. Cit. p. 327.
[96] Idem, pp. 429-430.

1.2.3. Andrew Henry e James Short

Andrew F. Henry e James F. Short Jr. publicaram, em 1954, o seu livro *Suicide and Homicide: some economic, sociological and psychological aspects of aggression*, na qual utilizam dados dos Estados Unidos da America para a realização do seu estudo. Segundo, Corrêa e Barrero, "esses autores têm como originalidade o fato de introduzirem em suas análises-sociológicas conceitos de psicologia, particularmente de base psicanalítica, e economia." [97]

Na primeira parte do livro, os autores buscam relacionar o suicídio e o homicídio aos ciclos econômicos dos EUA, na qual consideram três suposições:

> (1) agressão é frequentemente consequência de frustração; (2) ciclos econômicos produzem variação na posição hierárquica de pessoas e grupos; (3) frustrações são geradas pela interferência com a meta de manter uma constante ou ascensão da posição num status hierárquico relativo ao status da posição de outros no mesmo status do sistema de referência. [98]

Com base nessas suposições, os autores mostram que seus dados sugerem um aumento da taxa de suicídio nos períodos de depressão e um decréscimo da taxa nos períodos de prosperidade. "Contudo a reação negativa do suicídio à depressão é mais forte do que a reação negativa do suicídio à prosperidade." [99]

Os autores mostram que os suicídios dos homens estão mais correlacionados aos ciclos econômicos do que os suicídios das mulheres. Entretanto, o mesmo não ocorre com os não brancos, onde o oposto é verdadeiro. Todavia, os suicídios entre as mulheres brancas e as não brancas estão no mesmo patamar, enquanto o suicídio dos homens não brancos é menos sensível aos ciclos econômicos do que os suicídios dos homens brancos.

No geral, segundo Henry e Short, pode-se observar, que a "confirmação da nossa hipótese de que o suicido de homens, nossa categoria de alto status, é mais sensível ao ciclo econômico do que o suicídio das mulheres, a categoria que ocupa uma posição de status mais subordinada no sistema socioeconômico americanos." [100]

A razão pela qual o suicídio das mulheres negras é mais sensível aos ciclos econômicos do que os homens negros, deve-se ao papel destas mulheres nas suas famílias, visto que por razões históricas, foram atribuídas a elas uma grande parte da

---

[97] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "As Teorias do Suicídio". Op. Cit., p. 40.
[98] HENRY, Andrew; SHORT Jr, James. **Suicide and Homicide: Some economic, sociological and psychological aspects of aggression**. New York: The Free Press, 1965, p. 14.
[99] Idem, p. 25.
[100] Idem, p. 33.

responsabilidade financeira da família. Fator este ligado também as taxas de deserção e ilegitimidade nas famílias negras. Então, a posição da mulher negra como sustentadora do lar, a torna, provavelmente, mais suscetível aos ciclos econômicos.

> A maior sensibilidade dos suicídios de não brancos para a condição econômica desde 1923 talvez possa ser explicada por uma combinação de fatores. O período após da Primeira Guerra Mundial foi uma de grande influxo de negros da área rural do Sul para os centros urbanos do Norte. Parte desta explicação pode estar nesta migração. O período desde 1923 tem um aumento de oportunidades econômicas e sociais aberta aos negros. O aperfeiçoamento do status econômico associado com a migração tem removido do negro muitas restrições antigamente operadas sobre ele, e o desenvolvimento de legislações protetoras e igualitárias tem servido para diminuir a diferença de status entre raças. [101]

Também, a migração dos negros para o Norte dos Estados Unidos, a região mais rica do país, ajudou em mudar a sua situação econômica no decorrer dos tempos.

Outro fator de influência nos suicídios ligados ao ciclo econômico seria a questão da idade. A partir dos 65 anos, a sensibilidade ao suicídio de homens e de mulheres decai quando comparado aos grupos dos mais jovens. Isto ocorre pelo fato que com a idade avançada, há um declínio nos status. Todavia, deve-se lembrar que os dados por idade também são influenciados pelo status matrimonial, pois os solteiros são mais sensíveis a estes suicídios do que os casados.

A renda/salário seria outro fator de influência nos suicídios. Os dados dos autores, com as suas limitações, mostraram uma maior sensibilidade ao suicídio ligado às flutuações econômicas dos privilegiados econômicos, do que em comparação aos pobres. Entretanto, a taxa absoluta dos suicídios é maior nas áreas de baixa renda, tanto na depressão quanto na prosperidade. Isto só é verdadeiro quando se tira as áreas de população negra da estatística.

Com base em dados referentes à cidade de Chicago durante a década de 1930, os autores notaram que as pessoas que moram nas áreas residenciais com altos aluguéis estão mais suscetíveis ao suicídio durante a expansão econômica, do que as áreas com baixos aluguéis. Estes, durante o período de 1930-1932 e 1939-1941, mantiveram uma taxa constante de suicídios, enquanto que naqueles houve uma baixa bruscamente. "Pessoas de status de baixa economia sujeitas às privações, como indexados por baixo aluguel, estão mais bem protegidos do suicídio acompanhando os ciclos econômicos, do que aqueles que têm subidos a posições econômicas mais altas." [102]

Os dados encontrados pelos autores não comprovam a sugestão de Durkheim:

---

[101] HENRY, Andrew; SHORT Jr, James. **Suicide and Homicide.** Op. Cit. p. 35.
[102] Idem, pp. 41-42.

> que o aumento especulativo no ciclo econômico era acompanhado pelo aumento na taxa de suicídio e interpretou este fenômeno como uma função do enfraquecimento dos controles sociais sobre o comportamento no mesmo tempo em que "paixões" e desejos de indivíduos estava aumentando. Nosso dado também indicou que a taxa de suicídio aumentou durante a metade do pré-pico final da fase de prosperidade econômica, mas somente durante os anos em que o aumento no índice econômico está muito pequeno e não durante os anos de aumento brusco. [103]

Também, examinando a mesma relação, com gênero mantido constante, os autores sugerem que a opinião de Durkheim está incorreta, pois "a tendência para o aumento na taxa de suicídio durante a metade final da expansão econômica está mais forte entre as mulheres (nossa categoria de status mais baixa) do que os homens do status mais alto." [104]

Os autores mencionam que a psicanálise possui a idéia de que o suicídio seria a agressão de uma pessoa direcionada a si própria. Os períodos de depressão, supostamente, trazem mais frustrações do que os períodos de prosperidade, logo aqueles de alto status econômico, que perdem suas rendas, transferem esta frustração para si, causando seus suicídios, enquanto, aqueles de baixo status, quando perdem sua renda, passam a cometer homicídio como forma de sua frustração. A frustração gerada pelos ciclos econômicos serve para explicar tanto o suicídio como o homicídio durante estes ciclos, apenas o alvo da agressão sendo diferente.

Isto vem a explicar a razão pela qual as mulheres se suicidam mais durante a prosperidade.

> O mundo da finança especulativa é largamente um mundo masculino. Se o aumento do suicídio feminino prévio ao pico econômico deveria decorrer para refletir suicídio de mulheres perdendo espaço na competição com o homens em relação à prosperidade, nossa análise sugeria que frustração pode acumular da perda da posição delas relativa àquelas dos homens que estavam subindo em status num ritmo mais rápido. [105]

A prosperidade e o impedimento de subir de status também causam este efeito de frustração nos negros, mesmo referentes à classe mais baixa do status hierárquico. Isto não ocorre com os negros da classe alta pelo simples fato que os mesmo comparam seus status em relação aos negros da classe inferior e não aos brancos da classe superior.

Henry e Short não conseguiram negar a idéia de Durkheim de que o suicídio afeta mais os indivíduos de alto status do que os de baixo status devido ao simples fato que aqueles estão sujeitos a menos restrições externas.

---

[103] HENRY, Andrew; SHORT Jr, James. **Suicide and Homicide.** Op. Cit. p. 42.
[104] Ibidem.
[105] Idem, pp. 62-63.

Eles utilizam também a idéia de Durkheim de que o suicídio esta relacionado ao grau de participação de um indivíduo em um grupo de relações, fato que confirma a hipótese de que o suicídio afeta menos os casados do que os solteiros, os viúvos ou os divorciados. Esta idéia também explica a razão pela qual o suicídio é mais urbano do que rural.

A diferença entre a vida na área rural e na área urbana seria o fator da estabilidade e a vida familiar, visto que naquela há um forte controle exercido pela comunidade, enquanto que este é marcado pelo anonimato e pela vida impessoal. Então, a diferença disto estaria relacionada ao grau de envolvimento de uma pessoa com outra, visto que nos setores centrais desorganizados das cidades há menos envolvimento do que nas áreas rurais e nas comunidades urbanas integradas e organizadas.

> Nós mostramos que a relação entre o suicídio e status matrimonial, suicídio e lugar de residência, e suicídio e ecologia urbana podem ser vistos como uma função de uma segunda forma de restrições externas sobre o comportamento – o tipo impostos pela virtude do envolvimento num relacionamento catexial com outras pessoas. [106]

Os autores também correlacionaram mais duas variáveis com o suicídio, sendo: a posição de um indivíduo no status hierárquico e o grau do envolvimento deste indivíduo com outras pessoas. Os grupos da alta hierarquia acabam impondo suas demandas e expectativas aos grupos da baixa hierarquia, que se encontram numa posição de subordinados, tendo em vista que o poder vindo com o status é reconhecido pelos indivíduos, independente de sua posição hierárquica.

Independente de seu status, quando os indivíduos fazem parte de grupos de relações interpessoais, eles devem obedecer às demandas e as expectativas de seus grupos, logo restringindo o comportamento destes indivíduos, que passa a funcionar como uma forma de imunidade ao suicídio, tendo em vista que os indivíduos passam a ter que lidar e controlar seus atos impulsivos.

Com bases sociológicas para a legitimação da agressão, os autores notaram que:

> a escolha do alvo para a agressão era em parte função da força das restrições externas sobre o comportamento. Quando comportamento é requerido para se comportar rigidamente às demandas e expectativas de outras pessoas, a probabilidade de suicídio em resposta a frustração é baixa e a probabilidade para homicídio como resposta a frustração é alta. Quando comportamento está livre do requerimento para a conformidade às demandas e expectativas de outros, a probabilidade ao suicídio é alta e a probabilidade ao homicídio é baixa. [107]

[106] HENRY, Andrew; SHORT Jr, James. **Suicide and Homicide.** Op. Cit. p. 77.
[107] Idem, pp. 101-102.

> Quando comportamento é sujeito a fortes restrições externas por virtude tanto por status subordinado ou envolvimento em relações sociais com outras pessoas, o objeto de restrição pode ser culpado pela frustração, assim legitimando expressão exterior da resultante agressão. Quando comportamento é livre de restrições externas, o si deve lidar com a responsabilidade pela frustração. Outros não podem ser culpados uma vez que outros não estavam envolvidos na determinação do comportamento. Sob estas condições, outras expressões orientadas da resultante agressão caem para serem legitimadas. [108]

Com relação aos aspectos psicológicos da agressão, os autores notaram que este está associado ao super-ego, que segundo eles seria "o sistema de demandas e expectativas impostas na criança pelos pais tão internalizadas pela criança." [109]

"Na formulação psicanalítica do suicídio, por exemplo, as demandas rigorosas e punitivas dos pais se torna internalizada na forma do super-ego rigoroso e punitivo que opera transformando a agressão contra si." [110] Os autores, inclusive, mencionam cinco estudos que sugeriram que a questão de um rigoroso super-ego estava associado com a agressão direcionada para si próprio, enquanto que um super-ego fraco ou defeituoso transformava a agressão direcionada para outros. Assim, rigorosos pais com suas demandas e disciplinas, que foram internalizadas, acabam tendo o efeito de produzir uma alta probabilidade psicológica ao suicídio e um baixa ao homicídio.

1.3. As Teorias Psicanalíticas (Psicológicas):

A psicanálise (psicologia) busca a compreensão do suicídio dentro do indivíduo, na qual "as primeiras teorias psicanalíticas voltaram-se primariamente para o papel das forças instintivas e os mecanismos pelos quais essas forças se transformariam em impulsos suicidas." [111]

1.3.1. Freud

Sigmund Freud foi um psicanalista austríaco. Apesar de sua influência nos estudos acerca do suicídio, ele nunca chegou a sistematizar a sua visão sobre este tema num único escrito. As suas observações, inferências e especulações sobre o tema

[108] HENRY, Andrew; SHORT Jr, James. **Suicide and Homicide.** Op. Cit. p. 103.
[109] Ibidem.
[110] Idem, p. 104.
[111] WANG, Yuan P.; RAMADAM, Zacaria. "Aspectos psicológicos do suicídio**."** In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei T.; WANG, Yuan P. (coord.). **Suicídio:** estudos fundamentais. São Paulo: Segmento Farma, 2004, p. 84.

encontram-se espalhados em diversos artigos, cujos temas principais eram outras questões e não propriamente o suicídio. [112]

A experiência de Freud com o suicídio não foi meramente teórico ou filosófico, tendo em vista a sua experiência clinica com diversos pacientes suicidas, inclusive, segundo Litman, há referências de sintomatologia suicida em todos os casos publicados por Freud, excetuando o caso de uma criança de cinco anos, o Pequeno Hans. [113]

Com base em Litman, há até evidências em que o próprio Freud tenha feito ameaças de se suicidar em 1885, - quando se encontrava em um longo, apaixonado e turbulento noivado-, caso vieste a perder a sua noiva Martha, com a qual acabou-se casando. Assim, Freud entendia que a frustração sexual poderia levar ao suicídio.

> Muitos anos depois, Freud foi comentar que as duas situações de estar intensivamente apaixonado e de suicídio eram similares, em que o ego é oprimido pelo objeto. Nas suas teorias iniciais, a reivindicação do amor e auto-preservação são opostos, e ele constantemente mantinha que o amor é perigoso. [114]

Freud nas suas experiências iniciais, de 1881 a 1910, encontrou evidências em seus casos clínicos do suicídio como uma comunicação, busca pela atenção, choro por ajuda, método de vingança, como identificação parcial ou também identificado como punição contra raiva e ciúmes para um inimigo. [115]

No seu *Sobre a Psicopatologia da vida cotidiana*, publicado em 1901, Freud notou o papel da vida mental como tendo influências sobre o instinto da autodestruição.

> Não há por que supor que essa autodestruição seja rara. É que a tendência à autodestruição está presente em certa medida num número muito maior de pessoas do que aquelas em que chega a ser posta em prática; os ferimentos auto-infligidos são, em geral, um compromisso entre essa pulsão e as forças que ainda se opõem a ela. Mesmo nos casos em que realmente se consuma o suicídio, a propensão a ele terá estado presente desde longa data, com menor intensidade ou sob a forma de uma tendência inconsciente e suprimida.
> Mesmo a intenção *consciente* de cometer suicídio escolhe sua época, seus meios e sua oportunidade; e é perfeitamente consonante com isso que a intenção *inconsciente* aguarde uma ocasião que possa tomar a seu encargo parte da causação e que, ao requisitar as forças defensivas do sujeito, liberte a intenção da pressão destas. [116]

Esta incapacidade de Freud organizar sistematicamente o suicídio na sua teoria psicanalítica dos instintos pode ser ainda notada na discussão sobre o suicídio da

---

[112] LITMAN, Robert. "Sigmund Freud on Suicide." In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.
[113] Idem, p. 202.
[114] Idem, p. 204.
[115] Idem, p. 205.
[116] FREUD, Sigmund. **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana.** (1901). Disponível em: http://www.4shared.com/document/qRBi3PBB/FREUD_Sigmund_6_Sobre_a_psicop.html. p. 119.

Sociedade Psicanalítica de Viena, de 20 a 27 de abril de 1910, na qual Freud pouco discutiu:

> Eu tenho a impressão que apesar de todo esse material valioso que foi trazido perante nos nessa discussão, nós não temos alcançado uma decisão no problema que nos interessa. Nós somos ansiosos, acima de tudo, para saber como se torna possível para o instinto de vida extraordinária e poderosa ser superada; se isso só pode acontecer com a ajuda de um libido desapontado ou se o ego pode renunciar sua auto-preservação por seus próprios motivos egoístas. Pode ser que nós tenhamos falhado para responder essa questão psicológica porque nós não temos os adequados meios de abordá-lo. Nós podemos, eu acho, só tomar como nosso ponto de partida a condição da melancolia que é familiar para nós clinicamente e uma comparação entre ele e os afetos do luto. O processo afetivo na melancolia, contudo, e as vicissitudes sofridas pelo libido naquela condição são totalmente desconhecidas por nós. Nem tampouco nós chegamos a um entendimento psicanalítico do afeto crônico do luto. Deixe-nos suspender nosso julgamento até que a experiência tenha resolvido esse problema. [117]

De acordo com Litman, na fase inicial das pesquisas de Freud – até 1910 -, ele havia chegado a identificar diversos aspectos do suicídio nos seus casos clinico, aspectos estes que seriam:

> (1) Culpa sobre os desejos de morte em relação a outros, especialmente os pais; (2) identificação com pais suicidas; (3) perda da gratificação libidinal, ou mais precisamente, recusa em aceitar a perda da gratificação libidinal; (4) um ato de vingança, especialmente por perda da gratificação; (5) escapar de humilhação; (6) uma comunicação, um choro por ajuda; e finalmente (7) Freud reconheceu a conexão íntima entre a morte e a sexualidade. Freud não sabia decidir, contudo, onde atribuir o tão esmagador sadismo e masoquismo no seu quadro teórico. De acordo com Freud, atitudes humanas são derivadas fundamentalmente das necessidades em satisfazer os impulsos instintivos. Na sua teoria inicial o básico, contraditórios impulsos instintivos eram pensados em serem libido e auto-preservação. [118]

Freud, em 1910, publicou um breve texto, intitulado: *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*, que segundo Maria Luiza Dias, seria o seu único texto sob título especifico de suicídio e na qual Freud parece buscar uma primeira explicação para o suicídio. [119] Deste modo, Freud comenta o seguinte:

> Estávamos ansiosos sobretudo em saber como seria possível subjugar-se ao extraordinariamente poderoso instinto da vida: isto pode apenas acontecer com o auxílio de uma libido desiludida, ou se o ego pode renunciar à sua autopreservação, por seus próprios motivos egoístas. [120]

---

[117] FREUD, Sigmund. Standard Edition, Vol.11, p. 232. *apud* LITMAN, Robert. "Sigmund Freud on Suicide." Op. cit., pp. 206-207.
[118] LITMAN, Robert. "Sigmund Freud on Suicide." Op. cit., p. 207.
[119] DIAS, Maria Luiza. **Suicídio.** Op. Cit. p. 21.
[120] FREUD, Sigmund. "Contribuições para uma discussão acerca do Suicídio**."** In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** São Paulo: Imago, 1969. Vol. XI, p. 244. [Neste texto Freud aborda a questão levantada na época de que as escolas secundárias impeliam seus alunos ao suicídio].

Posteriormente, Freud revisou seu pensamento sobre os instintos. Assim, a fase inicial de Freud foi marcada pela teoria do libido para fundamentar o suicídio, contudo, isto acabou mudando posteriormente, tendo em vista, que após 1920, passou a utilizar da teoria de morte-instinto como fundamentação para este tema. [121]

A transição para esta mudança, segundo Litman, veio com a publicação de *Luto e Melancolia*, escrita em 1915, mas só publicada em 1917. Neste texto, Freud procurou demonstrar que a agressão do indivíduo pode se voltar contra ele próprio. Para ele, o luto seria "[...] a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante" [122]. Todavia, a melancolia pode ser originada por estas mesmas influências em algumas pessoas ao invés de luto.

Para Freud, o luto não seria uma condição patológica, logo, não necessitando de cuidados médicos, tendo em vista que o luto viria a ser superado após certo lapso de tempo e não devendo ser feita nenhuma interferência sobre o mesmo. Tratando-se da melancolia, Freud veio a traçar distintos traços mentais para ela, que seriam:

> [...] um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos, de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. [123]

Essas mesmas características causadas pela reação à perda de um objeto amado estão presentes em ambos os casos, contudo a diferença entre o luto e a melancolia está no ego[124], uma vez que na melancolia há uma diminuição da auto-estima, causando um empobrecimento em grande escala do ego, ou seja, é o próprio ego, enquanto que no luto há o empobrecimento do mundo, que também se torna vazio.

Com a melancolia:

> Esses estados obsessivos de depressão que se seguem à morte de uma pessoa amada revelam-nos o que o conflito devido à ambivalência pode alcançar por si mesmo quando também não há uma retração regressiva da libido. Na melancolia, as ocasiões que dão margem à doença vão, em sua maior parte, além do caso nítido de uma perda por morte, incluindo as situações de desconsideração, desprezo ou desapontamento, que podem trazer para a

[121] FREUD, Sigmund. "Contribuições para uma discussão acerca do Suicídio. Op. Cit.
[122] FREUD, Sigmund. "Luto e Melancolia"**.** In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** São Paulo: Imago, 1969. Vol. XIV. p. 249.
[123] Idem. p. 250.
[124] Ego – Experiência que o indivíduo possui de si mesmo, ou concepção que faz de sua personalidade; em psicanálise, apenas a parte da pessoa em contato direto com a realidade, e cujas funções são a comprovação e a aceitação dessa realidade. Fonte: Dicionário Michaelis Online.

> relação sentimentos opostos de amor e ódio, ou reforçar uma ambivalência já existente. [125]

Assim, não se deve desprezar o conflito entre o amor e o ódio, tendo em vista que:

> Se o amor pelo objeto [...] se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. A autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa, do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornam ao próprio eu do indivíduo [...]. [126]

Com base no texto de *Luta e Melancolia*, o enigma da tendência ao suicídio seria solucionado pela questão do sadismo, que torna a melancolia perigosa. Com a melancolia a pessoa acaba confundindo a si mesmo como um objeto, onde o ego é dominado pelo objeto e a pessoa acaba dirigindo a si própria a hostilidade relacionada a um objeto, pois deseja destruir o objeto amado e odiado. Esse desejo de suicídio pode também vir acompanhado da idéia inconsciente de matar outro individuo ou a coisa que lhe incomoda, assim, a pessoa acaba se destruindo por inteiro apenas para livrar-se do mal que o perturba. Foi com base neste texto, que a teoria psicanalítica clássica do suicídio se derivou, de onde Freud traçou os mecanismos da depressão grave.

Para Freud cabia ao ego a grande parte das identificações. Apesar de não ter levado adiante a sua teoria das identificações, em 1920, Freud formulou a estrutura mental da atividade mental, composta pelo ego, superego e id, nas quais foram atribuídas várias funções.

> Ele afirmou que a identificação bem inicial exerce um papel especial no eu total, nessa eles são mais completamente cindidos do resto do ego e se torna superego, que incluí consciência e ideais, tem a função de amor, apoiar, julgar, e punir o ego, e pode tornar-se enfermo por conta própria. Conceitos e imagens do suicídio aparecem somente no ego e superego, visto que id não sabe nada de sua própria morte. "Na inconsciência todos nós somos convencidos de nossa própria imortalidade." De fato, até conscientemente, é impossível imaginar nossa própria morte. "Sempre que nós tentamos fazer isto nós podemos perceber que nós somos de fato ainda presentes como espectadores." [127]

Contudo, Freud, segundo Litman, deu pouca atenção ao papel de outros no suicídio.

No seu "*A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher"*, Freud retrata que a tentativa de suicídio de uma jovem de 18 anos, que apresentava sinais de

[125] FREUD, Sigmund. "Luto e Melancolia"**.** Op. cit., p. 256.
[126] Idem. p. 256/257.
[127] LITMAN, Robert. "Sigmund Freud on Suicide." Op. cit., p. 209.

homossexualidade, havia dois motivos além do dado pela jovem: que seria a realização de uma punição (auto-punição) e a realização do desejo.

> Análise tem explicado o enigma do suicídio da seguinte maneira: Provavelmente ninguém encontra a energia mental requerida para se matar a não ser que, em primeiro lugar, ao fazê-lo, ele está ao mesmo tempo matando um objeto que ele havia se identificado e, no segundo lugar, está voltando-se contra a si mesmo o desejo de morte que havia sido direcionado contra outra pessoa. Nem a necessidade de regular a descoberta desses desejos de morte inconscientes naqueles que têm tentado suicídio surpreende-nos, uma vez que o inconsciente de todos os seres humanos é cheio de desejos suicidas contra até aqueles que amam. [128]

O que Freud tirou do caso da jovem homossexual foi que o suicídio é causado por uma interação de diversos motivos. Segundo Litman, Freud havia notado que os métodos utilizados para o suicídio denotavam representações de realizações de desejos sexuais, deste modo: se envenenar seria o desejo de engravidar; se afogar seria ter um filho; se jogar de alturas seria parir um filho. [129]

Contudo, o suicídio ainda se mantinha um enigma, cuja solução ainda era prematura. Assim, em 1920, Freud desenvolveu que poderia haver impulsos instintivos de morte.

> Após longas hesitações e vacilações nós temos decidido em assumir a existência de somente dois instintos básicos, Eros e o instinto destrutivo. O objetivo do primeiro destes instintos básicos é estabelecer unidades ainda maiores e para preserva-lhe assim – em resumo, para uni-los; o objetivo do segundo é, pelo contrário, desfazer conexões e destruir coisas. No caso do instinto destrutivo, nós podemos supor que seu objeto final é conduzir o que é vivo para um estado inorgânico. Por esta razão nós podemos chamá-lo de instinto de morte [...]. Nas funções biológicas os dois instintos básicos operam um contra o outro ou combinam um com o outro. Assim, o ato de comer é uma destruição do objeto com o objetivo final de incorporá-lo, e o ato sexual é um ato de agressão com o propósito de união mais intima. Essa concomitante e mutuamente oposta ação dos dois instintos básicos dá origem a toda a variegação do fenômeno da vida [...]. [130]

Freud, em *Além do Princípio de Prazer*[131], desenvolve a idéia de que a concepção humana é regida por dois pólos: o eros, que seria o instinto que conduz à vida; e o tanatos, que seria o instinto que conduz à morte. Assim, deveria ocorrer o equilíbrio entre esses dois pólos e o suicídio somente ocorreria com a perda desse equilíbrio. O suicídio, assim, seria uma imposição e a vitória do impulso de morte sobre o instinto para a vida. O suicídio seria a expressão máxima da pulsão de morte.

---

[128] FREUD, Sigmund. "Standard Edition", Vol. 19, p. 49. In: LITMAN, Robert. "Sigmund Freud on Suicide." Op. cit., pp. 210-211.
[129] LITMAN, Robert. "Sigmund Freud on Suicide." Op. cit., p. 211.
[130] FREUD, Sigmund. "Standard Edition", Vol. 23, pp. 148-150. In: LITMAN, Robert. "Sigmund Freud on Suicide." Op. cit., p. 212.
[131] FREUD, Sigmund. "Além do Princípio de Prazer." In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1987. Vol.XVIII.

Entretanto, a teoria de Freud dos instintos teve pouca aceitabilidade entre os psicanalistas.

Segundo Litman, Freud tinha o suicídio como um sintoma produzido pelo homem e pela civilização, pois ele via

> A civilização como um grupo de desenvolvimento do superego. No homem civilizado, a agressão extra é canalizada para o superego e volta-se contra o ego. É agora sentido como culpa inconsciente, masoquismo, a necessidade de punição, ou um obscuro mal-estar e descontentamento. O preço que nós pagamos para o avanço da civilização é a perda, em certo grau, da possibilidade de felicidade. "Nós devemos ao processo (civilização) o melhor que nós podemos nos tornar, assim como uma boa parte do que nós sofremos de." [132]

Freud, segundo Litman, menciona que há certas características da condição humana que tornam todos os indivíduos vulneráveis ao suicídio, isto pelo menos no Ocidente. Estas características seriam:

> (1) O instinto de morte, com suas derivadas clínicas, o instinto agressivo direcionado para fora e instintos destrutivo direcionado para dentro; (2) a divisão do ego, isto é inevitável por causa do desamparo extremo do ego humano na infância quando é incapaz de dominar seus próprios instintos e devem conformar-se aos pais ou perecer; e (3) as instituições do grupo, família e civilização, que requerem complacência culpável de todos os membros do grupo. [133]

O papel fundamental de Freud, apesar de nunca ter sistematizado seu pensamento sobre o suicídio, seria, segundo Corrêa e Barrero, que ele "elaborou as explicações psicológicas do suicídio e considerou o suicídio de um ponto de vista individual" [134]. Explicações, estas, que vieram a ser aprimoradas e trabalhadas por outros estudiosos posteriormente.

1.3.2. Karl Menninger

Karl Menninger (1893-1990) foi um psicanalista, que estabeleceu a instituição *Menniger Clinic* (Clínica Menninger) em Kansas, EUA e escreveu o livro "Man against himself", que em português foi traduzido por "Eros e Tânatos: O homem contra si próprio". Segundo Shneidman, Menninger foi um dos dois melhores vendedores das idéias de Freud [135]

---

[132] LITMAN, Robert. "Sigmund Freud on Suicide." Op. cit., p. 213.
[133] Idem, p. 214.
[134] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio. "As Teorias do Suicídio". Op. cit., p. 40.
[135] SHNEIDMAN, Edwin S. **Comprehending Suicide: Landmarks in 20th – Century Suicidology.** Washington, DC: American Psychological Association, 2007.

Ele veio a criticar a simplicidade com a qual justificavam a concepção do suicídio como uma fuga da realidade, uma doença mental; pela desgraça, pela pobreza; pela frustração; pelo amor não correspondido; etc. Para Menninger o suicídio consiste na morte de si próprio, cujo assassino é o si próprio, ou seja, a pessoa é ao mesmo tempo o assassinado e o assassino. Como nos assassinatos há motivos dos mais diversos, pode- se observa no suicídio, então, o desejo de ser morto. [136]

Assim, "nós devemos pensar o suicídio, então, como um tipo peculiar de morte que requer três elementos: o elemento de morrer, o elemento de matar; e o elemento de ser morto." [137] Aparentemente esses três elementos possuem diferentes pesos em muitos dos suicídios, ou seja, um destes três elementos encontra-se, em vários casos, mais fortes do que o outro. Cada um destes elementos consiste num ato pela qual existem motivos, inconscientes e conscientes.

Será visto a seguir cada um destes três elementos, pois para Menninger estes requerem análises separadas:

a. O desejo de matar:

"Por todo o universo, da qual nós somos parte, aparece existir em constante conflito e oposição as duas forças de criação e destruição." [138] Este paralelo encontra-se nos propósitos do inconsciente humano, na qual os desejos assassinos destrutivos surgem na infância, com aumentos e declínios durante toda a infância da criança. Contudo, estes desejos destrutivos podem se tornar externos ou mesmo serem neutralizados no interior da personalidade.

Menninger explica que o impulso da auto-preservação pode tornar-se contra a si próprio devido ao fenômeno da introjeção com deslocamento.

> É quase axiomático na psicanálise que um objeto de amor ou ódio que é perdido ou escapa além o alcance do ego pode ser recuperado e retido pelo processo de introjeção com o deslocamento das emoções adequado do objeto original para o objeto introjetado, que é, a pessoa dentro da pessoa. Consequentemente uma pessoa inconscientemente odiada pode ser destruída ao identificar a si própria com a pessoa, ou mais acurado, identificando aquela pessoa com o eu, e destruindo o eu. [139]

[136] MENNINGER, Karl A. "Psychoanalytic Aspects of Suicide". International Journal of Psychoanalysis 14: 376-390, 1933. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.
[137] Idem, p. 23.
[138] Idem, p. 24.
[139] Idem, p. 25.

Quando os impulsos de destruição são frustrados, quando isto se dirige a um objeto externo, torna-se, então, necessário a introjeção e o deslocamento. Esta frustração pode ocorrer por diversas circunstâncias, que Menninger define como:

> (1) a resistência oferecida pela realidade pode ser muito grande; (2) o objeto ao invés de ser oprimido pode ser meramente elusivo; (3) o ataque pode ser inibido por várias circunstâncias internas, principalmente medo e a sensação de culpa; (4) falha do ataque pode ocorrer por um excessivo enfraquecimento de sua força por mistura de elementos eróticos adventícias. [...]. O resultado é que a hostilidade não pode ser sublimado pelo erotismo. O ego consequentemente deve tomar para estes indivíduos uma oscilação ou atitude ambivalente tal modo o amor e ódio têm expressões alternadas, ou outro o ódio deve ser deslocado como no primeiro caso. (5) O exato oposto de (4) ocorre quando elementos eróticos do objeto relacionado são bruscamente eliminados, [...]. [140]

A melancolia é um sinal deste último mecanismo, na qual o suicídio é uma característica comum a melancolia, que foi bastante estudado por Freud. O desgosto inconsciente pela perda do objeto amado acaba dirigindo-se agora conscientemente ao mesmo objeto, que agora está incorporado e disfarçado no ego. O amor ao objeto acaba se transformando em tendências hostis.

> Gratificação da agressão hostil pela introjeção é feita mais facilmente pelo fato que aparenta ao ego de ser menos perigoso atacar o objeto de fantasia do que o objeto de realidade. Mas quando o objeto da fantasia é identificado com o si, i.e. quando a odiada-amada pessoa é identificada com o ego, a agressão serve de duas saídas, [...]. Por isso a reflexão do (si) impulso destrutivo volta sobre si mesmo aparenta se acompanhado com o aumento da força, para que o instinto de vida não possa mais segurá-los na seleção, exceto pela formação da reação (sintomas). Se isto não pode ser realizado, atual destruição do si ocorre. [141]

Todavia, a hostilidade e a agressão destrutiva direcionada contra a pessoa, que é ao mesmo tempo amada e odiada, pode ocorrer de outras formas sem ser o ataque direto. Assim, o ataque destrutivo contra a pessoa odiada-amada pode dirigir a outro objeto, desde que este seja querido à pessoa. Deste modo, o suicídio pode ser uma forma de ataque contra algo que seja relacionado à vida do suicida, podendo este algo ser um indivíduo ou mesmo uma sociedade.

b. O Desejo de Ser Morto:

O desejo de ser morto, segundo Menninger, consiste na extrema forma de submissão, assim, como o assassinato consiste na extrema forma de agressão. O sentimento de culpa com o de punição consiste no resultado de indulgência de atos de

[140] MENNINGER, Karl A. "Psychoanalytic Aspects of Suicide". Op. Cit. P. 25
[141] Idem, p. 27.

agressão, logo, nota-se que o desejo de destruir e a destruição são muito equivalentes. Deste modo, o indivíduo que nutre desejos assassinos também, muito provavelmente, sente a necessidade de punição, em vista a estes seus desejos, destarte, segundo o autor, nota-se a verdade na idéia de Freud de que vários suicídios consistem em assassinatos disfarçados. "O suicídio é, portanto, a pena de morte auto- infligida." [142]

A técnica utilizada para a prática do suicídio possui significados inconscientes. Conforme Menninger, o estudo psicanalista do suicídio sem atenção aos instrumentos utilizados seria incompleto. Nas suas palavras:

> Isto é fortemente determinado e sobre-determinado pelas tendências inconscientes da vítima, nós temos boas razões para acreditar em dois motivos: primeiro, por analogia com atos similares em outros pacientes com resultados menos sérios; em outras palavras, a estabelecida significância "geral" de certos atos; segundo, a muito mais evidência definitiva em tentativas frustradas de suicídios em pacientes que em seguida, ou depois, passa por tratamento e estudo da psicanálise. [143]

As escolhas também estão relacionadas ao papeis do gênero na vida, tendo em vista que os homens escolhem mais o tiro, enquanto as mulheres, veneno e gás.

c. O Desejo de Morrer:

Aparenta haver um paradoxo no suicídio, pois há casos em que alguém deseja se matar, mas ao mesmo tempo não deseja morrer. Assim,

> Um deve distinguir também entre o desejo consciente e o desejo inconsciente de morrer ou não morrer, o posterior sendo, como nós temos visto, o resultado de co-operação e fatores conflitantes. Um vê este inconsciente desejo não de morrer em frequentes tentativa de suicídio que se revelam sem sucesso devido às técnicas defeituosas. [144]

Há possivelmente outras razões para se explicar este fato, porém pode-se notar que nas tentativas de suicídios frustradas havia um elemento em que a pessoa não estava realmente desejando morrer, fazendo supor que nestes casos o instinto de vida ainda conseguia manter-se acima do instinto de morte.

"Eu acho que devemos reconhecer, entretanto, ainda que a teoria do instinto de morte e, portanto, o elemento 'o desejo de morrer' no suicídio é apenas uma hipótese em contraste com o fato demonstrado da existência dos outros dois elementos." [145]

---

[142] MENNINGER, Karl A. "Psychoanalytic Aspects of Suicide". Op. cit, p. 28.
[143] Idem, p. 31.
[144] Idem, p. 33.
[145] Idem, p. 34.

Concluindo, para Menninger, as tendências de auto-destruição são composta de pelo menos dois elementos: o desejo de matar e o desejo de morrer, sendo o primeiro um elemento agressivo e o segundo, submisso. Aos dois elementos, ainda pode ser adicionada a variável do desejo de morrer, contudo, este ainda sem evidências definitivas.

Estes três elementos seriam derivados do ego (desejo de matar), do super-ego (desejo de morrer) e do Id (desejo de morrer), sendo que estes três elementos são variáveis, sem uma proporção exata, pois em cada caso de suicídio, um destes elementos encontra-se em maior proporção do que os outros. Razão esta pela qual o suicídio pode ser: diretamente ou indiretamente concluído, ou ainda ser completo ou incompleto.

1.3.3. Gregory Zilboorg

Gregory Zilboorg (1891-1959), um russo, que imigrou para os Estados Unidos. Formou-se em medicina, tendo se especializado em psicanálise e psiquiatria. Ele foi um prolífero estudioso, sendo conhecido pelos seus trabalhos publicados referentes à psicose pós-parto; à criminologia; à esquizofrenia ambulatória; e ao suicídio. Entre os anos de 1934 e 1938, ele escreveu no mínimo quatro artigos tendo o suicídio como tema. [146]

No seu artigo *Differential Diagnostic Types of Suicide* [147], de 1936, Zilboorg menciona que as visões sobre o suicídio haviam mudado pouco de geração para geração nos últimos 150 anos.

> Visto com medo e certa vergonha psicológica, suicídio aparece hoje para a psiquiatria como ele fazia no passado, como uma anormalidade das reações mentais, ou mais especificadamente como uma aberração do instinto de auto-preservação, procedendo daquilo que tem se tornado habitualmente chamado afeto depressivo inadequado. Este ponto de vista, enquanto redigida em termos atuais, difere pouco daquele expressado por várias gerações de psicólogos médicos, que por sua vez herdaram-no da tradição originada por Santo Agostinho [suicídio tido como um pecado]. [148]

Em razão disto, pouco se tem mudado da visão negativa do suicídio, entretanto, quando se tratando da opinião há certa ambivalência em como o suicídio era visto, tanto

[146] MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996, p. 36.
[147] ZILBOORG, Gregory. "Differential Diagnostic Types of Suicide." Archives of General Psychiatry 35: 270 – 291, 1936. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.
[148] ZILBOORG, Gregory. "Differential Diagnostic Types of Suicide." Op. cit, p. 37.

por desprezo como por admiração. A tradição de desaprovar o suicídio fez com que, nos tempos modernos, houvesse a identificação dos suicidas como parte do grupo dos insanos, razão pela qual fez os estudiosos observarem o suicídio com base patológica.

Zilboorg critica o consenso presente no simpósio sobre o suicídio, que ocorreu em Viena em 1918, de que "toda pessoa é vítima de fortes impulsos agressivos na qual ela falha em expressá-lo externamente e na qual ela, como resultado, direciona-os internamente, em si próprio" [149], visto que este consenso não estabelece nenhum critério teórico, nem também clínico.

> Fundamentalmente a fórmula [o consenso visto acima] estava correta, mas ela era muito geral para possuir qualquer real valor, por um tempo era verdade que qualquer um que quer ou que comete suicídio sofre de fortes impulsos agressivos assassinos, estes impulsos são tão universais que de acordo com só esta fórmula todo o mundo deveria estar em perigo de cometer suicídio, o que obviamente não é verdade. [150]

Segundo ele, esta compreensão foi posteriormente melhorada, só que parcialmente, por Freud, cujas pesquisas tiveram impacto na riqueza dos dados clínicos coletados e, assim, houve um melhor entendimento das psicoses depressivas. Contudo, esta compreensão não veio a explicar o suicídio, em si, mas sim na fantasia-vida das psicoses maníacas depressivas.

> Um pode postular que todo caso de suicídio em potencial deve conter evidências clínicas de forte hostilidade inconsciente combinado com uma incomum incapacidade de amor por outros, e se esta evidência é encontrada em um caso cujas características depressivas que parecem suicídio tornar-se um perigo real, mesmo que o paciente nunca expresse o desejo de autodestruição. [151]

Zilboorg critica o conhecimento clínico sobre o suicídio da sua época como limitado, visto que a tradição enfatizava que a depressão era um sinal de suicídio em potencial e que os casos de suicídio em que a pessoa não havia sido diagnosticada com depressão, eles a tinham como falta de diagnóstico perspicaz e que não observaram, atenciosamente, aos sinais de depressão. Para ele,

> pacientes com outras do que a depressão típica são prováveis de cometerem suicídio, e na luz da atual experiência clínica Freud não subscreveria à sua declaração de que pacientes neuróticos, particularmente aqueles com neuroses obsessivas (compulsivas), aparecem ser imunes aos impulsos suicidas. [152]

Com base nas evidências estudadas pelo autor, ele mostra que as neuroses, além das psicoses depressivas, podem levar ao suicídio. Além das neuroses, para Zilboorg, a

[149] ZILBOORG, Gregory. "Differential Diagnostic Types of Suicide." Op. cit, p. 40.
[150] Ibidem.
[151] Idem, p. 45.
[152] Idem, p. 47.

esquizofrenia também poderia levar às tendências e aos atos suicidas. Entretanto, vale notar que para o autor não há uma única entidade psiquiátrica que seja imune ao suicídio, logo não serve como diagnóstico confiável ou critério prognóstico, a ausência ou o aparecimento de mecanismos com características de depressão.

Na busca por características que mostram sinais de psicoses e neuroses suicidas, Zilboorg notou que, nas neuroses compulsivas com tendência suicida, as pessoas "mostram todos os traços característicos que foram descritos por Freud como anal: eles são irritados, persistentes, teimosos, frios, opostos, sarcásticos, misofóbicos[153] em vários níveis, mesquinhos e rancorosos." [154] Nesta forma de suicídio, a razão pela qual a pessoa comete o suicídio é devido à vingança ou a um ato de agressão contra o mundo, além de apresentarem também relações de sadismo, agitação e agressividade.

Além disto, as pessoas com neuroses compulsivas ainda podem apresentar reações de rancor, que aliados à agitação, sarcasmo, um leve estado de apavoramento, e também agressividade e reações de ódio, devem ser tidos com sinais de perigo e possivelmente precursores de um suicídio impulsivo.

Contudo, as reações de rancor, por si só, não justifica o suicídio, visto que está ligado intimamente com inúmeros outros fatores que contribuem em diferentes graus de importância.

> Destes fatores, um é parte frequente da estrutura psicológica da pessoa suicida e parece desempenhar um importante e provavelmente um papel decisivo no número de suicídios. Este fator é complexo, e ele aparentemente é profundamente enraizado em ambos os pontos de vista ontogenética e filogenética. [155]

Zilboorg também notou que nos casos de suicídio com identificação com os mortos, bem como em outros casos, a pessoa, que tentou ou se suicidou, havia dormido no quarto dos seus pais durante a sua infância, ou mais precisamente até tarde na sua infância. Para o autor, essa situação pode provocar uma simulação incomum na criança, em relação aos seus desejos do Édipo, resultando, posteriormente, em conflitos. Quanto mais fortes forem estes desejos e conflitos, mais perigosa será a situação de morbidade.

O suicídio torna-se ainda mais provável quando o paciente na sua infância foi constantemente e fortemente estimulado pelo afeto de um dos seus pais ou pela vida íntima deles – o que Zilboorg considera como dormindo no mesmo quarto com os pais

[153] Misofobia – Horror mórbido do contato com certos objetos, por medo de contaminação. Fonte: Dicionário Michaelis Online.
[154] ZILBOORG, Gregory. "Differential Diagnostic Types of Suicide." Op. cit, p. 52.
[155] Idem, p. 54.

até ou além a idade dos seis anos. A grande possibilidade ao suicídio também pode ocorrer nos casos de "evidência de um forte anlage[156] oral ou fixação ou ambos" [157], esta evidência também mostra a uma reação depressiva.

Como a inclinação ao suicídio não depende e também não é derivada de nenhuma doença psiquiátrica, para Zilboorg, por isto o suicídio deve ser "visto preferivelmente como uma reação ao desenvolvimento natural que é universal e comum aos doentes mentais de todos os tipos e provavelmente os chamados de pessoas normais." [158]

Segundo o autor, a busca pela resposta ao suicídio pode ser auxiliada pela etnografia, visto que:

> A universalidade da reação, e particularmente de algumas de suas principais características, como a incorporação oral, rancor e identificação com os mortos, levam um a suspeitar que um esteja lidando com uma forma arcaica da resposta humana aos seus vários conflitos internos, e que seria prontamente um procurar uma resposta ao problema no estudo das raças primitivas e suas reações levando ao suicídio. [159]

Mecanismos do suicídio identificados em casos clínicos, também podem ser observados em muitas lendas das raças primitivas, como a frustração oral e a rejeição. Inclusive, para Zilboorg, os atos rituais das comunidades primitivas não desapareceram da vida psíquica da pessoa civilizada, apenas ficaram marcados no inconsciente das pessoas. Estas vêm a tona quando o indivíduo encontra-se em certas circunstancias de estresse psicológico na presença do suicídio impulsivo.

A agressão contra a si mesmo possui um grande significado sociológico, visto que o indivíduo busca a sua morte pelo simples fato que a agressão é proibida, razão esta que remota aos povos primitivos. Para ele, muitas das motivações ao suicídio apresentam traços da tradição arcaica, como nos casos da predominância da identificação com os mortos, isto porque a morte foi uma das principais causas de suicídio nas comunidades primitivas, como exemplo: o suicídio da esposa após a morte do seu esposo.

Para Zilboorg, a etnologia auxilia na observação dos paralelismos entre os suicídios atuais (referentes à época em que foi escrita) e as tradições primitivas

---

[156] ANLAGE – termo sem tradução para o português. Este termo em inglês foi emprestado do alemão, que na psicanálise significa a predisposição a um determinado traço ou característica da personalidade. Fonte: http://www.medterms.com.
[157] ZILBOORG, Gregory. "Differential Diagnostic Types of Suicide." Op. cit, p. 57.
[158] Idem, p. 58.
[159] Ibidem.

relacionadas ao suicídio, logo, deve-se buscar o auxílio de dados antropológicos para um melhor entendimento do suicídio.

Gregory Zilboorg continua nesta linha de pensamento no seu artigo seguinte referente ao suicídio, *Considerations on Suicide, with Particular Reference to That of the Young*[160], publicado em 1937.

Neste seu segundo artigo referente ao suicídio, o autor critica a idéia de que o senso comum explica o suicídio, pois isto vem a mostrar a inerente superficialidade humana, "superficialidade que nasce da aflição humana universal, e que leva o homem a agarrar em qualquer palha da plausibilidade externa, quando confrontado com o desconforto de olhar mais perto e mais profundo dentro do problema da morte e vida."[161]

Segundo Zilboorg, o suicídio vai contra a verdadeira essência da biologia humana, que seria a vida. Contudo, ele veio a criticar a explicação, em especial de Karl Menninger, para o suicídio pelo conceito do instinto de morte, visto que para ele "dizer que o instinto de morte ganha vantagem sobre o instinto de vida é meramente um forma elaborada de dizer que o homem morre ou se mata." [162], assim, não auxiliando no entendimento do suicídio do ponto de vista da psicopatologia clínica ou sociologia pragmática.

Para ele, descartando as visões que oferecem pouca validade cientifica, só sobram dois métodos de orientação, que seriam a sociologia e a psicologia, as quais vêem a se complementarem. Estudos econômicos e estatísticos além de oferecer dados impessoais, mas qualificados, e certa objetividade, podem apresentar o risco de só buscar os fatores econômicos para explicar o suicídio.

A estatística, para ele, caso não seja aliada a alguns fatores, não fornece auxilio ao estudo do suicídio. Para que esta venha a auxiliar, é necessário que esteja vinculada com o estudo de vida dos indivíduos – história de suas vidas, bem como os seus respectivos desenvolvimentos psicológicos – por trás dos dados. Para ele, os dados estatísticos possuem dois defeitos importantes:

> A primeira e a mais importante [...]: o dado, des-individualização da pessoa como tal, concentra-se em estatísticas com o resultado que estamos mais do que nunca removidos da psicologia do suicídio. O segundo defeito [...]: dados estatísticos do suicídio são compilados de estatísticas vitais e são, então,

[160] ZILBOORG, Gregory. "Considerations on Suicide, with Particular Reference to That of the Young". American Journal of Orthopsychiatry, 7: 15-31, 1937. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.
[161] Idem, p. 64.
[162] Idem, p. 65.

> nunca completas, pois apenas representam aqueles casos que coloca julgamento, i. e. o médico legista, aceita como suicídio. [163]

Isto é possível visto que há casos que com uma investigação profunda revelaria reações suicidas, mas foram caracterizados por outras mortes, como acidentes e doenças. Logo, para este autor, as estatísticas precisam estar ligadas aos estudos etiológicos e da patogênese, para que não induzam a resultados equivocados.

Quanto ao estudo do suicídio pela visão da psicologia, Zilboorg criticou que os ensaios psicológicos possuem certa impessoalidade e que, ao invés de observarem o suicídio pela ótica individual, filosófica e psicológica, as observam pela ótica da religião e da ideologia, como determinantes aos suicídios.

Mais uma vez, Zilboorg critica a psicopatologia ao concentra-se na ligação da pessoa depressiva com o suicídio, pois para o autor "todas as reações psicológicas, normais ou anormais, apresentam reações emocionais quer sejam óbvias ou ocultas, e quer a figura clínica seja de um depressivo agitado ou de um pasmo catatônico." [164], logo não se pode separar o componente emocional da entidade.

A psicanálise, apesar de inicialmente ter associado à depressão ao suicídio, após a visão de Freud, que descreveram a psicologia dos depressivos e seus mecanismos de incorporação oral aliada à agressão contra si, passou-se a descrever os processos psíquicos em termo da anatomia topográfica e a economia da personalidade humana.

Assim, a psicanálise passou a mostrar que o ato do suicídio possui razões inconscientes, tanto que o método utilizado pelo indivíduo trás aspectos do inconsciente infantil deste indivíduo, logo: "o suicídio por afogamento aponta para uma fantasia intra-uterina, suicídio por pular fora de uma janela para uma fantasia de nascença, e o suicídio por tiro em certos aspectos do inconsciente homossexual." [165] Isto mostra a contribuição da psicanálise no entendimento de questões profundas do suicídio, contudo, ao mesmo tempo não explica seus aspectos dinâmicos e econômicos.

Para Zilboorg, o suicídio consiste em algo complexo, que difere em diversos aspectos, tais como: o método usado, o histórico psicológico do indivíduo e as suas atitudes, além do mais, a unidade suicida apresenta uma força elementar psíquica, que é universal por sua natureza. Logo, devido à variedade de reações suicidas, ele observou a

[163] ZILBOORG, Gregory. "Considerations on Suicide, with Particular Reference to That of the Young". Op. Cit. p. 67.
[164] Idem, p. 70.
[165] Ibidem.

necessidade de uma tipologia adequada, contudo, esta estava longe de realizada, pois ainda havia uma lacuna nos materiais clínicos que possibilitaria a realização disto.

Voltando a questão da ligação dos suicídios modernos com o suicídio dos povos primitivos, ele notou que quando a pessoa se arruma para se suicidar, isto se devia as tradições primitivas, na qual era costume a pessoa vestir suas melhores vestimentas para cometer suicídio. Logo, para ele isto vai contra o pensamento de que o suicídio consiste num monopólio das sociedades civilizadas, visto que o suicídio não é algo típico destas.

O suicídio não seria nem um privilégio nem do homem civilizado, nem da raça humana em geral e, além do mais, o suicídio consiste num fenômeno universal, cujo aspecto é mais biológico do que sociológico. De tal modo que para o suicídio ser demonstrado como um fenômeno biológico complexo, deve-se procurar no instinto da vida do homem – dentre povos primitivos e crianças – a pista para a patogênese do suicídio. Apesar disto não ser substancialmente corroborado, alguns fatos confirmam esta suposição.

Fatos como, no crescimento na idade dos grupos estudados observa-se um aumento das taxas de suicídio, mostrando que "a obvia conclusão tirada destes dados é que a idade da puberdade aparenta ser um período crucial quanto ao desenvolvimento da propulsão ativa da autodestruição estão em causa." [166]

O suicídio de homens, entre os indivíduos civilizados, possui uma taxa maior do que os das mulheres, porém, quando se trata das questões dos povos primitivos, observa-se o contrário. Para Zilboorg, isto mostra que os motivos internos para o suicídio são diferentes entre os gêneros. Os motivos para o homem deviam-se a causa de conflitos internos referentes à passividade e às aspirações femininas, como a homossexualidade – fator que também mostra a razão pelas as quais os homens se suicidam mais por armas e também porque o suicídio aumenta com o aumento da idade, visto que os desejos homossexuais se tornam mais agudos da puberdade em diante.

O suicídio de uma criança, apesar dos seus poucos estudos, mostra que estes agem pelo impulso e por razões menos racionais do que em comparação às razões dos adultos. As crianças agem mais por questões de medo ou rancor, ou talvez ambos, pois temem serem punidas e para evitar isto, acabam buscando a morte. Vale observar que o medo e o rancor também são fatores que impulsionam o psicológico, tanto que estes fatores também foram observados como impulsionando o suicídio da maioria dos

[166] ZILBOORG, Gregory. "Considerations on Suicide, with Particular Reference to That of the Young". Op. Cit. p. 73.

primitivos e das raças semi-civilizadas, pois estes se suicidavam quando a vitória do inimigo estava perto.

O suicídio por medo e rancor além de estar presente nos suicídios de crianças e dos primitivos, encontra-se presente também nos suicídios de neuróticos compulsivos e de criminosos capturados. Apesar do medo poder causar reações de espírito combativo, isto não ocorre quando o medo encontra-se associado ao ressentimento, pois a agressão volta-se para si próprio, como ocorre com os criminosos com receio de serem condenados a morte. Além do mais, o suicídio do criminoso condenado também pode ser uma forma de ridicularizar a lei e tirando dela o seu poder de vingança.

Estes mecanismos psíquicos – medo, rancor ou frustração – podem ser encontrados frequentemente nos povos primitivos, crianças, neuróticos compulsivos depressivos e idosos, devido ao fato de que quanto mais primitivo um indivíduo for, menor será o desenvolvimento da organização do seu ego. Já o suicídio na puberdade ou após a mesma devia-se mais como resultado de frustrações dos desejos genitais, do que propriamente de rancor e de frustrações orais, como se acreditava anteriormente.

> Este tipo de frustração no amor age psicologicamente como uma proibição, como uma ameaça à vida do ego, em breve, como a castração de um desejo Édipo; consequentemente, todos os casos de suicídio entre os jovens apresenta mais ou menos explosões agudas das dificuldades do Édipo, embrulhadas particularmente no problema da castração e homossexualidade (em homens). [167]

Para Zilboorg, o suicídio, assim, como a guerra, o assassinato e a revolução, consiste num fenômeno natural bio-sociológico, que "não pode ser prevenido mesmo entre os mais cultos entre nós a não ser que seja considerada uma forma da expressão instintiva do que um "engano" da sociedade, um escorrego da mente, ou um defeito, ou uma perversão da natureza." [168]

Gregory Zilboorg continua sua exposição sobre o suicídio no seu texto *Some Aspects of Suicide*[169], inicialmente apresentado em 1938, mas só publicado em 1975. Nele o autor afirma que o suicídio, em si, consiste, geralmente, na suprema forma de manifestação da agressão.

O ato do suicídio está intimamente, não raro, ligado aos conflitos inconscientes de um indivíduo, visto que as ações reprimidas são colocadas no inconsciente e

[167] ZILBOORG, Gregory. "Considerations on Suicide, with Particular Reference to That of the Young". Op. Cit. p. 79.
[168] Idem, p. 81.
[169] ZILBOORG, Gregory. "Some Aspects of Suicide". Suicide and Life Threatening Behavior 5: 131-139, 1975. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.

futuramente esta agressão interna voltará a si próprio, na forma de desejos suicidas. Ele também observou "que pessoas com fortes impulsos orais, fortes impulsos para sentir ciúmes ou agressão, mostra um inconsciente emocional, preferencialmente selecionando o método por enforcamento, ou veneno." [170]

Pode-se observar que esta agressão reprimida depois de uma tentativa de suicídio, apresenta-se, na maioria dos casos, em menor escala, ainda mais nos casos em que o indivíduo chegou a ficar inconsciente, mas depois foi reanimado. Assim, pode-se observar que o suicídio foi uma forma de liberar essa agressão guardada, tanto que o seu fator diminui após uma tentativa de suicídio.

Para o autor, "é legitimo, cientificamente imperativo, e clinicamente inevitável reconhecer ameaças [de suicídio] antes que eles se tornem atos." [171] Este ato, em si, não significa somente a própria ação de se matar, mas também a ação de mencionar verbalmente o desejo de morrer e de se matar, assim, como as ameaças.

Aliás, a primeira forma do suicídio – podendo ser o sacrifício humano ou voluntário – encontrava-se intimamente ligada a morte, podendo esta ser do esposo, do chefe, do pai, etc. Para ele, o sacrifício – termo inventado pela nossa civilização – humano era realizado por pessoas voluntariamente, não iam para a morte em si, mas para entrar para uma vida melhor e mais gloriosa.

Este sacrifício também estava intimamente ligado a morte, pois a sua realização devia em ocorrência a uma conexão com a morte ou com a memória de uma pessoa morta. Razão esta que aparentemente passou para o homem civilizado, devido ao suicídio ou tentativa de suicídio de pessoas na data de aniversário de morte de uma pessoa, que tenha ocorrido quando aquele se encontrava entre os 4 a 6 anos ou entre os 12 a 14 anos. Assim, mostrando mais uma vez a ligação do suicídio dos povos civilizados com as tradições primitivas.

Em relação às pessoas depressivas, segundo Zilboorg, não se deve encorajá-los, nem adulá-los a sair da depressão, pois isto de tornará como uma forma de prisão interna e o indivíduo depressivo tornar-se-á mais hostil e, então, o suicídio será buscado por este. Zilboorg também menciona que os suicídios ocorrem mais de forma impulsiva do que premeditado, tanto nas pessoas normais como nos doentes mentais, razão pela qual não se observa sinais de desejos suicidas. O grau de agressão ou seu degrau de

[170] ZILBOORG, Gregory. "Some Aspects of Suicide". Op. Cit. p. 85.
[171] Idem, p. 86.

gratificação, contudo podem ser considerados como possíveis sinais de um suicídio em potencial.

Concluindo o pensamento de Gregory Zilboorg, para ele:

> [...] deste ponto de vista eu diria que não há uma única variedade clínica que nós conhecemos na nossa classificação psiquiátrica que nasce de desejos suicidas, não há uma única que nasce efetivamente da realização de idéias suicidas. Eu não irei tão longe como Karl Menninger fez e disse que todas as doenças como suicídios completos, ou suicídios parciais, e fazer todo o campo do suicídio uma operação biológica. Isto é bastante extraordinário que este conceito devia aparecer na mente de um ocidental, e que eu que sou russo – e o russo tradicional é inclinado na destruição – deveria sair com o alegre e ao todo idéia americana de atribuir todas as formas de doença aos desejos suicidas é muito russo par mim apesar de eu estar em Kansas [EUA]. [172]

1.3.4. Jean Baechler

Jean Baechler, em 1978, publicou em Paris a sua obra *Les suicides* e segundo Shneidman, ele:

> não é psiquiatra. psicólogo, ou sociólogo, mas um estudante de revoluções, a Maitre de Recherche at the Centre National de La Recherche Scientifique em Paris – estudando suicídio como se fosse uma revolução individual de algum tipo e produzindo um dos mais perspicazes e volumes analíticos sobre o suicídio que existe. [173]

Para Jean Baechler o suicídio é uma solução para um determinado problema, visto que o suicídio sempre está disponível para quando um a desejar. "O próprio ato pode ser chamado nem de normal nem de patológico: ele é simplesmente, do ponto de vista do sujeito, lógico." [174]

> É falsa ou pelo menos unilateral argumentar que a pessoa suicida está procurando a morte. Usando a terminologia de Shneidman, um deve distinguir cessação (total e aniquilação definitiva), terminação (com esperança de uma vida após a morte), interrupção (temporariamente saindo de circulação), e continuação (desejo de se livrar de algo intolerável). [175]

A visão de Baechler difere das visões psicodinâmicas, sociais e epidemiológicas, pois para ele o suicídio deveria ser observado sobre o ponto de vista das vítimas, que falham nas lutas da vida. Na sua abordagem, Jean apresenta uma nova taxonomia do comportamento suicida, cuja idéia central é o suicídio como uma solução das situações

---

[172] ZILBOORG, Gregory. "Some Aspects of Suicide". Op. Cit. p. 92.
[173] SHNEIDMAN, Edwin S. **Comprehending Suicide: Landmarks in 20th – Century Suicidology.** Washington, DC: American Psychological Association, 2007, p. 103.
[174]BAECHLER, Jean. Suicides. New York: Basic Books, 1979. In: SHNEIDMAN, Edwin S. **Comprehending Suicide.** Op. Cit. p. 116.
[175] BAECHLER, Jean. Suicides. Suicides. Op. cit, p. 117.

internas e externas, tidas como um problema, embora, não tratando com indiferença o estado mental de uma pessoa suicida. [176]

Baechler propôs quatro diferentes tipos de suicídio: "suicídios escapistas, tanto de fuga ou de luto e punição; suicídios agressivos, tanto de crime e vingança ou de extorsão e apelo; suicídios oblativos de sacrifício ou transfiguração; e suicídios lúdicos, envolvendo a provação ou o jogo." [177]

Os escapistas foram designados para descrever os suicídios que ocorrem como uma fuga de uma situação. "A fim de cometer um suicídio de fuga é para escapar por tirando a sua vida de uma situação tida pelo sujeito como de intolerável." [178] Este tipo de suicídio ocorre pela combinação das emoções ou pela perda do elemento central da personalidade, ou ainda pelo modo de vida. O suicídio escapista ainda foi subdividido em dois, o de fuga e o de luto. [179]

Os suicídios agressivos foram divididos em quatro subgrupos: crime, que envolve a morte de uma segunda pessoa; vingança, visto como uma forma de causar remorso; extorsão; e, o último, apelo, que seria como uma forma de avisar o perigo pela qual a pessoa passa, aos familiares e amigos. [180]

Os suicídios oblativos de sacrifício ou transfiguração seriam os suicídios visando seguir os valores, tradições e imposições de um determinado Estado ou circunstância, sendo que esta forma de suicídio é praticamente desconhecida na atualidade. O último tipo seria os suicídios lúdicos, que envolvem a provação de si próprio e o jogo. [181]

Para Jean Baechler, devemos considerar três variáveis quando buscamos explicar um único caso de suicídio, sendo estas as variáveis: "primeiro, como o problema real ou imaginário é percebido pelo sujeito, segundo, a personalidade do sujeito na sua capacidade para responder adequadamente ao seu problema; e terceiro, a decisão em si." [182]

Ele diz que não devemos considerar a sociedade como causadora do suicídio, contudo, a sociedade pode sim determinar situações que, possivelmente, podem levar os indivíduos a considerarem-nas como um problema. A decisão em praticar o suicídio

[176] SHNEIDMAN, Edwin S. **Comprehending Suicide.** Op. Cit.
[177] Ibidem.
[178] BAECHLER, Jean. Suicides. Op. cit, p. 111.
[179] SHNEIDMAN, Edwin S. **Comprehending Suicide.** Op. cit.
[180] Idem, p. 105.
[181] Ibidem.
[182] BAECHLER, Jean. Suicides. Op. cit, p. 118.

consiste na manifestação da liberdade humana, que poderá escolher se irá praticar o ato em si ou não.

> A única lógica e sólida conclusão é [...]: qualquer que seja a sociedade, um não pode construir sua própria vida sem esforço ou habilidade, e que isto inevitavelmente leva para dificuldades ou fracassos. [A vida] não é um sonho mas um teste: a retirada precipitada pelo suicídio confere a nós a oportunidade de tirar nossas vidas a qualquer momento. [183]

1.3.5. Edwin Shneidman

Edwin Shneidman foi o fundador, em 1968, da American Association of Suicidology e é tido como o instituidor da suicidologia moderna. Ele também foi o co-diretor do Centro de Prevenção ao Suicídio de Los Angeles, além de ter escrito, editar e ser co-editor de diversos livros sobre o suicídio, e de ter ensinado em grandes universidades americanas.

Para Shneidman, a natureza do suicídio é essencialmente psicológica.

> A imagem de uma arbórea pode ser útil: veja a árvore; aquela árvore. Há uma química da terra em que a árvore vive. A árvore existe num clima sociocultural. O estado bioquímico de um indivíduo, por exemplo, são suas raízes, figurativamente falando. O método de um indivíduo cometer suicídio, os detalhes do evento, o conteúdo das cartas dos suicidas, e assim por diante, são metaforicamente as ramificações, o fruto imperfeito, e as folhas camufladas. Mas o componente psicológico, a escolha consciente do suicídio como aparentemente a melhor solução para o problema percebido, é o tronco principal. [184]

Foi Shneidman que criou o termo "psychache"[185], que seria a causadora do suicídio. Para ele,

> Psychache refere-se à ferida, angústia, sofrimento, dor, tormento psicológico na psique, a mente. Ele é intrinsecamente psicológica – a dor de excessiva vergonha, ou culpa, ou humilhação, ou solidão, ou medo, ou angústia, ou pavor de envelhecer ou de morrer horrivelmente, ou qualquer que seja. Quando ele ocorre, sua realidade é introspectivamente inegável. Suicídio ocorre quando o psychache é considerado pela pessoa como insuportável. Isto significa que o suicídio também tem ligação com diferentes limiares individuais para suportar a dor psicológica. [186]

A falha em tentar correlacionar ou relacionar o suicídio à outras variáveis, tais como: idade, raça, gênero, socioeconômico, categorias psiquiátrica, deve-se simplesmente pelo fato que os estudiosos esquecem a variável que realmente importa, que seria a psychache, pois só esta possui a capacidade de se relacionar ao suicídio.

---

[183] BAECHLER, Jean. Suicides. Op. cit, p. 122.
[184] SHNEIDMAN, Edwin. **The Suicidal Mind.** New York: Oxford University Press, 1998, pp. 5-6.
[185] SHNEIDMAN, Edwin. "Suicide as Psychache". Journal of Nervous and Mental Disease 181: 147-149, 1993. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.
[186] Idem, p. 634.

A satisfação às necessidades psicológicas de uma pessoa consiste no propósito da maioria de suas atividades. As necessidades psicológicas estão ligadas as dores psicológicas. Então, o suicídio seria relacionado àquelas, tendo em vista que consiste numa necessidade acabar com dor psicológica intolerável. "Além do mais, o que causa a dor é o bloqueio, impedimento, ou frustração de certas necessidades psicológicas que a pessoa considerava ser vital para continuar vivendo." [187] Segundo Shneidman, "o suicídio não é adaptativo, mas ajustado no sentido que ele serve para reduzir tensão da dor relacionada às necessidades bloqueadas." [188]

O suicídio também está relacionado à felicidade, contudo, quando esta se refere aquela felicidade sentida somente numa infância favorável e não a felicidade relacionada à posse de objetos. Visto que a felicidade que se vivencia na infância, funciona como um conforto, anestesia psicológica e a anulação da dor, ou seja, como o autor menciona, esta forma de felicidade funciona como uma forma de êxtase.

Shneidman, digamos, criou um meio de se detectar a dimensão da psychache, que seria feito ao classificar a personalidade de um indivíduo com base nas suas necessidades, ou mais precisamente, em 20 necessidades. Com estas feitas, deve-se atribuir a cada necessidade um valor, desde que somando as 20 necessidades tenha-se um total de 100.

Deste modo, o suicídio estaria relacionado a dois sets de disposição ou do set do peso relativo das necessidades, que seriam as necessidades modais e as necessidades vitais – quando o indivíduo está sob ameaça ou coação, estes entram em jogo. Nos suicídios cometidos pode-se observar que estes foram cometidos devido à frustração de dois ou três de suas necessidades. Portanto, para se prevenir o suicídio, deve-se observar as necessidades psicológicas frustradas e tentar mudar isto, ou seja, "acalmar a psychache".

Apesar da aparente associação do suicídio com a depressão, para Shneidman isto não é verdadeiro. Enquanto que a depressão possui causas fisiológicas, biológicas e genéticas, o seu tratamento consiste na utilização de medicamentos, já o suicídio é um evento fenomenológica, que não possui tratamento, mas meios de auxiliar a tempestade pela qual a mente passa, que seria a terapia e trocas de ambientes.

Além do mais, apesar de em todos os suicídios observa-se que os indivíduos estavam perturbados – não necessariamente sendo doentes psiquiátricos -, o suicídio

[187] SHNEIDMAN, Edwin. "Suicide as Psychache". Op. Cit. P. 634.
[188] Ibidem.

não consiste numa doença psiquiátrica. "Depressão nunca causa suicídio, mais propriamente o suicídio resulta de psychache severa, acoplada com mal-estar, constrição da capacidade perceptiva, e a idéia de morte preferível a vida." [189] Então, pode-se notar que a depressão não é mortal. O mesmo não se pode dizer da psychache severa.

Concluindo, Shneidman comenta que nos seus 40 anos de estudos da suicidologia, ele possuí certas crenças sobre o suicídio:

> 1. A explicação do suicídio na humanidade é a mesma que a explicação do suicídio de qualquer humano em particular. Suicidologia, o estudo do suicídio humano, e a autopsia psicológica (de um caso particular) são idênticas nos seus objetivos: para mordiscar o quebra-cabeça da auto-destruição humana.
> 2. O fato mais evidente sobre a suicidologia e eventos suicidas é que eles são multidimensionais, multifacetados, e multidisciplinar, [...].
> 3. Da visão dos fatores psicológicos do suicídio, o elemento chave em todos os casos é a dor psicológica: psychache. [...].
> 4. Indivíduos possuem diferentes limiares para aguentar e tolerar dor; assim, a decisão individual de não suportar a dor é também diretamente relevante.
> 5. Em todos os casos, a dor psicológica é criada e alimentada pela frustração das necessidades psicológicas. [...].
> 6. Há necessidades psicológicas modais com que a pessoa vive e há as necessidades psicológicas vitais cuja frustração não pode ser tolerada. Dentro do indivíduo, estes dois tipos de necessidades são psicologicamente constantes um com o outro, porém não necessariamente o mesmo que o outro.
> 7. A remediação (ou terapia) do estado suicida encontra-se no endereçamento e acalmando as necessidades vitais frustradas. [...]. Frequentemente, apenas uma pequena suavização das necessidades frustradas do paciente podem mudar o balanço vital suficientemente para salvar a vida. [190]

1.3.6. Beck

Aaron T. Beck, atualmente, é professor de psiquiatria da University of Pennsylvania, tendo contribuído para os estudos do suicídio, mas, principalmente, para os estudos do desenvolvimento da terapia cognitiva, em especial, da depressão. [191]

> A tese de Beck sobre comportamento suicida incorpora dois temas que ocorrem no levantamento histórico do suicídio; a saber, o conceito de que a desesperança (hopelessness) é um agente catalítico e que a razão debilitada possui um papel importante na maioria dos casos de desesperança e, consequentemente, no comportamento suicida. O principal impulso no argumento de Beck é que o comportamento suicida de pacientes depressivos é derivado de distorções cognitivas específicas: o paciente sistematicamente ignora suas experiências de um modo negativo e, sem base objetiva, antecipa o resultado negativo de qualquer tentativa de atingir seus objetivos maiores ou metas. [192]

---

[189] SHNEIDMAN, Edwin. "Suicide as Psychache". Op. Cit. p. 637.
[190] Idem, pp. 637-638.
[191] MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996, p. 331.
[192] BECK, Aaron T.; KOVACS, Maria; WEISSMAN, Arlene. "Hopelessness and Suicidal Behavior". Jornal of the American Medical Association 234: 1146-1149, 1975. In: MALTSBERGER, John T;

A teoria cognitiva de Beck:

> Considera o modo como a unidade estrutural e organizacional que contém determinados esquemas como uma suborganização específica dentro da organização da personalidade que incorpora os componentes básicos da mesma: componentes cognitivos, afetivos, comportamentais e motivacionais. [193]

Devido aos inúmeros e contraditórios termos utilizados para designar e classificar os atos suicidas, Beck e colegas, em conjunto com um comitê do Centro de Estudos de Prevenção do Suicídio, prepararam uma novo nosologia ao comportamento suicida. A classificação baseou-se na quantificação da intenção ao suicídio e, assim, chegaram a três categorias: suicídio consumado; tentativa de suicídio; e ideação suicida. [194]

Com relação à questão da desesperança e a intenção suicida[195], Beck mostrou que aquela consiste numa indicação mais forte da intenção suicida, do que realmente a depressão. Logo,

> As implicações deste achado para a terapia de indivíduos suicidas são importantes. A cognitiva e fenômeno atitudinais da desesperança são importantes sintomas alvos em tratando de indivíduos suicidas. O clínico é mais provável para controlar a situação ao direcionar a desesperança do paciente do que lidando com seus atos de manifestação autodestrutivos. Ao focalizar na redução da desesperança do paciente, o profissional poderá possivelmente aliviar crises suicidas mais efetivamente do que no passado. [196]

Assim, a formulação da desesperança de Beck possibilitou uma lógica cognitiva e abordagens para se corrigir as concepções errôneas presentes nas atitudes suicidas. "Quando as expectativas negativas são relacionadas aos vários fatores reais da vida, o presente achado pode auxiliar na identificação do ponto de partida para os profissionais cuja suprema meta é mudança social construtiva." [197]

GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996, p. 333.

[193] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "As Teorias do Suicídio". In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. **Suicídio: Uma Morte Evitável.** São Paulo: Atheneu, 2006, p. 43.

[194] BECK, Aaron T.; KOVACS, Maria; WEISSMAN, Arlene. Op. cit.

[195] "Intenção Suicida foi conceituado em termos do peso relativo do desejo de viver do paciente e do desejo de morrer, seu impedimento psicológico contra ceder aos desejos suicidas, e o grau a que ele tem transformado seus desejos suicidas em um plano concreto ou ato efetivo orientado para a morte." BECK, Aaron T.; KOVACS, Maria; WEISSMAN, Arlene. Op. cit, p. 334.

[196] BECK, Aaron T.; KOVACS, Maria; WEISSMAN, Arlene. Op. cit, p. 339.

[197] Ibidem.

Em resumo, como se pode observar pela literatura apresentada, que não há um consenso sobre a causa do suicídio, mas uma grande variedade e diversificação das teorias e das visões para se explicar o fato. Onde há consenso, porém, é que como o suicídio consiste num fenômeno complexo, o seu entendimento só pode ser multidimensional, como bem mostra Edwin Shneidman:

> O fato mais evidente sobre a suicidologia e eventos suicidas é que eles são multidimensionais, multifacetados, e multidisciplinar, contendo, como fazem, concomitantemente biológico, sociológico, psicológico (interpessoal e intrapsíquico), epidemiológico, e elementos filosóficos. [198]

Apesar do auxílio que todos nos campos de estudo do suicídio pode nos trazer, neste trabalho o suicídio será abordado, principalmente, pela visão sociológica. Isto porque a nossa fonte de estudo será feita, sobretudo, de dados estatísticos, elaborados a partir das notícias dos jornais.

Vale observar, que as notícias, sobre os casos de suicídios e de tentativas de suicídio nos jornais, não apresenta uma uniformidade quanto as suas reportagens. As notícias apesar de trazerem o meio utilizado para o intento e, geralmente, o nome do indivíduo, algumas delas podem ou não trazer certos dados, tais como: o motivo; a idade do indivíduo; em que hora foi praticado; raça; estado civil; emprego; etc.

A visão sociológica também virá a trazer um melhor entendimento da relação entre modernidade e o suicídio presente no Recife na década de 1920. Tendo em vista que a modernidade trouxe mudanças bruscas no cotidiano da cidade, afetando com isto as relações sociais dos seus habitantes. Isto será abordado ao longo dos próximos capítulos.

[198] SHNEIDMAN, Edwin. "Suicide as Psychache". Op. Cit, p. 637.

CAPÍTULO 2

OS ANOS LOUCOS: A DÉCADA DE 1920

"Os Anos Loucos" foi assim que ficou conhecida a década de 1920, período logo após a Primeira Guerra Mundial, que causou no surgimento de sentimentos exacerbados (insegurança, medo e esperança) que refletiram sobre todos os seres humanos. Deste modo, a sociedade, seguindo o pensamento de Durkheim, estaria em crise, mudando as necessidades humanas (físicas, as morais e os desejos), que variam de acordo com cada classe social.

> A Grande Guerra acelerou a emancipação feminina, firmou novos valores morais, incentivou o desenvolvimento tecnológico e fez com que a produção cultural [...] não permanecesse circunscrita aos círculos europeus ocidentais, mas se abrisse para as influências vindas da Europa Oriental e da América.[1]

Além da destruição, esta guerra também foi marcada pelo uso e avanço de novas tecnologias, como o submarino; os aeroplanos; os tanques de guerra; lança-chamas; gás venenoso; e armamentos em geral. Guerra também marcada pelos avanços médicos, onde os soldados morriam menos de infecções e doenças e mais dos próprios ferimentos.

Devido à produção em massa e aos custos exigidos pela guerra, a economia da Grã-Bretanha acabou sofrendo consequências duradouras e negativas. Enquanto, que a guerra trouxe efeitos benéficos para a economia norte americana, pois a tornou na maior economia industrial, isto já desde 1914, no entanto, ainda não consistia na economia dominante.

Portanto,

> O centro da economia mundial estava se deslocando da Europa para o Ocidente, e nesse deslocamento a opção do capital financeiro desempenhava papel determinante, animando e financiando os setores que viriam a se constituir como líderes da vigorosa economia americana, a indústria automobilística e a indústria química. A Europa, a seu passo, mergulhada numa onda sem precedentes de desemprego, apresentava queda continuada na produção industrial, sendo mesmo obrigada a recuar de suas marcantes tendências de mecanização que haviam caracterizado o período pós-guerra.[2]

---

[1] RODRIGUES, Marly. **O Brasil na Década de 1920:** Os anos que mudaram tudo. São Paulo: Ática, 1997, p. 8.

[2] GRANZIERA, Rui Guilherme. "O Brasil depois da Grande Guerra." In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da. (orgs.). **A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno.** São Paulo: UNESP, 1997, pp. 138-139.

Inclusive, a disputa pela hegemonia da economia capitalista mundial entre a Grã-Bretanha e os EUA, além da Alemanha, já apresentava modificações, tanto que antes do fim da Primeira Guerra Mundial, os EUA já haviam conquistado a vitória nesta questão, contudo, os efeitos dessa modificação só foram sentidos após a guerra. Entretanto, vale observar que apesar da diminuição da hegemonia econômica inglesa, esta ainda se manteve numa posição de destaque, em relação à estratégia do comércio exterior brasileiro. [3]

O Brasil, nesta disputa, encontrava-se não como um dos disputadores, mas sim como dependente financeiro, o qual, inicialmente, encontrava-se na dependência comercial da Grã-Bretanha, tanto que a sua vida urbana e as suas vias de transporte dependiam quase que exclusivamente de importações. Contudo, esta dependência com os ingleses veio a se modificar, devido a pouca participação inglesa no desenvolvimento industrial brasileiro, processo inevitável tendo em vista a necessidade de sair da estagnação econômica causada pelas grandes importações.

O lugar antes de destaque inglês, foi passando a ser dos EUA, e em menor escala pela Alemanha, entretanto:

> A Grã-Bretanha continuava desempenhando seu papel estratégico em nosso comércio exterior. Baste lembrar que neste período as principais firmas de exportação de café brasileiro [principal produto de exportação e de renda do Brasil durante a República Velha] para os Estados Unidos eram inglesas, assim como eram inglesas os bancos que financiavam o tráfico, as estradas de ferro e as companhias de navegação que o transportavam. [4]

Com a pouca presença inglesa na industrialização brasileira, os americanos e os alemães aproveitaram-se desta brecha deixada, devido a sua superioridade industrial. Companhias industriais americanas começaram a abrir suas filiais no Brasil, tanto que havia 32 delas aqui presentes durante 1912 e 1929. [5]

Os ingleses também foram ultrapassados pelos seus atrasos nos avanços tecnológicos, pois enquanto estes ainda investiam nas ferrovias, os americanos passaram a instalar grandes companhias automobilísticas no país, como a Ford e a General Motors, que passou a ser um mercado em expansão. Essas novas formas de transporte possibilitaram mais melhorias nos acessos às regiões mais distantes, algo que veio a ser benéfica na valorização destas terras.

---

[3] SINGER, Paul. "O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional: 1889-1930." In: FAUSTO, Boris (dir.). **III. O Brasil Republicano.** Vol. 1, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
[4] Idem, p. 369.
[5] Ibidem.

Várias cidades do país passaram por reformas urbanísticas durante as primeiras décadas do século XX e a busca por mudanças modernizadoras pode ser observada em Pernambuco antes mesmo da década de 1920, que continuaram a ser buscadas ao longo dos anos vinte. O governo de Sérgio Loreto (1922-1926), em si, buscou a modernização de vários aspectos de sua administração:

> A cidade do Recife recebe reformas urbanas, significativas, há o empenho em torná-la moderna dentro dos conceitos gerais de modernização que alimentaram as mudanças nos espaços urbanos e atingiram também outras cidades brasileiras. Além do trabalho [...], na área de saúde e higiene, há também uma preocupação com o embelezamento de cidade como no caso do Dérbi e de Boa Viagem. [6]

Aliás, a busca pelo embelezamento da cidade e a execução das obras públicas podem ser observadas antes mesmo do governo de Loreto, como pelo prefeito do Recife, o coronel Lima Castro (1919-1922), que veio a realizar o calçamento das principais ruas da cidade. [7]

Durante o governo do Governador Severino Pinheiro, que assumiu com a morte de José Rufino Bezerra Cavalcanti, houve também a inauguração do 14º Filtro de Gurjahú pela Repartição de águas, esgotos, indústria e obras públicas. Com as obras na usina de Gurjahú, esta passou a ter a capacidade de produzir 21 mil metros cúbicos de água, enquanto que a necessidade na época para o Recife era de 16. A distribuição da água era ainda auxiliada por bombas localizadas em Afogados, com a finalidade de aumentar a pressão, mas que, no entanto, estavam sem uso devido a já boa pressão existente e havia ainda o reservatório de Prazeres. Houve também a inauguração da estrada que partia do Cabo para o local dos filtros desta usina. Ainda houve a arborização das áreas de Gurjahú e de Prazeres, onde foram plantadas 2 mil pés de eucalipto. [8]

O governo teve um papel importante na modernização do Recife e do Estado, através da realização das obras de infra-estrutura. "Saneamento, saúde, higiene, instrução, aparecem como tarefas fundamentais da administração pública, como investimentos urgentes a serem feitos, para não se perder os caminhos da modernização." [9]

---

[6] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos:** Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 55.
[7] DIARIO DE PERNAMBUCO. **Calçamento da cidade.** Recife, 08 de junho de 1921. FUNDAJ
[8] DIARIO DE PERNAMBUCO. **Abastecimento d'agua.** Recife, 30 de junho de 1921. FUNDAJ
[9] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit. p. 56.

No entanto, apesar da modernização, alguns problemas da cidade continuaram ativos, devido a diversos fatores, tais como o baixo orçamento, a insuficiência dos serviços públicos e, possivelmente, até o desinteresse das autoridades governamentais do Estado. Porém, o processo de modernização continuou.

> O império da razão é o que parece ser o dominante no vaivém do cotidiano. A necessidade da organização, a obediência às leis, o respeito às autoridades, o bom comportamento, o cidadão útil e dócil, parceiro maior da ordem e do progresso. As seduções, os desejos, as alucinações merecem cuidado, os espaços da festa e do sonho não fogem dos planejamentos dos imperadores da razão, incomodados com as suas transgressões. Assim, constroem-se as relações na grande moradia dos homens, a cidade moderna. Não há como disfarçar sua tensão, ela faz parte do seu dia a dia, não precisa de conflitos evidentes para percebê-la. Os homens constroem a cidade, também, com as arquiteturas interiores das suas ansiedades e das suas frustrações, das suas ilusões e do que eles imaginam que sejam suas culpas e seus pecados. [10]

Assim, quando Pernambuco e, em especial, o Recife buscou a sua modernização, houve também uma mudança nas relações sociais e no cotidiano da cidade, tendo em vista que, "a força da propaganda e do consumo, as novidades produzidas pelas indústrias, mexeram profundamente com o cotidiano das pessoas." [11]

Contudo, vale salientar que as mudanças da modernidade tiveram diferentes recepções nas pessoas, pois "nem todos se sentiram seduzidos pelas invenções modernas, pela renovação dos hábitos, por uma concepção de tempo que exigira mais pressa, pela ruptura com práticas de convivência social enraizadas." [12]

O Recife da década de 1920 foi então marcado pela modernidade, porém antes mesmo desta década já havia sido introduzidos algumas invenções modernas, como a instalação da luz elétrica nas ruas, o sucesso do futebol, o primeiro desfile de moda na cidade em 1916, mas, principalmente, uma mudança nos seus meios de transportes.

A crescente popularização da energia elétrica e o seu uso na área industrial tornaram várias mudanças possíveis. Isto porque a eletricidade proporcionou uma transformação socioeconômica, algo que vinha ocorrendo desde os anos de 1880, quando passou a ser utilizado em escala industrial. Vindo a difundir-se no Brasil a partir da década de 1920, modernizando a vida cotidiana, além de ter sido uma fonte de auxílio ao desenvolvimento das indústrias. [13]

---

[10] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit. pp. 71-72.
[11] Idem, p. 57.
[12] Ibidem.
[13] LORENZO, Helena Carvalho de. "Eletricidade e Modernização em São Paulo na Década de 1920". In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da. (orgs.). **A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno.** São Paulo: UNESP, 1997.

2.1. Eletricidade:

A energia elétrica, antes um produto de luxo, veio a modificar a vida cotidiana com a sua banalização.

> [...] a expansão da oferta de energia elétrica na cidade de São Paulo, ocorrida na década de 1920, foi fundamental à modernização dos costumes e da vida cotidiana. A banalização do consumo de energia elétrica, de início pela iluminação pública, expandiu-se ao uso residencial e doméstico: ferros elétricos para passar roupas, ventiladores de teto, fogões elétricos, refrigeradores e vitrolas eram alguns itens de uma longa lista de inovações tecnológicas que acionadas por eletricidade, começam a ser comercializadas, em São Paulo, em modernas lojas importadoras. Máquinas de calcular, caixas registradoras, o datafone, o cinematógrafo, lâmpadas elétricas, o parque de diversões eletrificadas, a roda-gigante invadiam o cotidiano da cidade de São Paulo, trazendo uma verdadeira revolução nos sentidos e contribuindo para a formação de uma nova ordem cultural e técnica que se convencionou chamar de moderno. Na medicina, a chegada da moderna anestesia, do raio X e dos novos tratamentos psiquiátricos à base de choques elétricos assegurava confiança no mundo moderno e a certeza de quem um novo tempo se iniciava. [14]

Segundo Couceiro, a luz elétrica não foi rapidamente introduzida nas residências, pois se precisou mudar a mentalidade da população, ao mostrar os benefícios desta, tendo em vista que as pessoas encontravam-se inseguras quanto ao impacto que esta teria em suas vidas. As resistências, as hesitações e as inseguranças à eletricidade foram passageiras, logo se descobrindo o potencial extraordinário da mesma.

A energia elétrica veio a mudar os hábitos cotidianos e os espaços internos das residências, com a introdução dos novos equipamentos movidos por eletricidade e, consequentemente, mudando-se a estética dos interiores da casa.

Assim como os meios de transporte, a energia elétrica não ocorreu sem um lado negativo, pois ocasionava choques e mortes. Pessoas morriam com os fios caídos ou ao tocar em postes, como ocorreu com o popular João F. S., que ao tocar num fio da Tramways, morreu fulminado.[15] Havia também o mau uso pela população, como os contadores viciados e no uso do que seria um sistema precário de cerca elétrica, que ocasionou na morte de algumas pessoas.

Propaganda das lâmpadas Wotan. *Diário de Pernambuco.*

Não observamos a eletricidade na ocorrência direta dos

[14] LORENZO, Helena Carvalho de. "Eletricidade e Modernização em São Paulo na Década de 1920". Op. Cit. p. 178.
[15] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Fulminado.** Recife, terça 3 de agosto de 1926. P. 4. FUNDAJ

suicídios, mas nada indica que não houve, pois uma morte por choque elétrico poderia muito bem ser tida como uma morte acidental. Contudo, observamos a ocorrência de uma tentativa de suicídio da mulher Maria Rita, que foi presa por ter furtado uma lâmpada, assim, tentou se enforcar na prisão.[16]

A eletricidade também veio a proporcionar uma mudança nas formas de divertimentos da época, trouxe vida à noite, e, principalmente, modificou os meios de transporte, pois proporcionou a utilização dos bondes movidos à eletricidade.

2.2. Os Meios de Transporte:

A urbanização e os melhoramentos das infra-estruturas das cidades, aliados ao crescimento das indústrias, tornou necessária uma melhoria dos meios de locomoção, pois o novo estilo de vida urbana e moderna trouxe a tona uma nova noção de espaço e de tempo, na qual o mundo passava a ficar mais acelerado. Era um mundo mais acelerado, em que a velocidade era um fator de encanto.

Os bondes de tração animal foram substituídos pelos bondes elétricos. Além também do surgimento do automóvel, que possibilitou no encurtamento das distâncias, sendo que com a mudança do predomínio do capital inglês para o americano, coube aos EUA a introdução dos veículos automobilísticos no Brasil.

Os automóveis tiveram um importante papel na modernização do país, pois:

> O rodoviarismo era uma forma de modernidade e a construção de rodovias seria uma forma de modernização do Estado. Não se tratava de uma diretriz regional, mas de uma ênfase em uma linha cultural comum a todos os países, associando os veículos a motor às idéias de velocidade, independência e liberdade. Nesse sentido, havia uma sintonia com a pregação modernista, esboçada entre 1917 e 1918 e oficializada com a Semana de Arte Moderna de 1922. A ênfase colocava-se sobre certas formas de modernização, características da sociedade industrial e do desenvolvimento tecnológico, enfatizadas pelo cinema, pela arquitetura e pelas diferentes atividades artísticas. O automóvel era sempre apresentado como um símbolo de modernidade. [17]

As companhias automobilísticas Ford e General Motors se instalaram no país. Aquela foi a percussora desta indústria no Brasil, assim, Ford Motor Company veio a se instalar em São Paulo em maio de 1920. Os bondes elétricos foram introduzidos em Pernambuco no ano de 1914 e o primeiro carro presente na cidade do Recife foi o do Dr. Octávio de Freitas.

---

[16] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentou contra a vida.** Recife, 13 de março de 1920. P. 3. FUNDAJ

[17] FILHO, Nestor Goulart Reis. "Cultura e Estratégias de Desenvolvimento". In: In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da. (orgs.). **A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno.** São Paulo: UNESP, 1997, pp. 154-155.

Os bondes elétricos, em especial, vieram a mudar o cotidiano urbano do Recife, pois antes da introdução deste na cidade, eram utilizados os bondes puxados por burros. Esta mudança causou também modificações no cotidiano, pois com os bondes de burros era possível para seus usuários mandarem seus criados para que pedissem aos condutores dos bondes que esperassem os seus patrões chegarem. Contudo, isto não foi mais possível com os bondes elétricos, além destes serem mais velozes do que o seu antecessor.

-?...
- Você quer o Bond, eu quero o omnibus...
Vamos solucionar: Seguimos a pé até Dois Irmãos.
A Pilhéria nº 89 (09/06/1923)

Outro transporte público presente no Recife foi o ônibus, porém algo pouco mencionado na literatura. Segundo "A Pilhéria", o serviço de "autos omnibus" deu-se pelo espírito empreendedor da sociedade composta Fontes e Cª. Contudo, a instalação destes não veio sem reclamações, principalmente da Pernambuco Tramways, empresa que controlava os bondes. Assim, as opiniões se dividiam, uns a favor e outros contra o ônibus.[18]

Charge ilustrando a lotação dos Bondes do Recife.
(*A Pilhéria* nº 98; 11/08/23 – P.13)

No entanto, o serviço dos bondes deixava a desejar, na revista "A Pilhéria" falava-se que o povo pagava bem, sendo mal servido, considerando os bondes do Recife um dos piores possíveis. Os ônibus, em contrapartida, mostravam competência, porém previam o favorecimento dos bondes, pois:[19]

> Esse povo gosta das novidades. O ônibus é coisa nova elegante confortável. O povo experimenta e "gasta" nos primeiros tempos. Depois, cai no bonde. Não há outro remédio. Mesmo porque nós não fazemos uso de pneumáticos, e o "ônibus" está sujeito a ter furadas de uma vez as suas quatro rodas. Isto quer dizer que a nova empresa não agüenta o repuxo. [20]

Além do mau serviço, os bondes, como os da rua Cabugá, podiam estar sempre cheios, além da demora na espera dos mesmos. Reclamavam-se das misturas de classe

[18] A PILHÉRIA. **A Tramways está zangada com o Omnibus:** O dr. Democrito defende e o dr. Pedro Allain é contra. Dois bicudos não se beijam... Recife, 9 de junho de 1923. Nº 89. P.6. DP
[19] A PILHÉRIA. **Os serviços da Tramways:** Ouvindo pelo telegrapho o dr. Eugenio Gudin. Recife, 19 de maio de 1923. Nº 86. P. 10. DP
[20] Ibidem. Nas citações optamos por fazer a atualização da grafia, quando possível, para um melhor entendimento das idéias.

dentro dos bondes, mas segundo Couceiro, havia alguns com vagões de 1ª e 2ª classe, mas também havia uma divisão social informal, na qual os mais abastados sentavam à frente e os populares nos bancos de trás. Mesmo com as divisões, reclamavam-se dos maus cheiros, dos que fumavam, em geral, da ausência dos bons modos dos populares.

Os bondes também deixaram marcas no Recife, os buracos, que foram feitos pela Tramways para a soldagem dos trilhos, assim, danificando o calçamento. Coisa que até influencia nos taxímetros, pois os motoristas passavam lentamente pelos buracos para evitar estragos ao carro. [21] Seria esta uma estratégia da Tramways contra os carros?

Isto porque, o alvo do sucesso caiu mesmo sobre os automóveis, que tiveram papel principal na modificação do cenário urbano, ao encurtar as distâncias e o tempo de viagem. Fator importante "Numa época em que luta pela existência adquiriu aspectos trágicos, e que todo o mundo está atacado da febre dos negócios, é preciso correr, andar depressa, chegar à hora, engolir quilômetros e ampliar o tempo, numa fúria louca ..." [22]

O carro logo passou a ser um objeto de desejo, tendo em vista que uma pequena minoria poderia possuí-lo, como pode ser observada com a revista "A Pilhéria", "O automóvel em Recife é a esparrela da aristocracia, o formidável chamariz dos novos-ricos." [23]

O Progresso
- E quanto tempo levaremos do Recife a Olinda?
- Meia hora em cada ponte e mais o trajeto...
Devemos levar umas duas horas e meia, no máximo!
Diário de Pernambuco, março de 1922

O Brasil era o segundo país da América Sul em quantidade de carros, pois a Argentina possuía 241.356 carros. Pela estatística do The American Automobile, o Brasil ficava em nono lugar de números de carros, quando observando o fator mundial, com 140.102 carros, sendo o líder de número de carros os Estados Unidos com a quantia de 24.500.000. [24]

Com os automóveis surgiram até uma profissão nova, o chauffeur, que chegou a ser uma das profissões de maior sucesso na época, segundo Couceiro[25], mas segundo

[21] A PILHÉRIA. **Os buracos da "tramways".** Recife, 2 de junho de 1923. Nº 88. P. 3. DP
[22] CUNHA, João Vidal. **O Problema Médico do Chauffeur.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia (Cadeira de Medicina Legal), 30 de Outubro de 1928. P. 23. LAPEH
[23] A PILHÉRIA, 06/02/26 apud REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos:** Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte. Op. Cit., p. 61.
[24] CUNHA, João Vidal. **O Problema Médico do Chauffeur.** Op. Cit. P. 11. LAPEH
[25] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade:** conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. Tese de Doutorado em História. Recife: UFPE, 2003.

Silva[26], tornar-se chauffeur não parecia ser uma tarefa fácil. Grande a sua importância, pois chegou a ser tema de tese médica, "O Problema médico do Chauffeur", na Faculdade de Medicina da Bahia, tendo João Vidal da Cunha como seu autor.

Também exerceram sua influência no esporte com a promoção de corridas de automóveis e de motocicletas, como a que foi promovida em março de 1922 pela "Auto Sport Club", tendo a corrida sido realizada na Praia de Boa Viagem. O evento em si não ocorreu com muito sucesso, devido à indisciplina dos chauffeurs e também pela exaltação dos proprietários dos automóveis. [27]

Todavia, o chauffeur estava longe de serem bem vistos, pois

> Este estaria apropriando-se do fascínio e magia exercícios pelos autos para inverter papéis e subverter a ordem estabelecida, assumindo, aos olhos das elites, o comando de todo um novo estilo de vida que se implantava. Assim, o chauffeur era visto aqui como um usurprador que se aproveitava do prestígio da máquina para dirigir a vida das pessoas e conseguir visibilidade social.[28]

Mas toda novidade tem o seu preço, e a dos automóveis foi à quantidade de acidentes por eles provocados, sendo, então, alvo de transtorno, pois, possivelmente, as pessoas ainda não estavam acostumadas à velocidade do carro ou até a sua crescente presença nas ruas. Podemos supor isto com base nas inúmeras notícias no Diário de Pernambuco que retratam os atropelamentos, como o caso de Arthur Ferreira Bastos, de 28 anos, que no dia 13 de março de 1921 foi alcançado por um automóvel. [29]

Havia também o abuso da velocidade pelos motoristas, cuja vítima podia ser qualquer um, como a atriz Judith Rodrigues, que segundo o Diário de Pernambuco, era muito apreciada e conhecida. Ela foi atropelada no Recife em 1923, devido ao excesso de velocidade.[30]

> As causas dos desastres são as mais desencontradas; para o chauffeur, foi o transeunte que passou a pouca distância do seu carro não lhe dando tempo para usar os freios ou, quando deles fez uso, não havia mais tempo para evitar o desastre ou, finalmente, foi o transeunte que se atirou propositadamente sobre o carro. [31]

A desculpa dos chauffeurs, segundo o Dr. Cunha, era dos transeuntes, que possivelmente, ainda não estavam acostumados à presença dos carros e da velocidade. Entretanto, nem todos os acidentes foram culpa dos chauffeurs, pois havia aqueles que

---

[26] SILVA, Jaílson Pereira. **O Encanto da velocidade:** Automóveis, Aviões e Outras Maravilhas no Recife dos Anos 20. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2002.
[27] DIARIO DE PERNAMBUCO. **Automobilismo.** Recife, março de 1922. FUNDAJ
[28] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 72.
[29] DIARIO DE PERNAMBUCO. **Alcançado por um automóvel.** 14 de março de 1921. FUNDAJ
[30] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Triste occorrencia.** Recife, 20 de abril de 1923. FUNDAJ
[31] CUNHA, João Vidal. **O Problema Médico do Chauffeur.** Op. Cit. PP. 33-34. LAPEH

aproveitavam de sua velocidade para se suicidarem, como a atriz Itala Ferreira, que se atirou na frente de um automóvel em movimento, numa Avenida no Rio de Janeiro.[32]

Os bondes elétricos também trouxeram um aumento no número de acidentes, pois as pessoas ainda não estavam acostumadas com a sua velocidade, podemos supor isto com base nas notícias do jornal Diário de Pernambuco. Como exemplificação, podemos citar o caso do jovem de 19 anos, José da Cunha, que caiu ao tentar sair de um bonde em movimento, tendo sofrido ferimentos contusos em ambas as rotulas[33]. Outro caso seria do popular Severino da Hora, só que este caiu quando tentava tomar um bonde em movimento. [34] Os bondes também serviram como meio para suicidar-se, como o caso de Luiz P.[35], que se atirou na frente de um bonde elétrico da Várzea.

Contra o número de acidentes de carros, o governo buscou regularizar a situação, pois antes do novo Código de Trânsito de 1927, para tirar-se a carteira, era necessário solicitar e prestar um exame perante o Inspetor de Polícia. O novo código veio a realizar uma:

> [...] fiscalização foi apertada, multas foram instituídas, e os infratores tinham seus nomes e a placa dos carros publicados nos jornais. Além das transgressões mais comuns, como o excesso de velocidade, trafegar na contra-mão e avançar sinal, algumas outras multas eram aplicadas aos que circulassem com automóveis com escape livre ou que desprendessem fumaça, assim como aos que apresentassem comportamentos considerados indevidos, tais como: "*uso de chapéu ao volante, dormir no auto quando em descanso, ou fumarem na direção*." [36]

Aparentemente, este novo código trouxe melhorias, pois na tese do dr. Cunha, o mesmo menciona que quando se iniciou a regulamentação dos veículos em 1927, houve uma redução no número de acidentes. Mas devido ainda ao elevado número, foi criada a escola de polícia, ensinando as noções de tráfego, além da polícia, e que também houve no Estado a criação de uma escola de motoreiro e chauffeurs, seguindo as existentes em Paris. Contudo, ainda necessitava-se de certa evolução do código penal, pois o vigente (de 1890) não poderia supor a existência do automóvel e seus problemas de algo que viria 38 anos depois.

Para o Dr. Cunha era necessário realizar exames mais aprofundados. Dever-se-ia exigir do candidato a chauffeur exames médicos, que deveriam ser realizados "com todas as minúcias, visando não somente a moléstias infecciosas, com[o] também a

[32] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentativa de Suicídio.** Recife, terça 2 de junho de 1925. FUNDAJ
[33] DIARIO DE PERNAMBUCO. **Cahio de um Bond.** 14 de março de 1921. FUNDAJ
[34] DIARIO DE PERNAMBUCO. **Queda de Bond.** 07 de abril de 1921. FUNDAJ
[35] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentativas de suicídio.** Recife, 9 de junho de 1923. P. 2. FUNDAJ
[36] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. PP. 79-80.

vícios outros que altere a capacidade física ou mental." [37] Deste modo, deve ser realizado, primeiramente, um exame respiratório; se abusa do álcool ou tabagismo; se possui moléstia contagiosa ou do sistema nervoso orgânico ou funcional; os antecedentes hereditários e caso de morte dos pais, além de moléstias ou vícios dos mesmos casos existam; se teve ou tem moléstias infecciosas ou venéreas; exames dos aparelhos circulatórios, urinários, fígado etc.; e finalmente exame do sistema nervoso. Só depois destes exames deveria o médico estabelecer a habilidade ou não para se obter a carteira de chauffeur. Após esta investigação da vida do indivíduo, ainda seria necessário um exame físico geral; exame Oto - oftalmológico; exame auditivo; e exames mentais (atenção, deliberação, inteligência, memória, tranqüilidade, emoção, etc.).

As multas não se restringiram aos automóveis, mas também aos bondes elétricos. Aparentemente, estas já vinham ocorrendo faz alguns anos, pois numa reportagem em "A Pilhéria", traz-se uma entrevista do Dr. Engenio Gudin, um dos acionistas da Tramways. Segundo ele, o que estava matando a companhia eram as multas impostas pelos fiscais, em que "multa-se por tudo".[38]

A velocidade que encantava era a que também matava, tanto que Sevcenko menciona que as pessoas precisavam sair às ruas com cautela e alarme, porque cortar o caminho poderia se tornar o meio mais rápido ao necrotério. Possivelmente, a velocidade dos meios de transporte foi incorporada ao novo hábito de caminhar às pressas e sozinho pelas ruas, que seria conhecido como "andar à americana".[39]

Apesar deste lado negativo dos meios de transportes, estes serviram como facilitadores das relações, especialmente os carros, que tinham um poder de sedução, pois as moças olhavam e sorriam quando passava um rapaz num carro buzinando.

> Uma revolução de costumes iniciou-se. De repente tudo estava mais próximo e a cidade parecia funcionar em ritmo mais acelerado. Os almofadinhas conseguiram uma nova arma de conquista que fulminava os corações: .*As namoradas perguntam logo se temos automóvel. Se temos, o namoro está firmado. Se não temos é um muchocho*. O automóvel transforma-se em emblema de prestígio e força, elemento importante nas conquistas amorosas. As famílias agora arriscavam passeios pelos arrabaldes mais distantes, como Dois Irmãos, Boa Viagem, marcavam piqueniques em cidades próximas, como Cabo, e em antigos engenhos das redondezas.[40]

[37] CUNHA, João Vidal. **O Problema Médico do Chauffeur.** Op. Cit. P. 47. LAPEH
[38] A PILHÉRIA. **Os serviços da Tramways:** Ouvindo pelo telegrapho o dr. Eugenio Gudin. Recife, 19 de maio de 1923. Nº 86. P. 10. DP
[39] SEVCENKO, Nicolau. "A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio". In: NOVAIS, Fernando (dir.); SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil:** República: da Belle Époque à Era do Rádio. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. PP. 549-551.
[40] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. PP. 72-73.

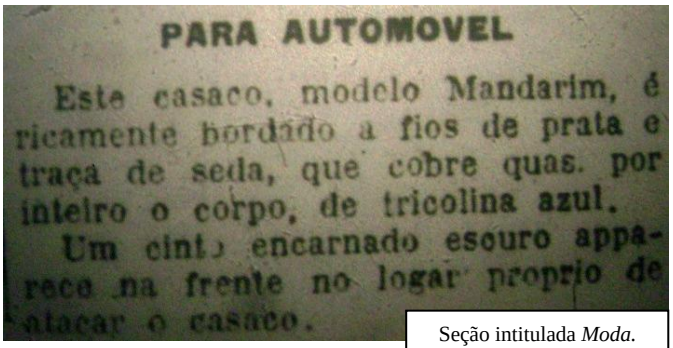
Os automóveis passaram a serem objetos de desejo, logo, possuir um significava status e prestígio. Dados os problemas do transporte coletivo e a associação dos mesmos com as camadas populares, os carros passaram a serem mais valorizados, assim, havendo uma crescente valorização do transporte individual sobre o coletivo.

Propaganda da venda do carro Ford
A Pilhéria 20/12/1924

Possivelmente, dado ao poder de sedução dos carros, como comenta Rezende, e do grupo restrito que podia possuí-los, estes trouxeram sentimentos de violência contra aqueles que os possuíam, como podemos observar no processo criminal de 1923:

> No dia 18 de outubro do ano corrente de 1923, pelas 18 ½ horas, o dr. Alfredo Bastos Tigre, de volta de um passeio, passava de automóvel com a sua esposa e filhos pela estrada de Boa Viagem, no lugar Beira Mar, distrito de Imbiribeira, quando notou dois homens parados no meio da estrada e por isso diminuiu a marcha do auto, fonfanando repetidas vezes, enquanto desviava o carro para a esquerda, afim de não ofender os citados indivíduos. Neste momento, o denunciado Manoel Sotero (?) vibrou para dentro do automóvel um golpe de faca [...]. [41]

Apesar dos fatores negativos associados aos carros, estes causaram uma revolução nos costumes da época, até havendo uma moda especial para as senhoras andarem nos automóveis.



Seção intitulada *Moda.*
Diário de Pernambuco
21 de Agosto de 1921

[41] Processo Criminal de Alfredo Bastos Tigre. Caixa 851 da Comarca do Recife, 1923(MJPE).

2.3. O Consumo e a Beleza.

Antes mesmo da década de 1920, o capitalismo e o desenvolvimento das cidades urbanas proporcionaram no surgimento de uma nova mentalidade burguesa no Brasil, que ocasionou no surgimento de novas formas de convivência social.

Com o processo de modernização do país, não foram só as cidades urbanas que presenciaram transformações, mas também surgiram novos costumes em relação às pessoas e às situações. As modificações pela qual passava o mundo também vieram a atingir as mulheres, que se viram beneficiadas com a urbanização, que possibilitou na ampliação dos espaços de sociabilidade, bem como a presença feminina nas cidades urbanas.

Parte desta nova mentalidade devia-se as mudanças no consumo da população.

> A grande expansão do intercâmbio comercial e financeiro com o exterior, desde a segunda metade do século XIX, vinha provocando grandes modificações no estilo de vida não apenas das principais cidades do Brasil, mas também de toda a América Latina, cujos padrões de consumo começavam a se espelhar nos europeus, especialmente Paris e Londres. Em consequência, ocorreram novos tipos de demanda social e econômica, sobretudo das classes dominantes, que desfrutavam a prosperidade gerada pelas exportações do setor primário. Para o atendimento dessa demanda organizam-se empreendimentos por iniciativa de alguns pioneiros locais e do capital estrangeiro para a implantação de infra-estrutura de transportes e, paralelamente, serviços de utilidade pública (telefones, transportes urbanos, iluminação pública, geração e distribuição de energia elétrica). [42]

Com a expansão do capitalismo, possibilitada pela produção em larga escala, visando à intensificação do consumo, modificaram-se as formas de mecanização da produção dos produtos, tendo presente várias novas formas de fazê-las; melhoramentos na produtividade; e consequentemente veio a modificar o processo da divisão social do trabalho.

O imperialismo americano não exerceu somente sua influência no comércio brasileiro, mas também na formulação do modelo das sociedades de consumo e da cultura de massas, que veio a ser conhecido como o *american way of life*, possibilitado pela expansão da produção norte americanas e com o surgimento da cultura de massas nas sociedades capitalistas e urbanas. [43]

> A moldagem e a aceitação de um estilo americano de viver resultou da conjugação entre a produção em série e a promoção de vendas, por meio de uma tecnologia que explorava as possibilidades do rádio, do cinema e da imprensa. Novas formas de comunicação firmaram informações e valores comuns, enquanto se criavam cadeias de lojas e marcas registradas nacionais.

[42] LORENZO, Helena Carvalho de. "Eletricidade e Modernização em São Paulo na Década de 1920". Op. Cit., p. 160.
[43] RODRIGUES, Marly. **O Brasil na Década de 1920.** Op. Cit.

> O incentivo ao consumo alcançava os interessados em suas próprias casas por meio de catálogos de venda enviados pelo correio. Neles eram oferecidos comida enlatada e empacotada, roupas prontas para vestir, objetos de decoração, móveis, utensílios domésticos, brinquedos e muitos outros objetos que poderiam ser pagos à prestação, forma esta vista como propícia à melhoria do nível de vida da família. [44]

Assim, podemos observar como a modernidade teve influência na modificação da sociedade brasileira, neste caso também a sociedade recifense, devido à nova mentalidade do consumo.

> O fetiche da mercadoria presente nas sociedades modernas transforma a dimensão dos objetos, redefine ou esconde o seu valor de uso. A sociedade moderna vai tornando-se um vasto império de seduções, avassalador, na medida em que a ciência e a técnica aliam-se às ambições quase incontroláveis do capital. A sociedade de consumo pede passagem ao sonho e ao desejo na grande moradia dos homens. [45]

Podemos supor que esta nova mentalidade do *American way of life*, impulsionada pelo aumento do consumo dos produtos, não atingiu toda a população recifense, bem como a brasileira. Seriam estes dirigidos aos burgueses. Aos pobres estavam condicionadas a viverem na precariedade habitacional, higiênica, social e salarial, tinham que muitas vezes trabalhar para completar o salário miserável das famílias operárias. Todavia, o trabalho fora do lar para as mulheres encontrava-se restrito a certas atividades, além disso, recebiam salários mais baixos do que os homens. Segundo Mary Del Priori, a classe popular possuía uma cultura que diferia da elite, que muitas vezes se chocavam.

Esta nova sociabilidade feminina deveu-se em parte as modificações na moda, tanto que a elite recifense imitava o modo de vestir parisiense. Isto porque, as antigas roupas compostas por espartilhos, saias de arrastar e as anquinhas dificultavam a sociabilidade das mulheres. Portanto,

> A partir de meados da década de 1910 e, em especial, ao longo da década de 1920, as formas das roupas mudam: as saias encurtam, os espartilhos são trocados por cintas elásticas, e os vestidos ficam mais simples, retos e soltos no corpo, propiciando maior conforto e liberdade de movimento às mulheres, facilitando-lhes a circulação no espaço público, tendo em vista que as saias não varrem mais o pó do chão e a ausência de espartilhos torna possível às senhoras aceitar um gole de água nas reuniões sociais. A nova moda facilita os movimentos e funciona como aliada à participação da mulher no espaço público. [46]

---

[44] RODRIGUES, Marly. **O Brasil na Década de 1920.** Op. Cit. pp. 11-12.
[45] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos:** Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte. Op. Cit., p. 62.
[46] BONADIO, Maria Claudia. **Moda e sociabilidade:** mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: Senac São Paulo, 2007, pp. 22-23.

Portanto, “as mulheres das classes média e alta abandonaram as roupas sóbrias e sisudas e passaram a se vestir de acordo com os ditames da moda francesa.” [47] Os objetos passaram a ter uma importância na vida, tanto que quando a Madame Soubeyrand, em Paris, teve suas jóias, avaliadas por volta de dois milhões de francos, roubadas por um “escroc” italiano, acabou se suicidando. [48]

Aliás, podemos observar a importância da aparência, como a moda, na sociedade recifense pelo fato de que o jornal Diário de Pernambuco começou a publicar, a partir de 24 de julho de 1921, nos domingos, uma seção intitulada *Modas*, que trazia diversos modelos de roupas e chapéus para as mulheres e também para as crianças. Os modelos para as mulheres variavam, tais como: havia modelo para automóvel; modelo de chapéus para usar no verão; modelo de camisas para senhoras, para esporte etc. Isso nos mostra o papel das invenções modernas influenciando no dia-a-dia, pois com a criação do automóvel, também surgiu uma moda para se andar neste.

CHAPEOS DE VERÃO

Inclusive, esta nova moda estava sendo usada como arma de sedução, segundo “A Pilhéria”, enganando os homens, pois deixava as mulheres mais atraentes, com as sua maquiagens, cabelo arrumado, pernas a *bataclan* e a última invenção da época, “um funil de pano, duro, onde colocam os mimosos e tentadores seios”.[49]

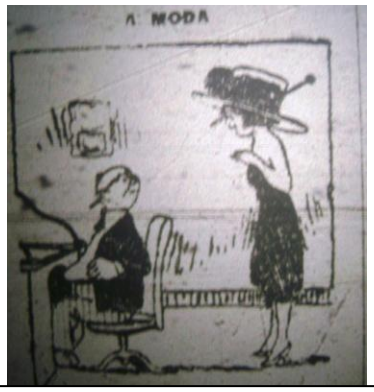
Cabia a imprensa a divulgação das idéias e das novidades da época, segundo Rezende, além de servirem também como um meio de criticar as mudanças, tendo a

---

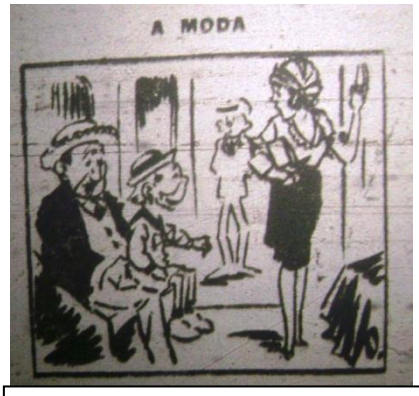
[47] RAGO, Margareth. “Trabalho Feminino e Sexualidade”. In: PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) **História das Mulheres no Brasil.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 586.
[48] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, sexta 15 de outubro de 1920. P. 1. FUNDAJ
[49] VAZ, Blasco. “Engana-homem”. In: **A PILHÉRIA**. Recife, 20 de setembro de 1924. Nº 156. P. 14. DP

imprensa um papel fundamental na década de 1920 no Recife, observada pela sua movimentação marcante.

Dentre os assuntos abordados, observa-se que a "condição feminina e o comportamento social das mulheres"[50] tinha espaço de discussão na imprensa, pois houve um aumento da socialização das mulheres pela cidade. Apesar deste aumento e da sua vaidade, isto nem sempre era visto como algo positivo, como a critica ao hábito da mulher se maquiar e de se vestir.



A Moda.
- Olha, João, já estou vestida e tu não te moves d'ahi!
- Parece que há engano, filha...
Estarás mesmo vestida?



A Moda.
- Ainda de saia curta, menina? E a moda nova?
- Depende, titio. Temos que ver ainda si é de conciliação ou de lucta.

A moda feminina sofreu críticas por parte de periódicos, como *O Cenaculo*, que menciona "a moda, então, exerce nelas verdadeiro domínio, e por isso se tornam suas escravas, tal se dando em razão do ambiente de futilidades em que se movimentam." [51]

Já no periódico *O Dia* de 31 de março de 1921, que na nota intitulada "A mulher decotada é uma mestra vulgar de imoralidade" traz uma citação de S. Bernardino de Senna sobre o que fazer sobre a nova moda: "Primeiro queimar a mulher que traja indecentemente, depois a mãe que consente esse trajo e, por último, a modista que faz o vestido imodesto."[52]

Apesar das críticas, ocorreram mudanças, que vão desde ao vestuário ao novo modelo de mulher moderna, na qual "os hábitos femininos são considerados dentro de

[50] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., p. 65.
[51] PEREIRA, Aluisio. "As mulheres". In: **O CENACULO.** Recife, setembro de 1928, ano IV, n. 8, p. 2. APEJE
[52] SENNA, Bernardino "A mulher decotada é uma mestra vulgar de imoralidade". *O Dia*, Recife, 31, março, 1921. n°7, p.1. APEJE

certo universo, onde se associam, na maioria das vezes, as mulheres à beleza, à moda, ao amor, à sedução." [53]

> O maillot vermelho progressivamente passou a fazer parte do guarda-roupa das jovens, especialmente nos anos 20, quando a figura da mulher moderna, magra, ágil, agressiva e independente, comparada à melindrosa, à suffragette ou às atrizes norte-americanas, passou a ser admirada pelas platéias femininas e masculinas. [54]

A vaidade não estava restrita ao mundo feminino, inclusive, os homens, que se preocupassem demasiadamente com o seu modo de vestir, eram chamados de almofadinhas. Estes pelo jeito não eram bem vistos, pois, segundo "A Pilhéria", quando esta fez sorteios de perguntas as senhoritas, uma respondeu sobre o que achava dos almofadinhas: "Eu julgo que essa gentinha merece uma repressão. Pois do modo que caminha, envergonha a geração."[55]

Ela – defendendo-se do assalto – Atrevido!
Ele – sentindo o cabo da sombrinha – Uê! Se eu tivesse medo de cacete, deixava de ser almofadinha...
A Pilhéria, 4 de agosto de 1923

Infancia Escovada.
- Então, Chiquito, queres também virar almofadinha?
Porque não, Dindinho? ....

A revista "A Pilhéria" até menciona que o Brasil bateu um recorde, na categoria de pessoa como maior possuidor de roupas no mundo, que não foi uma mulher, mas sim um homem, Oscar de Teffé, que era embaixador do Brasil em Roma. Segundo a publicação, "trazia ele 12 sobretudos, 24 ternos de roupa (sem contar as casacas e os smokings) e 60 pares de botinas. Não foi ainda possível fazer a estatística das meias e das camisas do ilustre embaixador..." [56]

Como visto anteriormente, na divulgação destes novos modelos e costumes tinha-se a imprensa como a sua principal forma de divulgação.

> O jornal com os seus anúncios comerciais torna-se aos poucos um "grande bazar", implantando cada vez mais imagens em suas propagandas objetivando despertar os olhares dos leitores, engendrando novas coordenadas de produção da subjetividade ao afirmar padrões estéticos, éticos e políticos. Os publicitários desejam que o produto anunciado cause no leitor uma necessidade de consumi-lo. [57]

---

[53] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., p. 68.
[54] RAGO, Margareth. "Trabalho Feminino e Sexualidade". Op. Cit., p. 586.
[55] A PILHÉRIA. **Perguntas às senhoritas.** Recife, 4 de agosto de 1923. Nº 97. P. 12. DP
[56] A PILHÉRIA. **Mais um record brasileiro.** Recife, 25 de agosto de 1923. DP
[57] OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a Família à Nossa Imagem:** A Construção de Conceitos de Família no Recife Moderno (Décadas de 20 e 30). Tese de Doutorado em História. Recife: UFPE, 2002. P. 59.

Pelas propagandas no diário de Pernambuco podemos observar essa nova figura da mulher moderna, com as propagandas dos cremes anti-rugas às pílulas para dieta, pois a nova moda era a da mulher magra.

Pílulas para emagrecimento.
Diário de Pernambuco, Setembro 1921

Propaganda de Creme Anti-rugas.
Diário de Pernambuco, Maio 1922

Inúmeros foram os produtos que surgiram para embelezar: maquiagens; cremes; perfumes, e para tornar as atividades diárias mais rápidas, como as lâminas Gillette. O corpo passava a ser alvo do discurso publicitário, criando os padrões de beleza e feiúra. Para as belas, dever-se-ia seguir o decálogo da mulher bonita:

> 1 – Quando o espelho te disser que estás um pouco indisposta, descansa.
> 2 – Para conservar o cabelo é preciso lavá-lo uma vez por semana.
> 3- A higiene da boca exige uma ligeira massagem aplicando um dedo aos lábios e ás partes superiores e inferiores deles.
> 4 – Leve-se praticar todos os dias a massagem da ponta do queixo.
> 5 – O nariz requer uma massagem diária com os dedos.
> 6 – Se se arroxear a ponta do nariz deve-se aplicar-lhe compressas quentes com um pedaço de pano muito fino.
> 7 – Para evitar as rugas vulgarmente chamadas "pés de galinha", é preciso lavar com freqüência o rosto com água tão quente quanto se possa suportar.
> 8 – O brilho natural dos olhos é conservado banhando-se-os em água de rosas e usando para ela um recipiente especial.
> 9 – Para que não surge o vulgar queixo duplo ou "papada", deve-se dormir com a cabeça muito baixa, tão baixa quanto possível.
> 10 – A pele se refresca com banhos muito quentes.[58]

Quanto às feias, estas, segundo a Revista Feminina de 1920, mencionada por Mary Del Priore, não deveriam fingir-se belas, devendo se educar, melhorar a saúde, serem simples, bem-educadas e meigas. Assim, além da divisão de classes sociais, havia agora a divisão pelos critérios físicos.[59]

A beleza era alimentada pelos meios de entretenimento da época e pela imprensa, com os seus concursos de beleza. Aos feios sobrava a comparação aos monstros, fruto de uma mãe ambiciosa que passa seus dons desigualmente entre os

[58] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Decálogo da mulher bonita.** Recife, sábado 25 de dezembro de 1926. P. 8. FUNDAJ.
[59] PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas:** sexualidade e erotismo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

filhos. “E a prova é que indivíduos há de uma rara beleza, enquanto outros são verdadeiros monstros, seres repelentes, que servem para fantasiar as histórias da Carochinha, mas que existem, verdadeiramente na vida real”.[60]

Concurso infantil d’A Pilhéria.
Qual a creança mais bella do Recife?
A Pilhéria, 25 de agosto de 1923. P. 4

Para as feias ainda havia uma salvação, o uso da maquiagem, que poderia torná-las belas. Segundo uma reportagem no Diário de Pernambuco, as feias tinham o seu lado positivo, eram mais eficientes, como expressou a atriz Pola Negri. Esta dizia serem as não formosas mais aptas ao trabalho e com os valores e as opiniões mais firmes. Contudo, são mais desdenhosas quando se trata do amor, por culpa própria, pois não tiram tempo para cuidar-se. [61]

Além da feiúra, a obesidade e a velhice passaram a serem rejeitados, na qual “envelhecer começa a ser associado à perda de prestígio e ao afastamento do convívio social. Associa-se gordura diretamente à velhice.”[62] Os tempos modernos, necessitava de corpos modernos, que se adaptassem aos novos tempos, a rapidez e a velocidade.

> De fato, não há segredo mais sagrado para Eva do que a sua idade. Até aos 15 anos, as meninas, levianamente dizem a idade que têm, com ingênua alegria; dos 15 aos 20, as moças a dizem sem tristeza, mas, também, sem alegria; d’aí aos 25 só a dizem contrariadíssimas quando a isso são obrigadas. Dos 25 em diante, porém, Deus do céu! [63]

Havia a necessidade de se manter jovem, que, segundo uma reportagem do Diário de Pernambuco, poderia ser realizada através das roupas e da ginástica.[64] O esporte e a ginástica passaram a serem valorizados, pois, agora, o ser moderno era ter um corpo de atleta, esbelto e saudável. O jovem passa a ser prestigiado nesta época, associando-o ao forte numa época de valorização dos movimentos e exercícios físicos, consequentemente, melhorando o seu desempenho.

[60] ROCHA, Leduar de Assis. **Feialdade.** In: A PILHÉRIA. Recife, 11 de agosto de 1923. Nº 98. P. 16.
[61] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **As moças feias são mais efficientes.** Recife, Recife, 17 de outubro de 1926. FUNDAJ
[62] PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas.** Op. Cit. P. 115.
[63] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **A edade das Mulheres.** Recife, 17 de abril de 1927. P. 7. FUNDAJ
[64] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Para nos tornarmos jovens.** Recife, domingo 17 de abril de 1927. P. 7. FUNDAJ.

Segundo Sevcenko[65], a valorização do esporte e da ginástica servia como um mecanismo de adaptação dos corpos e a mentes para as novas realidades, de um mundo acelerado possibilitado pelas novas tecnologias.

Os esportes, que além de melhorarem o físico, servia também como uma forma de afastar as atividades sexuais precoces.

> O esporte seria mesmo uma forma de combater os adultérios incentivados pelo romantismo. Afinal, como lembra a historiadora Mônica Schpun, encerradas ou aprisionadas, só restava às mulheres sonhar com amores impossíveis ou tentar seduzir o melhor amigo do marido. [66]

O esporte também possibilitou que o corpo fosse ficando "mais à vontade com a moda dos esportes e da natação." [67] Isto em parte auxiliou na mudança da moda, pois a prática de exercícios físicos foi incentivada, tendo a medicina como uma destas, pois viam que o exercício trazia tanto benefícios físicos como morais. Inclusive, a falta de exercício físico era tida como uma das causas para a histeria e a melancolia nas mulheres.

Esta busca pelos corpos e mentes sadios encontrou o discurso médico como seu principal divulgador, que buscou promover a higiene da população e da família. Isto chegou a se tornar preocupação do Estado, pois eram preceitos para uma nação moderna e civilizada.

2.4. A Higiene e Saúde:

As medidas de benefícios públicos, que buscavam resolver os problemas de higiene e habitacional, podem ser observadas nas propostas dos governadores, como no governo de José Rufino Bezerra[68], que buscou privatizar certos serviços, tendo em vista os altos custos para realizá-los e mantê-los.

Aliados ao projeto de modernização do Estado encontravam-se também os prefeitos, que também buscavam melhorias para as cidades. Este foi o caso do prefeito do Recife, Lima Castro, que visando melhorar a estética da cidade e resolver os problemas dos mocambos e habitacionais, inaugurou uma vila operária. Mais uma vez as autoridades buscavam regularizar e disciplinar os trabalhadores, contudo, a vila

[65] SEVCENKO, Nicolau. "A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio". Op. Cit.
[66] PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil.** Op. Cit., p. 244.
[67] Idem, p. 243.
[68] José Rufino Bezerra Cavalcanti foi o governador de PE a partir de 1919, contudo, com a sua morte, assumiu Severino Pinheiro, que era o presidente do Senado Estadual. Com uma nova eleição, foi eleito o coronel José Henrique Carneiro da Cunha, contudo, como este renunciou antes de assumir, foi feita uma nova eleição, tendo sido eleito Sérgio Teixeira de Barros Loreto.

operária de Lima não obteve o sucesso por ele desejado, pois iam contra os hábitos dos trabalhadores, que tinham as novas casas como muito luxuosas.

A modernização do Estado durante o mandato do governador Sérgio Loreto, que exerceu o seu cargo de 1922 a 1926, realizou um maior destaque em relação às melhorias nas questões de higiene, da saúde e da urbanização do Recife. Inclusive, o governo de Loreto, segundo Rezende, teve seu Departamento de Saúde e Assistência considerado como o mais eficiente do Brasil.

As preocupações do país com as medidas de higiene remotam desde o Império, quando teve início as Faculdades de Medicina no Brail. As "medidas higiênicas contribuíram para a nova face da vida social urbana brasileira e o discurso médico colaborou para a construção de novos conceitos de vida familiar e higiene em geral." [69]

Os problemas com a higiene e saúde afetavam o progresso da cidade moderna, assim, essas medidas buscavam mudar as condições precárias da vida, com as suas epidemias e as altas taxas de mortalidade. Desta forma, os governos passaram a utilizar o auxílio dos médicos e dos engenheiros sanitários para mudar estes problemas.

O Recife era uma dessas cidades com problemas de higiene e de saúde, que vieram a piorar com o crescimento populacional. No entanto, estes problemas não eram novos na cidade. Visando modernizar o Estado e o Recife, "no governo de Sérgio Loreto, houve uma preocupação especial com o problema, daí a estruturação do Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco, sob a direção de Amaury de Medeiros que tomou posse no cargo em 1 de fevereiro de 1923." [70]

Para que um programa de saúde tivesse êxito no Recife, era preciso mudar as condições precárias habitacionais da cidade e das condições de miséria. Reverter estas condições custava tempo e recursos, porém Amaury assume o cargo encontrando uma situação não muito favorável.

Todavia, o governo de Loreto estava disposto a mudar as situações do Recife. Visando modernizar o Estado, ele veio a reorganizar os:

> [...] serviços de saúde público, [que] contou com o aumento do número de técnicos e de médicos, ampliação do serviço de estatística com a criação da Inspetoria de Estatística, Propaganda e Educação Sanitária, criação dos serviços de higiene infantil. Além disso, há uma distribuição desses serviços de higiene urbana em várias seções como, por exemplo, Laboratório Químico e Bromatológico, Delegacias de Saúde, Instituto Vacinogênico, Serviço de

[69] D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e Família Burguesa". In: PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) **História das Mulheres no Brasil.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 226.
[70] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., p. 45.

> Fiscalização de Gêneros Alimentícios, Serviço de Visitadoras... Destinam-se verbas especiais para que os serviços tenham o andamento almejado. [71]

Podemos supor a importância que a saúde tinha para este governador pelo fato que houve até a inauguração do um novo edifício do Departamento de Saúde e Assistência, em 18 de outubro de 1923.

Fachada do novo edifício do Departamento de Saúde e Assistência

As mudanças que o governo aplicava ao Recife não ocorreram pacificamente, pois a população reagiu aos novos hábitos, que iam contra o seu modo de vida diário. Como uma possível solução para modificar a mentalidade e os costumes da população, o Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco buscou a educação sanitária. Contudo, este não conseguiu convencer à população que as melhorias de higiene seriam benéficas a saúde. O povo reagiu e, inclusive, alguns pais até tiraram seus filhos do colégio, com receio do novo pensamento do governo.

O próprio Departamento reconhecia a dificuldade de se mudar as tradições e costumes seculares do povo, mas que havia a necessidade de se promover a higiene moderna. Uma das formas que o Departamento utilizou para buscar educar a população foi, mais uma vez, no uso da propaganda e no esclarecimento do público, tendo em vista que "a educação sanitária da população é, pois, a grande arma da higiene moderna" [72]. Todavia, imprensa também foi utilizada para manifestar os protestos com as novas mudanças.

Inclusive, o governo de Loreto teve o uso da propaganda como destaque do seu governo, tendo em vista que ele cercou-se

> [...] de um esquema de propaganda para divulgar seus feitos, além de contar com a colaboração de boa parte da imprensa local, para exaltar seu pacto com o moderno, com o progresso dentro "do equilíbrio e da ordem", princípio

[71] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., p. 52.
[72] SAUDE E ASSISTENCIA. **A educação sanitária.** Ano III, número 18, fevereiro de 1925. APEJE

> mágico para justificar o autoritarismo. Um esquema de propaganda funciona sistematicamente, uma prática renovadora para a época.[73]

Aliás, os meios de comunicação e a propaganda tiveram papeis fundamentais na formulação da nova sociedade capitalista e urbana. A expansão da produção aliada a esta nova mentalidade trouxeram elementos da cultura de massas para as sociedades e passou-se a ter um estilo de vida baseado no consumo. Os produtos passaram a ter uma maior divulgação comercial. Segundo Rodrigues, era possível detectar, em todas as sociedades da década de 1920, elementos de uma sociedade de consumo.

> Nada como os anúncios de propaganda para revelar o poder do consumo. Há um cuidado especial em produzi-los, em envolver os leitores com as vantagens das novas invenções ou mesmo a tradição garantida de tantas outras. Nas revistas e jornais, é bastante expressiva a quantidade de anúncios. Eles aparecem e tentam seduzir com os possíveis encantos de seus produtos, usando não só palavras, mas também ilustrações interessantes. A imprensa, reserva parte significativa de suas páginas para destacá-los, mostrando como são importantes para o financiamento das suas atividades.[74]

Desta forma, as imagens, durante esta década, passavam a serem amplamente usadas, com o seu uso em revistas, jornais e cinemas, inclusive, após a Primeira Guerra Mundial houve um aumento na circulação de jornais. Além das imagens, os rádios também vieram a servir como formas de disseminar novas idéias e novos hábitos, e serviram como uma forma de encurtar as distâncias, no sentido de ter possibilitado uma maior acessibilidade da informação. Tendo em vista as novas influências que as imagens e os rádios tinham sobre a sociedade, estes passaram a servir como instrumentos de propaganda e de venda.

A propaganda, as imagens e o cinema serviram para auxiliar o governo na divulgação da sua nova mentalidade de melhorias da saúde e higiene, tanto que o governador de Pernambuco Sérgio Loreto, durante o período de seu governo de 1923 a 1926, lançou o jornal "Saúde e Assistência". Segundo podemos observar, este jornal era elaborado pelo Órgão do Departamento de Saúde e Assistência e publicado pela Inspetoria de Estatística, Propaganda e Educação Sanitária.

Os temas abordados pelo jornal foram dos mais diversos, contudo, retratando os temas ligados à saúde e à higiene. Dentre os temas, podemos destacar alguns: contra o uso dos cigarros, os perigos: dos ratos, das moscas, dos mosquitos; a proteção da maternidade; contra as doenças e epidemias, como a tuberculose, a febre amarela, a

[73] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., PP. 39-40.
[74] Idem, p. 62.

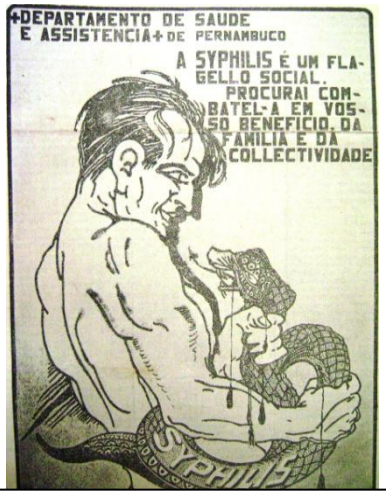
lepra, e outras; a higiene infantil; a higiene escolar; a higiene industrial; saneamento rural; contra a sífilis; os perigos do álcool; etc.

Em maio de 1924, o jornal "Saúde e Assistência" publicou uma matéria sobre a sífilis, que segundo a publicação era um flagelo social, que deveria ser combatido em beneficio da família e da coletividade. Segundo este, após a Primeira Guerra Mundial iniciou-se uma campanha entre todos os povos contra as doenças venéreas, que em Pernambuco foi iniciado em fevereiro de 1922, com a fundação do Dispensário Oswaldo Cruz, sendo o serviço ampliado em agosto de 1923, quando houve a criação de mais três dispensários.

Dentre as doenças venéreas, a que mais afetava a população era a sífilis. Para combater este mal, o Estado lançou uma grande campanha, pois:

> Com o fim de esclarecer sobre os perigos dessas doenças, bem como educar convenientemente os mesmos doentes foi feita a distribuição de 23.210 impressos e conselhos diversos e, em pontos vários desta capital e de municípios do interior, foram realizada 24 conferências, com projeções cinematográficas, sobre os males venéreos, com grande concorrência. [75]

Segundo o jornal, a sífilis mais a tuberculose e o alcoolismo seriam a trindade sinistra, que causam a destruição do homem, além de serem as principais responsáveis pelo aniquilamento da raça.



"Departamento de Saude e Assistencia de Pernambuco. A syphilis é um flagello social. Procurai combatel-a em vosso beneficio e da collectividade."

A sífilis seria uma grande preocupação das nações civilizadas, estando estas preocupadas com a sua profilaxia e os meios de combatê-la. O tratamento para a mesma em Pernambuco era realizada de forma gratuita, possuindo 5 dispensários para o tratamento do público.

Como pode ser visto pelas figuras, podemos supor que o jornal "Saúde e Assistência" utilizava de imagens (desenhos) como uma forma de chocar as pessoas, para, possivelmente, mudar seus hábitos e mentalidades, ou também como uma forma de atrair o grande público para as leituras deste jornal.

O alcoolismo era outro problema da trindade sinistra que afetava a vida humana. O exemplar de "Saúde e Assistência" de novembro de 1924 trouxe como tema principal a questão do álcool, tanto que sobre a matéria "Não useis bebidas alcoólicas" tem que:

[75] SAUDE E ASSISTENCIA. **A Lucta contra os males venéreos em Pernambuco.** Ano II, número 9, maio de 1924, p. 2. APEJE

> Os homens que têm sob a sua guarda a saúde pública, em todo o mundo civilizado, empenham-se em mostrar por meio de propaganda insistente, o perigo que pode decorrer do uso do álcool, traduzido na soma fabulosa de males, de cuja origem pode ele ser apontado como causa e envidam, por todos os meios, dar um paradeiro à sua ação altamente nociva e nefasta. [76]

Ainda segundo este exemplar, nada havia sido feito para combater este mal, que leva a danos físicos e morais, em Pernambuco até aquele momento. O álcool seria responsável por diversas doenças e conduziu um enorme número de pessoas ao hospício.

Departamento de Saude e Assistencia de Pernambuco.
O álcool é um grande inimigo da saúde.
A menor quantidade, diariamente absorvida, pode produzir graves doenças que levam ao hospital e, em excesso, degrada e inutiliza abrindo caminho ao crime e a loucura.

Além de saúde, o álcool seria ligado às questões jurídicas, pois acreditava-se que seria um fator estimulante na execução tanto dos crimes impulsivos, como premeditados, razão pela qual há uma grande maioria dos indivíduos na prisão e casas de detenção que tiveram o álcool como seu infortúnio.

> A imoralidade, o deboche e a prostituição, acompanham o álcool passo a passo, por toda a parte e todas as estatísticas demonstram que, com o aumento do seu consumo, ampliou-se aqueles males sociais.
> A tuberculose, a sífilis encontram no álcool o associado temeroso que lhes aumenta infinitamente o poder macabro com que, de continuo, trabalham os organismos, enfraquecendo-os, carcomendo-os e roubando-os por fim a vida. [77]

Ao olharmos o jornal Diário de Pernambuco da década de 1920, podemos observar que havia a prisão de embriagados, como no caso publicado em 28 de março de 1921[78], quando cinco estrangeiros, que estavam completamente embriagados, foram presos por estarem ofendendo a moral. [79]

O último membro da trindade sinistra seria a tuberculose, que foi a matéria capa da edição de janeiro de 1924 do jornal "Saúde e Assistência". Segundo este, a tuberculose consiste numa das manchas da "civilização" moderna. "O que parece incontestável é que Ela aumenta com a própria civilização, isto é, á medida que se adensam as aglomerações humanas e se complicam as relações da vida social." [80]

---

[76] SAUDE E ASSISTENCIA. **Não useis bebidas alcoolicas.** Ano II, números 10 a 15, novembro de 1924, p. 1. APEJE
[77] Idem, p. 2.
[78] DIARIO DE PERNAMBUCO. **Offensas á moral.** 28 de março de 1921. FUNDAJ
[79] A notícia não deixa claro se a ofensa a moral era devido ao fato de estarem embriagados ou pelas atitudes dos cinco indivíduos que poderiam estar perturbando o público.
[80] SAUDE E ASSISTENCIA. **A lucta social contra a Tuberculose.** Ano II, número 5, janeiro de 1924, p. 1. APEJE

> Poderia dizer-se, como um notável especialista, que é a tuberculose o resultado vicioso de uma civilização incompleta e insuficientemente instruída. Ou melhor, é o estabelecimento de certas condições que trazem inevitavelmente a tuberculose; não são porem condições essenciais à vida coletiva e civilizada.
> De qualquer forma a tuberculisação da humanidade é um ponto negro em nossa civilização. [81]

A tuberculose seria, podemos dizer, um doença social, pois segundo o jornal a luta contra esta doença é de um caráter eminentemente social. Logo, para a sua cura torna-se necessária um remédio também social.

Desta forma, podemos observar que os três fatores da trindade sinistra da década de 1920 em Pernambuco estão ligados aos fatores sociais e morais, maus que precisavam ser combatidos para que houvesse a formulação de um Estado moderno e civilizado.

Segundo Rezende, também foi no governo de Loreto que ocorreu uma mudança no tratamento da loucura no Estado, pois este veio a assumir a administração do Hospital de Doenças Nervosas, que se encontrava em estado precário, sendo mantido pela Santa Casa de Misericórdia. Dada a reestruturação geral do hospital, os suspeitos de alienação mental passaram a receber uma nova forma de tratamento com bases na psiquiatria, dado que antes eram recolhidos à casa de Detenção.

Além da saúde como alvo das melhorias do governo de Loreto, este também desenvolveu o programa da habitação higiênica, que buscava a construção de casas para serem alugadas. As vilas operárias eram regidas por princípios básicos, que segundo Antonio Paulo seriam:

> As casas só podem ser alugadas a operários com famílias legalmente construídas, considerando-se operários aqueles que ganham a vida com trabalhos manuais. As exigências disciplinares imperam, sendo expressamente proibido cuspir no chão, mudar a posição das portas, janelas, ferrolhos ou mesmo colocar pregos em qualquer parte da casa. Não podem os inquilinos criar porcos, galinhas ou mesmo qualquer outro animal doméstico, mesmo pássaros em gaiola. Mais ainda, eles são obrigados a evitar discussões com os vizinhos, sendo punido com a perda da moradia aqueles que tiverem o vício da embriaguez. Até a realização de festas sofre limites. Para assegurar a ordem, as residências podem ser visitadas a qualquer hora do dia, quer pelo zelador da vila, quer pelos funcionários da Saúde Pública. [82]

Mais uma vez pode-se observar o domínio do Estado e das autoridades sobre os cidadãos, assim, buscando a ordem dos mesmos, tendo, inclusive, observado a questão da embriaguez como um fator negativo ao aluguel das casas.

---

[81] SAUDE E ASSISTENCIA. **A lucta social contra a Tuberculose.** Op. Cit. P. 1. APEJE
[82] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., pp. 53-54

A questão da higiene também veio a afetar as fábricas. Segundo Rago, os industriais modernos passaram a seguir Roberto Simonsen, que havia voltado do EUA no início dos anos 20, assim, servindo de exemplo para a modernização também das relações de trabalho. Era necessário tratar os operários como cidadãos inteligentes e com base no taylorismo, remodelar e higienizar as indústrias, visando o bem-estar do trabalhador para eliminar a "lepra da luta de classes". [83]

Inclusive, a publicação "Saúde e Assistência" de novembro de 1924 mencionava a criação do serviço de higiene industrial, tendo o operário como a força viva do progresso. A indústria deveria promover cuidados de higiene e de salubridade no seu ambiente para o bem estar do operário, que seria "uma célula viva do organismo social moderno." [84]

Notamos, então, que se buscava mudar a mentalidade e os hábitos cotidianos da população.

> Se a sífilis, na família tradicional, era mostrada como um troféu ou uma tatuagem viril, o discurso eugênico deslegitimará essa doença como signo de potência viril e, em nome do corpo atlético, saudável e musculoso, legitimará os esportes como formadores do corpo enrijecido [...]. [85]

As famílias tradicionais também passaram por mudanças, em grande parte devido ao avanço das cidades urbanas, pois os jovens saiam das áreas rurais para as cidades urbanas, e lá permaneciam, visto que estes eram o oposto das cidades rurais tidas como antiquadas e atrasadas.

2.5. As Famílias na Modernidade:

A modernidade, com as suas modificações e urbanizações, quebrou os padrões da família patriarcal, típica das áreas rurais, além de uma maior emancipação feminina.

> Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intensionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intensionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. [86]

---

[83] RAGO, Margareth. "Trabalho Feminino e Sexualidade". Op. Cit., p. 588.
[84] SAUDE E ASSISTENCIA. **Hygiene Industrial.** Recife, novembro de 1924. Ano II. Números 10 a 15. APEJE.
[85] OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a Família à Nossa Imagem.** Op. Cit. P. 80.
[86] GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** Op. cit. p. 14

Estas mudanças pelo progresso modernizador (civilizador) do país foram vistas pelos moralistas religiosos, do século XIX, como um dos fatores de aumento da taxa de suicídio.

Kushner[87] relata que este pensamento da influência da modernidade sobre as taxas de suicídio foi algo comum entre os Europeus e Norte Americanos do século XIX. Estes utilizavam da estatística social para demonstrarem os efeitos negativos do progresso tecnológico capitalista, condizente com os achados iniciais dos impactos negativos nas cidades urbanas. Para eles, "a conexão entre o suicídio e a vida urbana possui raízes profundas no pensamento Ocidental", tendo em vista que as cidades urbanas eram caracterizadas pela "intemperança, ociosidade, melancolia, declínio da fé religiosa, e licenciosidade", fatores conectados ao suicídio.[88]

O capitalismo teve também seu papel neste pensamento, pois segundo Georges Minois, o seu desenvolvimento contribuiu bastante para as taxas de suicídio em alguns países europeus no século XVII. Isto porque a "instabilidade e insegurança são partes integrais do capitalismo, que se baseia no individualismo, aceitação de riscos e competitividade. O sistema de solidariedade das guildas e das corporações havia sumido, deixando o indivíduo para enfrentar sozinho a ruína financeira [...]." [89]

Desta forma, para os pensadores do século XIX, as cidades urbanas industriais foram vistas como as áreas com maiores taxas de suicídio, em comparação com as rurais, dada pela quebra dos sistemas patriarcais e dos valores morais daquela. Morselli também observou esta diferença, porém, para ele, a civilização, em si, não possuía influência nas taxas de suicídio, mas sim "a natural inclinação da humanidade em exagerar os seus benefícios e em esperar mais dele do que se tem conferido". [90]

Segundo Kushner, esta ligação da modernidade com o suicídio virou até senso comum no século XIX. Minois mostra que Jean-Claude Chesnais atribuiu esta ligação ao fato que a modernidade estava atribuída à desintegração social causada pela revolução industrial, à quebra dos valores tradicionais religiosos e sociais, a uma maior emancipação dos indivíduos; às flutuações econômicas e à pobreza geral da classe trabalhadora urbana.

---

[87] KUSHNER, Howard I. **Suicide, gender, and the fear of modernity in nineteenth-century medical and social thought.** Journal of Social History. 22 de Março de 1993. Disponível em: http://www.thefreelibrary.com/Suicide,%20gender,%20and%20the%20fear%20of%20modernity%20in%20nineteenth-century...-a013797245 . Acessado em: 25 de março de 2010.

[88] Idem, p. 2.

[89] MINOIS, Georges. **History of Suicide.** Op. cit. p. 185.

[90] MORSELLI, Enrico Agostino. **Suicide:** Na Essay on Comparative Moral Statistics. New York: D. Appleton and Company, 1882. Reimpresso pela coleção da University of Michigan Library. P. 115.

Júlio Henriques e Deidre Palomar[91] designam estas consequências negativas do capitalismo, aqui podemos também inserir a questão das conseqüências da modernidade, como a doentização do mundo, que afetam as instituições essenciais da sobrevivência humana. Assim, os laços que ligavam os indivíduos foram se tornando mais fracos, bem como a solidariedade entre os indivíduos, intensificada com o crescimento das cidades urbanas, deixando os indivíduos isolados.

> A proposta era ser "civilizado", como o eram os franceses e os europeus em geral. Desse modo, toda sorte de expressões de relações sociais locais que não fossem consideradas civilizadas eram combatidas pela imprensa e proibidas por lei. As reuniões tradicionais, ou festas de grupos ou comunidades, e até mesmo a serenata ou boêmia sofreram restrições. Na mesma direção, cultos populares e religiosos foram proibidos. [...].
> [Desta forma], O que se presenciava era a dissolução das formas tradicionais de solidariedade representada pela vizinhança, família e grupos clânicos, compadrio e tutelagem. [92]

Os laços sociais, seja pela família ou outros elementos da sociedade, constituem numa forma de apoio e direcionamento aos indivíduos. As relações familiares são de extrema importância como influenciador das futuras relações sociais de um indivíduo e pesquisas recentes mostram que existe uma associação entre as relações familiares e sociais com a ideação suicida. [93] A família e o casamento funcionam como uma forma de proteção contra o suicídio, com exceção nos casamentos de jovens (adolescentes), quando associadas aos conflitos familiares, ao estresse com a nova vida e à gravidez indesejada. [94]

> Muitos pesquisadores acreditam que uma atitude suicida de um indivíduo é um ato multideterminado em que tensões familiares, rupturas, e padrões de interação desempenham um papel. [...], Richman concluiu que "suicídio não é um ato individual, mas parte de um sistema de comunicação combinado que envolve a família inteira e a rede social. [95]

Desta forma, existe a possibilidade da quebra dos laços da tradicional família patriarcal brasileira ter exercido certa influência na ocorrência de suicídios. A sociedade moderna apresentava cada vez mais um aumento da individualização de seus moradores, com a valorização crescente do progresso e certa aversão aos valores

---

[91] HENRIQUES, Júlio; PALOMAR, Deidre. "Tudo o que de melhor esta sociedade vai ter a oferecer-nos é um bom suicídio". In: GUILLON, Claude; BONNIEC, Yves Le. **Suicídio, modo de usar:** História, Técnica, Notícia. Lisboa : Antígona, 1990.
[92] D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e Família Burguesa". Op. Cit. P. 226.
[93] BAPTISTA, Makilim Nunes. "Suicídio: Aspectos Teóricos e Pesquisas Internacionais". In: BAPTISTA, Makilim N. **Suicídio e Depressão:** Atualizações. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2004.
[94] BONGAR, Bruce; *et. ali.* "Marriage, Family, Family Therapy and Suicide". In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.
[95] Idem. pp. 224-225.

tradicionais tidos como típicos das áreas rurais. As famílias foram reduzindo o número de seus descendentes e, segundo Iranilson Burito, as diferenças etárias entre os cônjuges começaram a serem menores. Isto não foi verificado pelos nossos dados, através dos processos criminais, como será visto no capítulo a seguir, pois ainda na década de 1920 havia, em alguns casos, uma grande disparidade etária entre os cônjuges.

Possivelmente, em fase ao receio da crescente emancipação da mulher fora do lar e, consequentemente, os seus efeitos no casamento, a igreja, os médicos e os juristas pregavam a importância da mulher mãe, esposa, e dona de casa como algo fundamental ao desenvolvimento da sociedade. Isto até pode ser observado no Código Civil de 1916, que colocava as mulheres como submissas e inferiores no casamento.

> O Código Civil de 1916 interpretou o modo como cada um dos cônjuges deveria ser apresentado socialmente. Um conjunto de normas, deveres e obrigações, com seu correlato inibidor e corretivo, foi formalmente estabelecido para regrar o vínculo conjugal, a fim de assegurar a ordem familiar. A cada representante da sociedade matrimonial conferiu-se um atributo essencial. Assim, se ao marido cabia prover a manutenção da família, à mulher restava a identidade social como esposa e mãe. [96]

Algumas mulheres não aceitavam seu papel de submissas e buscavam trabalhar fora do lar, buscando até a separação para poderem continuar exercendo isto. Isto foi fator, segundo de Filgueiras, de alguns crimes passionais contra elas, pois os seus maridos ou companheiros não aceitavam este seu ato de "rebeldia". Valendo observar que ainda havia certa dificuldade na entrada destas ao campo de trabalho. Filgueiras cita que segundo pesquisa levantada por Glauce Gaudêncio, apenas 9,9% dos operários brasileiros eram constituídos por mulheres, isto para o ano de 1920. [97]

O trabalho fora do lar preocupava os médicos e higienistas, que viam isto como o caminho para a desagregação da família. As famílias da elite e classe média preocupavam-se com as jovens que se iniciavam nas profissões liberais, enquanto que as trabalhadoras pobres estavam sempre associadas à prostituição, perdição moral e degradação. Isto porque, o dinheiro era visto como algo essencialmente masculino, pois era tido como sujo e degradante, logo a mulher não deveria possuí-lo. Não obstante, as publicações feministas buscavam inverter isto, mostrando o lado positivo do trabalho feminino fora do lar, tendo em vista a dificuldade no ingresso ao mundo de trabalho controlado pelos homens.

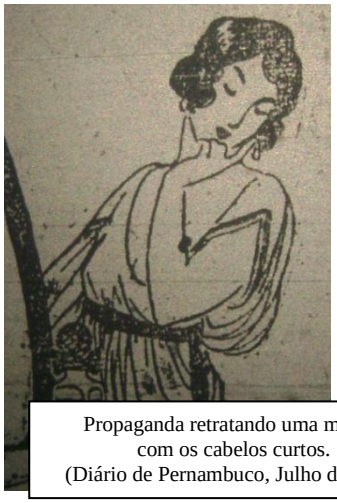
---

[96] MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. "Recônditos do Mundo Feminino". In: NOVAIS, Fernando (dir.); SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil:** República: da Belle Époque à Era do Rádio. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 379

[97] FILGUEIRAS, Carlos Eduardo de A. **Do Ciúme ao Crime.** Op. Cit.

Havia aqueles que consideravam como algo benéfico à busca da autonomia pelas mulheres, ao tentarem inverter a sua situação de subordinada aos homens. Até havia publicações que mostravam que as mulheres não eram só vistas como subordinadas. Entretanto, era prevalecente a visão que tinham as mudanças nos direitos femininos como algo ameaçador, pois o lugar da mulher era de obediência e deviam se preocupar com as vontades de seu marido e não na busca de autonomia. [98]

Entretanto, apesar da crescente emancipação das mulheres, vale observa que esta possuía certas limitações, mas como visto, estas começaram a entrar em campo que antes não eram destinadas as mesmas. Até, digamos, absorveram algumas características tipicamente masculinas, como o corte de cabelo. Podemos observar isto numa reportagem do Diário de Pernambuco, intitulada "O Sexo Barbeado"[99], falava-se do corte "La Garçonne" – algo característico do ser moderno – tipo como um corte de cabelo ao estilo masculino, sendo isto descrito pela notícia como algo ridículo e de mau gosto.



Propaganda retratando uma mulher com os cabelos curtos.
(Diário de Pernambuco, Julho de 1922)

Numa sátira ao feminismo, mencionam que a mulher deveria ser feminista, "e os homens estariam felizes se elas fossem sempre mulheres. Mas a mulher masculinista, que usa roupas quase divorciadas do seu sexo, bengala ou monóculo, usa revólver e quer a toda prova, mostrar que é homem, é que não vai." [100] Podemos observar características desta mulher masculinista quando as mesmas se suicidaram (ou tentaram) através do revólver, tendo em vista que este método é conhecido como tipicamente masculino[101].

> Este processo de virilização das mulheres é acompanhado da sensação de enfraquecimento dos homens, que não são capazes mais de atualizarem os antigos modelos de comportamento masculino, contribuindo para a ruína das famílias e das propriedades. [102]

Cabia ao homem o sustento do lar e quando não conseguia manter o sustento de sua família, tornava-se desesperado, chegando até ao ponto de cometer o suicídio. O

[98] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos:** Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte. Op. Cit., p. 66
[99] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **O Sexo Barbeado.** Recife, 9 de setembro de 1926. P. 3. FUNDAJ
[100] SILVA, Homem da. Mulheres- Homens. In: **A PILHÉRIA.** Recife, 21 de Julho de 1923. Ano III, nº 95. DP
[101] Dos suicídios ou tentativas ocorridos na década de 1920 em Pernambuco (segundo dados coletados pelo Diário de Pernambuco) apenas 5,84% das mulheres realizaram estes atos com o uso de arma de fogo.
[102] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira:** história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008. P. 431.

homem tinha que cumprir com seu dever moral perante a sua família e a sociedade, tendo em vista que o trabalho da esposa fora do lar era tido como algo desonroso.

Esta questão da dificuldade financeira e da crescente emancipação feminina foi retratada no texto "Estará o casamento fora de moda"[103], do Diário de Pernambuco, em que afirmava estar o casamento fora de moda, devido a independência feminina e na falta de recursos financeiro aos homens para arcarem com as responsabilidades do matrimônio.

Para Marx, como visto anteriormente, o suicídio devia-se as lutas sociais do mundo moderno, em especial a dificuldades financeiras causadas por ela. Estas, logo, afetaram no andamento dos casamentos, como pode ser observada no caso de Alípio A, que se suicidou no banheiro de um cinema em Alagoas pelo fato de não conseguir realizar o casamento por questões financeiras. [104]

A miséria financeira levava à miséria amorosa, pois as dificuldades trabalhistas tiravam o ideal masculino de prover, logo causando a desesperança, em atingir aos ideais de uma família de boa conduta moral, algo importante para o status do indivíduo da época. Essa desesperança foi vista por Beck – remetendo ao primeiro capítulo – como fator importante na identificação de intenções suicidas.

Observamos que tanto as percepções espaciais femininas e as masculinas sofreram modificações. A sociedade moderna, mais urbana e industrial, também modificou as profissões dos homens, que do trabalho nos engenhos passaram para as profissões liberais, trabalhando para as indústrias, área pública, comércio, etc. Durval Muniz bem exemplifica esta mudança,

> As próprias metáforas que definiam a relação do masculino e do feminino com os espaços começam a ser alterados. Os homens que antes viviam soltos, fora de casa, podendo se aventurar por diferentes lugares, se vêem, cada vez mais, presos a uma rotina estafante de trabalho. O homem do escritório, o funcionário público, o vendedor de comércio, o operário de fábrica já não têm as rédeas soltas como os antigos senhores: são cada vez mais encabrestados a uma vida rotineira, modorrenta, marcada por atividades repetitivas e cotidianas humilhações. A mulher, que antes estava presa ao lar, à vida doméstica, quando não à camarinha e à cozinha, dependendo de sua condição social, ia tomando as rédeas de suas vidas nas mãos, já respiravam novos ares, já saiam à rua para o estudo ou para o trabalho, mesmo que fosse nos mesmos lugares que para os homens pareciam ser prisões, mas que para elas eram indícios de liberdade. [105]

[103] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Estará o casamento fora de moda?** Recife, domingo, 5 de outubro de 1924. P. 7. FUNDAJ
[104] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Diário em Alagoas.** Recife, terça, 11 de maio de 1920. P. 1. FUNDAJ
[105] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira.** Op. Cit. P. 433.

Algumas mulheres passaram a trabalhar fora de casa, mas a visão que se tinha delas não era digamos uma das melhores, pois segundo Rago, "frágeis e infelizes para os jornalistas, perigosas e indesejáveis para os patrões, passivas e inconscientes para os militantes políticos, perdidas e degeneradas para os médicos e juristas, as trabalhadoras eram percebidas de vários modos." [106] Elas além de passarem a trabalhar fora de casa, muitas ainda costuravam para completar o orçamento do lar e ainda havia aquelas que completavam este ao se prostituírem.

As mulheres não só estavam trabalhando fora, mas segundo uma reportagem do Diário de Pernambuco[107], estava também "tomando" empregos dos homens, como no comércio. Isto porque o trabalho feminino nesta área possui três vantagens: recebia menores salários, servia como um atrativo de clientela, por ser mais agradável o atendimento feminino, e a questão que a mulher obedecia com docilidade.

Anúncio de Oferta de Emprego para as senhoritas *Revista da Cidade* Nº 11, 07 de Agosto de 1926.

Apesar da "inferioridade" atribuída as mulheres, segundo esta mesma reportagem, elas estavam começando a se organizar em associações de classe, pois os salários obtidos são gastos quase que exclusivamente na manutenção do lar. A notícia também menciona que o auxílio dos companheiros daria forças às associações, visando à igualdade do trabalho e dos salários, porém isto não ocorria pelo fato destes observarem as moças mais como correntes desleais, do que como companheiras.

O discurso masculino da época buscava modificar estas consequências trazidas pela industrialização, como a desvalorização das atividades do lar, pois agora a produção industrial absorveu certas atividades antes exercidas na unidade doméstica. Assim, segundo Margareth Rago, era frequente a associação da moralidade social com o trabalho feminino, pois estas ao trabalharem nas fábricas estavam ameaçando a sua honra, além de prejudicarem no desenvolvimento "natural" das famílias.

> Muitos acreditavam, ao lado dos teóricos e economistas ingleses e franceses, que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade.
> [...]

[106] RAGO, Margareth. "Trabalho Feminino e Sexualidade". Op. Cit., p. 579.
[107] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Do Rio:** A Situação das Moças que trabalham no Commercio. Recife, quarta, 12 de novembro de 1927. P. 1. FUNDAJ

> Muito influenciadas pelo filosofo francês Jean-Jacques Rousseau, pelo pensamento médico vitoriano e por concepções religiosas, as elites intelectuais e políticas do começo do século XX procuraram redefinir o lugar das mulheres na sociedade, justamente no momento em que a crescente urbanização das cidades e a industrialização abriam para elas novas perspectivas de trabalho e de atuação. Formava-se a moderna esfera pública, espaço em que as novas formas de interação social, bem como as relações entre mulheres e homens, passavam a se pautar por modelos europeus, especialmente franceses e ingleses. [108]

Neste contexto, a maternidade foi um dos pontos do discurso masculino, na qual se buscava revigorar o papel da mulher no lar e do homem no espaço público. Surge, então, a figura da mãe cívica, que viria a contribuir para o crescimento da nação, ao preparar intelectualmente, fisicamente e moralmente os filhos para o futuro. [109]

O periódico *O Cenaculo*, inclusive, menciona que é devido à maternidade que as mulheres possuem a chance de triunfar, cabendo a sua função de mãe como a solução para resolver o grande problema da humanidade. [110]

A maternidade também foi alvo de preocupação do jornal "Saúde e Assistência", que, como visto, era uma publicação por parte do governo local. Neste jornal, tem-se que a maternidade consiste numa função social, pois mantém a continuidade da raça. Segundo a publicação, as mães auxiliam a coletividade do ponto de vista moral, social e material, assim, devendo proteger a maternidade. Inclusive, menciona que a maternidade é reconhecida cada vez mais como uma função social nos países: EUA, Inglaterra e França, e que na Austrália, desde 1912, toda mãe recebe o valor de cinco libras esterlinas quando tem um filho, independente de sua condição social, pois estas exercem um beneficio à coletividade.

Em Pernambuco, o Departamento de Saúde e Assistência contava com o serviço de assistência pré-natal, realizando exames nas grávidas e que até novembro de 1923 contava com 193 mulheres matriculadas. O serviço era exercido gratuitamente, sob a responsabilidade de um médico especialista e duas parteiras visitadoras, cabendo a estas na divulgação de conselhos de higiene e profilaxia, além de acompanhar a gravidez e de assistir o parto. Pernambuco ainda contava com a criação da Inspetoria de Higiene Infantil para o auxílio da maternidade, no combate a elevada taxa de mortalidade infantil e no bem-estar e desenvolvimento da criança.

---

[108] RAGO, Margareth. "Trabalho Feminino e Sexualidade". Op. Cit., p. 585.
[109] Idem.
[110] PEREIRA, Aluisio. "As mulheres". In: **O CENACULO.** Recife, setembro de 1928, ano IV, n. 8, p. 2. APEJE

A publicação ainda menciona que é de responsabilidade das mães e dos pais evitar abortos e a mortalidade infantil ao se evitar causas evitáveis destas duas. Dentre as causas, cita a sífilis e o alcoolismo como as duas causadoras principais de problemas na gravidez e do desenvolvimento dos filhos, pois estes dois maus podem ter consequências como filhos tarados, deformados, idiotas ou desequilibrados.

Desta forma,

> Os mais diversos discursos sobre a família e o casal decretam que é no lar, no seio da família que se estabeleciam as relações sexuais desejadas e legitimas, classificadas como decentes e higiênicas. E se o matrimônio era a etapa superior das relações amorosas, 'garantidor da saúde da humanidade e da estabilidade social' como queriam alguns autores, nada melhor do que transformá-lo em necessidade para todos. Os solteiros passam então a ser perseguidos por "indisposições mortais". [111]

O casamento também apresentou outra modificação, pois, segundo Iranilson Buriti, houve a crescente presença de casamento por amor, em lugar daqueles baseados pelo interesse econômico. Todavia, segundo Maluf e Mott, ainda encontravam-se presente os casamentos por interesses familiares, que serviam como uma forma da manutenção do poder, dada a importância da riqueza como definidor do status e também como uma forma de proteger os bens familiares dos desastres econômicos. Segundo Natália Barros[112], esses interesses familiares tornaram-se mais explícitos nas escolhas dos casamentos.

Independentemente se eram casamentos por amor ou por interesses econômicos, Rachel Soihet[113] menciona que proporcionalmente os casamentos eram em números pequenos quando comparados à população total, pois a legitimação da união de membros da classe dominante só ocorria pelo casamento. Já entre os populares, a união matrimonial não predominava, porém isto não significava que os mesmos não possuíam alguma forma de união, pois havia entre eles o enlace fora do contrato matrimonial, em regime de concubinato.

Esta forma de união sofreu inúmeras críticas de religiosos e intelectuais, que viam esta como imoral, tanto que "os promotores da moral e da ordem classificaram como ilícita toda e qualquer relação entre homens e mulheres que se firmasse fora do

---

[111] PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil.** Op. Cit., p. 253.
[112] BARROS, Natália Conceição Silva. **As Mulheres na Escrita dos Homens:** Representações de Corpo e Gênero na Imprensa do Recife nos Anos Vinte. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2007.
[113] SOIHET, Rachel. "Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano". In: PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) **História das Mulheres no Brasil.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

contrato matrimonial."[114] Segundo Soihet, esta forma de concubinato ocorria pelo fato dos homens pobres não terem os meios de assumirem a figura de provedor do lar. Contudo, ao observamos algumas notícias no Diário de Pernambuco, durante a década de 1920, notamos que havia as "solteiras" que moravam com seus companheiros, mas que foram abandonadas por estes pelo fato deles terem adquirido casamento com outra.

Para Snedder, o lar ainda exercia como a principal força educacional do indivíduo nas cidades, tanto das grandes cidades urbanas como das rurais. Os problemas acima mencionados por ele ocorreram devido a fatores sociais,

> Há outros fenômenos sociais conexos que perturbam de certo modo o estudo da visão ampla, de extremo a extremo, de problema dando a ilusão de que a velha noção do lar se tenha aniquilado mercê das forças corruptoras invasoras. A diminuição numérica das famílias, nas grandes cidades, a deserção do lar por parte de número elemento feminino que vive inteiramente assoberbado pela vida comercial fazendo forte concorrência ao homem a ponto de, em certas profissões, diminuir-lhe os salários; a fragmentação dos membros componentes de uma família; a materialização da vida do lar; e outros problemas, constituem apenas fenômenos transitórios, dependendo das condições econômicas da população de um grande centro, e que, não ferem, em sua substancia, a idéia da família e do lar. [115]

A intelectualidade da época buscava pregar a idéia de família e a do lar baseada no amor, saúde e felicidade. Estas seriam a base para o casamento e a família, logo, as paixões deveriam ser evitadas, pois poderiam levar ao crime.[116] Contudo, as mudanças no setor feminino não só afetaram as tradições familiares e amorosas, mas, também, "redefinem-se os chamados papéis sociais. Identifica-se a mulher moderna que não se interessa mais pelos devaneios do amor romântico, desviando-se, para alguns, da sua condição feminina tradicional."[117]

Aliada a esta quebra das famílias tradicionais, encontravam-se os solteirões, que foram alvo de críticas em Pernambuco, tanto que o periódico *O Dia* [118] traz um artigo intitulado "Os Solteirões", no qual traz estes como um flagelo social, pois ele é um covarde, que só despoja a honra e a virtude de um lar, pela traição.

Esse fato pode ser comprovado com o caso de Arthur T. C. [119], solteirão conhecido pelos seus maus costumes de práticas de conquistas amorosas, que seduziu a

---

[114] MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. "Recônditos do Mundo Feminino". Op. Cit. 387.
[115] SNEDDER, David. "A Influência da situação econômica no lar moderno". In: DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Domingo, 13 de maio de 1928. P. 1. FUNDAJ.
[116] PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil.** Op. Cit.
[117] REZENDE, Antonio Paulo de M. "Cidade e modernidade: Registros Históricos do Amor e da Solidão no Recife dos anos 1930. In: MONTENEGRO, Antonio Torres ... et al. (orgs.). **História: cultura e sentimento:** outras Histórias do Brasil. Recife: UFPE; Cuiabá: UFMT, 2008. PP. 63-64
[118] BOLO, H. "Os Solteirões". *O Dia*. Recife, 31, março, 1921. nº 7, p. 5. APEJE.
[119] DIARIO DE PERNAMBUCO. Recife, 01, 1920. FUNDAJ

esposa de um marítimo. O esposo, ao retornar de uma viagem, soube da infidelidade de sua mulher e procurou Arthur, que confessou o fato. Quando o marido questionou a sua esposa, essa correu ao seu quarto e pulou pela janela do terceiro andar, pois estava receosa da reação do seu esposo.

Mais uma vez mostrando que havia relações fora do casamento na época, contudo, este tipo de relação (amancebamentos, concubinatos ou ligações consensuais) era tido como imoral ou como conduta indecente. Segundo Carlos Eduardo[120], o adultério feminino seria uma das principais causas dos crimes passionais no Recife dos anos 20. Outra razão por estes crimes era a separação por parte das mulheres, que se separavam para poderem arranjar emprego ou para porem fim num relacionamento inconveniente. Segundo Oscar Farias, o ciúme também seria uma das causas que levaria o homem ao crime, pois consiste no "veneno-secreção do amor doentio." [121]

Rezende[122] menciona que na coluna Credo da Mulher, de 20 de maio de 1922, fez-se uma paródia dos deveres da mulher, na qual "a primeira e básica afirmativa é a da crença no amor todo poderoso, encarnado no matrimônio para padecer e morrer no lar." Assim, o amor seria o centro da razão feminina, assim, devendo ser leal e fiel ao seu companheiro, pois sem o amor, ela não teria a sua razão de viver. Esta questão do amor também perpassou ao suicídio, em especial, aos contos publicados nos jornais.

2.6. Contos Suicidas: O Suicídio Romântico

O amor romântico, segundo Hunt[123], nas primeiras décadas do século XX teve um crescente acréscimo de investimentos, isto devido ao abalo sofrido nas áreas socioculturais. Amor esteve presente em alguns contos (ou crônicas) cujo tema era o suicídio, publicadas nas edições de domingo do Diário de Pernambuco.

Possivelmente, o amor romântico era de interesse do público devido ao fato que a nova vida moderna, mais direcionada ao capitalismo do "eu", estava se opondo à paixão.[124] O amor poderia atrapalhar a sua liberdade, em especial das mulheres, pois

[120] FILGUEIRAS, Carlos Eduardo de Albuquerque. "Crimes passionais no Recife da década de vinte: cortes e regularidades". In: **Documentação e Memória**/TJPE, Recife, PE, v.1, n.1, 36-49, jul./dez.2008.
[121] FARIAS, Oscar. "O que penso do amor". In: **O CENACULO**. Recife, julho de 1928, ano IV, n. 6, p. 1. APEJE
[122] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos:** Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte. Op. Cit., p. 66.
[123] HUNT, Morton. The Natural History of Love. *Apud* COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude Nem Favor:** Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
[124] COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude Nem Favor.** Op. Cit.

aquela, quando se casava, só poderia trabalhar com a autorização do seu esposo, como definia o código civil vigente na época.

> Embora fosse senso comum que "as mulheres vivem para o amor", bem como que o romantismo e a sensibilidade seriam características eminentemente femininas, restava perguntar, qual amor? Que amor era esse? A herança de séculos impunha-se: um amor domesticado; feito de razões. Nada de paixões que violassem a lei e a ordem. Impossível romper com os moldes tradicionais da felicidade ligada ao casamento legal, à prole legítima. Alguns deslizes podiam ser tolerados em nome da abnegação feminina, mas erra por paixão? Nunca. O amor verdadeiro e digno era feito de juízo. A paixão era loucura passageira, impossível, "sentimento insensato que jamais poderá concretizar-se numa união legal". [125]

Talvez por esta razão via-se o sucesso dos romances e dos cinemas. Neles poder-se-ia viver uma louca paixão, sem a culpa e sem o receio de ser considerada imoral, e não um casamento que poderia ser ou não baseado no amor. Razão esta que poderia explicar um suicídio romantizado, em que o indivíduo seria levado do caminho do desespero para o da paixão.

> Os romances apresentavam outras formas de conceber e perceber o suicídio, muitas vezes diferentes daquelas presentes e divulgadas no e pelo discurso médico. Em outras palavras, na literatura, o suicida não era necessariamente o doente mental, o desequilibrado ou o louco que deveria ser identificado, tratado e curado. [126]

Esta literatura romântica pode vir a nos auxiliar no melhor entendimento do suicídio, pelo fato de que os contos servem como um reflexo dos aspectos culturais do cotidiano de uma sociedade.

> A melancolia, a saudade, aspiração daquilo que não se conseguiu ser até então, denotam as características românticas, bem como impotência frente à superação do ideal e fuga através da morte, o que permite situar as manifestações do comportamento da população urbana como sendo reflexo da fase analisada. É a imagem do seu tempo.[127]

Apesar destes contos publicados, pelo que podemos constatar, serem todos (ou quase todos) de autoria de franceses, acreditamos que não diminuirá o seu auxílio no entendimento do suicídio e da sociedade no Recife. Isto porque, a capital pernambucana se espelhava na França e na sua modernidade. Além do mais, por terem sido publicadas no jornal local haveria alguma razão pela sua escolha, que muito bem poderiam ser por fatores de similaridade.

---

[125] PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil.** Op. Cit. PP. 290-291.

[126] LOPES, Fábio Henrique. "Literatura, um perigo à vida? Discursos médicos e literários sobre o suicídio, século XIX". In: **Revista do Mestrado de História**. Vol. 9, nº 9, 2007. P. 57.

[127] MORAES, Adriana dos S. **Uma Novela de 1897, uma Imagem da Cidade em Direção à Modernidade. Estrychnina:** Na Porto Alegre do Final do XIX, o Moderno se Envenena de Desejo**.** Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: PUC-RS, 2006.

Possivelmente, o amor que poderia levar ao suicídio já era tema recorrente dos romances pela imprensa francesa, pois o abade francês Maupoint, em 1843, já advertia aos efeitos nocivos do amor desvirtuado dos romances como causadores do suicídio, tendo até surgido o termo "*suicide romanesque*". [128] Guillon e Bonniec[129] comentam que o início do século XX também foi marcado pela abundância de uma literatura anti-suicídio na França.

Ambientado em um lugar de desespero e infelicidade, os homens passam a refletir sobre as suas despedidas da face da Terra, analisando qual será o método para realizar o seu possível último ato neste mundo. Assim começaram alguns dos contos publicados no Diário de Pernambuco, como o "Suicídio" de Lucie Paul Marguerite[130] e "Diário de um neurastênico" de Roger Regis[131].

> Agora, ele passava em revista os modos de suicídio mais usuais: o veneno? Seria muito difícil encontrar... O revólver? Ele não possuía mais do que um velho fuzil de caça descalibrado... A asfixia? Abrir as velas no banho? "Poiah"! Um ar de desgosto retorcia o seu nariz aos diferentes espetáculos que tais sugestões lhe evocavam. A queda de um avião o seduzia, mas encontraria ele um piloto que compartilhasse da sua inclinação para o suicídio? Ele decidiu afogar-se, pura e simplesmente. Era breve e custava pouco... O Sena não o tentava, mas o Loing, na pequenina Villa de Montigny; o Loing florido de Iris e do nenúfares; o Loing que canta e cujas águas não são fondidas senão pelo salto de um peixe de argenico, que retumba: flael num espadanamento diamantino; o Loing, onde deslizavam, lentamente, barcas carregadas de encanto; o Loing, sim, seria um túmulo digno dele. Camillo Hurin era um poeta. [132]

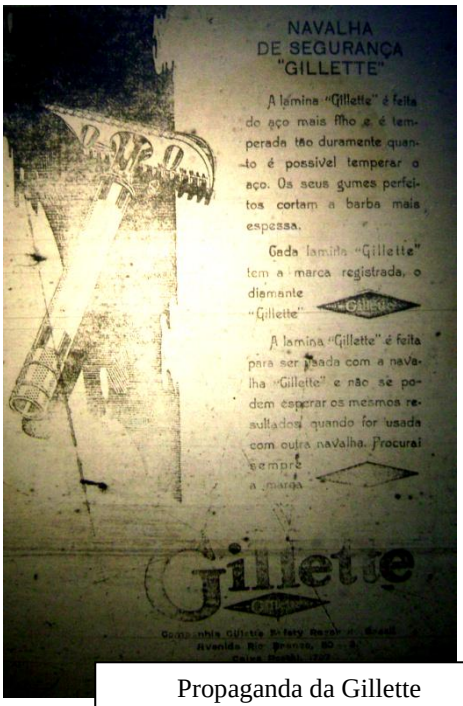
Com este trecho podemos observar que, possivelmente, havia uma reflexão para como seria o seu ato final, na qual diversos fatores poderiam influenciar na sua escolha[133]. Esta que poderia ocorrer com o uso de objetos modernos, que atraiam as pessoas para fazerem uso não do modo em que foram designados, como neste caso o avião.

Objetos modernos foram usados em alguns suicídios em Pernambuco da década analisada, como o uso dos bondes elétricos, produtos de higiene feminina e até de Gillette. Este chegou ao Brasil já no início da década de 1920, como podemos observar na sua propaganda no Diário de Pernambuco. A Gillette fui utilizada no caso do

---

[128] LOPES, Fábio Henrique. "Literatura, um perigo à vida? Discursos médicos e literários sobre o suicídio, século XIX". Op. Cit.
[129] GUILLON, Claude; BONNIEC, Yves Le. **Suicídio, modo de usar.** Op. Cit.
[130] MARGUERITE, Lucie Paul. "Suicídio". In: **DIÁRIO DE PERNAMBUCO.** Recife, domingo, 11 de março de 1923. P. 6. FUNDAJ
[131] REGIS, Roger. "Diário de um neurastênico". In: **DIÁRIO DE PERNAMBUCO.** Recife, domingo, 19 de abril de 1925. P. 7. FUNDAJ
[132] MARGUERITE, Lucie Paul. "Suicídio". Op. Cit. FUNDAJ
[133] A questão do método usado será melhor abordado posteriormente.

espanhol Adolfo, de 38 anos, que tentou se suicidar "com um ferimento no pulso direito, produzido com uma lâmina 'Gilette'"[134]. Desta forma, notamos como os produtos modernos tiveram usos para outras finalidades.



Propaganda da Gillette
Diário de Pernambuco Abril/1922

Apesar dos dois contos acima referidos tratarem do suicídio, a morte não ocorreria, pois no lugar das trevas, desespero e infelicidade veio à luz com a paixão de uma mulher. Esta tem a capacidade de mudar o seu espírito, das amarguras da vida, passava-se a ver a beleza nela. Isto pode ser visto no "Diário de um neurastênico", em que o futuro suicida já havia decidido deixar este mundo pelo enforcamento, mas que não levou a efeito, tanto que "Viva a alegria! E se eu tiver que me pendurar hoje, será no pescoço de Charlotte!"[135]

No caso de Camillo Hurin, do conto "Suicídio", este devia ao suicídio como causa de sua futura união, pois quando se preparava para se suicidar no rio Loing, encontrou uma moça, Rosa Maria, que em desespero, pulou da ponte ao rio. Ele pulou na água para salvá-la, tendo feito isto, ela confessou que estava noiva, tendo sido abandonada pelo noivo devido à redução do seu dote. Então, a mesma ofereceu seu dote a Camillo pela sua coragem de salvá-la, do desespero nasceu o amor e a união.

> Mas eles encontraram a beira do Loing uma casinha onde se instalaram. Hoje, Rosa Maria cuida de três travessos bebês e Camillo – o poeta – cultiva um canteiro de flores com girassóis e rosas de todo o ano. Cada domingo, eles relembram a sua asneira, numa barca vagarosa que, entre os rosais, singra docemente, cortando a água com um fluido de seda rasgada, em busca do arco da ponte onde vão pescar "goufous" para uma fritada... [136]

Não observamos esta questão do pensamento do suicídio sendo esquecido por causa do amor nas notícias do Diário de Pernambuco, até porque caso estes pensamentos fossem exterminados, os indivíduos, provavelmente, não os divulgariam para a imprensa.

Contudo, houve um caso relatado que ocorreu em São Paulo em 1927, na qual o amor levou ao suicídio de um casal. Pela carta deixada por eles, o esposo dizia que

[134] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentou contra a vida.** Recife, 7 de dezembro de 1928. P. 4. FUNDAJ
[135] REGIS, Roger. "Diário de um neurastênico". Op. Cit. FUNDAJ
[136] Ibidem.

estava se suicidando por problemas financeiros e que sua esposa havia decido que também iria se suicidar, pois não queria abandoná-lo após 32 anos de casados, algo que foi verificado pelos relatos da esposa também nesta carta.[137] Para alguns especialistas, estes suicídios de casais são geralmente patriarcais, pois o esposo acaba convencendo a sua parceira a cometer suicídio com o mesmo[138]. Sinais indicam que este caso seria do tipo patriarcal, pois os motivos são a ruína financeira do esposo, além da questão de que ela não queria abandoná-lo, mostrando o domínio patriarcal sobre a esposa submissa.

Podemos perceber também uma diferente mentalidade dos cronistas quanto às razões pelos suicídios entre os homens e as mulheres. Enquanto que aqueles são mais por razões de infelicidade e também financeira, estas são pelas paixões ou como uma forma de encenação.

> Durante os cinco anos que duravam as suas relações íntimas com o bom de Gloussery, três vezes tentará suicidar-se daquele modo [jogar-se pela janela], o qual tinha a virtude de amenizar o legitimo furor do seu amigo, exasperado, apesar de sua prudência e resignação, pelas cenas estúpidas e violentas que ele a cada passo lhe provocava. [139]

Após uma nova discussão entre o casal do conto acima, em razão dele [Gloussery] ter descoberto um bilhete de possível adultério por parte dela [Marietta], no qual dizia estar um homem a sua espera. Começou então o bate boca. Marietta, então, como uma forma de acabar com a briga e de trazer remorso à Gloussery, se dirigiu a janela em que havia "tentado" o suicídio antes.

> A cena ia subindo de tom, conforme era do desejo dela. Marietta calculava assim Gloussery se aborreceria e se iria embora.
> Gloussery, porém, discutia, contestava, mas, não se mexia. Ela compreendeu então que não lhe restava outro recurso senão o da janela. Dera-lhe sempre tão bom resultado! E, com efeito, gritando, precipitou-se para a janela:
> - Ah! Estou cansada de tanto sofrer! Prefiro acabar de uma vez!
> Abriu a janela e, quando se ia lançar, deu com a tranquila permanência de Gloussery, sentado e ainda por cima a sorrir, irônico.
> - Juro-te que me jogo!
> Sem se mover, ele, calmo, replicou:
> - É natural. Teu "bem" espera-te já em baixo e [se] fores pela janela chegarás mais depressa. [140]

Evidências de que fingir o suicídio era uma realidade existente na época, como será melhor analisado no capítulo a seguir. Para o doutor Souza[141] as mulheres muitas

---

[137] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, quarta, 14 de dezembro de 1927. P. 1. FUNDAJ
[138] BONGAR, Bruce; *et. ali.* "Marriage, Family, Family Therapy and Suicide". Op. cit.
[139] ZAMACOIS, Miguel. "Suicídio Burlado". In: **DIÁRIO DE PERNAMBUCO.** Recife, domingo, 10 de abril de 1921. P. 2. FUNDAJ
[140] Ibidem.
[141] SOUZA, José de Araujo. **Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas (Cadeira de Medicina Legal). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1929. LAPEH

vezes tentavam o suicídio como uma forma de conseguirem aquilo que queriam, como bem exemplificado na citação acima.

Podemos também observar que o pensamento de suicídio numa família pode afetar toda a estrutura da mesma, como mostrado no conto "A obsessão"[142] de Albert de Teneuille. Este conta a história do Sr. Tardiveu cuja esposa estava sofrendo de distúrbios mentais, condição que exigia vigilância para se evitar o suicídio. O esposo, então, não entendia a razão pela qual a sua esposa pensava em acabar com a vida, pois sempre tiveram uma relação estável.

> Sentia-se, porém aniquilado. Assim, pois, ao cabo de quinze anos de casado, durante os quais não surgira entre ele e a esposa a menor discussão, a mais leve sombra de desgosto. Elvira pensava em por termo a vida. Tinha feito tudo para que ela vivesse uma existência larga e farta cercando-a de atenções, mantendo uma completa fidelidade.., Que razão de queixa, pois, podia ela ter? [143]

O Sr. Tardiveu temendo o pior, intensificou as atenções a sua esposa, porém ao invés de estar melhorando a condição da sua parceira, esta estava na realidade ficando mais melancólica. Mesmo assim, Tardiveu passou a direcionar, quase que totalmente, a sua vida em torno da sua mulher, com grandes receios de uma tentativa contra a vida.

O suicídio passou a dominar os pensamentos do Sr. Tardiveu. Um dia quando ficou retido no escritório devido ao temperamento de um cliente, coincidentemente, o mesmo dia de folga de sua empregada, logo quando chegou a casa, começou a chamar pela sua esposa que não respondia. Depois de uma busca pela casa, foi encontrá-la na sala de visitas, sentada com a cabeça para trás, imóvel, com uma lâmina entre os dedos e uma mancha vermelha no pescoço. Tradiveu pensou, então, o pior e ao gritar o nome de sua esposa, Elvira, esta se acordou e perguntou o que foi.

> Nessa imensa atrapalhação, abraçava-a, beijava-a, como se ela realmente houvesse voltado do além! Compreendeu por fim o seu engano: o sono súbito, a faca de cortar papel, que tanto se assemelhava a um punhal, a mancha vermelha no pescoço, mancha que era apenas uma pétala de rosa caída de um vaso que dominava a poltrona... Ria e chorava ao mesmo tempo, diante da esposa, que não acertava com o motivo daquela comoção. Uma alegria tumultuosa lhe sacudia, lhe embrulhava as idéias. Nunca experimentara tão grande ventura. [144]

Mesmo Elvira estando bem e não ter tentado nada, aquela imagem do suposto suicídio dela, que por um momento acreditou-se ter sido real, o Sr. Tardiveu não

---

[142] TENEUILLE, Albert de. "A obsessão". In: **DIÁRIO DE PERNAMBUCO.** Recife, domingo, 5 de fevereiro de 1928. P. 9. FUNDAJ
[143] Idem.
[144] Idem.

aguentou a pressão de esperar o dia em que a sua esposa se suicidasse, então, nada mais lhe restava a não ser cometer o suicídio, que o fez através de uma pistola.

A idéia de um possível suicídio de sua esposa lhe assustava mais do que tudo. Como cabia ao homem manter financeiramente a casa, este não podia se ausentar totalmente e talvez contratar mais de uma criada não coubesse ao seu orçamento, logo não agüentou a pressão. Contudo, na realidade, a pessoa ou pode sucumbir quanto aos pensamentos suicidas de uma pessoa próxima ou até mesmo chegar ao ponto de ignorar os chamados de socorro, como o suicídio do distribuidor de leite Severino P. S.[145]

Severino, que tinha 37 anos e era casado, já havia tentado se suicidar uns seis meses antes e com o insucesso do ato havia apresentado sinais de desequilíbrio mental, tendo ataques. Passado seis meses deste primeiro ato, ele saiu de casa "dizendo que não mais voltaria, pois naquele dia acabaria com a vida, que sua irmã [relato segundo cunhado de Severino] ouviu tais declarações sem lhas dar o devido valor, pois estava já cansada de ouvi-las da boca do esposo [...]."[146] Desta forma, notamos que a mesma cansou das diversas declarações de suicídio do seu esposo, chegando ao ponto de ignorá-las.

O suicídio era um tema que fascinava na literatura romântica, talvez pelo fato do indivíduo escolher a sua morte ou por ir contra os dogmas que buscavam controlá-los. Os contos também nos mostram que havia um lado de marketing do suicídio, como visto no "O Cortejador da Morte"[147] de Gabriel de Lautreo. Este conta a história de um indivíduo que na primeira vez em que tentou o suicídio, acabou atraindo a atenção dos jornais, que publicou o seu caso. Tentou-se mais uma vez, desta vez atraindo a atenção dos poderes públicos, sendo chamado para fazer declarações, tendo até prometido ao comissário que da próxima vez tentaria fora de seu distrito.

Estas tentativas atraíram interesse público, tendo o cortejador da morte virado certa celebridade.

> Passo por cima das conseqüências cômicas desses gestos reiterados. Prospectos, ofertas das agências funerária, surgiam a cada nova tentativa. Os jornalistas pediam-me a minha opinião sobre a pena de morte. Um fabricante de automóveis propôs me cem mil francos para me suicidar em um carro da sua marca. Ao mesmo tempo, tornei-me uma espécie de herói para romances. Tive o meu retrato e a caricatura em jornais e revistas. Jovem desesperado moderno, procurou-se investigar as causas do meu desespero. O meu desejo de morrer sempre frustrado foi atribuído sucessivamente a um amor infeliz,

[145] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Fúnebre Achado.** Recife, quarta, 9 de março de 1921. P. 2. FUNDAJ
[146] Ibidem.
[147] LAUTREO, Gabriel de. "O Cortejador da Morte". In: **DIÁRIO DE PERNAMBUCO.** Recife, domingo, 23 de novembro de 1924. P. 7. FUNDAJ

> depois ao remorso de um crime nefando. Mas, para todos eu era um Édipo, perseguido pela inexorável fatalidade. [148]

Então, não bastava à presença dos suicídios no cinema, nos contos, nas notícias de jornais, agora ele chegava também na propaganda. Desta vez não com um aspecto romântico, mas sim como algo a ser evitado.

Esta era a proposta do remédio "Urotropina" que veiculou no Diário de Pernambuco da década de 1920, que trazia na sua propaganda: "O suicídio é um crime, uma manifestação de fraqueza, quase sempre proveniente de doenças causadas por descuido e relaxamento. Cuidem, pois de sua saúde, não esperando o desenvolvimento das moléstias. Previnam-no especialmente contra as enfermidades dos rins e da bexiga, tomando cada mês, durantes alguns dias, alguns comprimidos 'Schering' de Urotropina, o maior desinfetante das vias urinárias."[149]

Propaganda do Remédio "Urotropina".
Diário de Pernambuco, 13 de setembro de 1925

Esta propaganda além de mostrar que o suicídio podia ser usado para fins econômicos, pode nos auxiliar no entendimento da sociedade. Isto porque, "os anúncios de remédio dizem muito sobre as doenças de tratamento leigo e cuja terapêutica era iniciativa do próprio doente, orientado pela divulgação popular das virtudes desse ou daquele medicamento." [150]

> Nos jornais da década de vinte, encontravam-se anúncios de uma infinidade de medicamentos produzidos por [...] laboratórios, alguns com os nomes dos médicos ou inventores das fórmulas, que prometiam a cura para os mais diferentes males. É interessante perceber que o mesmo remédio era indicado

[148] LAUTREO, Gabriel de. "O Cortejador da Morte". Op. Cit. P. 7. FUNDAJ
[149] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, domingo, 13 de setembro de 1925. P. 13. FUNDAJ
[150] NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil.** Op. Cit. P. 28.

> para a cura de moléstias diversas, que iam de irritações superficiais na pele ou indisposições até problemas em órgãos e sistemas vitais. [151]

Segundo Sevcenko, uma das razões para a popularização dos remédios devia-se a urbanização, pois com o rompimento da família ampla e, consequentemente, a divulgação das ervas e processos de cura entre as gerações, abriu-se um lapso, que foi preenchido pelos novos laboratórios químicos. "Ademais, as próprias condições de aceleração, concorrência, isolamento, individualismo, ansiedade e a crescente carência de contatos afetivos tinham um indubitável reflexo na somatização de indisposições, instalando o proverbial 'mal-estar da vida moderna." [152]

A propaganda deste remédio pode remontar ao receio do povo recifense com as doenças, possivelmente, devido às inúmeras epidemias que ocorreu na capital pernambucana. Assim, dever-se-ia se proteger destas doenças tomando o urotropina, pois caso não tomaste, poderias desenvolver uma moléstia, cuja presença levou muito indivíduos a praticarem o suicídio.

O uso do suicídio como tema de um remédio pode ter sido utilizado como uma ferramenta de choque, visando que as pessoas lembrassem-se deste produto, pois este era um período marcado pelo crescimento da produção de diversos medicamentos, logo, necessitava-se de uma propaganda que atraísse o público para a sua compra.

Contudo, apesar do suicídio romântico nos contos, podemos observar nesta propaganda os valores negativos atribuídos ao suicídio, desde fraqueza até sendo considerado um crime. Esta sim era a realidade nas notícias dos jornais, não eram mostrados como algo romântico, mas sim com certa denotação negativa.

> A gente de bem não gosta de suicídios à sua volta. É o gênero de irrupção da morte no seu quotidiano que os perturba e incomoda. O suicida trai algo, trai de algum modo o pacto tácito dos vivos, que aí estão só para se engalfinharem na existência. Suicidar-se é indigno. É cobardia fugir. Desertar da existência, que, como se sabe, é um combate. Reagem sempre da mesma maneira, quer se trate de uma instituição (armada) ou da vida. Recusar é optar pelo mais fácil. [153]

[151] COUCEIRO, Sylvia Costa. "Médicos e Charlatães: Conflitos e Convivências em torno do 'Poder da Cura' no Recife dos anos 1920". In: **CLIO.** Revista de Pesquisa Histórica, nº. 24, vº. 2. Recife: UFPE, 2007. P. 17.
[152] SEVCENKO, Nicolau. "A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio". Op. Cit. P. 553.
[153] GUILLON, Claude. "Quando for grande, suicido-me!". Tankonala Santé, nº 11, Outubro de 1974. In: GUILLON, Claude; BONNIEC, Yves Le. **Suicídio, modo de usar**. Op. Cit. P. 288.

2.7. Os Espaços de Sociabilidade.

A modernização das cidades e o crescimento das cidades urbanas e de sua popularização, causaram efeitos nas mulheres e nos espaços de sociabilidade, tanto que, nas áreas urbanas, a vida noturna também ganhou espaço. Estes fatores possibilitaram no surgimento de novos meios de diversões para a população.

Piquenique em Gurjahú
Revista da Cidade, 07/08/1926

Havia outras formas de divertimento, além das festas tradicionais, as novidades modernas seriam: os bailes, as festas, os restaurantes, os piqueniques, as corridas de carro, as competições esportivas, os cafés-concerto, as confeitarias, os cabarets, os circos, as temporadas nas praias, os parques de diversão, os teatros e os cinemas, entre outros.

As belas artes, segundo Couceiro, tiveram lugar no Recife dos anos vinte, com as apresentações de danças nos teatros, concertos, recitais, diversas exposições e palestra, que alimentavam a vida cultural da classe "culta" da cidade.

Os diferentes ritmos também atingiram o Recife, com as danças que aceleravam e movimentavam as pessoas, especialmente as de origem norte-americana, como o fox-trot, jazz, rag-time, shimmy e one-step.

"Com seus passos ligeiros, aparentemente desconexos e sem harmonia, as novas danças chocavam alguns observadores que as viam como deselegantes e caricatas, responsáveis pela dissolução dos costumes e padrões morais." [154] Não faltavam ambientes e oportunidades para se dançar e, segundo Rago, as moças começaram a frequentar os bailes e as danças desacompanhadas, pois iam sem a figura protetora masculina.

Está entre nós a aviadora patrícia senhorita Anesia Pinheiro Machado que vem realizar alguns vôos no Recife. A Pilhéria, 16/06/1923

A diversão também invadiu as ruas, com as festas, exposições e as atrações, como a chegada dos aviões, que levavam multidões a esperar pela descida dos aviões. Os aviadores viravam uma espécie de heróis ao povo, havendo até mulheres entre os aviadores.

[154] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 100.

Outras atividades ao ar livre incluíam os piqueniques e os banhos de mar, que serviam para o descanso também. As praias ainda serviam para mostrar o corpo esbelto e malhado pelos esportes e pela ginástica, através do uso das roupas leves, as mulheres acabavam atraindo os olhares masculinos. Isto porque, "com o afrouxamento dos controles, o corpo feminino apto para o prazer descobriu-se. As mulheres começam a se despir para praticar esportes, para dançar, para atuar nos palcos ou para vender-se."[155]

Revista da Cidade, 07/08/1926

Dentre as diversões principais da década de 1920 estavam os cafés, que, segundo Couceiro, eram frequentados na maioria por boêmios e mulheres de conduta duvidosa. Mesmo assim, era um ambiente altamente disputados, tanto de dia como à noite e cafés para todos os gostos e classes sociais. No entanto, os cafés foram perdendo gosto entre as elites, porém o oposto ocorria entre as camadas populares, que tinham alta consideração pelos cafés-cantantes.

A popularização dos cafés entre as camadas populares devia-se a diversas razões, que seriam: "para encontrar-se com os amigos, fugir do trabalho, fazer uma fezinha no jogo, curtir uma dor de cotovelo, informar-se das novidades, encontrar companhia feminina, escapar do cotidiano doméstico, ou simplesmente para matar o tempo e **fugir da solidão**."[156]

Podemos, então, perceber, que os espaços de sociabilidade não eram só usados por meios de diversão e de descanso, mas também para não se sentir só, tendo em vista a solidão fruto de um mundo mais veloz e acelerado, que tornaram os indivíduos prisioneiros do tempo. O mundo estava se tornando individualizado, como menciona Roberto DaMatta, "o indivíduo é o foco da maioria das ações da vida cotidiana e todos os espaços são marcados individualizadamente. [...], tudo é individual: cadeiras para o cinema e o teatro, ônibus, avião, e locais de refeição."[157]

Possivelmente, com a quebra das antigas instituições sociais e a crescente individualização, aliadas ao progresso tecnológico e à modernidade, a vida reclusa nas residências foi cedendo lugar para as convivências nas ruas. Assim, novos hábitos

[155] PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas.** Op. Cit. P. 106.
[156] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 125. Grifo nosso.
[157] DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua:** Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. P. 40.

foram adquiridos através da diversidade de atividades disponíveis na "rua", como ir às sorveterias, sair à noite ou almoçar em restaurantes.

Contudo, os novos ambientes não eram disponíveis para todos, como o luxuoso e conceituado restaurante "Leite". O proibido seria, então, objeto de desejo, mas como pagar a conta caso não tivesse dinheiro para isto? O jovem auxiliar de comércio, de 19 anos, Luiz V. M. J.[158] encontrou uma saída para esta questão.

No dia 30 de novembro de 1920, ele se arrumou com um terno de casimira escuro, gravata preta com um broche com uma pérola, botinas de pelica, chapéu de palha, relógio de ouro, corrente de ouro e um anel de ouro com um brilhante pequeno. Talvez, assim, foi para não se distorcer do ambiente e dos seus possíveis clientes.

Luiz, então, dirigiu-se ao restaurante, por volta das 11horas, onde almoçou calmamente. Comeu dois pratos, sobremesa e tomou um café. Já satisfeito, dirigiu-se ao W.C., onde acabou com sua existência com um tiro de pistola Smith Wesson contra a sua cabeça.

A cena foi retratada pelo Diário de Pernambuco, que mencionou após o tiro, várias pessoas, dentre eles o proprietário do dito restaurante, se dirigiram ao W.C., tendo encontrado Luiz "em decúbito dorsal, com a cabeça encestada à parede, banhado em sangue. Da fronte, do inditoso moço, jorrava muito sangue. Estava arquejante moribundo."[159]

A assistência pública foi chamada, mas já encontrava o jovem falecido. Após o comunicado a policia, compareceram ao local o delegado do 1º distrito da capital e o tenente subdelegado do bairro de Santo Antônio.

Luiz escolheu o restaurante Leite como o local de sua última refeição, talvez por já conhecer o local, mas deve ter sido mais pelo desejo e o sonho de comer alguma vez lá. Isto porque o bilhete[160] que deixa para trás, sugere que o mesmo não se encontrava numa situação financeira confortável, como pode ser visto:

> "Tudo quanto me pertence, dêem ao Gerson e ao Alípio. Muitas lembranças para todos. Assim é a vida. Depois de muito gozo aparece a morte. Gastei tudo quanto tinha e o único balsamo é o revólver. – Luiz.".

Contudo, este não foi o único local de diversão ou convivência em que houve um suicídio, pois como foi visto anteriormente, houve o suicídio de Alípio A. num cinema em Alagoas.

---

[158] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Triste Occurrencia.** Recife, 1 de dezembro de 1920. P. 3. FUNDAJ
[159] Ibidem.
[160] Os bilhetes serão melhores trabalhados no último capítulo.

2.7.2. O Cinema:

Apesar do teatro ter tido um movimento intenso, vindo até companhias estrangeiras apresentar-se na cidade, podemos supor que era o cinema a principal atração da época. Este que mais atraia o público, com a magia das suas imagens, tanto que se espalhavam cinemas em diversos pontos da cidade nos anos 20.

> Acontecera uma sensível mudança nos hábitos, pois o cinema fascinava e a disputa entre as salas exibidoras era grande. O Recife perdera, aos poucos, seus fortes ares provincianos. Novas diversões foram assumindo lugares no gosto da população, motivando deslumbramentos. A técnica e as máquinas deixaram todos curiosos, interessados em saber como aqueles aparelhos funcionavam. O cinema exercia um fascínio especial, atraíra grandes públicos para época. [161]

Inclusive, segundo o folheto *The Big Parade* de 1 de março de 1928, o povo recifense encontrava-se ansioso com acontecimentos cinematográfico da cidade, quando se iniciaria uma nova temporada de filmes, tendo o filme *The Big Parade* como o escolhido para se iniciar a temporada. Segundo este folheto, "Não há memória de um espetáculo que despertasse tanto a curiosidade de nosso grande mundo." [162]

Ir a uma seção de filme significava muito mais do que vê só um filme, pois, segundo Couceiro, esta era acompanhada por diversas apresentações, que podiam ocorrer antes ou depois do filme.

O cinema também facilitava os encontros e os *flirts*, além da troca de beijos e de outras intimidades. Algo que foi facilitado pelas novas mudanças na cidade, o entrar da noite, pois com ele "o Recife alarga os seus horários noturnos, movimenta-se mais o centro da cidade, mais assuntos para conversar, novos ídolos, novas seduções, novos e agitados pontos de encontro." [163] Até mesmo o filme mencionado no parágrafo anterior teve a sua abertura ocorrida à noite no Recife.

CINE-HELVETICA

HOJE CADEIRA 600 Réis HOJE

Não te cases

CARMEN

Propagando do filme "Não te cases". Diário de Pernambuco, Março 1922

Os filmes exibidos nos cinemas ganharam também espaço nos jornais e revistas da década de 1920, pois neles faziam-se as propagandas dos filmes e também dos locais de sua exibição, tendo a crescente concorrência que o cinema e sua produção causavam.

Houve também na época uma produção local de filmes, sendo o Recife até sido conhecido como a capital do cinema brasileiro ou como a Hollywood do Brasil. Houve diversas dificuldades por ela sofridas,

[161] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., p. 77.
[162] THE BIG PARADE. Recife, 1 de março de 1928. APEJE
[163] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., p. 78.

algo que foi aliado com o domínio na exibição dos filmes norte americanos. Até o governo utilizava do poder emocionante dos filmes e do cinema. O governo de Sérgio Loreto, com seu grande esquema de propaganda, chegou a exibir documentários que retratavam as realizações do governo e, como visto anteriormente, utilizou-se também do cinema como uma forma de conscientizar o povo dos perigos da sífilis.

Podemos supor uma crescente importância dos cinemas e dos teatros na vida social do povo recifense pelo simples fato de que durante uma epidemia de gripe que assolou a cidade em julho de 1921, a Diretoria de higiene e saúde pública solicitou o fechamento dos teatros, cinemas e outras casas de diversões, como uma forma de evitar novos casos. [164] Não concordando com esta ordem, contudo, as casas de diversões recorreram na justiça, que autorizou no seu funcionamento. [165]

Talvez a principal mudança, provinda dos cinemas, foi a sua influência nos padrões de comportamentos, de moda, de consumo, de hábitos, de beleza e nos gostos da população.

> Graças ao cinema americano, novas imagens femininas começam a multiplicar-se e, novidade: a beleza passava a ser o motor do desejo. A moda tornou-se uma das principais articuladoras do novo ideal estético imposto pela indústria cinematográfica americana. Não era mais Paris quem a ditava, mas os estúdios de Hollywood. Nas páginas de revistas como Cinearte podiam encontrar-se, à dezenas, artigos com títulos sugestivos como: "O que as estrelas vestem?, "Cabelos curtos ou compridos", "As moças devem ou não usar meias?", "Por que as estrelas fumam?", etc.[166]

Também causaram outras mudanças na sociedade brasileira, em especial, com relação às mulheres, pois os filmes hollywoodianos abordavam principalmente os temas de amor e traição, com as personagens femininas geralmente envolvidas num triangulo amoroso. Desta forma,

> Certas representações do universo cinematográfico começam a encher a cabecinha das nossas meninas modernas. As palavras francesas como *coquetterie*, literalmente a preocupação de se valorizar para agradar, e *allure*, distinção de porte, somam-se outras, em inglês, influência do cinema: *sex-appeal* e *it.* A primeira dispensa tradução; a segunda, referia-se ao "quê" de sedutora que havia em cada mulher. "*It* é um dom de atração [...] uma qualidade passiva, que atrai a atenção e desperta o desejo. A mulher deve possuir o *it* para atrair o homem" explicava o articulista de *Cinearte*, em 1928. Já o *sex-appeal*, segundo o mesmo cronista, definia-se pelo físico "atraente e perfeito, pelas atitudes provocantes, o olhar liquefeito e perigoso, no andar lento e sensual, nos lábios contornados e convidativos. [167]

[164] DIARIO DE PERNAMBUCO. **O fechamento dos cinemas e theatros.** Recife, 12 de julho de 1921. FUNDAJ
[165] DIARIO DE PERNAMBUCO. **O fechamento dos cinemas e theatros.** Recife, 13 de julho de 1921. FUNDAJ
[166] PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas.** Op. Cit. PP. 114-115.
[167] PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil.** Op. Cit., p. 275.

Segundo o periódico *O Cenaculo* da década de 1920, "o amor é hoje moderno como todas as coisas que querem viver decentemente á superfície da terra..." [168] Ainda segundo este:

> Cada idade, cada instituição, cada época tem alguma coisa que as isola, define e caracteriza. O nosso século todo de competições e lutas diuturnas, de emoções um instante vividas... – o nosso século que criou o Jazz e Marinetti, fez também o amor cinematográfico, efêmero, fugaz, todo sentidos, feito de um olhar, uma impressão, um gesto, uma loucura, uma recordação que passa... Todo mundo ama como Pola Negri[169]... [170]

Nem tudo vindo do cinema era bem aceito, como pode ser visto numa reportagem Sá Leitão na "Revista da Cidade". Apesar de notar a influência e o prestígio dos cinemas e teatros sobre os costumes, ele declarou que nem sempre o cinema mostrava cenas de bons costumes e morais. Como exemplo, ele menciona que os filmes que mostram cenas de um crime perfeito, acabam ensinando como cometer um delito perfeito, ao eliminar as evidências.

Esta mesma reportagem menciona a sensibilidade das crianças e dos adolescentes perante os filmes, buscando imitar as palavras, gestos, e os hábitos mostrados num filme. Isto sendo capaz até de influenciar o suicídio, como menciona a reportagem: "Vimos há pouco tempo o que ocorreu, se não me engano, em S. Paulo: um menor, depois de ter assistido a uma peça de cinema, suicidou-se. E, suicidou-se imitando em tudo o personagem que ele vira, anteriormente, suicidar-se também."[171]

Embora Sá Leitão mencione a possibilidade deste menor ser "anormal", comenta que esta não foi o primeiro e nem será o último caso de suicídio por imitação, pois os anais de patologia mental mencionam vários casos de crianças de 13 anos que se suicidam com o uso de revólver e por desesperos amorosos. Assim, caso o menor fosse um anormal, a cena teria agravado o seu estado mórbido, no entanto, o poder de sugestão pode levar a morte de um anormal ou não.

Sabemos que houve pelo menos um filme com cena de suicídio durante os anos vinte, pois "A Pilhéria" quando comentou sobre o filme *A Primeira Mulher*, de

[168] PAULA, Silveira. "Eu, Edward Green e a perseverança no amor". In: **O CENACULO**. Recife, maio de 1928, ano IV, n. 4, p. 2. APEJE
[169] Pola Negri foi uma atriz de cinema e era considerada como uma *vamp*.
[170] PAULA, Silveira. "Eu, Edward Green e a perseverança no amor". Op. Cit., p. 2. APEJE
[171] LEITÃO, J. H. de Sá. "A acção do cinema". In: **REVISTA DA CIDADE**. Recife, 21 de agosto de 1926. P. 25. DP

Robertson Cole, menciona a ocorrência do suicídio de um velho, que se matou por questões de desgosto e infelicidade. [172]

A elite também reclamava da mistura de classes presentes nos cinemas, pois as famílias tradicionais podiam sentar ao lado de populares, trabalhadores e matutos do interior. Houve reclamações também sobre os maus costumes e condutas inapropriadas nos cinemas, como os gritos, as brigas, as conversas e até dos roubos, pois aproveitavam do escurinho do cinema.

2.7.1. Críticas aos meios de diversão.

A imprensa foi largamente usada como meio de divulgação das críticas dos novos meios de diversão, pois essas mudanças que ocorreram na sociedade não foram aceitas por todos, incluindo intelectuais da época, como Gilberto Freyre, que defendia a tradição e o regionalismo.

Dentre as críticas, estava à questão da sociabilização da mulher,

> a moça dos tempos modernos, a garota dos Anos Loucos, "[...] uma pobre mariposa: 'esbagaçada', cheia de liberdades, de saia curta e colante, de braços dados e aos beijos com homens, com decotes muito baixos, perfumadas com exagero, excessivamente pintadas, 'postas na vida como a figura distante de uma paisagem cubista'", na síntese da Revista Feminina de maio de 1918. [173]

A imprensa recifense também fez críticas à mulher atual (da época) e aos seus lugares de sociabilização, como no *O Cenaculo,* na qual menciona: "'a rua, o cinema e os demais centros de diversionaes' fornecem todo o cabedal para se ter a certeza de que 'a mulher atual está longe de ser o tipo da que haverá de ser a verdadeira companheira de existência do homem'." [174]

Já o periódico "*O Grito"* lançou uma campanha para moralizar os costumes desvirtuados do sexo frágil, pois "a mulher pernambucana, mormente a da capital, chafurda-se de vez no intérmino lodaçal das danças modernas, das modas exageradas e dos namoros escandalosos..." [175]

Numa destas críticas, os centros de diversões são tido como ambiente que iam além da dança, "há namoros inescrupulosos, promessas de entrevistas

[172] A PILHÉRIA. **Hoje, no Helvetica – Maciste em férias. Quarta-feira – A Primeira Mulher, primor da Robertson Cole, protagonista a linda actriz Mildred Harris**. Recife, 4 de agosto de 1923. Nº 97. P. 20. DP
[173] PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil.** Op. Cit., p. 254.
[174] RABELLO, Fausto; ASSUNÇÃO, Pereira de; ARAUJO, Odilon de. "As Mulheres (Estudo do Sr. Aluisio Pereira)". In: **O CENACULO.** Recife, setembro de 1928, ano IV, n.8, p. 3. APEJE
[175] O GRITO. **Paes de família!** Recife, 2 de junho de 1928, ano I, n. 1, p. 1. APEJE

comprometedoras, mocinhas que deixam levar pelos olhos langorosos dos seus enfatuados 'Romeus', caminhando passo a passo, para as bordas do abismo..."[176] Além do mais esses centros são tidos como um cabaré, que é descrito como:

> Aquele antro de vícios e de miséria humana, onde a carne é mercadejada com tal facilidade que, muitas vezes, podemos comprá-la até por um copo de cerveja, regurgitava de cretinos e cretinas... E então, podemos avaliar da enormissima desfaçatez que há dentro de um cabaret... Aos olhares viciados das Evas de prazer barato, sucedem-se as gargalhadas dos selvagens deuses pagãos, iconoclastizados, que são os homens da atual geração. [177]

Para "o Grito", a culpa disto seria dos pais de família, que deixam suas filhas fazerem aquilo que querem. Este mesmo periódico menciona que os centros de diversões deveriam ser fiscalizados pelos pais de famílias e também pela polícia, para acabar com a imoralidade presente nos mesmos.

A *Tribuna Evangelica* também coloca a imoralidade dos costumes como parte da civilização hodierna (moderna) e a culpa por essa imoralidade caiu mais uma vez sobre os chefes de famílias, que a permitiam. [178] Esta publicação, até mesmo, mencionou que "A mulher que não andar nua, não está na moda, não é civilizada." [179]

Desta maneira podemos observar, que apesar da abertura social que a modernização das cidades possibilitou, ainda havia um forte moralismo na sociedade brasileira e recifense. Esse moralismo era presente tanto na família da elite como da camada pobre.

> Nesse contexto, com a crescente incorporação das mulheres ao mercado de trabalho e à esfera pública em geral, o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. Enquanto o mundo do trabalho era representado pela metáfora do cabaré, o lar era valorizado como o ninho sagrado que abrigava a 'rainha do lar' e o 'reizinho da familia'. Diante do crescimento urbano vertiginoso de muitas cidades brasileiras, com um grande contingente de trabalhadores concentrados nos bairros operários, o mundo público acabou sendo considerado um espaço ameaçador para a moralidade das mulheres e das crianças. Evidentemente, os problemas decorrentes da urbanização – o aumento das epidemias, da violência, dos roubos, a presença de mendigos, loucos, cáftens, menores abandonados nas ruas da cidade, sem falar das agitações políticas, em grande parte promovidas por anarquistas e socialistas – aumentavam a insegurança. Apreensivos, vários cidadãos reclamavam, por meio de cartas e artigos publicados na grande imprensa, [...]. [180]

[176] O GRITO. **Paes de família!** Recife, 16 de junho de 1928, ano I, n. 2, p. 1. APEJE
[177] O GRITO. **Paes de família!** Recife, 25 de junho de 1928, ano I, n. 3, p. 1. APEJE
[178] TRIBUNA EVANGELICA. "Os tempos que atravessamos".*Tribuna Evangelica.* Recife, 10, outubro, 1929. nº 15, p. 4. APEJE
[179] Ibidem.
[180] RAGO, Margareth. "Trabalho Feminino e Sexualidade". Op. Cit., p. 588.

A vida moderna estava mudando o Recife, afetando as relações sociais da população.

> Assim, é vida mundana no Recife com suas trilhas conhecidas, no entender de cronista Luís Marialva: "Rua Nova. Bijou. Moderno. Internacional. Boa Viagem. Olinda. Bailes. Carnaval próximo. Flirts. Alguns Noivados. Raros casamentos. Muitas mentiras. Sedução. Enganos. Traições. Promessas. Separação. Esquecimento. Sorrisos. Lindos cabelos. Saudades da pátria". [181]

No entanto, as modificações não ocorrem de forma pacífica. Houve reações aos novos modelos implantados, tanto que segundo Riccardo Mariani[182], houve períodos em que conviviam duas sociedades opostas em um mesmo espaço. A velha sociedade se ligava aos valores tradicionais, e a nova era "constituída por uma massa de indivíduos, ainda desconhecidos, sem um caráter verdadeiro, mas com inúmeras características, e que pressionava para atingir um objetivo não definido, mas cheio de fascínio, esperança e ilusões: a revolução social."

2.8. Conflitos:

A modernidade não ocorreu da mesma forma entre os diversos grupos sociais, pois se buscou a exclusão e marginalização dos populares, que tinham diferentes hábitos e costumes, e que iam contra os padrões de civilidade estabelecidos pela elite.

O banho do pobre.
O Contraste entre o Recife Moderno e higiênico com a pobreza. *Revista da Cidade*, 07/08/1926

> Sobre as assim chamadas "classes populares" é que recairia o ímpeto ordenador, disciplinador, domesticador, independentemente de qual fosse a causa identificada como nuclear para a situação posta. Seja porque os hábitos, costumes, comportamento, o que, enfim, poderia ser visto como uma cultura popular típica àquela população recém advinda à cidade apresentava, por si só, traços típicos de bárbaros incivilizados, justificando, então, uma ação dos poderes públicos no sentido de estabelecer um novo padrão de convivenciabilidade, de sociabilidade, mais afeito ao gosto burguês.[183]

A elite, então, buscou um policiamento melhor preparado, novos códigos e leis contra os hábitos e costumes populares. A violência marcou o conflito entre os dominantes e os dominados do Recife, inclusive, durante o governo do modernizador Loreto houve uma forte repressão, com a presença da polícia e até do exército nos combates de rua.

---

[181] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., p. 69.
[182] Riccardo Mariani apud REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., p. 24.
[183] TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **As Cidades enquanto palco da Modernidade:** O Recife de Princípios do Século. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 1994. P. 14.

Numa época em que o trabalho era visto como algo positivo e dignificante, pois moralizava e disciplinava as pessoas, segundo Couceiro, a ociosidade foi fortemente combatida, com a repressão aos vadios e mendigos. Assim, bastava não ter trabalho fixo, era, então, recolhido à prisão, incluindo nestes as pessoas sem ocupação formal ou que viviam de pequenos serviços.

> Bastavam atitudes entranhas, brincadeiras inexplicáveis, condutas fora dos padrões considerados pelas elites como normais ou aceitáveis, para o indivíduo ser recolhido para uma temporada no xadrez. Por vezes, o mau humor dos guardas e a rigidez de alguns soldados no cumprimento do dever contribuíam para aumentar o número de populares presos diariamente no Recife.[184]

Os operários também sofreram certa repressão durante os anos vinte, porque "os operários são identificados como perturbadores da ordem, tão perigosos como criminosos comuns." [185] Além da violência, o governo utilizou das leis como uma forma de controlar o movimento dos trabalhadores operários e as idéias anarquistas. Desta forma, aqueles que promoviam a subversão da ordem social podiam ser presos. Incluindo a prisão daqueles que promovessem reuniões ou utilizassem da propaganda para isto.

Estas leis também davam poder aos governos de fechar os sindicatos e as entidades civis por períodos indeterminados, caso estes fossem fontes de ameaças à segurança pública. Desta forma, só foi no final da década de 1920 que se teve a volta de greves de importância.

O Recife da década de 1920 também foi marcado por greves, como a greve dos trabalhadores da Great Western. Aliás, esta cidade possuía certo histórico de lutas políticas e de reivindicações trabalhistas, cujo operariado buscava modificar as suas precárias condições de vida e de trabalho. Estas reivindicações tomaram sobre a forma de greve dos trabalhadores, que ocorrerem em 1917 e 1919.

Foi com o fim da Primeira Guerra Mundial que se veio a possibilitar numa crescente organização dos partidos de esquerda, e, consequentemente, também em reivindicações sociais.

> Estes trabalhadores [os imigrantes], assim como outras classes sociais relacionadas às atividades urbanas da indústria, do comércio e dos serviços, definiriam seus perfis à medida que, enfrentando o confronto entre interesses opostos, procuravam ganhar espaço próprio e constituíram uma visão particular da posição que ocupavam na sociedade. [186]

---

[184] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 246.
[185] Idem, p. 37.
[186] RODRIGUES, Marly. **O Brasil na Década de 1920.** Op. Cit., p. 22.

Pode-se dizer que a década de 1920 foi marcada por reivindicações trabalhistas e políticas, mas deve-se lembrar que aquelas reivindicações remota aos períodos anteriores. Segundo Rodrigues, em 1910 os operários brasileiros conseguiram pequenos melhoramentos das condições trabalhistas através das greves, porém estas melhorias não consistiam em leis, mas sim em acordos entre os patrões e os operários.

As greves, que continuaram na década de 1920, eram violentas, em especial as do início desta década, porém os operários não conseguiram melhorar suas condições nem de vida nem trabalhistas. Isto porque só duas leis foram aprovadas neste período, mas não se dirigiam as demandas principais dos trabalhadores.

Em 1925, promulgou-se a lei de férias que atribuía aos empregados das indústrias, comércio e banco, quinze dias de descanso anual. Esta medida foi motivo de protestos para os empresários da época, pois para eles o trabalho manual não necessitava a recuperação física do homem. Além do mais, as férias seriam um perigo para a ordem, pois o trabalhador acostumado ao exercício do trabalho poderia ser seduzido aos perigos do lazer e do ócio.

No caso do Recife, as greves contra as companhias Great Western e a Tramways não eram bem vista pela população em geral, pois estas companhias, que eram estrangeiras, exerciam serviços cotidianos a população pernambucana, como o transporte, o telégrafo e a luz.

-Vês aquele figurão que vai ali? É um dos muitos socialistas que enriquecem a custa do operariado.
- E que faz esse desgraçado explorador?
- "Explora a dor" dos desgraçados!
A Pilhéria, 07 de julho de 1923

Contudo, ao longo da década de 1920, estes movimentos operários foram perdendo suas forças, tendo em vista as fortes repressões pelas autoridades e ao seu caráter anarcossindicalista.

Apesar das greves darem ao Recife, e, possivelmente, as outras cidades brasileiras, uma "atmosfera de uma cidade moderna e reivindicativa" [187], elas não eram aceitas pela elite dominante. Este buscava controlar os "bárbaros" através da utilização das interferências reguladoras e disciplinadoras nas cidades, buscando tornar o país civilizado, tendo em vista os problemas habitacionais e de higiene presentes com o crescimento populacional das cidades urbanas.

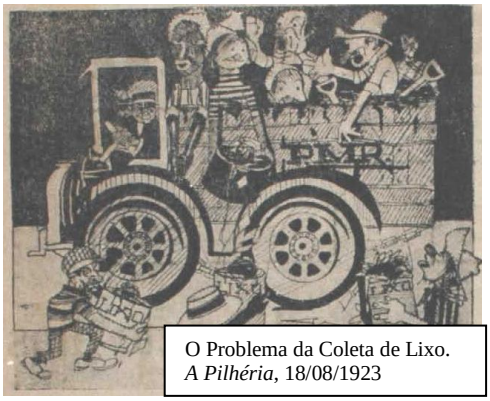
As interferências da elite também eram devido ao receio de uma possível revolução no país pelas massas trabalhadoras e no caso recifense, a classe dominante

[187] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., p. 34.

também buscava evitar que os trabalhadores se organizassem politicamente. Assim, visando eliminar a ameaça anarquista, o governo utilizava bruscamente da violência para manter a ordem, na qual houve uma significativa prisão de trabalhadores.

Apesar dos episódios das lutas sociais mostrarem que havia um lado moderno para lutas políticas, pouco se mudou no caso do Recife, pois, segundo Rezende, ao invés de haver uma modernização das relações políticas, ocorreu uma centralização do Estado, que buscava evitar as lutas populares, para garantir a ordem e a modernização do país.

A modernidade não ocorreu sem as reclamações e diferenças, mesmo os meios considerados modernos eram passíveis de valores populares, pois eram os populares que exerciam suas atividades diárias, levando seus costumes e hábitos ao ambiente de trabalho, como ocorreu no policiamento das ruas e na coleta de lixo.



O Problema da Coleta de Lixo. *A Pilhéria*, 18/08/1923

Os problemas da coleta de lixo não envolviam a coleta em si, mas ao meio em que eram realizados e pelos maus costumes daqueles que colhiam o lixo. As pessoas reclamavam do barulho do caminhão de lixo e o barulho dos que faziam o recolhimento.

> E cantam e riem e gritam e chalaçam e bolem com quem passa e soltam graçolas às moçoilas etiópicas que ficam por descuido à janela vendo passar a caravana da imundice da cidade, e, quando despejam os depósitos no carroção quase sempre entupido de lixo até a consciência, sacodem no chão as latas, os vasilhames, que fazem maior o ruído, a algazarra, o berreiro, o inferno da limpeza pública da cidade. [188]

Contudo, as novas sociedades urbanas industriais estão sempre em movimento, presenciando constantes renovações, tanto que:

> A fragmentação toma conta da cidade moderna, na medida que cresce nela a idéia que se pode sempre aperfeiçoá-la. Ela não cessa, então, de ser reconstruída, cria-se uma obsessão. A imagem que se tem dela passa a ser modificada constantemente, a dialética entre o novo e o velho ganha dimensões incríveis. [189]

Assim, os então meios de repressão também passaram por melhoramentos ao longo da década de 1920, como será visto no capítulo a seguir.

[188] A PILHÉRIA. **Na Hora do Lixo:** Limpando as casas e sujando as ruas. Cuidado com o monstro de quatro rodas. Recife, 18 de agosto de 1923. Nº 99. P. 10. DP.
[189] REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos.** Op. Cit., p. 24.

CAPÍTULO 3

OS TRÊS PODERES:
RELIGIÃO, JUDICIÁRIO E MEDICINA E AS SUAS RELAÇÕES COM A MODERNIDADE E O SUICÍDIO

A vida numa sociedade é baseada em normas e leis, que devem ser seguidas pelos seus membros. No caso do Recife de 1920, além das normas e leis ditadas pelos governos, havia ainda a influência da religião e do saber médico na vida cotidiana.

Antes da proclamação da República no Brasil, a influência da Igreja, neste caso a católica, era ainda sentida nas normas e leis aplicadas pelo governo. Após a proclamação, podemos dizer que foi o saber médico que ditou um pouco as novas regras, pois o país buscava civilizar-se, modernizar-se e higienizar-se, seguindo os modelos europeus. Contudo, a Igreja ainda manteve certa influência sobre a população.

A Igreja, a Justiça e a Medicina seriam para Julio Cabrera como os três entes burocráticos "que oficialmente sabem da vida e da morte na nossa sociedade"[1]. Podemos observar que apesar de serem, digamos três poderes distintos de formação, estavam ligados entre si, ao utilizarem conceitos, idéias e princípios similares nas suas formulações.

3.1. Saber Religioso: Religião[2], Modernidade e Suicídio.

As religiões, na sua maioria, condenam o suicídio, pois este seria uma afronta aos desejos de Deus. Isto porque, como este seria o criador da vida, caberia ao mesmo decidir quando mantê-la e quando acabá-la.

> O ponto de vista teológico [em relação ao suicídio] deriva da idéia da Criação. "Deus Todo-Poderoso criou a vida. Ela é d'Ele." Não somos nossos próprios criadores. [...]. Não se pode tirar a própria vida porque ela não nos pertence. Ela é parte da criação de Deus e nós somos suas criaturas. Escolhendo a morte, recusamos o mundo de Deus e negamos o fato de sermos criaturas. [3]

[1] DAPIEVE, Arthur H. M. **Suicídio por contágio –** A maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006. P.159.
[2] A religião, em si, não será analisada neste texto, o que aqui propomos é mais uma visão da mesma, em especial da visão católica, a cerca da modernidade, da sociedade e do suicídio. Esta abordagem se dará através da análise do periódico *O Dia*, que era uma publicação da Matriz de Piedade. Periódico encontrado no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.
[3] HILLMAN, JAMES. **Suicídio e Alma.** 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. P. 41.

Esta afirmação mostrou-se verdadeira para os valores católicos[4] da sociedade pernambucana dos anos de 1920, pois segundo o periódico *O Dia*:

> Não sabem esses infelizes que se atiram ao seio da morte que a vida é um dom de Deus, supremo Criador, que mol-a deu, como meio para a consecução da verdadeira vida, que é a eterna. [...]. Esses a quem a esperança abandonou, se entregam à morte trágica, esquecidos de que a vida lhes não pertence e que consequentemente, dela não podem dispor sem que gravemente transgridam o decálogo. [5]

Desta forma, notamos que a Igreja Católica condena o suicídio. Entretanto, nem sempre foi assim. Segundo alguns autores, a religião Católica, nos seus primórdios, não condenava o suicídio, havendo, inclusive, a menção de suicídios na Bíblia Católica sem a taxação de desaprovação (exemplos: Saulo; Tebas; Abimeleque; etc.[6])

O suicídio, em si, passou a ser condenado após a publicação da obra "Cidade de Deus" de Santo Agostinho e o Conselho Cristão de Braga. Isto se deveu que para eles o sexto mandamento "Não matarás" incluiria também o assassinato de si próprio, tendo em vista que este também seria uma forma de homicídio. A partir de diante, o suicídio passou a ser condenado pela Igreja Católica. [7]

Esta condenação ao suicídio veio a influenciar a vida brasileira, pois durante o Império, era proibido o enterro do corpo de um suicida nos cemitérios de Pernambuco. Apesar de que o suicídio não era crime perante o código penal do Império, era a Igreja Católica que administrava os cemitérios públicos.

> É pertinente notar que ao longo do século XIX a Igreja poderia ter radicalizado em relação a negação à sepultura eclesiásticas, haja vista a ampla margem de casos previstos nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia e empreendido uma cruzada contra [...], suicidas que não mostrassem sinal de arrependimento. [...]. A Igreja provavelmente lidou com proibições de sepultamentos eclesiásticos de forma isolada até pelo menos 1869, quando a conjuntura política tendeu a questionar a viabilidade do regime de união. [8]

Outro fator, de domínio da Igreja sobre os cemitérios públicos, devia-se ao fato que estes recebiam bênçãos por membros da Igreja antes da sua abertura. Entretanto, como o Brasil buscava sair do atraso colonial, aliada com a campanha de imigração de

---

[4] Aqui abordarem principalmente a Igreja Católica devido a sua influência na sociedade brasileira, desde a formação do país.

[5] O DIA. **O Maior dos crimes! Porque tantos suicidos?.** In: O DIA, ano II, nº 7, 31 de março, Recife: 1921. P. 4. APEJE

[6] COLT, George Howe. **November of the Soul:** The Enigma of Suicide. New York:Scribner, 2006.

[7] Para mais informações, olhar: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000; MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio:** estudos fundamentais. São Paulo:Segmento Farma, 2004; MINOIS, George. **History of Suicide.** Op. Cit.

[8] CASTRO, Vanessa de. **Das Igrejas ao Cemitério:** políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007. P. 231.

estrangeiros ao país e a influência médica na resolução dos problemas sanitários do país, estas proibições ao não enterro foram sofrendo modificações.

Em 1871 teve-se início no estado de Pernambuco a construção do cemitério dos acatólicos, que foi construído do lado de fora e atrás do cemitério público. Segundo Vanessa de Castro, este cemitério dos acatólicos ficou conhecido como o cemitério dos enforcados, nome como é conhecido até nos dias atuais. [9]

Desde o Segundo Reinado, o governo buscava se libertar do domínio religioso, em virtude das mudanças culturais e sociais que vinham ocorrendo no Brasil, que buscava se remodelar seguindo os ideais progressistas e modernistas. Contudo, esta separação do Estado com a Igreja Católica só ocorreu após a proclamação da República no Brasil, que veio a secularizar várias instituições antes controladas pela igreja, como os cemitérios públicos, e, além disso, concedeu a liberdade religiosa e passou ao Estado o controle e registro dos casamentos.

Esta separação foi vista pela Igreja Católica, inicialmente, com certa rejeição e condenação, possivelmente pelo fato de que ela passou a ser nivelada com qualquer outra seita protestante. Contudo, a Igreja Católica ainda conseguiu algumas benesses com a Constituição aprovada de 1891, tendo, assim, seus bens poupados.

Posteriormente, alguns religiosos viram esta separação como benéfica, pois a liberdade religiosa poderia vir a favorecer o catolicismo, que não mais se encontrava oprimido pelos desejos do Estado. Além do mais, a Igreja, apesar da separação, ainda era necessário ao Estado, pois poderia auxiliá-lo na manutenção da ordem, tendo em vista que exercia certa autoridade sobre parte da população.

Segundo Emanuela Ribeiro, a Igreja Católica procurou mostrar que possuía os mesmo ideais do Regime Republicano (ordem; progresso; nacionalismo; e positivismo) e que: "não se opunha ao progresso material e à civilização, propugnava apenas que o Estado e a sociedade não considerassem 'como o ideal do progresso e da civilização, o subtrair-se sistematicamente a parte dirigente de um Estado a todo influxo da idéia religiosa'." [10]

Para os moralistas religiosos, ainda no século XIX, o suicídio seria ocasionado por duas razões "a irreligiosidade crescente no seio da sociedade e os efeitos devastadores do progresso da civilização", mas eles não "eram totalmente contrários à

[9] CASTRO, Vanessa de. **Das Igrejas ao Cemitério.** Op. Cit. P. 231
[10] RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja Católica e Modernidade no Maranhão 1889-1922.** Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2003. P. 59.

civilização. Eles apenas não aceitavam, [...], que a sociedade pudesse se desenvolver perfeitamente na ausência dos valores religiosos e morais." [11]

Essa associação entre o suicídio e a civilização, segundo Jackson Ferreira, esteve também presente nos relatórios dos presidentes da província da Bahia, como o caso do relatório de Antonio da Costa Pinto, que atribuiu as mudanças sociais como fator de aumento nas taxas de suicídio, ou seja, à medida que ocorriam mais conquistas da civilização, haveria mais suicídios.

As mudanças sentidas pela Igreja Católica não vieram somente com a sua separação do Estado, mas também com os efeitos da Revolução Industrial e da crescente influência norte-americana no país, que vinham ocorrendo ao longo do século XIX. Desta forma, a ideologia do progresso ia cada vez mais se adentrando na sociedade brasileira, além de uma maior presença de protestantes no país com a imigração estrangeira. [12]

A presença protestante no Brasil fez-se sentir também no sistema educacional do país, tendo em vista que o sistema educacional protestante possuía uma ênfase científico-tecnológica, com disciplinas valorizando o trabalho e a natureza. Outro ponto deste era o magistério feminino, tendo bastante a presença das mulheres atuando no magistério dos colégios protestantes. [13]

> Assim, num momento em que no Brasil "já se esboçavam desejos de modernização, de encaminhamento da vida política e econômica nacional no sentido da civilização anglo-saxônica," na qual, acreditava-se, a educação teria a função de nos levar a tal modernização, o protestantismo surge, devido ao sistema educacional, como canal privilegiado para a introdução da modernidade no Brasil. [14]

No Recife da década de 1920, as escolas protestantes – neste caso o Americano Batista e Agnes Erskine, que era presbiteriano – tiveram grande papel na entrada de idéias modernizadoras no sistema educacional, valorizando a educação pragmática e liberal. O segundo colégio, inclusive, tinha a educação feminina como seu foco de

---

[11] FERREIRA, Jackson André da Silva. **Loucos e Pecadores:** Suicídio na Bahia no século XIX. Dissertação de Mestrado em História. Salvador: UFBA, 2004.

[12] SILVA, Severino Vicente da. Igreja Católica no Brasil no Final do Século XIX e Início do Século XX: Uma Adaptação aos Novos Tempos. In: ANDRADE, Manoel Correia de; FERNANDES, Eliane M.; CAVALCANTI, Sandra M. (orgs.). **Além do apenas Moderno:** Brasil Séculos XIX e XX. Brasília: CNPq; Recife: Massangana, 2001.

[13] SIEPIERSKI, Paulo D. Educação Protestante e Modernidade na Década de 20 em Pernambuco. In: ANDRADE, Manoel Correia de; FERNANDES, Eliane M.; CAVALCANTI, Sandra M. (orgs.). **Além do apenas Moderno:** Brasil Séculos XIX e XX. Brasília: CNPq; Recife: Massangana, 2001.

[14] SIEPIERSKI, Paulo D. Educação Protestante e Modernidade na Década de 20 em Pernambuco. Op. Cit. P. 110.

concentração, mas ambos ofereciam cursos práticos, como datilografia, culinária, entre outros. [15]

Possivelmente, como resposta a uma maior presença protestante e dos seus colégios no país, além do ensino leigo pretendido pelo Estado, a Igreja Católica passou a incentivar a instalação de escolas paroquiais e colégios com fundamentação religiosa.

A presença protestante incomodava a Igreja Católica, tanto que o periódico *O Dia* da Matriz de Piedade publicou, constantemente, durante os anos de 1921 a 1922, a seguinte nota: "Cuidado com a propaganda protestante". Em outro artigo publicado, este mesmo periódico mostrou a ligação da revolução no México com as propagandas protestantes americanas.

Segundo Jackson Ferreira,

> [...] para os moralistas religiosos [católicos] o suicídio teria voltado a ser uma ameaça à humanidade com a emergência do Protestantismo e do Iluminismo. Dessa forma, para a Igreja [Católica], não se tratava apenas de combater o suicídio, mas também de utilizá-lo como argumento contra seus inimigos. Correntes protestantes utilizaram-se do mesmo mecanismo para atacar o Catolicismo. [16]

A falta de fé, que neste caso seria a católica, manteve-se, ainda na década de 1920, como um dos fatores para as taxas de suicídio. Isto pode ser observado no periódico *O Dia*, quando este menciona a constante presença da taxa de suicídio publicada diariamente na imprensa: "É que a fé não os [suicidas] ilumina, uma vez que eles afastaram-se dos ensinamentos da Igreja." [17]

Apesar de não mencionar diretamente a relação do suicídio com o protestantismo, a publicação da Matriz de Piedade alerta os católicos aos cuidados com a pregação dos pastores protestantes, tidos como falsos profetas, e que nenhum católico, por hipótese nenhuma, nem por curiosidade, deveria assistir a um culto protestante, sob a pena de ocorrer uma grave falta. Todavia, esta mesma nota menciona que respeita as crenças alheias, mas chama os protestantes de transviados e que a única religião verdadeira é a católica. [18]

O que podemos observar, contudo, é que tanto a religião católica como a protestante mencionam, nos seus respectivos periódicos, os devastadores efeitos da

---

[15] SIEPIERSKI, Paulo D. Educação Protestante e Modernidade na Década de 20 em Pernambuco. Op. Cit. P. 110.

[16] FERREIRA, Jackson André da Silva. **Loucos e Pecadores:** Suicídio na Bahia no século XIX. Dissertação de Mestrado em História. Salvador: UFBA, 2004.

[17] O DIA. O Maior dos crimes! Porque tantos suicídios?. In: **O DIA.** Recife, Ano II, nº 7, 31 de março de 1921. P. 04. APEJE

[18] O DIA. Catholicos, Alerta!. In: **O DIA.** Recife, Ano II, nº 6, 27 de fevereiro de 1921. P. 04. APEJE

modernidade e progresso no país. Segundo o periódico "Tribuna Evangélica", o país estava vivendo um período de ruína espiritual, com a consequente mudança e fracasso da religião.

Todavia, a salvação deste período de ruínas viria com a presença de Cristo e da religião evangélica na família e no lar, "[...] que salvará os nossos filhos de descerem na corrente impetuosa da incredulidade, dos erros, das heresias, dos vícios, e do mundanismo assombroso e escandaloso que invade os lares e as famílias". [19]

Dentre as críticas temos as que vão desde ao romance, ao teatro, ao cinema, aos jogos até a moda feminina. Inclusive, antes mesmo da década de 1920, os romances já eram tidos como influenciadores nos suicídios. Aliados aos romances vieram o cinema e o teatro como causadores de grandes males, além de servirem como uma escola de muitos crimes, segundo *O Dia*.

> Os cinemas só apresentam ao público filmes em que são pintados ao vivo o adultério, o amor livre, os amores contrariados que epilogam na fuga cercada de inverossímeis peripécias e de fantásticas aventuras. Os teatros tem sido invadidos por uma aluvião de revistas baratas em que não se encontram gosto artístico e literário, verve fina e temas de valor. São um amontoado de licenciosidades, onde são sacrificados desde os princípios rudimentares da língua as coisas mais dignas e santas. Deprime-se a moral, zomba-se da Religião e seus ministros: rebaixa-se a virtude e exalta-se o vício, ridiculariza-se o amor sagrado da família e endeusa-se o amor venal. Nada escapa desses cenários de corrupção. [20]

> Nunca como em nossos dias o gênio do mal se tem infiltrado com tanta facilidade no meio dos homens. O vicio, a liberdade, o luxo e a leviandade imperam nas modas e nas danças. Multiplicam-se os cinemas em que fitas imorais ou francamente duvidosas reproduzem as cenas mais repugnantes. Ajuntam-se os romances, os "contos" dos jornais, as revistas e cartões ilustrados. **Tudo conspira contra a austeridade dos costumes e a santidade das famílias.** Mais além vai a propaganda destruidora. Dizem aos pobres que Deus, governos, pátrias, autoridades, casamentos, ricos, propriedades, e patrões são coisas que devem desaparecer. [21]

Desta forma, segundo *O Dia*, só poderia acontecer da influência dos romances na imaginação dos jovens, que possivelmente auxilia nos anseios do coração contrariado e inexperiente de uma jovem, que busca o suicídio como uma solução para seu desvario. Ou ainda, o jovem fascinado pelo jogo, que trouxe a desonra para a sua família, prefere-se livrar da vergonha pelo suicídio, do que buscar uma nova vida.

---

[19] TRIBUNA EVANGÉLICA. Os tempos que atravessamos. In: **TRIBUNA EVANGÉLICA.** Recife, Ano II, nº15, 10 de outubro de 1929. P. 04. APEJE

[20] O DIA. Vergonhoso e deprimente. In: **O DIA.** Recife, Ano II, nº 9, 26 de maio de 1921. P. 02. APEJE

[21] O DIA. O defensor da família, da sociedade e da pátria. In: **O DIA.** Recife, Ano II, nº 9, 26 de maio de 1921. P. 04. Grifo do autor. APEJE

Podemos observar, em *O Dia*, a preocupação dos religiosos católicos, da década de 1920 em Pernambuco, com a emancipação feminina e as consequências da mesma.

> Fala-se tanto, hoje, em emancipação da mulher. Criam-se para este fim sociedades femininas, legiões, associações *cristãs*, um mundo de coisas perfeitamente adaptáveis à *americanização* ou *masculinização* da mulher brasileira, e não se cogita dessa outra emancipação da vaidade requintada, que constitui verdadeira escravidão.
> E ai está um problema moral, religioso, eminentemente social, que bem pode ser resolvido sem o espalhafato e a disfarçada vaidade das associações sociais femininas. [22]

Essa preocupação, possivelmente, devia-se ao fato que a Igreja via na família o mecanismo da manutenção e expansão da religião católica. Desta forma, esta emancipação atrapalharia na formação de novas famílias.

A preocupação era tanta com a emancipação feminina que publicaram diversas notas e contos com referência que a única preocupação das mulheres deveria ser com os cuidados do lar e do marido.

> **Ensinar a mulher**
> A cozinhar bem;
> A fazer camisas de homem;
> A não se pintar;
> A talhar os próprios vestidos;
> A ser cuidadosa e asseada;
> A ser modesta e simples;
> A ter uma casa bem arranjada;
> A preferir nos maridos a reputação de homem honrado á de homem de dinheiro;
> Amar antes a vida sossegada de casal do que a da sociedade vaidosa.
> A adorar a Deus no Céu e amar seu marido na terra. [23]

Isto porque, segundo Jackson Ferreira, já desde o século XIX, os laços familiares patriarcais foram sendo modificados com a vida urbana. Assim, ocasionou uma crescente liberdade as mulheres e aos jovens em geral, que agora poderiam ter certas escolhas quanto ao futuro de suas vidas e na escolha dos seus parceiros. E essas mudanças na vida social afetaram principalmente a sociabilização das mulheres.

Pelos contos, artigos e notas do *O Dia*, podemos notar que os religiosos católicos buscavam a volta dos valores da esposa, mãe, educadora e mantedora do lar para as mulheres, que cada vez mais se emancipavam, buscando refúgio na vaidade, na moda, no luxo, nas danças, nos cinemas, enfim, na nova forma de "liberdade".

Dentre o assunto que obteve mais críticas, podemos dizer que foi a nova moda feminina, tanto pela publicação evangélica como pela católica.

---

[22] O DIA. Não podem usar saia curta, nem decotes atrevidos. In: **O DIA.** Recife, Ano II, nº 6, 27 de fevereiro de 1921. P. 03. APEJE
[23] O DIA. Ensinae a mulher. In: **O DIA.** Recife, Ano II, nº 4, 30 de janeiro de 1921. P. 05. APEJE

> Haja vista a maneira do trajar de nossas mulheres e de nossas filhas. Não se pode mais distinguir pelo modo de vestir, pelo modo do andar, a mulher da vida livre, da mulher honrada; a virgem, da devassa. Ambas trajam e andam da mesmíssima maneira. As senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade deleitam-se em dar trejeitos no corpo para exibir as suas formas, os seus contornos, quando pisam, quando andam, quando atravessam as ruas, despertando assim a atenção do público, até mesmo dos espíritos mais frios e abstraídos. Há indivíduos nas grandes cidades que se ocupam em ficar nas esquinas das artérias mais movimentadas para apreciarem a passagem de nossas esposas e filhas e fazerem comentários indecentes, e se encherem de desejos impuros. [24]

> São as esposas de amanhã que se preparam para a sublimidade de mães de família, com os excessivos e escandalosos espécimes da moda degradante. O toucador da virgem que, em tempos que não vão longe, era uma espécie de santuário, está transformado em um atelier de pintura, onde não falta o Creme, o Rouge o Noir, que são empregados no simulacro de uma cútis de cera, de uns lábios em que porejasse o sangue e de uns olhos demasiadamente grandes. Dir-se-ia que as jovens de hoje são figurinhas postiças, pois nada há nelas de natural, desde os cabelos oxigenados até os pés encravados em microscópicos sapatos. [25]

Mas poder-se-ia perguntar, qual a relação que a moda decotada e quase despida teria com o suicídio? Segundo *O Dia*, tudo. Não quanto à roupa em si, mas sim na proibição de usar a moda moderna. Vejamos a seguir um breve conto publicado neste periódico que exemplifica isto:

> **Que irá fazer a pobre mãe d'aqui por diante?!...**
> Alice jovem de 16 anos namoradeira e melindrosa, é repreendida por sua mãe por causa dos seus vestidos exageradamente decotados e curtos!... Aquilo já era um escândalo para os vizinhos, para as pessoas que passavam e a viam. A moça porém protestava e batia o pé... As discussões acaloravam-se dia a dia. Afinal, a boa Mãe, num rasgo de dignidade proibiu que a *melindrosa* usasse saias curtas... Com ela agora era ali, no duro, - saia comprida, salto baixo no sapato, etc., etc.,. Alice, desesperada, alucinada, endiabrada, toma um copo de vinho do Porto, põe-lhe dentro uma poção forte de permanganato de potássio e daí a minutos... a boca no mundo! Vem a Assistência, que a põe fora do perigo! Que irá fazer a pobre Mãe d'aqui por diante? Ah!... é a educação moderna! [26]

Com essa nova emancipação das mulheres, aparentemente, houve um aumento dos ditos solteirões, mencionados no capítulo anterior, pois os valores e costumes agora são outros. Segundo *O Dia*, a mulher dos tempos modernos que queira um homem honrado, deveria deixar de lado o luxo e a vaidade, buscar uma vida simples e dominar a arte de cozinhar. Desta forma obterá o homem que queira. Tendo em vista que a mulher vaidosa, decotada e passeadora na caça de marido, acaba mostrando demais a mercadoria e espantando o comprador.

---

[24] TRIBUNA EVANGÉLICA. Os tempos que atravessamos. In: **TRIBUNA EVANGÉLICA.** Recife, Ano II, nº15, 10 de outubro de 1929. P. 04. APEJE
[25] O DIA. Vergonhoso e deprimente. In: **O DIA.** Recife, Ano II, nº 9, 26 de maio de 1921. P. 02. APEJE
[26] O DIA. Que irá fazer a pobre mãe d'aqui por diante?!.... In: **O DIA.** Recife, Ano I, nº4, 30 de janeiro de 1921. P. 05. APEJE.

De quem seria a culpa e responsabilidade para esses tempos de ruína? Para os dois periódicos, anteriormente mencionados, a culpa destes problemas seria dos pais de família, que não dominam seus filhos e permitem que os mesmos façam o que quiserem. Quando aqueles buscam controlá-los são chamados de ignorantes, atrasados e injuriados. Inclusive, as próprias mães de família, mesmo contra a vontade dos seus esposos, usam a moda escandalosa, pois outros gostam e acham bonitos, além de prepararem as suas filhas para a caça de um marido.

Mais uma vez, qual teria a relação disto com o suicídio? *O Dia* responde a esta pergunta, pois para o pai de família, "[...] cabeça de ancião nevada pelos anos, que se vendo sem recursos na iminência de ver a família sem o necessário, ao invés de redobrar de esforço na luta pela vida, deixa-se dominar pelo desespero e procura livrar-se da aflição com o *suicídio*." [27] Podemos supor, que durantes esses tempos modernos, os ditos vícios e mal costumes também seriam itens de necessidade de uma família, pois sem eles os indivíduos não seriam considerados modernos, civilizados e estando na moda.

Então,

> Parece que a neurose do túmulo sacode os espíritos fracos aqueles que não sabem ou não querem encarar a vida com as suas mil dificuldades, que são da contingência da própria vida humana. Estes há que julgam ainda que a vida é uma estrada tapetada de flores e não uma escarpada rendilhada de urzes e crivada de espinhos, onde sangram os pés de todos nós, viajores do além. [28]

Seriam então os novos valores e costumes os causadores de tanto suicídios? Poderia estes ser uma das principais causas para essa alta taxa, mas ainda havia outro fator que ocasionava o suicídio, isto segundo os escritores do periódico *O Dia*. Este seria o Espiritismo.

A doutrina espírita, segundo Angélica Almeida, foi difundida no Brasil por volta da segunda metade do século XIX, introduzida no país no mesmo período em que aqui entravam diversas idéias, que vinham da Europa, e que buscavam afetar a intelectualidade nacional. O espiritismo tinha sido inserido na onda do moderno e do espírito científico[29]. Inicialmente, a Igreja Católica mostrou-se pouco preocupada com esta nova doutrina, pois seu foco de preocupação principal era o protestantismo. [30]

---

[27] O DIA. O Maior dos crimes! Porque tantos suicídios?. In: **O DIA.** Recife, Ano II, nº 7, 31 de março de 1921. P. 04. APEJE

[28] Ibidem.

[29] "Tem-se procurado, aliás sem razão plausível, confundir o Espiritismo com velhas práticas afro-católicas, enraizadas no Brasil desde o período colonial. Argumenta-se, em defesa de tal suposição, que nas práticas africanas se verificam manifestações de espíritos, o que, no entender de muitas pessoas, é

Contudo, o espiritismo foi adquirindo o interesse da população, chegando até ao interesse da elite. "[...], embora a receptividade da doutrina espírita, nos meios intelectuais e científicos da época, tenha crescido, encontrou também algumas barreiras e opositores importantes." [31] Além do que, também passou a ser uma ameaça a fé cristã, ou seja, para a Igreja Católica. As pessoas também temiam em incorporar a mesma com receio de represálias por parte da igreja e pela sociedade.

Em 1921, segundo o periódico *O Dia*, o espiritismo era proibido por lei, pelo código penal da República do Brasil, artigo 157. Esta proibição deu-se devido ao fato que os médiuns, curandeiros e médicos espíritas estavam utilizando da medicina homeopática e a consequente popularidade do mesmo. Foi através do clero, médicos e dos positivistas, que os legisladores homologaram um novo código penal criminalizando as práticas espíritas. [32]

Entretanto, segundo Sylvia Costa Couceiro, as sociedades espíritas poderiam exercer suas atividades no Recife durante a década de 1920, desde que solicitasse uma autorização policial antes de exercê-las. As solicitações, curiosamente, eram enviadas para a sessão de Teatro e Diversões Públicas da Repartição Central de Polícia. [33]

O periódico *O Dia* também trouxe que a ciência comprovou que o espiritismo causa perturbações mentais, tanto que, de acordo com as taxas do Dr. João Carlos Teixeira Brandão, da área de psiquiatria e moléstias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio, é o maior causador predisponentes da loucura no Rio de Janeiro. [34]

---

suficiente para dar cunho espírita a essas práticas. O raciocínio é mais ou menos este: onde há manifestações de espíritos, há Espiritismo; logo, as práticas fetichistas são também práticas espíritas, porque nelas se faz evocações de espíritos". No entanto, "o Africanismo tem ritual organizado, de acordo com suas tradições seculares, fundadas na crença em divindades peculiares a seu culto, enquanto o Espiritismo não adota ritual de espécie alguma, não tem forma de culto, nem adora divindades. É uma doutrina de base científica, propensa ao método experimental, de cogitações filosóficas muito elevadas, porque trata do destino da alma humana, preparando o homem para a prática do Bem, única estrada que conduz a Deus." "Apesar do aspecto comum – o caráter espiritualista – a Umbanda não se configura no corpo da Doutrina Espírita nem o Espiritismo se conforma à organização religiosa da Umbanda. À parte o fenômeno, que é ponto pacífico, devemos considerar os dois movimentos em seus campos adequados, sem confusão nem rivalidade: Umbanda deve ser compreendida como Umbanda e Espiritismo deve ser compreendido como Espiritismo". "A propósito, cabe esclarecer que não existe espiritismo de mesa, alto espiritismo, baixo espiritismo, espiritismo de mesa branca, e outras expressões similares. Existe somente Espiritismo." Citações tiradas do site Espiritismo e Espiritualismo. Disponível em: http://www.espirito.org.br/portal/doutrina/espiritismo-e-espiritualismo.html. Acessado em: 19 de agosto de 2011.

[30] ALMEIDA, Angélica A. S. de. **Religião em Confronto:** O Espiritismo em Três Rios (1922-1939). Dissertação em História. Campinas: UNICAMP, 2000.

[31] Idem. P. 43

[32] Ibidem.

[33] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade:** conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. Tese de Doutorado em História. Recife: UFPE, 2003.

[34] **O DIA.** Recife, Ano II, nº 7, 31 de março de 1921. P. 04. APEJE

Para a publicação, o espiritismo é patível ao álcool e à sífilis como maiores causadores de pacientes nos hospícios e casas de saúde. Sendo também um flagelo social, em conjunto com a sífilis, a tuberculose e a varíola. Desta forma, um indivíduo católico, brasileiro e patriota não poderia ser nunca espírita.

Mas quanto ao suicídio e o espiritismo? *O Dia* publicou, em 26 de maio de 1921, a seguinte nota:

> **O espiritismo e o suicídio.**
> Entre as vesanas causadas pelo espiritismo, é o suicídio uma das mais comuns. Diariamente registram os jornais esses fatos; e que muitos escapam à luz da publicidade; é bem de supor, atendendo-se precisamente a filosofia e religião dessa grandíssima mistificação.
> O suicídio *espírita*, ordinariamente procurando libertar-se de uma vida desagradável, para *reincarnar-se* melhor, supõe fazer um bom negócio; em todo o caso resolve-se a correr os riscos, depois de ponderar as probabilidades no seu foro íntimo. E, calmamente parte para o *espaço* sem estardalhaço, sem queixas. Não lhe doe deixar amigos, a família, relações sociais..... [35]

Numa posterior edição, de 25 de maio de 1922, o periódico relata o caso do suicídio do jovem Alfredo dos Santos, que se suicidou debaixo de uma jaqueira e que vinham, ultimamente, frequentando certo centro espírita, cujo resultado foi de deixar o jovem amalucado. [36]

Possivelmente, esta foi uma estratégia da Igreja Católica em conter os avanços do espiritismo na sociedade, pois segundo Fábio Henrique Lopes, que estudou o suicídio em Campinas no final do século XIX, "[...] algumas comunicações recebidas por médiuns os espíritos tentavam alertar para o perigo e inutilidade do suicídio como meio de fuga de sofrimentos, angústias e ou dores." [37]

Assim como para o catolicismo, o espiritismo via a vida como algo cedido por Deus, visando que as pessoas eram enviadas a Terra com a finalidade de progredir, sendo que para isto deveriam passar pelas privações e provas da vida em busca desta finalidade. Logo, o suicídio interrompia esta finalidade. A doutrina espírita, assim como a católica, também não considera um "suicídio" aquele cometido por um indivíduo que sofra das faculdades mentais, pois não se encontrava em plena capacidade de decisão. [38]

Todavia, a penalização ao suicidas variava entre a doutrina católica e a espírita. "Em ambos os discursos, o suicida é sempre punido, porém, para o espiritismo a crença

[35] SANTOS, A. Felício dos. O espiritismo e o suicídio. In: **O DIA.** Recife, Ano II, nº 9, 26 de maio de 1921. P. 06. APEJE
[36] O DIA. Contra o espiritismo. In: **O DIA**. Recife, Ano III, nº1, 25 de maio de 1922. P. 02. APEJE
[37] LOPES, Fábio Henrique. **O Suicídio Sem Fronteiras:** Entre a Razão e a Desordem Mental. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: UNICAMP, 1998. P. 71
[38] Idem.

na eternidade das penas não era um dogma, ao contrário, ela era refutada." Portanto, o espiritismo vinha a permitir que o suicida se arrependesse na pós-morte, devendo passar por privações e provas na próxima vida, que "pode se renovar em cada encarnação, por tanto tempo quanto nela se sucumba" visando que o mesmo progrida gradualmente. [39]

Desta maneira, podemos observar que o suicídio, na década de 1920, pela ótica dos religiosos, era ocasionado pelos novos valores e costumes que penetravam na sociedade brasileira e também pelo espiritismo.

No entanto, podemos observar, através da bibliografia e das notícias no Diário de Pernambuco, que a Igreja Católica foi perdendo certo domínio na política e na sociedade. Como a derrubada da Igreja do Corpo Santo visando à construção de uma via urbana. [40]

Outro fator pela qual podemos observar esta perda é pelo enterro de suicidas nos cemitérios públicos, que antes foram de domínio da Igreja Católica. Inclusive, até houve um suicídio no próprio Cemitério de Santo Amaro - que foi o primeiro cemitério público do Recife, tendo sido inaugurado em 1º de março de 1851 -, de Eugênio de C.L., em 15 de março de 1921. Especulou-se que o mesmo havia suicidado devido à morte do seu filho de três meses e meio, pois tirou a vida apenas a dois passos do túmulo de seu filho. [41]

Em outro caso, notamos certa homenagem da população no enterro do suicida Luiz G. da S., que era um conhecido artista e funcionário do foro de Caruaru, em 27 de outubro de 1920. Ele, que contava com 40 anos,

> [...] foi sepultado no Cemitério de S. Roque de Caruaru sendo o féretro conduzido na carreta da municipalidade, com grande acompanhamento, no qual se viam o pessoal do foro, representantes do "Sport Club Caruaruense" e do "Central Sport Club", além da banda de música a "Nova Euterpe" que assim prestou ao seu prestimoso companheiro tocante homenagem. [42]

No entanto, quando a Igreja Católica mencionou que as taxas de suicídio estavam relacionadas à falta de fé, ela encontrava-se condizente com achados atuais de especialistas, de que quanto maior for o envolvimento religioso de uma pessoa, menor será o risco do mesmo ter comportamento suicida. Neste caso, não basta ser só membro de uma determinada religião, mas sim participar ativamente da mesma, ou seja, dos seus

[39] LOPES, Fábio Henrique. **O Suicídio Sem Fronteiras.** Op. Cit. PP. 72-74.
[40] FILGUEIRAS, Carlos Eduardo de A. **Do Ciúme ao Crime:** crimes passionais no Recife da década de vinte. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2008.
[41] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Triste Ocorrência:** No Cemitério de Santo Amaro, um auxiliar do comércio põe termo à existência. Recife, 16 de março de 1921, p. 3. FUNDAJ
[42] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, 03 de novembro de 1920, p. 4. FUNDAJ

rituais e de suas crenças [43] Algo que também foi abordado pelo sociólogo Durkheim, como foi visto no primeiro capítulo, de que a taxa de suicídio dependia do fator de integração de uma religião, em uma determinada sociedade.

No entanto, os dados obtidos não nos permitem a comprovação ou a negação desta possível influência integração religiosa sobre o risco suicida, isto porque as questões religiosas não eram publicadas nas notícias dos suicídios e das tentativas de suicídio.

3.2. Saber Jurídico: Polícia e Judiciário na Apuração dos Suicídios[44]

O suicídio, como foi visto, foi alvo de condenação de várias religiões, que ainda o considerava como um crime. Esta visão não foi restrita somente às visões religiosas, pois o suicídio já foi considerado um crime em alguns países do Mundo Ocidental.

No Ocidente, a aceitação ou a condenação do suicídio variava entre diferentes regiões, países e períodos. Como exemplo, Roma Antiga, inicialmente aceitava o suicídio, com exceção do suicídio dos soldados e dos escravos, pois isto ia contra os direitos de propriedade, que naquele caso era contra o Estado e neste contra a privada. Todavia, durante os reinos de Diocleciano e Constantino houve uma mudança nessa perspectiva. Como o reino romano, no final do século IV e início do V, estava vivendo uma crise, tanto demográfica como econômica, houve a proibição ao direito de suicidar-se. Em 332 o estado começou a confiscar os bens daqueles que se suicidavam como uma forma de fugir de um julgamento. Desta forma, "gradualmente estabelecendo a conexão entre confisco e culpabilidade no suicídio". [45]

Com a condenação por S. Agostino, visto anteriormente, e com o crescente domínio da Igreja Católica "após o quarto século, quando [esta] tornou-se dominante, vamos assistir a uma mudança radical da percepção do suicídio." [46] O mesmo, passou a ser uma ofensa não só contra Deus, mas também contra a natureza humana e a sociedade, chegando, segundo Minois, até ser mais severamente punido do que o

[43] ALMEIDA, Alexander M. de; NETO, Francisco Lotufo de A. Religião e comportamento suicida – a cultura da morte. Op. Cit.
[44] Trataremos nesta parte da questão do suicídio visto pelos Processos Criminais, presentes no Memorial da Justiça de Pernambuco (MJPE).
[45] MINOIS, Georges. **History of Suicide.** Op. Cit. p. 29.
[46] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "O Suicídio ao Longo dos Tempos". In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. **Suicídio:** Uma Morte Evitável**.** São Paulo: Atheneu, 2006. P. 6.

próprio homicídio. Assim, foi na Antiguidade Clássica que se encontram as raízes do suicídio visto rigorosamente como um tabu. [47]

Com a Idade Média, segundo Hooff, a sua maior inovação foi uma condenação sem reservas, que veio a influenciar novos códigos. Estes foram influenciados pela mentalidade católica, que negava o enterro aos suicidas. Desta forma, as autoridades seculares incorporaram nas leis as diretrizes católicas, como nas punições dadas aos corpos dos suicidas, que podiam ser enterrados em cruzamentos; ter as mãos cortadas e enterradas em outra localidade; ter o corpo queimado; ter o corpo jogado ao lixo, etc.

Segundo os Seabournes, o "suicídio na Inglaterra medieval era tanto uma preocupação religiosa como secular. Isto era um tempo particularmente importante na evolução das leis comuns e idéias legais a respeito de intenção e responsabilidade" [48]. O Estado inglês chegou a confiscar os bens do suicida, além do instrumento utilizado para o ato, independente à que pertenceste.

Havia outra razão por trás da condenação dos suicídios nos códigos, que era o fator econômico, pois o confisco dos bens "eram devidamente enaltecidas e tornadas economicamente rentáveis para o Estado por lei." [49] Segundo Alvarez, foi também, durante essa época, que surgiu a idéia do suicídio como conseqüência de problemas mentais, pois desta forma justificava-se que o indivíduo não estava racional durante o ato e, portanto, não poderia ser condenado pelo mesmo. Os advogados utilizavam desta artimanha como uma forma de garantir o enterro do suicida e que seus bens não fossem confiscados.

Posteriormente, com a Renascença e a volta aos valores clássicos, começou-se a questionar a condenação ao suicídio, devido ao fato que iniciava um período de maior entendimento das individualidades humanas. A sociedade começou a questionar as leis que abordavam a relação entre o privado e o Estado. Sendo este o período em que teve início a uma busca racional para justificar o suicídio, como pela melancolia. Hooff atribui a esta mudança pelo simples fato que os mercantes ricos estavam preocupados com o incentivo do Rei aos legistas, dando-lhe o pagamento de 13 s. 4 d. para cada comprovação de suicídio, tendo, consequentemente, a tomado dos seus bens. [50]

---

[47] HOOFF, Anton J. L. van. A Historical Perspective on Suicide. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. Op. cit.
[48] SEABOURNE, Alice; SEABOURNE, Gwen. Suicide or accident – self-killing in medieval England: series of 198 cases from the Eyre records. In: **British Journal of Psychiatry.** 2001, 178, 42-47. P. 42
[49] ALVAREZ, A. **O Deus Selvagem:** um estudo do suicídio**.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999. P. 61.
[50] HOOFF, Anton J. L. van. Op. cit.

O efeito dos questionamentos fez que com, durante o Iluminismo, houvesse uma mudança na percepção do suicídio, que foi passando da condenação para a busca do entendimento do ato. Este foi cada vez mais sendo associado aos problemas das faculdades mentais, algo que, segundo Hooff, coincide com a expansão de hospícios no século XIX. Como foi visto no primeiro capítulo, este foi a época do surgimento da primeira teoria psiquiatria do suicídio, com Esquirol.

Possivelmente, esta nova mentalidade veio a influenciar o código penal do Império brasileiro, pela a sua não consideração do suicídio como um crime. O código penal de 1890 manteve essa percepção. Esse código ficou vigente até 1940. A possível razão para a manutenção desta percepção da não criminalidade do suicídio podia ser devido ao fato que o relator do código de 1830, segundo Filgueiras, foi chamado para ser da comissão de elaboração do novo código.

Apesar de não considerá-lo como um crime, o suicídio foi abordado na promulgação do código penal pelo decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. O artigo 299 deste trazia que "induzir, ou ajudar alguém a suicidar-se, ou para esse fim fornecer-lhe meios, com conhecimento de causa: Pena – de prisão celular por dois a quatro anos." [51] Podemos observar uma pequena mudança do código de 1830 para o de 1890 com relação ao suicídio, que foi na redução da pena, pois daquele o tempo de prisão era de dois a seis anos (Artigo 196 do código criminal do Império do Brasil, de 1830). Possivelmente, havia prisões com base neste artigo, apesar de não termos encontrado nenhum caso, no entanto, notamos que os suicidas muitas vezes diziam "que ninguém teve culpabilidade do fato." [52]

A lei previa crime para "quem *induz,* incita, aguça, compele à prática, cria a idéia [...] quem ajuda conferindo os meios materiais para que o ato seja praticado. O objetivo de um artigo prevendo estas circunstâncias como crime é exatamente preservar a vida humana." [53] Baseando-se ainda no pensamento de Paulino, podemos notar que o artigo 299 só se referia ao suicídio, em si, e não a tentativa. Desta forma podemos supor que o indivíduo que induzisse ou ajudasse só seria punido caso o suicida realmente morresse.

Consequentemente, podemos entender porque o suicídio seria investigado pelas autoridades competentes. Além do mais, há duas formas de morte, segundo o direito

---

[51] BRAZIL, CÓDIGO PENAL DOS ESTADOS UNIDOS DO. Disponível em: http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049. Acessado em: 19 de outubro de 2010.

[52] Processo relativo a Amara M. R. Caixa 773 da Comarca do Recife, 1929. (MJPE).

[53] PAULINO, Naray J. A. Considerações Jurídicas sobre o Suicídio. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. **Suicídio:** Uma Morte Evitável**.** São Paulo: Atheneu, 2006. P. 211

judiciário: a natural e a violenta. Esta consistindo nas mortes por acidente, homicídio ou suicídio, logo este se torna alvo de investigação, pois há a necessidade de determinar qual foi a verdadeira causa desta morte. [54] De fato como poderia haver o envolvimento de crimes nos casos de suicídios, logo, necessita-se de averiguação policial.

Segundo Michel Misse,

> Em praticamente todos os países modernos, a persecução penal é precedida de uma fase preliminar ou preparatória, destinada a apurar se houve crime e a identificar o seu autor. A atribuição de conduzir essa fase preliminar pode ser exclusivamente da polícia (sistema inglês, na tradição da *common law*) ou do Ministério Público, que dispõe para isso da Polícia Judiciária (sistema continental, na tradição da *civil law*). [...]
> No Brasil, e apenas no Brasil, encontramos uma solução não somente mista, mas ambivalente na persecução criminal: cabe à Polícia a investigação preliminar como também o aprofundamento das investigações e um relatório juridicamente orientado do resultado dessas investigações. Esse relatório, chamado "inquérito policial", não deve ser confundido com a mera investigação policial, pois inclui depoimentos transcritos em cartório, além das necessárias peças periciais. É, assim, a "forma jurídica" que a investigação policial deve adquirir para chegar às demais instâncias judiciárias. É, portanto, uma forma de "instrução criminal". [55]

Através das notícias nos jornais, isto quando referentes ao suicídio e as tentativas, notamos que, no início da década de 1920, a polícia no mínimo tomava ciência dos casos. Segundo Marcos Bretas, a polícia, não raramente, permitia que a família realizasse o enterro, sem haver antes um necropsia do cadáver.

Neste período crescia "um grande fascínio pela idéia de investigação policial, como parte do grande espetáculo da ciência moderna."[56] Havia relatos no Diário de Pernambuco, inclusive, da polícia colhendo depoimentos dos que sobreviveram as tentativas e também das famílias e outros indivíduos. Quando o indivíduo deixava um bilhete ou carta, a polícia procurava também saber o contento da mesma. A relação da imprensa com o suicídio será retratado mais aprofundado no próximo capítulo.

Na década de 1920, houve também a abertura de processos criminais para apurar o fato. Vale observar que aqueles também estão relacionados às sociedades; aos contextos e às temporalidades em que estão inseridos, pois a idéia de crime e o modo como ocorre à investigação criminal consistem em fatores variáveis. Cabendo ao direito processual penal a finalidade de regulamentar a maneira como se investiga um crime,

[54] PAULINO, Naray J. A. Considerações Jurídicas sobre o Suicídio. Op. Cit. P. 211.
[55] MISSE, Michel. O inquérito policial no Brasil: Resultados gerais de uma pesquisa. IN: **DILEMAS**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Vol. 3; nº 7; JAN/FEV/MAR 2010 (PP. 35-50). PP. 35-36.
[56] BRETAS, Marcos Luiz. Revista Policial: formas de divulgação das polícias no Rio de Janeiro de 1903. In: História Social, n. 16, primeiro semestre de 2009.

como se dava a comprovação da verdade e os critérios a serem utilizados pelo judiciário nas tomada das decisões. [57]

> Os processos criminais são fundamentalmente fontes oficiais, produzidas pela Justiça, a partir de um evento específico: o crime e seu percurso nas instituições policiais e judiciárias. Por conta disso, é fundamental que os processos sejam tomados também como "mecanismos de controle social", marcados necessariamente pela linguagem jurídica e pela intermediação do escrivão. [58]

Observamos nos anos 1920 que após uma investigação policial, ao apurar os fatos e na coletas de testemunhos, para, então, haver o arquivamento do processo por um juiz, dado a não condição criminal do suicídio. Contudo, antes de abordar os processos criminais, em si, torna-se necessário conhecer um pouco sobre a polícia da época e do Recife.

Segundo Bretas, a polícia consiste num órgão público moderno, que possui o seu próprio cotidiano, seguindo suas expectativas e até impondo valores, tanto pela persuasão como pela violência. Os "policiais confrontados com a sordidez da realidade/sociedade em que vivem podem reagir de diferentes formas, seja pela aceitação cínica, seja pelo intenso desajuste, seja ainda por vontade quase messiânica de transformar o mundo, pela ação ou pelas armas." [59]

A polícia algumas vezes aplicava suas próprias formas de castigo, como a prisão correcional, pela qual o indivíduo ficava preso sobre a custódia policial por um determinado tempo. [60] No Recife, "a interpretação da lei pelos policiais dava margem a muitas controvérsias. [...]. Portanto, para ser preso nas ruas do Recife nos anos vinte, bastava sair à noite, perambular sem destino, ou querer se passear e divertir-se [...]."[61] Provavelmente, isso explica o fato de que algumas pessoas terem sido recolhidas ao xadrez por tentarem suicidar-se apesar de não ser considerado um crime pela legislação vigente.

O alvo de investigação da polícia era, quase na sua totalidade, o cidadão comum. Os casos referentes às classes superiores são em números bem menores, segundo Marcos Bretas. Eles aparecem mais nos casos como vítimas e, raramente, em casos de

---

[57] GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários (processos criminais). In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). **O Historiador e suas Fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.
[58] Idem, p. 126.
[59] BRETAS, Marcos Luiz; PONCIONI, Paula. A cultura policial e o policial civil carioca. Disponível em: http://www.comunidadesegura.org/files/aculturapolicialepolicialcarioca.pdf. Acessado em 11 de novembro de 2010. Pg. 151 e BRETAS, Marcos Luiz. **Ordem na Cidade:** o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907-1930. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
[60] BRETAS, Marcos Luiz. **Ordem na Cidade.** Op. Cit.
[61] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 241.

desordem. "O relacionamento entre a polícia e as classes superiores nunca foi confortável. As vítimas [elites] podiam recusar assistência médica, suicídios eram dispensados das formalidades médico-legais, e mesmo casos sobre os quais não pairavam dúvidas podiam ser sustados." [62]

Este fato da relação entre a polícia e a elite pode ser observado nos processos criminais no Recife da década de 1920. Isto porque, colhendo fontes no Memorial da Justiça de Pernambuco foram encontrados 14 processos referentes ao suicídio e tentativa na comarca do Recife neste período. Analisando as profissões dos suicidas, observamos que dos 14: cinco eram domésticas; um era presidiário, que antes era um auxiliar de comércio; um era jornaleiro; um cobrador; um pedreiro; um louco; uma menor de idade e os outros três não foram mencionadas. Podemos, então, notar que eram na sua maioria indivíduos da classe comum. Além do mais, cinco casos trouxeram se a pessoa era analfabeta ou não, destes quatro eram.

Outra questão, segundo Madel Luz, era que os cadáveres dos brancos não eram sujeitos à autopsia, algo observado nestes 14 processos, dos quais dois eram brancos (sendo uma menor de idade). Dos demais, uma era preta; dois não foram identificados e o restante foi de pardos, ou seja, nove pardos.

A polícia na cidade do Recife em parte crescia sua atuação devido ao receio das elites com essas camadas populares, pois estes eram tidos como perversos, violentos, e imorais. Logo, se precisava estabelecer a ordem, disciplina e trabalho. Esta mesma polícia também servia como uma forma de impor novos valores e comportamentos que se buscava na época com a modernização da cidade. [63]

Buscava-se mudar os hábitos e costumes da população, como o hábito de carregar armas pelas camadas populares, mesmo nas ruas. Providências foram tomadas, com na apreensão das armas pela polícia. Isto ajudava na redução das brigas, pois, segundo Couceiro, as armas brancas eram as preferidas nos conflitos entre populares. Também podia ter tido um efeito no meio utilizado para suicidar-se, pois dos 14 processos criminais, em nenhum deles houve a utilização de armas de fogo, bem como as armas brancas.

Contudo, a polícia recifense da época tinha problemas de hábitos e costumes dentro da própria organização. Isto porque, aqueles contratados para manter a ordem,

[62] BRETAS, Marcos Luiz. **Ordem na Cidade.** Op. Cit. p. 166.
[63] COUCEIRO, Sylvia C. Cidade, cotidiano e violência: cultura popular e polícia no Recife dos anos 1920. In: GUILLEN, Isabel C. M.; GRILLO, Maria A. F. (orgs). **Cultura, cidadania e violência:** VII Encontro Estadual de História da ANPUH de Pernambuco. Recife, UFPE, 2009.

disciplina e o trabalho muitas vezes vinham da própria camada popular, logo, muitas vezes seguiam os hábitos e costumes destas. Assim,

> "Barbaridades da Polícia", "Soldados Turbulentos", "Patrulha Inconveniente", eram algumas das manchetes das reportagens que reclamavam da violência dos guardas, das prisões ilegais, dos abusos de autoridade, do envolvimento em desordens e agressões, das bebedeiras e da convivência com criminosos, prostitutas e "vadios". [64]

Isto serve mais uma vez para explicar as prisões ilegais de alguns indivíduos que haviam tentado o suicídio, dado ao aspecto de abuso de poder da polícia recifense.

No entanto, medidas foram tomadas pelas autoridades para reverter esse quadro negativo da polícia. Destarte,

> Novas instituições foram criadas, leis e códigos foram instituídos e o processo de investimento no que se denominou, na época, de "polícia de carreira" começou a ser viabilizado no sentido de instruir e formar agentes e policiais preparados, com uma postura menos violenta e repressiva, mais voltada para a prevenção e a garantia da aplicação da lei por outros meios. [65]

Mudanças nos órgãos policiais já haviam sido buscadas já desde o início do século XX, pois havia a necessidade de modernizar o país, tornando-o mais civilizado. Desta forma, "sob a República serão outras as condições de expansão da Força Pública[66] [...] devido às novas condições da própria estrutura econômica-social." [67]

A Força Pública, durante a república, passou por várias mudanças, buscando a profissionalização da atividade policial. Neste período também houve a criação da guarda civil, cuja finalidade era "diminuir a hostilidade do público de aparência diante do patrulhamento uniformizado e oferecendo uma polícia de aparência melhor para o centro renovado da cidade." [68]

Havia também a figura do chefe de polícia na instituição policial, que consistia num indivíduo bacharel em direito. Este seria o cargo mais alto, apenas tendo autoridade inferior ao presidente da República e a superintendência do Ministro de Justiça. Suas atividades era manter a ordem das instituições ligadas a Repartição Central da Polícia, porém estas atividades eram auxiliadas pelos delegados auxiliares. [69]

Segundo Marcos Bretas, as idéias de uma carreira policial já existia no Rio de Janeiro desde o regulamento de 1907. Através deste tentou-se estabelecer as bases para

---

[64] COUCEIRO, Sylvia C. Cidade, cotidiano e violência. Op. Cit. Pp. 42-43.
[65] Idem, p. 44.
[66] Segundo a mensagem de 1922 do Presidente da Província de Pernambuco, José Rufino, a Força Pública deste estado contava com dois batalhões de infantaria; 1 regimento de cavalaria; e uma secção de metralhadoras.
[67] FAUSTO, Boris (dir.). **O Brasil Republicano, v.9**: Sociedade e Instituições. Tomo III. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. P. 266.
[68] Marcos Luiz. **Ordem na Cidade.** Op. Cit. P. 49
[69] Idem.

essa carreira, além da questão das ascensões aos delegados. As delegacias ainda podiam possuir escrivão, oficial de justiça ou ainda um escrevente para as delegacias da 1ª e 2ª entrância.

A carreira policial ou o polícia de carreira era uma necessidade no Recife, tanto que foi mencionada na mensagem do Presidente da Província em 1921, José Rufino Bezerra Cavalcanti, que veio a criticar o sistema de segurança e prevenção de crimes de Pernambuco como insuficiente. Assim, notamos que ainda no início da década de 1920, a capital pernambucana ainda estava atrasada da capital federal, em relação ao policial de carreira.

A polícia de carreira era vista como algo ideal, pois devido a esta forma, exigia-se indivíduos idôneos, além de uma boa remuneração. José Rufino, ainda em 1922, criticava que a administração policial de Pernambuco possuía defeitos orgânicos e formais. Para ele,

> A tendência moderna é cercear a competência da polícia judiciária e estabelecer em bases científicas a polícia administrativa. O inquérito, como ainda usamos, vem a ser uma antecipação do juízo, um acúmulo de provas, afetando o caráter contraditório. Conviria adotar simplesmente diligências policiais, base da ação do ministério público, como fez o Projeto do Código de Processo Criminal para o Distrito Federal, em 1910. Tem produzido bons resultados em nações adiantadas o sistema de especialização nos serviços de investigação. [70]

Ainda em 1923, o novo Presidente da Província, Sérgio Loreto menciona a necessidade da polícia de carreira, ainda na criação de delegacias no interior do Estado, no aumento no número de guardas civis; e uma reforma na Repartição Central da Polícia. Entretanto, mudanças na administração policial só ocorreram devido à lei nº 1770 de 25 de novembro de 1925, segundo a mensagem de 1926 de Sérgio Loreto. Houve, então, o desdobramento dos distritos policiais do Recife, que passaram de três para cinco, consequentemente, elevou-se a seis a quantidade de delegados, com isto, a execução dos serviços tornou-se mais breve e fácil.

A tão necessária polícia de carreira só veio a ser criada após a promulgação da lei nº 1844 de 31 de dezembro de 1926. O ano de 1927 também trouxe grandes melhorias ao policiamento do Estado, pois:

> O ato nº 88 de Fevereiro criou na Repartição Central da Polícia o Arquivo Policial Criminal, destinado a verificar todas as informações referentes aos crimes praticados e seus autores, colecioná-las e registrá-las metodicamente.

[70] CAVALCANTI, José Rufino Bezerra. **Mensagens...** (Presidente Pernambuco. 06 de março de 1922. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/pernambuco. Acessado em: 16 de fevereiro de 2011. P. 16.

> Ainda pelo ato nº 179 de 15 de março foi criada a Escola Policial, destinada ao ensino profissional dos investigadores civis e agentes de polícia. [71]

Melhorias também surgiram com a mudança do chefe de polícia no final de 1926, que passou a ser o bacharel Eurico de Souza Leão. Este passou a perseguir, acirradamente, o combate à mendicância; à vadiagem e ao jogo, além de avidamente cumprir com a lei referente à utilização das armas proibidas. Houve, desta forma, segundo a mensagem de Coimbra, uma redução das atividades criminais, como nas taxas de homicídios do Recife, que baixou de 41 em 1926 para 14 em 1928, número que se manteve em 1929[72]. Além do mais, foram proibidas a fabricação e comercialização das armas proibidas no interior.

Posteriormente, com a ampliação do aparelhamento da Inspetoria Geral de Polícia, "foi instituída a polícia preventiva que regularizou a locação de domésticos, fiscalização dos teatros, cinemas, demais diversões públicas e o tráfego da cidade." [73] A Escola Policial ainda continuava com seu funcionamento regular, com o objetivo de preparar tecnicamente e profissionalmente os guardas-civis e os investigadores.

Possivelmente, essas melhorias na instituição policial ao longo da década de 1920 possam explicar a razão pela qual os processos criminais, referentes ao suicídio na comarca de Recife, referem-se, quase que totalmente, aos anos de 1928 e mais ainda de 1929. Dos 14 processos mencionados anteriormente, há apenas um de 1920 e outro de 1926, mas estes são exceções ao caso, pois não foram abertos para apurar o suicídio em si. Sabemos pelas notícias do Diário de Pernambuco que havia o exame médico legal em alguns cadáveres de suicidas, porém nos falta a razão pela qual não abriu-se processo das mesmas.

O processo de 1920 começou como uma investigação contra o assassinato de Alfredo J. L. com três tiros de pistola, tendo como acusado o indivíduo Joaquim F. M, que veio a se suicidar em 23 de junho de 1920, quando se atirou do 3º andar da Penitenciaria e Detenção do Recife, onde se encontrava preso. [74] Já o de 1926 começou como um processo para se identificar o indivíduo que havia falecido na Praça Joaquim Nabuco em 27 de dezembro de 1926. [75]

---

[71] COIMBRA, Estácio de Albuquerque. **Mensagens...** (Presidente Pernambuco. 17 de junho de 1927. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/pernambuco. Acessado em: 16 de fevereiro de 2011. P. 22.
[72] Idem. P. 33.
[73] Idem. P. 30.
[74] Memorial de Justiça BR PE PJ PG JM1VCR Processos Ação Criminal, 1920. (MJPE)
[75] Processo Criminal referente ao indivíduo Francisco A. L. ou Francisco L. A. presente na caixa 532 da Comarca do Recife. (MJPE).

Outra possível explicação para este fato pode ser encontrado na mensagem do Presidente de Província, Estácio Coimbra de 1928, onde menciona que seu governo não transigirá com o crime e seus responsáveis, e como foi visto anteriormente, como o suicídio consiste numa morte violenta, logo necessitava ser averiguada a causa da morte, em virtude da possibilidade de ser um homicídio ou estar relacionado com outros crimes. Inclusive, houve três processos de indivíduos que buscaram o suicídio por estarem sendo acusados de crimes.

Um destes casos foi o suicídio de Maria C. P.[76], de 25 anos, que trabalhava como doméstica para um alemão, conhecido como José Alemão. Ela estava trabalhando na sua casa havia mais ou menos há uns quatro meses, quando seu patrão a acusou de ter furtado a quantia de cinquenta mil reis e passou a ameaçá-la de polícia e também a maltratando. Maria não aguentando mais os abusos que estava sofrendo, resolveu se suicidar.

Sabendo que antes da abertura de um processo criminal havia o inquérito policial para determinar se havia ou não crime, notamos que isto era verdadeiro para os casos de suicídio, mas mesmo assim, as diligências policiais e os devidos exames realizados eram enviados para um juiz, que, então determinava o arquivamento do caso. Desta forma, deduzimos que consistiam sim em processos criminais, dado a chegada do conhecimento dos fatos para uma autoridade judiciária, que determinava o seu destino. O inquérito também poderia ser enviado para outra autoridade judicial, o promotor, que estabelecia que como não houve crime, não cabia procedimentos judiciais, mas, aparentemente, ainda era enviado ao juiz para o mesmo tomar conhecimento do caso.

Como a abertura do processo exigia uma denúncia, que podia ser "feita por inspetores de quarteirão, promotores, delegados ou subdelegados de polícia, ou então pela própria vítima, [...]" [77], observamos que em muitos dos casos o suicida era referido como a vítima, houve, inclusive, alguns em que o suicida era ao mesmo tempo a vítima, e o acusado na denúncia.

Observamos, então que,

> Conforme já alertavam na década de 1980 as antropólogas Mariza Correa e Yvonne Maggie, é impossível analisar processos criminais sem refletir sobre as atividades e crenças dos "profissionais do sistema jurídico-policial", ou, no dizer de Correa, dos "manipuladores técnicos", que decidiam o que devia

[76] Processo Criminal de Maria C. P. A. Caixa 733 da Comarca do Recife, 1929 (MJPE).
[77] GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários (processos criminais). Op. Cit. P. 122.

> constar nos autos, de acordo com as regras legais preestabelecidas nos códigos penais. [78]

Podemos, desta forma, tentar explicar a certa dualidade presentes nos processos, pois como o suicídio, em si, não era crime, como poderia haver vítima e muito menos acusado. A idéia do termo vítima tem entendimento na questão abordado por Naray Paulino, de que como "o suicídio é para a disciplina jurídica, uma das formas de morte. Por definição, é tida como morte violenta. A vítima é sempre um ser humano." [79] Já a idéia de acusado, poderia ser fruto dos ideais cristãos do escrivão, de que como o suicídio seria um crime contra Deus, logo o suicida seria um acusado.

Ao analisarmos os inquéritos policiais nos casos de suicídios e das tentativas no Recife, nos anos de 1928 e 1929, notamos que quando o indivíduo sobrevivia, os agentes policiais apenas tomavam o seu testemunho. Caso este vieste há falecer poucas horas ou dias depois, a polícia retomava a coleta de testemunhos. Nestes casos e naqueles em que o indivíduo não sobrevivia, a polícia, geralmente, coletava três testemunhos, de parentes, vizinhos, patrões, colegas de trabalho, etc.

Os relatos das testemunhas são ricos em informações pessoais dos indivíduos, com informações sobre a idade; a naturalidade ou nacionalidade; estado civil; profissão; endereço de residência; os nomes dos pais ou só do pai; e se a pessoa sabe ler e escrever. Isso pode auxiliar na leitura dos processos pois,

> Para ler processos criminais, portanto, é preciso saber trabalhar com as versões, perceber a forma como elas são construídas. Analisar como os diversos agentes sociais apresentam diferentes versões para cada caso e ficar atento, principalmente, às narrativas que se repetem, às histórias nas quais as pessoas acreditam e àquelas nas quais não se acredita. É necessário trabalhar com a verossimilhança. [80]

Esta questão pode ser bem vista num caso, digamos peculiar, do suicídio da menor de 16 anos, Maria A., que "supostamente" se suicidou, às 13 horas do dia 25 de outubro de 1929, ingerindo formicida. [81] Maria era uma doméstica numa residência da Rua Marquez do Paraná, onde, inclusive, foi o lugar em que ocorreu o evento. Como ela faleceu antes da chegada da assistência pública, não foi socorrida já que se encontrava morta, logo não foi coletado o seu testemunho.

---

[78] GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários (processos criminais). Op. Cit. PP. 126-127.
[79] PAULINO, Naray J. A. Considerações Jurídicas sobre o Suicídio. Op. Cit. P. 209.
[80] GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários (processos criminais). Op. Cit. P. 128.
[81] Processo Criminal da Acusada e Vítima Maria A. Caixa 944 da Comarca do Recife, 1929 (MJPE).

A polícia na averiguação do caso tomou o testemunho de três indivíduos, da patroa; do cunhado da patroa e de um pedreiro. Os três testemunhos trazem que a menor havia se suicidado, porém relatam o evento com três histórias totalmente diferentes, só havendo em comum que ela havia se suicidado, o meio utilizado para o ato e o local onde ocorreu o evento.

A primeira testemunha foi a patroa, Debora P. S., que era casada, sabia ler e escrever e tinha 27 anos. Ela relatou que estava deitada quando a sua empregada Maria lhe disse que havia tomado uma dose de formicida. Débora disse que foi pega de surpresa, mas ao achar o copo e o veneno, realizou os primeiros socorros e, imediatamente, chamou a assistência pública, mas quando esta chegou, já encontrava Maria morta, que veio a falecer nos braços da patroa. Esta ainda mencionou que a sua empregada "Maria sempre teve esta mania por suicídio, que frequentemente dissera que haveria de se atirar sob um bonde [...]".

A próxima testemunha foi o indivíduo Alfredo M, que era cunhado de Debora, tinha 43 anos; pernambucano; casado; sabendo ler e escrever; e era comerciante. Alfredo relatou que estava almoçando em casa quando a sua cunhada entrou na sua residência, dizendo que a criada havia tomado veneno. Ele, inicialmente, não acreditou tendo em vista que Maria sempre era brincalhona. Após alguns minutos, ele acompanhou Debora à sua residência, chegando lá, ouviram a referida suicida chorando, que ao ser questionada veio a negar inicialmente que não havia tomado veneno, mas após insistir, acabou admitindo que havia tomado uma pequena quantidade. Alfredo disse que a sua cunhada, após a confirmação do ato, pediu-lhe que fosse à estação rádio telegráfica solicitar assistência, tendo em vista que os sintomas do envenenamento pioravam. Ele termina o relato dizendo que quando finalmente chegou o socorro, Maria já se encontrava morta.

A última testemunha no inquérito foi Antonio S. P., que era um pedreiro de 42 anos, natural de Pernambuco, casado e sabendo ler e escrever. O mesmo disse que estava trabalhando no Cafundó, quando recebeu um chamado de Debora. Atendendo ao chamado, saiu em companhia da senhora Debora, que havia lhe dito que a sua criada supostamente havia tomado veneno. Chegando à sua residência, encontraram Maria na sala de visita, que ao ver os dois indivíduos, correu para o banheiro trancando-se. Antonio disse que bateu muito na porta, até que resolveu tentar derrubá-la, quando assim tentava, Maria abriu a porta com um copo na mão e uma colher de prata na outra,

dizendo que havia tomado formicida. Após a interrogarem, trataram de dar-lhe contra-veneno, que não teve efeito e quando a assistência chegou, já a encontrava morta.

Como base nestes relatos, podemos observar que houveram três versões diferentes para um mesmo evento. Na fala da patroa notamos que a mesma buscou atribuir a Maria as constantes idéias de suicídio, mas ao olharmos o testemunho de Alfredo, o mesmo dizia que Maria era sempre brincalhona. Assim, não notamos nela os sinais que Edwin Shneidman veio a chamar de psychache, que seria uma dor psicológica ou até mesmo os sinais de melancolia de Freud.

> A maioria que comete suicídio explicitamente, e frequentemente repetidas, comunica sua intenção de se matar para outros – para seus médicos, família, ou amigos – antes de fazê-lo. Muitos nunca fazem: agem por impulso ou disfarçam seus planos; eles nunca dão chances para si mesmos ou outros. [82]

Logo, sabemos que às vezes as pessoas se suicidam sem mostrarem evidências dos seus planos ou do sofrimento interno, mas este não aparenta ser o caso de Maria, já que a mesma tinha "mania por suicídio". Além do mais, o fator de ser brincalhona contradiz com os sinais que Jamison menciona como de maiores riscos ao suicídio: depressivo; maníaca; hipomaníaca; ansiedade severa; irritabilidade; agitada; violenta; desiludida; alucinando; entre outros.

Mesmo com versões contraditórias, aparentemente, a polícia e o juiz municipal da vara criminal do Recife aceitaram como sendo suicídio, tendo em vista que havia testemunhas de uma classe privilegiada afirmando ter sido um suicídio, algo que ainda pode ser observado que todas as testemunhas estavam ligadas à patroa Debora. Não saberemos ao certo que o realmente aconteceu se Maria se suicidou ou "foi suicidada", pois como relata Marcos Bretas, "crianças empregadas no serviço doméstico eram mantidas sob a vigilância de seus patrões/guardiães, situação bastante comum, e o fato de haverem constantes fugas indica que o relacionamento não era exatamente harmonioso." [83]

No entanto, não podemos esquecer que as supostas ameaças de Maria de suicídio poderiam ser "designadas primeiramente para escarnecer ou punir o recipiente ou para obter um objetivo distinto ou objetivos vantajosos" [84], tendo em vista, que o suicídio

[82] JAMISON, Kay Redfield. **Night Falls Fast:** understanding suicide. New York:Vintage Books, 2000. P. 236.
[83] Marcos Luiz. **Ordem na Cidade.** Op. Cit. P. 169.
[84] LITMAN, Robert; FARBEROW, Norman. Emergency Evalution of Self-destructive Potentiality. In: FARBEROW, Norman; SHNEIDMAN, Edwin (editors). **The Cry for Help.** New York: McGraw-Hill, 1961. P. 53.

não ocorre somente por fatores individuais, porque o indivíduo está relacionado a um ambiente social, em que mora e exerce suas funções.

O que alimenta esta idéia de que Maria "foi suicidada" deve-se ao exame do seu cadáver, na qual os médicos legistas relataram:

> Às 14 horas, de vinte e cinco de outubro de 1929 no Necrotério Público, preenchidas as formalidades usuais encontraram: constataram tratar-se de um indivíduo do sexo feminino, de constituição mediana, não apresentando sinais objetivos de ferimentos e excluindo a sua necropsia, depois de rigoroso exame dos seus órgãos, com exceção do estômago, do duodeno que foram retirados depois de ligados nas respectivas extremidades, a existência de lesões orgânicas ou outras que explicassem a causa mortes. Rezando os comemorativos trata-se de envenenamento por um formicida, os peritos retiraram as vísceras para exame toxicológico. [85]

No mesmo relatório quando respondendo ao questionário, em relação à segunda pergunta de qual o meio que a ocasionou, responderam que "provavelmente envenenamento de acordo com os comemorativos". Quanto à questão se foi ocasionada por veneno, substâncias anestésicas, incêndio, asfixia ou inundação, responderam que não podiam dizer, pois estava prejudicado.

Como podem ser observadas, as investigações policiais eram auxiliadas por outros órgãos, que utilizavam de tecnologias modernas e científicas da época, e eram ligados à Repartição Central da polícia, como pelo Gabinete de Identificação e Estatística Criminal e, principalmente, pelo Instituto de Medicina Legal. A finalidade principal desta polícia científica era controlar os indivíduos perigosos, registrando os seus delitos, bem como as características físicas dos mesmos. Isto foi possível com a utilização de modernas técnicas de identificação difundidas na Europa, Estados Unidos e Argentina.

O Gabinete de Identificação e Estatística Criminal de Pernambuco, segundo Sylvia Couceiro, foi criado em 1911. Assim, como vários aspectos da polícia precisavam de reformas no início dos anos 20, o mesmo se valeu para este Gabinete, isto porque na mensagem de Sérgio Loreto, em 1923, ele menciona que este se encontra mal localizado; mobiliário e acessórios insuficientes; atelier fotográfico precisando de uma reforma radical e nas dificuldades de elaboração das estatísticas criminais, tendo em vista que os promotores não enviam os dados ao gabinete. Entretanto, posteriormente, foram realizadas melhorias ao gabinete.

Dos 14 processos coletados, aparentemente, apenas um utilizou os serviços de identificação do Gabinete de Identificação e Estatística Criminal. Este caso foi em

[85] Processo Criminal da Acusada e Vítima Maria A. Caixa 944 da Comarca do Recife, 1929 (MJPE).

relação ao falecimento de Francisco A. L[86], que entrou numa lotérica situada na Praça Joaquim Nabuco, pedindo uma cadeira, pois estava se sentindo mal e com falta de ar, vindo a falecer, que posteriormente foi comprovado como sendo por suicídio.

O cadáver foi enviado ao gabinete, que enviou um ofício ao chefe de polícia, dizendo:

> O indivíduo em questão, cujo cadáver foi identificado por este Gabinete, era identificado no Registro Civil (identificação espontânea) em 19 de maio de 1925, com as seguintes características individuais: "cútis parda, olhos castanhos, cabelos pretos e crespos, barba raspada, bigodes raspados, estatura um metro e sessenta e um centímetros (1,61). Individual dactiloscópica: série – E.3343 – Secção – I.1222. [87]

Junto ao ofício, foram enviadas também, ao Dr. Chefe de Polícia, as impressões digitais e a fotografia do cadáver de Francisco (que seguem a seguir):

Processo referente a Francisco A. L. (MJPE)

Processo referente a Francisco A. L. (MJPE)

[86] Processo relativo a Francisco A. L ou Francisco L. A.. Caixa 532 da Comarca do Recife, 1926/1927 (MJPE).
[87] Idem.

Outro órgão de extrema importância para o andamento dos processos e das investigações policiais foi o Instituto de Medicina Legal, que inicialmente foi chamado de Serviço Médico Legal. Este serviço, segundo Marcos Bretas, teve a sua origem na seção médica da polícia, ainda durante a monarquia e tornou-se autônomo da Secretária de Polícia após o decreto de 1907.

A institucionalização da medicina legal no Brasil foi amplamente impulsionada pelo médico maranhense Nina Rodrigues, que foi também a figura elementar na divulgação das idéias da criminologia científica para a área médica. Essa criminologia científica brasileira tinha como modelo a criminologia italiana, que além de interessar ao saber médico, teve seu campo ampliado aos juristas, divulgados nesta área, especialmente, pela Faculdade de Direito do Recife. [88]

Segundo Luis Ferla, a medicina legal desempenhava mais de uma função, relatando que:

> [...] manipulava, em linhas gerais, dois tipos de objetos: aqueles que se relacionavam de alguma maneira com o comportamento humano, [...], e os demais, compreendendo uma ampla gama de possibilidades, como a verificação da idade de cadáveres, a causa da morte, a perícia em armas de fogo, a determinação de lesões pré-existentes em acidentados no trabalho ou a identificação de criminosos por marcas de impressão digital. [89]

Neste item o segundo conjunto veio a influenciar nos andamentos da investigação criminal, tendo em vista a utilização dos médicos legista na identificação das causas das mortes violentas. Isto era verdadeiro para as investigações policiais em Pernambuco, pelo menos quanto ao suicídio, pois os legistas determinavam a causa da morte ou a ofensa física, cabendo aos policias determinar se eram suicídio ou não.

"A medicina legal seria, dessa forma, um campo científico misto entre direito e medicina, e não meramente um aporte desta àquele." [90] Ela, até mesmo, modificou o ensino nas Faculdades de Direito, deste modo, segundo Ferla, legitimando o direito como campo científico, pois o crime passou a ser visto pelo seu aspecto social, biológico e também psicológico.

Essa busca pela legitimação científica também impulsionou as Escolas Policiais, nas quais se buscava capacitar os agentes ao combate dos crimes e também das atitudes anti-sociais. A Escola Policial de Pernambuco tinha esta finalidade de preparar

[88] FERLA, Luis. **Feios, sujos e malvados sob medida:** a utopia médica do biodeterminismo, São Paulo (1920-1945). São Paulo: Alameda, 2009.
[89] Idem, p. 67.
[90] Idem, p. 98.

tecnicamente e profissionalmente os investigadores e os guardas-civis, proporcionando-lhes a instrução necessária.

Em Pernambuco, o Serviço Médico Legal, igualmente ao gabinete de identificações, também se encontrava necessitando reformas no início da década de 1920.

> O Serviço médico legal, instituição de alta importância para a Sociedade e para a Justiça, tem atravessado crises lastimáveis que o tem impedido de acompanhar o desenvolvimento desejado. Deficiente quanto ao seu pessoal médico, deficiente quanto à sua instalação, o Gabinete médico de Pernambuco está em condições de grande inferioridade comparado com os seus congêneres [...]. Medidas urgentes se fazem necessárias para que o serviço possa ser feito senão com o rigor que era de desejar, ao menos mais cientificamente e, portanto, com maior segurança para a justiça. Possui o Gabinete o material para um bom laboratório, importado, já há anos, no valor de 50 contos, sem que até hoje, porém, pudesse ser instalado [...]. [91]

No entanto, já na mensagem do presidente de província de 1924, observamos o início de melhoria. Com a mensagem de 1925, observamos que o gabinete médico-legal sofreu uma completa reorganização, renovando os móveis e as instalações e além de ter sido montado um gabinete de toxicologia. Apesar de ainda necessitar de alguns funcionários.

Estas melhorias possibilitaram que "o nosso gabinete médico-legal bem poderá merecer o título do 'Instituto Médico Legal mediante algumas modificações no seu regulamento que já não se adapta bem as modernas normas das perícias." [92] Desta forma, o serviço médico legal de Pernambuco passou a ser o Instituto de Medicina Legal, dada a sua reorganização pela lei nº 1747, de 01 de junho de 1925. [93]

Pelos processos criminais referentes aos suicídios e às tentativas, observamos a presença de dois tipos de formulários preenchidos pelos médicos legistas. O de homicídio quando se tratavam dos suicídios e a de ofensa física quando se referiam as tentativas. Segue na página a seguir um modelo para homicídio.

O modelo para ofensa física seguia os mesmos moldes, só modificando a partir dos quesitos, que ficaria da seguinte forma:

> [...] os quesitos seguintes: - 1 ferimento ou ofensa física; 2 qual o meio que a ocasionou; 3 se foi ocasionada por veneno, substancia anestésica, incêndio, asfixia ou inundação, (resposta especificada); 4 se por sua natureza e sede foi causa eficiente da morte; 5 se a constituição ou o estado mórbido anterior do ofendido concorreram para torná-lo irremediavelmente mortal; 6 se das condições personalíssimas do ofendido pode resultar sua morte; 7 se resultou

[91] LORETO, Sérgio T. Lins de. **Mensagens...** (Presidente Pernambuco. 06 de março de 1923. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/pernambuco. Acessado em: 16 de fevereiro de 2011.
[92] CAVALCANTI, José Rufino Bezerra. **Mensagens...** (Presidente Pernambuco. 06 de março de 1925. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/pernambuco. Acessado em: 16 de fevereiro de 2011.
[93] CAVALCANTI, José Rufino Bezerra. **Mensagens...** (Presidente Pernambuco. 07 de setembro de 1925. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/provincial/pernambuco. Acessado em: 16 de fevereiro de 2011.

ou pode resultar mutilação ou amputação, deformidade ou privação permanente de algum órgão ou membro: resposta especificada; 8 se resultou ou pode resultar enfermidade incurável e que prive para sempre o ofendido de poder exercer o seu trabalho: resposta especificada; 9 se produziu incomodo de saúde que inabilite o ofendido de serviço por mais de 30 dias.

Em conseqüência os médicos do Instituto de Medicina Legal, passaram a fazer exame medico na pessoa de ___ no dia ___ de ___ de mil novecentos e vinte ___ às ___ horas, no ___, de cor ___ altura ___ natural de ___, de ___ anos de idade, residente em ___ de constituição ___ temperamento ___. [94]

INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL DE PERNAMBUCO
HOMICÍDIO

Auto de necropsia procedida no cadáver de _____.

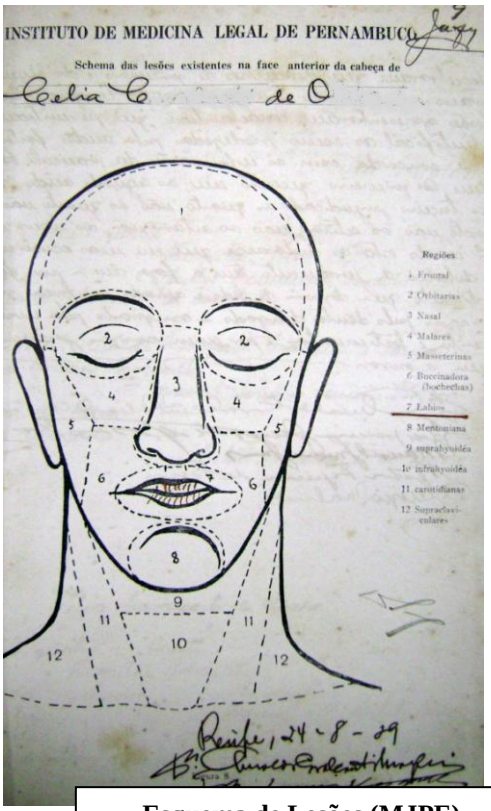
Aos ___ dias do mês de ___ de mil novecentos e vinte _____ nesta cidade do Recife e no ___ às ___ horas, perante o ___comigo abaixo assinado, escrivão juramentado do Instituto de Medicina Legal, compareceram os peritos nomeados e notificados ___ e as testemunhas também notificadas ___ o ___ ordenou aos peritos que sob juramento de seus cargos, procedessem exame médico no cadáver de ___ respondessem os quesitos seguintes: - 1 se houve morte; 2 qual o meio que a ocasionou; 3 se foi ocasionada por veneno, substancia anestésica, incêndio, asfixia ou inundação, (resposta especificada); 4 se por sua natureza e sede foi causa eficiente da morte; 5 se a constituição ou o estado mórbido anterior do ofendido concorreram para torná-lo irremediavelmente mortal; 6 se a morte resultou das condições personalíssimas do ofendido; 7 se a morte resultou, não porque o mal fosse mortal, e sim por ter o ofendido deixado de observar o regime medico higiênico reclamado pelo seu estado.

Em conseqüência os médicos do Instituto de Medicina Legal, passaram a fazer exame medico no cadáver de um individuo do sexo ___ que se diz ser de ___ representando ter ___ anos de idade, de cor ____ de ___ centímetros de altura, cabelos de cor ___barba de cor ___(sinais particulares) ___ trajando ___ as ___ horas, de ___ de ___ de mil novecentos e vinte ___ no Necrotério Público, preenchidas as formalidade usuais encontraram:

Fonte: Ficha do Instituto de Medicina Legal (MJPE).

Desta forma, podemos observar que as fichas do Instituto de Medicina Legal trazem a possibilidade de um melhor entendimento dos indivíduos, ao trazer informações físicas e pessoais dos mesmos, além de ser possível notar os efeitos dos modos de suicídio sobre o corpo do indivíduo. Houve processos em que havia ambos os laudos, pois a vítima sobreviveu a tempo de ser realizada a vistoria de ofensa física, mas acabou não resistindo aos ferimentos ou consequências da tentativa, assim, falecendo, gerando, assim, uma nova vistoria.

Apenas um caso, em que houve perícia médica, trouxe, além da ficha, uma figura de um rosto. Este foi



Esquema de Lesões (MJPE)

[94] Fonte: Ficha de Ofensa Física do Instituto de Medicina Legal (MJPE)

o caso da tentativa de suicídio de Célia C. O.[95], de 22 anos, que havia ingerido ácido muriático no dia 21 de agosto de 1929. Um dado curioso do seu testemunho é que a mesma aborrecida da vida resolveu se suicidar, indo para uma farmácia para comprar iodo. O farmacêutico, contudo, recusou a venda, mas, infelizmente, não foi informado a razão da recusa. A mesma, então, lembrou que ainda tinha um frasco de ácido muriático em sua residência.

A figura acima possui rabisco sobre o que seriam os lábios da indivídua acima referida, pois quando a mesma ingeriu ácido muriático este acabou causando-lhe queimaduras do primeiro e segundo graus nos lábios e na mucosa da língua de Célia.

Dos 14 processos coletados no Memorial de Justiça, apenas dois não trazem um laudo dos médicos legistas. Um dos casos foi o do suicídio na prisão, já comentado anteriormente. A ausência do laudo, neste caso, pode ser devido ao fato que o mesmo aconteceu em 1920, quando o serviço de médico legal não estava em pleno funcionamento.

O outro caso de ausência do laudo refere-se ao suicídio do doente José C. M[96], de 42 anos, em 23 de junho de 1928. Ele veio a se suicidar quando estava internado no Hospital de Doenças Nervosas e Mentais da Tamarineira, chegando a ser socorrido pelo Dr. Ulysses Pernambucano, que foi uma figura importante na assistência aos que sofriam das faculdades mentais no Recife.

Anúncio da Clínica do Dr. Ulysses Pernambucano no Diário de Pernambuco (Outubro, 1921)

José encontrava-se internado apenas há três dias e quando um empregado foi mudar os lençóis de sua cama, saiu do quarto para buscar as limpas, quando, então, José aproveitou da ausência e se enforcou com o lençol preso pela grade do seu quarto.

Segundo Carlos Miranda, não foram poucos as tentativas de suicídios nos hospícios do Brasil, como uma forma de escapar do confinamento e do sofrimento imposto por estas instituições.[97] Maris e outros, apesar de estarem mencionando o suicídio em instituições correcionais, também mencionam que "isolado e sozinho,

[95] Processo relativo à Célia C. O. Caixa 944 da Comarca do Recife, 1929. (MJPE).
[96] Processo relativo à José C. M. Caixa 840 da Comarca do Recife, 1928 (MJPE).
[97] MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Vivências Amargas: A divisão de Assistência a Psicopatas de Pernambuco nos Primeiros anos da Década de 30. In: **CLIO.** Revista de Pesquisa Histórica, nº. 24, vº. 2. Recife: UFPE, 2007.

humilhado e medroso, o jovem ofensor opta por um método disponível (usualmente enforcamento) para rapidamente acabar com seus problemas dentro das primeiras horas ou dias de encarceramento."[98]

No entanto, o suicídio de José foi algo surpresa para os funcionários do hospital, pois no ofício enviado ao delegado, mencionam que ele não havia manifestado idéias de suicídio, além de ter passado bem à noite e tomado seu primeiro almoço calmamente. A ausência do laudo do Instituto de Medicina Legal pode ser justificada pelo fato do indivíduo ser um louco e que o mesmo havia se suicidado na presença de médicos e num hospital. Contudo, no inquérito policial há o testemunho de um enfermeiro do referido hospital.

A questão da loucura estava associada a outro suicídio, possivelmente, segundo a mensagem de José Rufino em 1922, na qual ele menciona que o chefe de polícia salientou um aumento no número de loucos, influxo de alcoolismo e de sífilis. Este foi o caso de Joaquina F. A.[99], de 20 anos, que segundo as testemunhas, havia apresentando sinais de estar sofrendo das faculdades mentais, pois dizia muitas tolices e coisas "sem pé nem cabeça". Falava só e num dia saiu com uma faca nos seios. Joaquina, inclusive, ia ser internada pelo seu amante no Hospital de Doenças Nervosas e Mentais, algo que não ocorreu devido ao fato que veio a se suicidar. Possivelmente, esta futura internação serviu como um impulsionador ao suicídio.

Doenças não ligadas à alienação mental tiveram presença nas causas de suicídios, como do indivíduo Antonio C. S.[100], de 35 anos, que se suicidou por estar com tuberculose, algo que o deixou "excessivamente impressionado e desanimado da cura do seu mal", segundo relatou a sua esposa. Este foi até um caso peculiar, pois o indivíduo, inicialmente, molhou suas roupas com querosene e depois tocou fogo nelas, e, após ouvir o grito de sua esposa, jogou-se no rio Capibaribe. Esta atitude alimenta algumas possibilidades pelo fato de ter se jogado ao rio, tais como: o indivíduo queria ter certeza que não seria socorrido; o indivíduo queria evitar que a sua esposa o viste no estado carbonizado; ou como uma forma de apagar as chamas. O outro caso de doença

[98] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. Suicide and the Law. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000. P. 484.
[99] Processo relativo à Joaquina F. A. Caixa 773 da Comarca do Recife, 1929. (MJPE).
[100] Processo relativo à Antonio C. S. Caixa 840 da Comarca do Recife, 1929. (MJPE).

foi uma forte dor de cabeça, que, mesmo após Joel N. C.[101], de 17 anos, ter tomado remédio, não passava.

Os processos, além de trazerem informações físicas e pessoais dos indivíduos, nos possibilitam um melhor entendimento da sociedade da época. Mostra características de uma sociedade excludente socioeconomicamente, ao relatar as atividades econômicas dos indivíduos e o seu nível de escolaridade, ao perguntar se sabia ler e escrever.

A coleta da atividade profissional das mulheres pode mostrar o nível social da mesma, pois apesar do início da liberdade feminina e da modernização da sociedade, o trabalho feminino era algo ainda malquisto, como foi visto no segundo capítulo. Esta questão ainda era acrescida da questão da alfabetização. Dos noves casos de suicídio e tentativas, que se referem às mulheres, cinco eram domésticas – os outros quatros não há menção de profissão, lembrando ainda que uma destas tinha 12 anos. Dos cinco casos: uma sabia ler e escrever e duas eram analfabetas, e também quatro eram solteiras e apenas uma era casada. Isto nos faz pensar que a elite feminina estava ausente nos processos relativos ao suicídio, possivelmente pela questão que foi retratada anteriormente da relação da polícia com a elite ou ainda pelo fato que as mesmas eram socorridas por médicos particulares, assim, escondendo o fato do conhecimento policial.

Esta questão da ausência da elite feminina nos processos criminais nos remonta à dissertação de Carlos Filgueiras, que trabalhou com a questão dos crimes passionais no Recife da década de 1920, portanto mesma localidade e temporalidade aqui trabalhada. No seu estudo, as mulheres foram na maioria as vítimas, além se serem a maioria quando se referia à taxa de alfabetização e nenhuma das mulheres vítimas tinha profissão.

> Essa ausência de uma profissão entre as mulheres, somado ao fato de que algumas motivações dos crimes decorreram da vontade delas trabalharem, mostra a vontade dos homens de que elas continuassem dependentes. Ou, em outras palavras, o desejo, por parte dos homens, de que houvesse uma permanência das atribuições dos papéis sexuais. [102]

Outra plausível razão seria como a sociedade nunca parou de condenar o suicídio, "membros da família sobreviventes continuam a sentir estigmatizado pelo suicídio, às vezes pressionando os legistas para mudar as determinações para proteger a

[101] Processo relativo à Joel N. C. Caixa 773 da Comarca do Recife, 1929. (MJPE).
[102] FILGUEIRAS, Carlos Eduardo de A. **Do Ciúme ao Crime.** Op. Cit. Pp. 81-82.

família da receosa condenação social."[103], pressão que também podia ocorrer com os membros da polícia ou até do judiciário.

Mostra também características de uma sociedade patriarcal e machista, tanto que em vários relatos, independente da idade do indivíduo, havia a menção do nome do pai e em alguns casos da mãe também. Isto pode ser notado no caso do suicídio de Maria J. S[104], de 12 anos, que estava conversando pela sua janela com o rapaz, quando foi surpreendida pela sua madrasta. "A paixão dos jovens, com um desfecho trágico, vem acompanhada do desespero e frustração"[105], algo que pode ter auxílio para o seu suicídio.

Este caso de Maria também houve uma peculiaridade quanto aos formulários do Instituto de Medicina Legal, pois há presente também um auto de levantamento de corpo, ou seja, coube aos peritos legais o recolhimento do corpo no lugar em que ocorreu o suicídio. Neste formulário podemos comprovar o uso do termo morte violenta, visto que colocam "o tipo de morte foi violento". Outro fator curioso do dado é que na terceira pergunta do questionário há: "no caso de morte violenta, trata-se de homicídio ou acidente", tendo sido inserido a caneta entre estes dois itens o termo suicídio, cuja resposta foi "provavelmente suicídio". Isto pode nos mostrar que os formulários estavam sendo adaptados pelos peritos com a realidade atual da época.

Como mencionado no capítulo anterior, notamos entre vários casados, com base nos testemunhos presente no processo, havia uma grande diferença de idade entre os parceiros. Tomamos como exemplo os relatos das testemunhas do caso anterior, o pai de Maria tinha, na época do suicídio, 48 anos, enquanto a sua nova esposa tinha 26 anos. Vários são os casos assim, tem outra Maria de 23 anos casada com um indivíduo de 67 anos e tem o caso de Antonio - o que se suicidou por ter tuberculose- que tinha 35 anos e sua esposa 27 anos.

Isto, possivelmente, ocorria pelo fato de como era difícil e malvisto uma mulher ter emprego, talvez buscassem indivíduos mais velhos para poderem sustentá-las ou ainda que os rapazes jovens estivessem mais preocupados sendo os "solteirões" do que com o casamento. Fausto[106] menciona que o aumento do aspecto erótico da civilização

[103] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. Suicide and the Law. Op. cit. P. 480.
[104] Processo relativo a Maria J. S.. Caixa 840 da Comarca do Recife, 1928. (MJPE).
[105] FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano:** A Criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Edusp, 2001. P. 134.
[106] Idem.

urbana, tanto que cresceu o número de defloramentos, como conseqüência da maior liberdade dos jovens.

Podemos notar este certo domínio masculino no lado emocional e de poder sobre as mulheres com o caso da tentativa de suicídio de Evangelina L. ou C.S.[107], de 25 anos. Ela, que era natural de Alagoas, conheceu em Maceió o pernambucano Severino O. X, de 28 anos, que lá era Cabo do Vinte Batalhão Caçador. Os dois mantiveram relações amorosas, mas, segundo Severino, ele "não era amoriado com a mesma". Ele acabou voltando para Recife em 1927, posteriormente, aqui também chegou Evangelina, que veio a procura do mesmo, tendo em vista que não mais suportava as saudades dele. Como o agora ex-cabo estava desempregado, ela foi trabalhar como amada numa residência.

Evangelina, posteriormente, voltou para Maceió, contudo, depois voltou ao Recife, ainda por causa de Severino. Novamente, ela empregou-se numa residência, desta vez como empregada, cuja função era cuidar de uma doente. No seu relato, ela menciona que dava presentes de mangas para Severino, desta forma ainda mostrando interesse pelo mesmo. Após a morte da doente, Evangelina permaneceu na residência do senhor Seixas, esposo da doente, como um favor, até que se mudou para a casa de uma camarada sua. Ela menciona que foi chamada por uma criada do senhor Seixas para comparecer em sua residência, pois o mesmo a acusava de ter roubado umas jóias. Chegando lá, declarou que nada tinha roubado, mas que foi trancada em um quarto a fim de confessar o roubo. Ela menciona que ficou presa por uns três dias, sem receber alimentação e sendo maltratada. Evangelina disse que pediu para ir ao sanitário e foi lá onde encontrou uma lata de creolina, tendo ingerido certa porção, que gemendo aos efeitos do tóxico foi socorrida.

Neste caso podemos observar o poder que as classes de melhor poder aquisitivo exerciam sobre as camadas populares, em especial, as mulheres e seus funcionários. Utilizavam deste poder para ameaçar as vítimas, pois tudo indica que não queriam o caso à polícia, como foi visto neste caso e no caso anteriormente de Maria C. P também ameaçada e maltratada pelo seu patrão.

Isto se explica pelo simples fato que "para uma pessoa das classes populares sobretudo, o aparelho policial e judiciário representa uma perigosa máquina, movimentada segundo regras que lhe são estranhas. É bastante inibidor falar diante

[107] Processo relativo a Evangelina L. ou Evangelina C. S. Caixa 773 da Comarca do Recife, 1929. (MJPE).

dela; [...].” [108] E quanto a Pernambuco, Couceiro alude que os indivíduos das camadas populares eram generalizados como desordeiros, vagabundos e criminosos, mas uma razão para se evitar auxílio com a polícia. Esta mesma autora menciona que as agressões e crimes eram utilizados pelas camadas populares para as resoluções de seus problemas, mas, possivelmente, estes confrontos ficavam entre os indivíduos pertencentes a esta camada.

Voltando ao caso de Evangelina, o senhor Seixas, no seu testemunho, disse que ela havia furtado roupas e uma volta de ouro, que havia até confessado ao furto, tendo já devolvido os pertences roubados e que voltou a residência do mesmo para buscar seu ordenado, e que lá ficou por receio da polícia. Certas discrepâncias podem ser notadas com os testemunhos de outras empregadas na casa do senhor Seixas, uma disse que Evangelina veio para devolver os objetos furtados – não menciona nem ordenado, nem polícia-, e que lá ficou, mas não foi nem maltratada e nem passou fome. Outra menciona que Evangelina tentou o ato de loucura com receio de ser presa.

Pelo laudo do Instituto de Medicina Legal supomos que Evangelina tomou muito pouco do veneno ou fingiu que tomou, visando escapar da casa do senhor Seixas ou para evitar ser presa. Isto porque o laudo médico dizia que “encontraram o paciente sem vestígios de ofensa física” e também sem ferimentos.

Fingir suicídio não era algo estranho na realidade recifense dos anos 1920, isto porque, o Diário de Pernambuco incluiu um caso, em que um casal estava discutindo e o esposo, Joaquim L. S[109], de 30 anos, foi beber água e teve a idéia de fingir que havia tomado veneno, começando a gritar e pedindo socorro. A Assistência Pública foi chamada para socorrê-lo, mas depois ele acabou confessando que havia fingido, algo que lhe rendeu a sua prisão.

Há também a possibilidade da mesma ter ingerido pouco veneno, como uma forma de chamar atenção e, possivelmente, ser perdoada do seu suposto roubo. Segundo Jensen e Petty[110], o desejo de ser salvo encontra-se presente em todas as tentativas de suicídio, na qual programa-se o ato para que haja uma intervenção bem sucedida. Fato observado numa notícia do Rio de Janeiro, publicada no Diário de Pernambuco, em que

[108] FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano.** Op. Cit. P. 33
[109] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Brincadeira de mau gosto**. Quinta, 6 de janeiro de 1921. FUNDAJ
[110] JENSEN, Viggo W.; PETTY, Thomas A. “The Fantasy of Being Rescued in Suicide”. Psychoanalytic Quarterly, 27 (1958): 327-339. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.

a senhorita Giga S. C.[111], num prazo de 3 meses, havia tentado o suicídio 15 vezes e, segundo a publicação, sempre cuidadosamente tomando uma dose de veneno que não levasse a sua morte, fato que a fazia ser ridicularizada pela imprensa carioca.

No entanto, o caso de Evangelina bem exemplifica que os patrões possuíam certo poder sobre as camadas inferiores, não só nos seus funcionários e nas mulheres, mas, possivelmente, também nos seus respectivos parceiros. Pensamos nisto se baseando no caso do suicídio de Maria J. E. S.[112], de 23 anos, que havia sido denunciada várias vezes à delegacia pelo seu vizinho. O amásio de Maria, João, era um pedreiro, enquanto que o seu vizinho, Roldopho, era um funcionário aposentado da Great Western. João, segundo seu relato, sabia que sua amásia estava sendo perseguida pelo vizinho, que Roldopho havia dado queixa na delegacia, na qual ela compareceu e entendeu-se com as autoridades.

Entretanto, Roldopho novamente a denunciou como uma forma de vingança, razão pela qual Maria ficou muito contrariada e pela qual se suicidou. No testemunho de Rodolpho, ele justifica as denúncias pelo fato de que a sua vizinha estava lhe insultando e lhe injuriando. Este também foi um caso peculiar entre os processos, pois Maria antes de se envenenar, deu certa porção do veneno a sua filha de oito anos, que não faleceu.

Nesta parte do terceiro capítulo, procuramos abordar as informações dos processos, mas queremos deixar claro que os dados envolvendo os indivíduos e o suicídio (meio usado, gênero, idade, raça, motivo, local do ato, etc.) em si serão abordados mais profundamente no próximo capítulo, na qual utilizaremos das notícias referentes aos casos de suicídio e tentativas ocorridos em Pernambuco na década de 1920. Isto ocorre pelo simples fato de que o número das notícias é bem maior que os processos criminais e abordam toda a década de 1920, algo que não foi possível com estes, que remontam na sua quase totalidade aos anos de 1928 e 1929.

Tendo mostrado o papel que a medicina legal teve na averiguação dos casos de suicídio, trabalharemos no item a seguir a relação da medicina com o suicídio.

[111] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentou suicidar-se 15 vezes, no prazo de 3 meses**. Quinta, 15 de agosto de 1929. P. 1. FUNDAJ
[112] Processo relativo a Maria J. E. S. Caixa 540 da Comarca do Recife, 1929. (MJPE).

3.3. Saber Científico: Medicina[113], Sociedade e Suicídio.

> *"A História da Medicina deve ser encarada primeiro como a história da Patologia Geral, como a história das idéias médicas e como a história do pensamento dos médicos."*
>
> *Pedro Nava*

Os médicos e a medicina, como foi visto no segundo capítulo, tiveram papel fundamental na modernização e higienização do país na década de 1920, dado o interesse destes em intervir no seio da população. A medicina "não pode ser desligada do contexto histórico em que é produzida. Ao contrário, exprime este contexto histórico e contribui para constituí-lo, conservá-lo, modificá-lo, instituí-lo."[114] Também tiveram papel fundamental nos estudos sobre o suicídio no país.

As formações de médicos e de escolas de medicina tiveram como data principal o ano de 1808, "pois foi a partir desse momento que algumas delas começaram a ser planejadas, outras procuraram um estatuto considerado mais científico e moderno além, é claro, de ser essa data um marco na produção e divulgação institucional do saber médico."[115] Esta data foi marcada pela chegada da corte portuguesa no país, que veio a buscar uma nova modelação ao país.

Assim, foram criadas as duas Escolas de Cirurgia no país, uma no Rio de Janeiro e a outra na Bahia, cujas finalidades eram na formação de médicos, dado a sua demanda. Posteriormente, estas duas escolas foram transformadas em Academias Médico-Cirúrgicas e depois, em 1832, em Faculdades de Medicina.

Contudo, segundo Fábio Lopes, apesar destas duas terem sido criadas quase na mesma época, apresentavam grandes diferenças, tanto na sua produção médico-científica, quanto dos "recursos orçamentários às instalações, da biblioteca à seleção dos alunos, da influência dos professores à aceitação pública e social, as diferenças eram sentidas cotidianamente." [116]

As duas, porém, valorizavam os conhecimentos médicos europeus, mas ainda apresentando as suas diferenças, enquanto a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

---

[113] A Medicina nesta parte será abordada pela visão médica através das Teses de Medicina de algumas Faculdades de Medicina no país. Desta forma, trataremos nesta parte da questão do suicídio visto pelas Teses Médicas, presentes no LAPEH.

[114] LUZ, Madel Terezinha. **Medicina e Ordem Política Brasileira:** políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro: Graal, 1982. P. 15.

[115] LOPES, Fábio Henrique. **A Experiência do Suicídio:** Discursos Médicos no Brasil, 1830-1900. Tese de Doutorado em História. Campinas: UNICAMP, 2003. P. 37.

[116] Idem, p. 40.

seguia a influência francesa, a da Bahia, a alemã e italiana. Esta diferença, segundo Lopes, veio a ser reforçada no início do século XX, quando a carioca focalizou-se mais na questão da saúde pública e da higiene, enquanto que a baiana na medicina legal, especialmente, baseando-se na produzida na Alemanha e Itália.

> As implicações de tais diferenças são claramente resumidas por Herschmann ao observar que, "enquanto a tendência entre os médicos cariocas é combater principalmente as doenças e os 'maus hábitos' cotidianos da população, a tendência entre os médicos baianos, tendo como referência a obra de Nina Rodrigues era a de concentrar-se sobre o doente e as características transmissíveis de forma hereditária". [117]

Foram nestas duas faculdades que se começaram os estudos médicos brasileiros sobre o suicídio, através das teses médicas. Estas poderiam abordar um tema qualquer, cujo objetivo era a conquista do "título nobilitante de doutor em medicina"[118].

> Aos alunos aprovados em todos os anos do curso médico e na defesa de tese será conferido o diploma de doutor em medicina. Os alunos que concluírem o curso médico poderão defender tese sobre assunto a sua escolha dentre as matérias ensinadas no referido curso. [...].
> Não era e não é ainda uma exigência, para se exercer a medicina, que se escreva uma tese para defendê-la. Mas é de praxe e um pouco de vaidade pela posse de um título algo mais pomposo que o de Médico ou Médico-Cirurgião. – Doutor em Medicina, Doutor em Ciências Médico Cirúrgicas impele o estudante a mais uma, a última prova acadêmica. [119]

Os alunos visavam escrever sobre um assunto novo, mas vale observar que este tema escolhido não estava separado de "uma estrutura social, de suas propostas de intervenção na sociedade, de suas proposições políticas implícitas." [120] Portanto, a medicina encontra-se associada ao Estado; à ciência; às políticas e aos movimentos sociais.

> As teses do Rio de Janeiro e da Bahia foram quase sempre as divulgadoras em primeira mão dos assuntos novos, originais e especializados. Compreende-se a razão disso, pois seus autores procuravam, para explanar, quer nas teses de concurso, quer nas de doutoramento, o que havia de mais palpitante e de mais interessante, no momento em que as escreviam. [121]

Destarte, observamos vários dos temas ligados com a modernidade em que si vivia o país, temas como o chauffeur, a higiene na velhice, higiene escolar, medicina e direito e outros serviram como temática de estudos médicos. A medicina era usada

---

[117] LOPES, Fábio Henrique. **A Experiência do Suicídio.** Op. Cit. p. 43.
[118] OLIVEIRA, Virgílio Joaquim. **A septicidade oral e suas complicações metasticas ou generalisadas** (observações colhidas na Clínica Oto-Rhino-Laryngologica). Tese para obter o grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1929. LAPEH
[119] SOBRINHO, Porphirio de Andrade. **Da Trichomonose Intestinal.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas. Recife: Faculdade de Medicina do Recife, 1925. LAPEH
[120] LUZ, Madel Terezinha. **Medicina e Ordem Política Brasileira**. Op. Cit. P. 13.
[121] NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil.** Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial; Londrina, Paraná: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003. P. 30.

como um meio de se compreender as doenças e suas causas; bem como formas de intervenção na sociedade, ao procurar sanear e reorganizar as cidades e a vida de seus cidadãos, "no sentido de higienizá-las, discipliná-las e organizá-las para o tipo de relações sociais ascendentes na formação social brasileira."[122]

Observamos, então, uma medicina ligada aos fatores sociais da sociedade, algo que foi chamado de Medicina Social, cuja influência vinha ocorrendo desde o século XIX e que consistia na "intervenção médica no corpo social"[123]. O discurso da medicina legal buscou nas minorias o seu objeto de estudo, como os loucos, os criminosos, os negros e outros. Segundo Luz, foi a partir da década de 1920 que se teve uma mudança no eixo da saúde, que agora passava a focar o papel médico na assistência do indivíduo e não mais do coletivo, além também de curativa.

Neste capítulo serão abordadas as teses médicas, principalmente as da Faculdade de Medicina da Bahia, tendo em vista o seu longo histórico na formação de conhecimentos médicos no país e o seu foco com a medicina legal, enquanto que a do Rio de Janeiro focalizava mais a questão da higiene. Além de que a Faculdade de Medicina do Recife só foi criada em 1920, cuja primeira turma formou-se em dezembro de 1925 com 15 alunos.[124] Supomos não haver conflitos de idéias pelo simples fato que as cidades brasileiras com elo no exterior eram justamente Recife e Salvador, além do Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo.

Vale observar que, apesar dos estudos atuais sobre o suicídio vêem, principalmente, da área médica e, em especial, da psiquiatria, durante o início da década de 1920 "os psiquiatras não compreendiam de modo algum, a prevenção da doença mental como uma extensão dos cuidados psiquiátricos às pessoas normais."[125] Só a partir de 1926, que o indivíduo normal passou a ser alvo dos psiquiatras, buscando a prevenção antes do aparecimento dos sinais de doenças mentais.

Quanto à Medicina Legal, como foi visto anteriormente, coube a Nina Rodrigues a grande divulgação desta no país, cuja disciplina, no seu sentido prático, só passou a ser efetivada nas Faculdades de Medicina após a proclamação da República. Isto porque, segundo Ferla, o início da medicina legal no ensino médico deu-se com a

[122] LUZ, Madel Terezinha. **Medicina e Ordem Política Brasileira**. Op. Cit. P. 17.
[123] Idem. Pp. 101-102.
[124] PEREIRA, Geraldo. A Medicina e os Médicos de Pernambuco. O Pioneirismo da Ciência e a Procrastinação do Ensino. In: **CLIO.** Revista de Pesquisa Histórica, nº. 24, vº. 2. Recife: UFPE, 2007.
[125] COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil:** um corte ideológico. 5 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. P. 46.

criação das Faculdades de Medicina, em 1832, contudo, a disciplina funcionava sobre o nome de higiene, medicina legal e história da medicina.

Buscando retratar o lado da medicina em Rodrigues, podemos observar que: "com seus estudos de Antropologia Criminal inspirados em Lombroso, buscava nos cadáveres substrato anátomo-patológico que pudesse evidenciar manifestações detectadas a nível do social, como a criminalidade e a doença mental." [126] Inclusive, Lombroso no seu quinto capítulo da sua obra "O homem delinquente" tratou do suicídio "entre os criminosos como uma marca característica de sua individualidade, geralmente resultante do efeito da prisão, imprevidência e impaciência." [127]

A inspiração da medicina legal brasileira não veio só de Lombroso, mas também de outros estudiosos como Spencer; Wundt; Darwin e Galton. Em Spencer observamos a sua idéia de três tipos distintos de sociedade (industrial; intermediária; militar), que influencia na discussão de Nina sobre a liberdade profissional. Wundt foi o criador da psicologia das multidões (*Volkerpsychologie*), estudando "os indivíduos face a face com um meneur, que os guia pelo delírio coletivo", porém baseando-se em questões raciais, quanto a superioridade do homem branco. Darwin e Galton tratam do evolucionismo, aquele com a questão da seleção natural das espécies e este funda uma nova ciência, a eugenia. [128]

Essa nova ciência, a eugenia, encontrou campo fértil no Brasil, tendo em vista o projeto de intervenção social. Veio a influenciar mais os discípulos ou seguidores de Nina Rodrigues, assumindo no país um ideal de dever cívico, tanto que:

> A eugenia respondia a várias questões que incomodavam os médicos como Nina Rodrigues. Senão vejamos: propunha uma intervenção na sociedade em que o poder dos médicos crescia em detrimento do poder da instância jurídica, fornecia "uma cientificidade biológica" como base para essa intervenção, ao mesmo tempo em que postulava uma identidade do social e do biológico, em que o primeiro era explicado pelo segundo. Isto possibilitava aos médicos discutir e interpretar, não só problemas relativos à saúde/doença dos homens, mas também problemas relativos à saúde/doença de suas formas de organização social. [129]

A eugenia teve grande repercussão durante as três primeiras décadas do século XX, dado a preocupação dos intelectuais com a composição étnica da sociedade brasileira. Isto porque se buscava justificar as crises econômicas e revoltas sociais como

[126] LUZ, Madel Terezinha. **Medicina e Ordem Política Brasileira**. Op. Cit. P. 170.
[127] MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. A Fatalidade Biológica: A Medição dos Corpos, de Lombroso aos Biotipologistas. In: MAIA, Clarissa Nunes ... [et al.] (orgs.). **História das prisões no Brasil.** V. 2. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. P. 287.
[128] LUZ, Madel Terezinha. **Medicina e Ordem Política Brasileira**. Op. Cit. Pp. 171-172.
[129] Idem. P. 172.

consequência do clima tropical do Brasil, mas, principalmente, da constituição étnica do seu povo. Como o clima era algo imutável pelas mãos humanas, o foco então caiu quase totalmente sobre a presença da mistura das *raças inferiores* do povo brasileiro.

Para mudar esse quadro da crise vivida pela República brasileira, buscou-se uma arianização da população, tendo em vista que o branco era considerado o superior, sendo o negro o mais inferior possível e o mestiço um meio termo. Para os intelectuais, a democracia brasileira só ocorreria com o embranquecimento da sua população. Dentre esses intelectuais encontramos a presença de Nina Rodrigues.

A busca pelo embranquecimento sendo vista em propaganda no Diário de Pernambuco (Outubro, 1921).

Na eugenia, segundo Jurandir Costa, via o indivíduo pelo seu fator biológico, e não a seu fator cultural e psíquico, tanto que as doenças mentais seriam hereditárias. Isto pode ser observado nas estatísticas da psiquiatria brasileira, que atribuíam aos negros e aos mestiços as doenças mentais de cunho toxinfecciosa, como a sífilis e o alcoolismo, e aos brancos as doenças constitucionais (esquizofrenia; psicose maníaco-depressiva etc.).

Isto também serviu como uma forma de combate médico aos valores morais da população, tendo em vista que a sífilis e o alcoolismo eram conseqüências do declínio moral e sexual da sociedade na época. Como a Liga Brasileira de Higiene Mental, que "procurava combater não era a doença mental, mas as qualidades morais dos indivíduos doentes mentais. [...] as campanhas antialcoólicas, eram em última instância cruzadas moralizadoras que visavam a extirpar os vícios e a devassidão"[130]

Desta forma, os médicos buscavam, como foi visto, mudar os hábitos e costumes dos brasileiros. Inclusive, a sífilis foi utilizada como um fator etiológico do suicídio, isto segundo o médico Mirandolino Caldas. [131] Não era só o receio com a sífilis e o alcoolismo, mas também da sexualidade viciosa, tanto que alguns médicos afirmavam que "os desejos sexuais 'enfraqueciam e esgotavam os jovens' e, para vencer nestes mesmos jovens a tentação da masturbação, era necessário fazê-los 'levantar cedo, fazer ginástica e trabalhos manuais'."[132]

[130] COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil.** Op. Cit. P. 95.
[131] Idem.. P. 98.
[132] Idem, p. 100.

A sexualidade dos jovens e dos adultos também poderia ser combatida pela promoção do casamento católico. Assim, observamos que no moralismo médico também se tinha presente a questão do moralismo católico, buscando nele inspiração para as ações médicas e como elemento integrador de manipulação da cultura.

> A noção de que a doutrina católica era uma espécie de terapêutica eugênica encontra-se também em Mirandolino Caldas. Este autor, em seu estudo das "Causas e Prophylaxia do Suicídio, afirma que o budismo, o bramanismo e as religiões africanas predispõem os indivíduos ao suicídio, enquanto o catolicismo exerce sobre ele uma ação oposta. Em seguida, como medida preventiva do suicídio, Caldas pedia que se opusesse uma "barreira à dissolução dos costumes" e que se "educasse o povo segundo os princípios de uma religião sadia", a religião católica. [133]

Desta forma, a medicina, durante a República, buscava estabelecer os preceitos dos hábitos e costumes da população, tendo em vista, a busca do controle social pelo Estado. A medicina, então, passava a ter uma visão mais social, não considerando a doença como algo isolado, mas sim buscando controlá-la e impedir o seu surgimento, ou seja, "o objeto da medicina começa a se deslocar, portanto, da doença para a saúde."[134] Podemos observar isto pelo uso do termo enfermidades sociais para designar doenças como a sífilis e a tuberculose, pois afetam diversos setores da sociedade. [135]

Com isto, notamos o interesse dos estudos médicos ligados aos problemas sociais e ao cotidiano da população, como a tese de João Vidal da Cunha, intitulada "O Problema Médico do Chauffeur"[136], como visto anteriormente. Nesta tese, que o autor afirma como inédita e sendo o primeiro trabalho com esse tema no Brasil, escolhido devido à importância e também ao grande capital de interesse com o chauffeur na época.

Os temas escolhidos foram diversos pelos médicos, como o suicídio, mas também temas correlatos a este como a eutanásia. Houve duas teses sobre este tema durante a década de 1920, ambas da Faculdade de Medicina da Bahia e defendidas em 1928, contudo, uma era a favor e a outra contra. A de Benjamin Alves de Carvalho, intitulada "Da resistencia dos estados morbidos á Therapeutica e da incurabilidade perante a Euthanasia"[137], sendo esta contrário a prática, e a de Ruy Santos, "Da Euthanasia nos Incuraveis Dolorosos"[138], a favor.

---

[133] COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil.** Op. Cit. PP. 104-105.
[134] LOPES, Fábio Henrique. **A Experiência do Suicídio.** Op. Cit. P. 29.
[135] MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Vivências Amargas. Op. Cit.
[136] CUNHA, João Vidal. **O Problema Médico do Chauffeur.** Op. Cit. LAPEH
[137] CARVALHO, Benjamin Alves de. **Da resistencia dos estados morbidos á Therapeutica e da incurabilidade perante a Euthanasia.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico –

Para Benjamin há alguns casos clínicos em que se observa a resistência real de algumas doenças e afecções aos tratamentos médicos, contudo, estes casos são raros. O que ocorre na realidade são fatores corruptos que tornam o insucesso da terapêutica, podendo ser tanto pelo médico ou pelo doente. Por aquele pode ser devido ao diagnóstico errôneo; negligência; ignorância; polifarmácia; inoportunidade medicamentosa; e da técnica e das doses. Enquanto que por este, pode ser tanto das ações dos doentes ou as condições do funcionamento dos seus corpos: desobedecer o médico; o hábito; miopragia de órgãos e aparelhos; emunctórios deficientes; cronicidade; encistamento e outros meios de proteção dos germes; e associações mórbidas.

Isto porque, para o autor há a existência de três tipos de doentes: os que são crentes da medicina e se entregam confiantes ao clínico, seguindo suas observações e prescrições; os rebeldes, chamados de descrentes, que consistem nos indivíduos de classes não cultas, cujos temperamentos são excessivamente nervosos; e por último o indiferente, que são aqueles que não dão a mínima quanto ao uso irregular dos medicamentos e remédios.

Observamos a idéia médica de que aqueles contrários à medicina são pessoas não cultas, isto porque,

> A partir de meados do século XIX, quando a medicina começou a constituir-se enquanto campo de saber científico e racional, baseada em técnicas sistemáticas, iniciou-se na cidade uma luta entre as práticas de cura e as medicações tradicionalmente usadas, fruto da diversidade das raízes culturais das populações aqui fixadas, e a medicina que se oficializava. [139]

Voltando a tese de Benjamin, apesar deste acreditar que a velhice é uma doença, devido às falhas científicas quanto à questão do rejuvenescimento e também ao fato de que a velhice fisiológica nunca será obtida, mas para ele a resistência real refere-se aos estados mórbidos, quando se tratando da eutanásia.

Logo, o que fazer quando o indivíduo em estado mórbido com dores e sofrimento suplicar pela morte?

> Si de um lado um povo influenciado pelo clarão da ciência e conduzido pelo impulso de um sentimento nobre, ampara de infortúnios maiores quando em

---

Cirúrgicas. (Cadeira de Terapêutica Clínica). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 25 de Fevereiro de 1928. LAPEH

[138] SANTOS, Ruy. **Da Euthanasia nos Incuraveis Dolorosos.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico –Cirúrgicas. (Cadeira de Deontologia Médica). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1928. LAPEH

[139] COUCEIRO, Sylvia Costa. "Médicos e Charlatães: Conflitos e Convivências em torno do 'Poder da Cura' no Recife dos anos 1920". In: **CLIO.** Revista de Pesquisa Histórica, nº. 24, vº. 2. Recife: UFPE, 2007. P. 11.

> desequilíbrio a saúde de seus semelhantes, de outro lado, já por se julgar com uma cerebração mais perfeita e melhor organizada, um outro povo pretende e consegue o desiderato de uma lei, votada e sancionada pelo parlamento do seu país, lei que lhe confere o direito de extinguir com a vida humana, uma vez que seja esta, tocada por doença incurável.
> Esta lei é ornada com a bela expressão – eutanásia. [140]

A eutanásia, baseada na classificação de Larousse pode ser divida em natural ou provocada. Aquela seria a que ocorre como decurso de uma enfermidade e esta seria a legalizada, que, inclusive, recebeu mais destaque, pois houve em 16 de setembro de 1927 uma conferência na 1ª Semana dos Doutorandos cujo tema foi A Eutanásia Provocada.

A eutanásia provocada, segundo Benjamin, tem a medicina como sua inimiga, pelo simples fato que seria um forte desestímulo ao espírito clínico e ao amor pela profissão médica, pois poderia ser uma forma do médico livrar-se de um doente crônico, que, possivelmente, ainda não tivesse chegado ao estado de incurabilidade. Outra questão seria que a eutanásia só seria realizada a pedido do doente, que desanimado e descrente na volta da saúde, se entrega ao desespero e ao pessimismo preferindo a morte. Outro fator ainda pertinente a questão da incurabilidade da doença seria depender somente do diagnóstico médico, algo possível de erros. Ainda há a possibilidade com o avanço científico, que uma doença antes considerada incurável venha a ser descoberta a sua cura no amanhã. Devido a isto tudo, Benjamin se considera contrário a eutanásia.

Ruy Santos além de mencionar esta classificação de eutanásia natural e provocada, menciona também outra, a do Dr. Jimenes de Asúa, que:

> [...] divide a eutanásia em libertadora, eliminadora e econômica. Econômica, a praticada nos inúteis ao trabalho por principio de economia. Eliminadora ou seletiva, a praticada a bem da Eugenia e do futuro da Raça, nos doentes mentais e degenerados. Libertadora, finalmente, a única das três por nós aceitada, aquela requerida por um sentimento mais elevado que o orientador das outras, a piedade. [141]

Assim, notamos também a presença do discurso eugenista na eutanásia, contudo, Santos não aceita esta classificação porque,

> [...] embora defensores da Eugenia, não vemos necessidade de medida tão extrema a bem do futuro d'uma Raça. Os doentes d'aquela lista toda dos eugenistas, podem ser reclusos em asilos sem poderem transmitir a outrem, por descendência, seu mal. A'quelles chamados sem alma, até à sua vida alheios, a castração mesmo podia ser aplicada. [142]

---

[140] CARVALHO, Benjamin Alves de. **Da resistencia dos estados morbidos á Therapeutica e da incurabilidade perante a Euthanasia.** Op. Cit. P. 79. LAPEH
[141] SANTOS, Ruy. **Da Euthanasia nos Incuraveis Dolorosos.** Op. Cit. PP. 6-7. LAPEH
[142] Idem, p. 7.

O autor ainda divide a eutanásia em eutanásia – homicídio e eutanásia – suicídio, sendo que esta quando praticada pelo próprio indivíduo e aquela por outros. Na sua tese Ruy trouxe exemplos do que seria a eutanásia, que é definido por ele como "n'um pleonasmo perdoável, a terapêutica, a cura dos incuráveis dolorosos. É a morte aplicada como remédio único às dores sofridas pelos incuráveis sem alívio."[143]

Vale observar que a definição hoje para eutanásia era diferente da década de 1920, pois o autor subdividiu a eutanásia – homicídio que era realizada por um médico, ou por um parente ou amigo. Já atualmente, se define a eutanásia em "'matar a pedido', sendo definida como: 'um médico intencionalmente mata uma pessoa pela administração de drogas devido a um pedido voluntário e competente da mesma'."[144]. Desta forma, a eutanásia hoje está associada ao médico, quando antes poderia ser por amigos ou parentes.

Na sua tese ele trouxe diversos exemplos de suicídios e homicídios em que envolviam doentes incuráveis. Exemplo seria o caso de um baiano com câncer no reto, cujo tratamento indicado fora-lhe raios X, contudo, o mesmo já sofrendo de muitas dores queria a ressecção da parte do intestino que fora afetada. Sem conseguir médico que lhe operasse no Brasil, resolveu ir tratar-se em Paris. Já na Europa após diversas consultas encontrou com um médico que lhe sugeriu um ânus artificial, como forma de auxiliar no tratamento por raios de Roentgen, algo que fez. Este tratamento estava demorando a ter resultado e sentido mais dores, procurou outro médico que aceitou realizar a operação da ressecção, mas o cirurgião recusou-se a realizá-la, pois era incurável. Desta forma, o baiano revoltado e com nojo do ânus ilíaco e das dores, tanto morais como físicas, buscou no suicídio com um tiro de revólver o fim do seu sofrimento.

Apesar de Santos afirmar que só mostraria casos de doentes incuráveis, o mesmo não se verifica ao realizarmos a leitura dos seus exemplos. Como o caso de um pastor protestante inglês, que também era negociante e com as perdas sucessivas em suas transações, resolveu suicidar-se com um tiro no rosto, porém não morreu, ficando com metade do rosto esfrangalhado. Sem coragem de realizar outro tiro, pediu a sua irmã que

[143] SANTOS, Ruy. **Da Euthanasia nos Incuraveis Dolorosos.** Op. Cit. P. 4. LAPEH

[144] ALMEIDA, Alexander Moreira de. Suicídio assistido, eutanásia e cuidados paliativos. In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio:** estudos fundamentais. São Paulo:Segmento Farma, 2004. P. 210.

deste fim ao seu sofrimento, algo que a mesma realizou com o próprio revólver da tentativa de suicídio.

Mesmo o resultado do tiro inicial ser uma ferida mortal, o pastor não tinha uma doença incurável, assim, notamos que para Ruy Santos a eutanásia não só se referia as doenças incuráveis como era para Benjamin, mas também eventos que teriam a morte sem nenhuma forma de sair da mesma. Notamos isto por um exemplo dado por Santos de um terremoto que ocorreu na Califórnia em 1906, cuja consequência foi causar um incêndio num último andar de um prédio, onde pessoas se encontravam presas e as suas únicas expectativas eram serem mortos queimados. Dado ao horror e ao sofrimento que viria com esta forma de morte, houve o fuzilamento de todas essas pessoas presas, tendo em vista que seria uma morte menos dolorosa. Assim, observamos que neste caso a morte era certa, mas não era uma doença incurável.

Ruy menciona que aceita a eutanásia desde que não haja remédio, cura e ser doloroso. Para ele não há a aceitação legalizada da eutanásia devido a fatores morais: social, religioso e político, portanto, busca rebater o pensamento delas da razão pela qual esta não seria aceita.

Quanto à moral social, que define como o que um povo define como o bem ou o mal, diz que a sociedade é ambígua, pois não aceita a eutanásia porque esta apressa a inexistência de outro, mas aceita e perdoa o homicídio nas guerras ou os homicídios ocasionados pela questão da honra ofendida. Santos apesar de aceitar a eutanásia, pelo fato de que a vida não é inviolável – dado a justificativa das pessoas contra este ato, porque viola a vida humana –, e que foi algo solicitado pela vítima, ele é contra o suicídio.

> O incurável doloroso tem razão de sobre para querer morrer, e são muitos os que isto suplicam. Não há aqui, neste caso, o que faz a condenação dos suicidas vulgares. Estes fogem muita vez a vida, sem razão premente, e, muita vez, por simples abuso de viver. Capazes de uteis a sociedade, negam-se a isto. E, perante a moral social, tal crime é quase homicídio, porque o indivíduo se matando, mata um ser social, extingue uma vida que lhe não pertence, porque é da coletividade. [145]

Assim sendo, o suicídio vai contra a sociedade, mas não a eutanásia, tendo em vista que este se dirige aos indivíduos incuráveis e dolorosos, logo, não podem contribuir para a sociedade. Todavia, a eutanásia – suicídio era aceita por ele e a diferença desta para a eutanásia – homicídio é que aquele ocorre quando o incurável

[145] SANTOS, Ruy. **Da Euthanasia nos Incuraveis Dolorosos.** Op. Cit. P. 40. LAPEH

doloroso possui a coragem para terminar seu sofrimento, logo não seria nem vergonhoso e nem um ato de covardia.

> Desculpamos, pois, o suicídio do incurável doloroso; e conosco a moral. A isto nos leva a incurabilidade dolorosa que ele carrega consigo. E isto, somente. Não acompanhamos Platão, quando ele acha justo o suicídio por sofrimento moral. Não. Este sofrer tem remédio compatível com a vida, o que não se dá com o sofrer físico do incurável doloroso.
> Talvez nosso raciocínio, a que palavras mal arranjadas tornou fraco, não seja suficiente a provar que não ofende a moral social, o suicídio ou homicídio praticados em incuráveis dolorosos. Ciente, porém, estamos de que, não há por onde se possa acusar de tal a eutanásia. [146]

Quanto à eutanásia e à moral religiosa, ele considera as crenças e princípios somente da religião católica, pela sua predominância no Brasil. Como foi mencionado no início deste capítulo, o catolicismo é contra o suicídio e segundo o autor também contra a eutanásia pelo mesmo fato de ir contra o quinto mandamento de "não matarás".

O mesmo rebate a questão de que a religião católica aceita alguns homicídios, como nas guerras justas e que a justificativa de que a dor traz a salvação da alma não tem fundamento, porque cristo não pediu o sacrifício aos seus pregadores. Outra questão por ele abordada foi que os esteios do catolicismo são a piedade e o amor, tanto que perdoa a morte de um criminoso condenado a morte e das guerras, então, porque não perdoar a eutanásia.

Santos também aborda o tema do suicídio, que é condenado pela religião católica e sobre a condenação ao enterro dos suicidas menciona:

> [...] pratica inegavelmente triste para uma religião de perdão, a sociedade, em seu evoluir, aboliu.
> A Religião Católica não pode condenar o suicídio. A piedade tal não permite. Quando não a piedade, ao menos o perdão. Si Cristo perdoou até aos seus algozes, sua religião tudo deve perdoar. Judas, o discípulo traidor, que vendeu o Mestre, suicidou-se. Cristo perdoou-lhe o ter-lhe vendido, e o gesto de enforcar-se. Está ai um suicídio perdoado; e si este teve perdão, de sobra deve tê-lo quem a tal é levado por um grande sofrer físico, sofrer sem esperança de alivio.
> A religião católica não pode condenar a eutanásia-suicídio. [147]

Para concluir a sua justificativa de que a moral religiosa não deveria condenar a eutanásia, menciona que os apóstolos- mártires praticavam o suicídio disfarçado e era aceito pelo catolicismo devido ao fato de terem sido realizados por um ideal e esperança, logo os incuráveis dolorosos que se matam, assim fizeram porque perderam o ideal e a esperança. Então, o suicídio não pode ser condenado pela religião católica.

---

[146] SANTOS, Ruy. **Da Euthanasia nos Incuraveis Dolorosos.** Op. Cit. p. 43. LAPEH
[147] Idem, PP.49-50.

Aliás, também não pode pelo espiritismo, "visto o seu princípio de que o espírito no espaço continua a conviver com os que não perderam a matéria."[148]

Já sobre a moral política e a eutanásia, o Dr. Santos aborda que o código penal brasileiro condena o homicídio, assim, pela lógica, condena também a eutanásia. A pena contra quem exerceu a eutanásia ainda pode ser agravada por atenuantes, como: o fato de ser premeditado, só após tomar conhecimento do estado do doente, o individuo escolhe o meio e como matá-lo; ou ainda pelo uso de veneno ou substâncias anestésicas no ato; pelo fato do eutanasista possuir superioridade de força, dado ao estado debilitado do doente; pelo fato da maioria do que comete eutanásia são parentes do doente; a morte é sempre combinada, seja pelos parentes ou destes com os médicos. Contudo, dos agravantes aquele que atinge, principalmente, a eutanásia – homicídio é a de a vítima possuir enfermidade.

Todavia, há atenuantes com relação ao homicídio em que não atenua a eutanásia, que seriam: cometer o ato visando evitar um mal maior ou ainda o fator do homicídio ter ocorrido por compaixão. Portanto, a eutanásia era agravada por cinco parágrafos do art. 39, e era atenuada por dois do art. 42. A eutanásia ainda podia ser abordada pelo artigo 297 que se refere ao uso da profissão, caso venha a causar o homicídio por imprudência, negligência ou imperícia ou ainda desobedecer algum regulamentação, tanto sendo voluntária ou não. Contudo, para o autor isto não pode ocorrer quando o médico que aplica a eutanásia, pois o mesmo tinha total conhecimento do seu ato.

Menciona, também, o artigo do código penal já abordado anteriormente contra a indução ao suicídio, logo nosso código a eutanásia ao matar ou o indivíduo que o induz o doente a suicidar-se. "Nossa moral política a reprova [a eutanásia], grosseira ou cientificamente praticada; por intermédio de outrem ou pelo próprio doente, a tal induzido."[149] Entretanto, ele é contra a criação de um projeto que legalize a eutanásia, porque poderia acobertar dolorosos abusos, o que seria necessário era de uma lei com um atenuante mais forte para os casos de crimes de homicídio cometidos por compaixão.

Por fim, tratando-se da eutanásia com relação à medicina, Ruy Santos aborda que só há duas formas de cura médica, que seriam a psicoterapia e o uso de entorpecentes, são inúteis ao tratamento de doentes incuráveis dolorosos. Inclusive, a morfina, principal entorpecente usado, passa a necessitar cada vez mais de uma

[148] SANTOS, Ruy. **Da Euthanasia nos Incuraveis Dolorosos.** Op. Cit. P. 48. LAPEH
[149] Idem, PP. 60-61.

dosagem maior para exercer efeito, com isso, acaba viciando e intoxicando o doente. Como o abuso da morfina também mata, logo a ambiguidade da medicina, a eutanásia é condenada, mas o uso da morfina no incurável não é, que posteriormente também leva a morte.

Para o autor o argumento usado de erro médico para não realizar a eutanásia não possuía validade, pois se estaria condenando a medicina clínica. Mesmo havendo a possibilidade do medico errar o diagnóstico e praticar a eutanásia, criminalmente, matando um doente curável, pode-se ainda haver o tratamento errado de um doente curável por um médico, causando também a morte do paciente.

> Em ambos os casos houve a falibilidade humana do médico; a condenar aquele, reprovar este; a repelir a eutanásia, descrer da medicina, ambas entregues a homens susceptíveis de erro.
> Por esta simples razão, aos homens inerentes, não podemos condenar a eutanásia. [150]

Concluindo o seu pensamento, o médico deverá ser um ávido defensor da vida até o último instante, mas quando não há mais esperanças e remédio para curar um doente incurável doloroso, deverá aplicar a eutanásia, pois de que adianta conservar uma vida humana, quando esta já deixou de ser.

Vimos, então, o pensamento de dois médicos acerca da eutanásia, com pensamentos contrários, porém mesmo aquele a favor da eutanásia era contrário ao suicídio de um indivíduo sem doença incurável. Feita esta introdução sobre a morte escolhida, entraremos agora na questão médica sobre o suicídio em si.

3.3.1. Suicídio e as Teses Médicas:

O suicídio consiste num tema que pode abranger diversas áreas do conhecimento, desde a filosofia até a literatura; do direito à medicina. Foi com Esquirol que o suicídio começou a ser estudado e analisado pela ótica médica da psiquiatria.

No Brasil, o suicídio começou como tema de estudos médicos desde o século XIX. O suicídio nos discursos médicos durante os oitocentos foi alvo de estudo da tese em história de Fábio Henrique Lopes[151], que a realizou utilizando as teses médicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e também de algumas teses médicas francesas.

---

[150] SANTOS, Ruy. **Da Euthanasia nos Incuraveis Dolorosos.** Op. Cit. P. 80. LAPEH
[151] LOPES, Fábio Henrique. **A Experiência do Suicídio.** Op. Cit.

Lopes analisou o suicídio dos discursos médicos a partir de quatro temas, que seriam: a dimensão patológica; o suicídio como conseqüência das paixões; as diferenças de gênero entre os suicídios e a influência da literatura na ocorrência dos suicídios.

Referente à dimensão patológica, o autor observou que os médicos observaram o suicídio por duas dimensões, uma que seria que a causa deste devia-se as alterações do juízo e por sofrer das faculdades mentais; a outra seria a existência de duas formas de suicídio: a voluntária e a involuntária, sendo aquela quando havia a reflexão e esta por ter sido ocasionada por alguma doença mental. Estes discursos médicos abordaram a questão usando Esquirol como a principal referência, apropriando-se dos estudos e das análises deste.

> Quanto às causas, [...], os médicos brasileiros também entreviam uma pluralidade delas: excessos das paixões, vícios como o álcool, abusos sexuais, a diferença sexual, idade, a leitura de certos romances, a cobertura detalhada por parte da imprensa, a miséria, entre tantas outras causas. [152]

Com relação ao tema das paixões, os médicos por ele analisado, notaram que estes eram um fator de perigo para a ocorrência dos suicídios, como também para a desordem e descontrole, devido às possíveis consequências ocasionadas pelo amor passional. Lopes também notou a questão do meio social como fator de influência, isto porque, o "meio foi visto [...] como facilitador ou indutor de suicídio, por permitirem o surgimento e a proliferação de uma gama quase infinita de paixões, como também de instintos irrefreáveis sobre a razão."[153] Dentre o meio que mais facilitavam eram as grandes cidades, pois causavam a proliferação das paixões, dos vícios e dos abusos.

Tratando-se das diferenças entre os gêneros e os suicídios, os médicos do século XIX diziam, segundo Lopes, que as mulheres se suicidavam menos, pois não tinham forças para praticar o ato, porém enlouqueciam mais do que os homens. Os homens se suicidavam mais devido ao fato de escolherem instrumentos mais violentos e terem a mente decidida quanto ao realizar o ato. Esta diferença também devia-se que o homem era a figura do intelecto, do possuidor da razão, o ser corajoso e possuidor da força, enquanto que as mulheres eram seres emotivas, com inferioridade tanto mental como física e intelectual, além de serem fracas, débil e dóceis.

Por fim, a influência da literatura, esta foi vista pelos médicos como um perigo, em especial, a literatura romântica dada a sua capacidade de exercer efeitos nocivos aos indivíduos, além de serem agentes de contágios ao suicídio.

---

[152] LOPES, Fábio Henrique. **A Experiência do Suicídio.** Op. Cit. p. 91.
[153] Idem, p. 123.

Desta forma, o autor notou que,

> Caminhos diferentes foram propostos pelos médicos para a compreensão do suicídio. Alguns analisavam as alterações físicas/patológicas como causas diretas; outros começaram, principalmente ao longo da segunda metade do século XIX, a observar e estudar outras possíveis causas, presentes e produzidas pelo meio social no qual o indivíduo estava inserido. [154]

Esta mudança justifica o fato do suicídio ser abordado pelo lado social nas teses médicas do século XX, em especial, da década de 1920. Tanto que os médicos deste período que abordaram, como tema principal das suas teses o suicídio, pela ótica da medicina legal. Todavia, vale observar que este fato também pode ser justificado pelo predomínio da Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Bahia, instituição de onde obtivemos estas teses médicas.

Contudo, vale observar que o suicídio também foi abordado em outras teses médicas, porém sem ser o objeto principal do estudo. Como exemplo, podemos observar a tese de Attilio Bruni[155] sobre a melancolia. Nesta ainda observamos a influência de Esquirol, que modificou o uso do termo melancolia, que passou a "designar não só os delírios tristes, mas todos os delírios parciais, tristes e alegres, houve por bem chamar monomania aos delírios parciais e lipemania aos delírios tristes. Esta última denominação foi substituída mais tarde por aquela de melancolia."[156]

Bruni aborda diversos tipos de melancolia, mas a que aqui nos interessa é a melancolia ansiosa, cuja característica é uma extrema ansiedade, pois os seus portadores "são muito ativos, (Melancolia ativa de Esquirol). O doente anda de um lado para outro, ora queixando-se amargamente, ora gesticulando desesperadamente."[157] Neste tipo, devido a perturbação na cenestesia[158], ocorre uma alteração nas trocas orgânicas e circulatórias, causando uma sensação dolorosa na área torácica que situa sobre o coração, fator de tormento aos por ele atingidos. Como conseqüência disto, o suicídio e a auto-mutilação tornam-se frequentes nos indivíduo melancólicos ansiosos.

Aparentemente, o suicídio não é só típico da melancolia ansiosa, pois,

> A manifestação concomitante da melancolia, funesta, é a tentativa de suicídio que raramente falta.
> Essa tendência para ser a conseqüência das idéias do doente, por não se achar mais digno do perdão de Deus, por ter causado a ruína de muitos. Quase sempre as idéias de suicídio aparecem momentaneamente, de um modo

[154] LOPES, Fábio Henrique. **A Experiência do Suicídio.** Op. Cit. p. 203.
[155] BRUNI, Attilio. **Melancolia**. Tese de Medicina. (Cadeira de Psiquiatria). Faculdade de Medicina do Paraná, Novembro de 1921. LAPEH
[156] Idem, PP. 5-6.
[157] Idem, PP. 12-13.
[158] Cenestesia consiste "Sensibilidade interna que nos informa sobre o estado de nossos órgãos.". Fonte: Dicionário Michaelis Online.

> impulsivo e também as vezes, no período de convalescença. Todo o melancólico por isso deve ser vigiado, porque, apesar de sempre negar a vontade do suicídio, é capaz de tentá-lo ... e depois da tentativa de nada se lembra. [159]

Segundo Bruni, muitos dos suicídios dos indivíduos melancólicos não possuem outra explicação. O suicídio pode ser fruto da evolução da psicose, nos casos em que não houve a cura ou melhoras, isto porque enquanto alguns sintomas somem, outras se definem, havendo uma baixa na excitabilidade afetiva e consequentemente um amento dos delírios, que podem causar as automutilações, demência e suicídio.

Ao se tratar um melancólico, há diversos tratamentos que podem ser utilizados, contudo, um precisa ser realizado com cuidado, que seria a psicoterapia. Esta forma de tratamento exige que o psicoterapeuta torne-se amigo do indivíduo melancólico, buscando evitar a ocorrência de todas as emoções e perturbações, pois caso contrário, pode ocorrer o suicídio num êxtase melancólico.

Voltando-se a questão do suicídio por um viés mais social, encontramos as teses de Quintino da Costa[160], "Do Suicídio e sua prophylaxia"; Florival Seraine[161], "Suicídio e Mimetismo"[162]; e José Souza[163], "Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia". Todas foram elaboradas pela ótica da Cadeira de Medicina Legal.

3.3.2. Teses Médicas, Medicina Legal, Suicídio, Década de 1920:

> *"Todas as classes sociais têm seus representantes neste numerosíssimo exército que, apesar dos esforços empregados pelos mais decididos amigos da humanidade, ainda não pôde ser vencido."*
>
> Quintino da Costa

A escolha para se trabalhar com um tema complexo, que é o suicídio, pode ter diversas razões, para Quintino da Costa, esta se deveu ao fato do magno problema que é o suicídio,

---

[159] BRUNI, Attilio. **Melancolia**. Op. Cit. P. 24. LAPEH

[160] COSTA, Quintino Castellar da. **Do Suicídio e sua Prophylaxia.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas (Cadeira de Medicina Legal). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 28 de Outubro de 1927. LAPEH

[161] SERAINE, Florival Alves. **Suicídio e Mimetismo.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas (Cadeira de Medicina Legal). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1930. LAPEH

[162] Apesar desta tese ser de 1930, consideramos esta diferença de 10 meses (sendo destes 6 meses para a sua elaboração pelo que as fontes indicam como prazo) como irrelevante, dado que o aluno, provavelmente, cursou a maioria do curso de Medicina durante a década de 1920.

[163] SOUZA, José de Araujo. **Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas (Cadeira de Medicina Legal). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1929. LAPEH

> [...] grande entre os maiores, pois que, além de lançar o indivíduo que o pratica no abismo de uma noite quase eterna, projeta sobre os seus parentes e amigos, a desolação e a dor acerba, oriundas não só da saudade que sempre deixa o que parte, como também do conhecimento que todos possuem, veladamente embora, dos males que esperam o desertor da vida. [164]

Assim, como a escolha para se trabalhar este tema pode ter diversas razões, observamos através dos trabalhos dos estudiosos do suicídio que também houve diversas definições para o que seria o suicídio. Este para Quintino seria "a auto-destruição violenta dos laços existentes entre a matéria organizada e a alma ou espírito que a anima."[165]

Para Seraine, o suicídio consiste "na morte do homem efetuada por ele próprio – resultado de uma luta secreta, em que o instinto fundamental da conservação acaba sendo dominando inteiramente pelo instinto de destruição."[166] Vemos, então, na sua definição a questão do Eros e do Tanatos, que foi abordado por Freud sobre o instinto de vida.

Souza define o suicídio segundo a definição de Tourdes, "é o ato pelo qual uma pessoa se dá a morte voluntariamente, quaisquer que sejam as causas deste determinarão e o estado fisiológico, patológico, intelectual ou moral da vítima."[167]

Para Costa independente do suicídio ter ocorrido por sofrimento físico, moral, real ou imaginário, consiste num dos maiores crimes contra o criador e por ser tão grande crime não tornou possível ao homem classificá-lo, logo não sendo mais figurado nos códigos penais.

Notamos a presença da mencionada moral religiosa na tese de Quintino, pois o mesmo considera certa a Igreja Católica em manter o suicídio como um grande crime nas leis canônicas. Isto porque o suicida destrói aquilo que é de mais belo da criação e que a vida lhe foi doada com outras finalidades, e não para a morte antecipada.

As causas para o suicídio podem ser inúmeras. Quintino as divide em duas, as predisponentes e as determinantes. Quanto à primeira, entra a questão da hereditariedade; condições atmosféricas; as estações; sexo (gênero); idade; estado civil; e a alienação mental. Já para estes: embriaguez; miséria; jogo da bolsa; os clubes; influência da política; derrota em guerras; o amor; usos e tradições; imitação contagiosa;

---

[164] COSTA, Quintino Castellar da. **Do Suicídio e sua Prophylaxia.** Op. Cit. P. I. LAPEH
[165] Ibidem.
[166] SERAINE, Florival Alves. **Suicídio e Mimetismo.** Op. Cit. P. 1. LAPEH
[167] SOUZA, José de Araujo. **Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia.** Op. Cit. P. 7. LAPEH.

alucinação, ilusão, delírio febril; mania; espiritismo; e contos e narrações nos jornais e filmes cinematográficos.

Já Seraine observou que os suicídios ocorrem por uma causa de fundo moral, que serviria de indutor, modificando passageiramente a psíquica. Assim, essas causas morais poderiam ser tanto um amor contrariado, enfermidades incuráveis, superstições religiosas, miséria, entre outros.

Sobre a hereditariedade, Quintino mostra vários autores que abordaram a ligação do suicídio com este, inclusive, membros da mesma família utilizando a mesma maneira ao praticarem o ato. No entanto, o mesmo não considera a hereditariedade como influenciador nos suicídios, porque a alma ou espírito não é uma característica transmitida pelos pais e sim por Deus.

As condições atmosféricas, tratando-se das temperaturas extremas, seriam fatores de influencia nos suicídios dos indivíduos mórbidos e sem resistência para lutar pela vida, pois ao sentirem-se presas ao mal estar, tornam-se mais aptos a executarem o ato. As estações também são fatores notados nos suicídios, sendo que na Bahia os meses mais férteis apresentam uma menor taxa, enquanto que os meses de setembro a março (exceto fevereiro), ou seja, verão e primavera, apresentam uma maior taxa, devido por serem períodos mais animados e com certa frequência de festas populares, logo andam de mãos dadas o Cúpido e Baco. Souza chegou a esta mesma conclusão, porém observou que nos casos de suicídio por envenenamento não conseguiu observar nenhuma diferenciação pelas estações do ano.

Quanto à relação do suicídio com as diferenças de gênero, Quintino observou o predomínio masculino nas taxas, algo também observado por Seraine, e as razões para isto seriam por serem do sexo forte; das suas maiores responsabilidades sociais; as dificuldades na manutenção da família; e agirem com segurança. Entretanto, para Seraine a causa principal seria da vulnerabilidade do homem para a dor, dado que não supor bem os sofrimentos tanto morais como físicos, além de utilizarem mais o álcool do que as mulheres, outro fator contra o suicídio destes. Considera ainda os homens suicidas como covardes e egoístas, pois deixam seus entes queridos em estados frágeis e desamparados.

As mulheres se suicidariam menos por serem mais tímidas e dóceis, além de serem mais confiantes com o futuro, logo, suportam mais as agonias da vida, lutando contra a morte e a miséria, pensando no bem estar dos filhos, pois em muitos casos elas foram largadas pelos companheiros sem alma. “Heroína anônima, luta não raro

bravamente e, quando cai na noite tenebrosa do suicídio, já sorveu até a última gota o cálice amargo da desilusão e da dor."[168] Seraine coloca que o suicídio das mulheres, em especial as moças solteiras e meretrizes, só ocorrem devido as paixões, "isso, principalmente no nosso país, aonde as mulheres raramente têm outra preocupação, na época e no estado, em que sempre se suicidam."[169]

Observamos, então, que enquanto os homens se suicidam mais, são as mulheres que tentam mais o suicídio. Para Souza isto se devia que nem todas as mulheres queriam morrer, até havendo o fingimento por elas, como vimos anteriormente até um caso de um indivíduo preso em Pernambuco por ter fingindo que tentara o suicídio. Vimos também o caso de Evangelina em que supomos o seu fingimento, pois "ora, a mulher que finge o pranto e a sincope, por mera conveniência, é capaz também de tomar um pouco de querosene ou creolina, e se dizer envenenada, para logo após o pânico da família ou do amante conseguir alguma coisa destes."[170]

Com relação à idade, Quintino menciona que os suicídios são mais raro na infância e a partir dos 60 anos nas mulheres, isto também foi observado por Seraine, que segundo este a idade avançada protegia pelo fato do indivíduo ter a experiência do já passou e já sofreu, tornando-se, então, indiferente a certos sofrimentos. Este ainda colocou o suicídio como ocorrendo mais nos homens dos 20 aos 30 anos, e nas mulheres dos 15 aos 25 anos, isto se devia porque:

> A inexperiência em face dos problemas sociais, muitas vezes complicados que se atulharão ao jovem espírito não chegado ainda ao seu período de amadurecimento; a sedutora atração do vício e das más companhias a qual não se conseguem furtar alguns iniciantes na vida social; a ilusão falaz de que tudo continuará a sorrir como sorriu não raro, na fase ingênua da infância, e que os primeiros infortúnios virão desfazer brusca e pungentemente, são causas incontestáveis. [171]

Souza observou o predomínio do suicídio entre os jovens de 16 aos 25 anos, isto nos casos por envenenamento. O mesmo justifica basicamente com a mesma idéia de Seraine, que os jovens são mais propensos as ilusões e as paixões, sendo esta para a ele a principal razão dos suicídios entre estes.

O estado civil mais afetado pelos suicídios, segundo Quintino Costa, seria dos solteiros, que apresentam maiores frequências do que os casados e viúvos, sendo que com relação a este, o autor notou que possuem quase uma imunidade ao suicídio, em

[168] COSTA, Quintino Castellar da. **Do Suicídio e sua Prophylaxia.** Op. Cit. P. 14. LAPEH
[169] SERAINE, Florival Alves. **Suicídio e Mimetismo.** Op. Cit. P. 8. LAPEH
[170] SOUZA, José de A. **Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia.** Op. Cit. Pp. 28-29. LAPEH
[171] SERAINE, Florival Alves. **Suicídio e Mimetismo.** Op. Cit. Pp. 6-7. LAPEH.

especial das viúvas. Souza também notou essa predominância dos solteiros, valendo observar que esta conclusão foi tomada por ele usando as estatísticas da Bahia de Quintino.

A questão do suicídio e da raça foi estudada por Seraine, mas não por Quintino. Nós supomos que Quintino não abordou esta questão por não ser branco, visto que nesta época havia a busca do embranquecimento da população. Outro fator que nos faz ter esta suposição foi que o mesmo quando abordou a questão dos casamentos proibidos mencionou "especialmente entre nós em virtude dos preconceitos de cor", assim, aumentando a nossa suposição de que não era branco.

Voltando a questão da relação entre raça e suicídio, Seraine notou que os brancos se suicidam mais e que os negros e outras "raças inferiores", como assim menciona, se suicidavam bem menos, exceto quando se tratando dos silvícolas. Este também observou que o suicídio ocorre mais nas classes mais ilustradas e indivíduos cultos.

Souza também notou a predominância dos brancos nos casos de suicídio, depois viriam os mestiços e por últimos os negros. Esta predominância caucasiana devia-se que este era "mais sensível às emoções, mais arrebatado em seus desejos, mais violento em suas ações.", enquanto que o negro "é mais dócil, menos sensível, mais pacato. E o mestiço é o intermediário."[172] Contudo, isto é verdadeiro quando se tratando dos homens, já nas mulheres há a predominância das mestiças, isto pode justificar o maior número de pardas dos processos criminais abordados anteriormente.

A alienação mental foi abordada por Quintino, segundo ele, os tratadistas relacionam grandes números de suicídios com os alienados. Entretanto, ao retratar um caso de loucura e seus efeitos presente na Bíblia, mostra um pai que buscou Jesus para auxiliá-lo em tirar os demônios do seu filho, com a fé o homem conseguiu se livrar destes. Assim, Quintino comenta,

> Os incrédulos, agora como naquela época, ainda estão no mundo, os demônios – espíritos que viveram na terra a fazer o mal e na erraticidade após o passamento, persistem em alimentar seus maus instintos – continuam a dominar, a atuar os materializados; e os loucos sem lesão material continuarão a encher os manicômios, até que os médicos creiam e sigam o exemplo de Jesus. [173]

[172] SOUZA, José de Araujo. **Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia.** Op. Cit. P.31. LAPEH
[173] COSTA, Quintino Castellar da. **Do Suicídio e sua Prophylaxia.** Op. Cit. P. 20. LAPEH

Para Seraine havia o suicídio refletido e o impulsivo. O primeiro seria pela escolha individual após reflexão, logo não sendo patológico. O segundo tipo seria o ocorrido por impulso, ocorrendo sem motivo ou quando há um, ocorre por questões fúteis. Este tipo seria o comum nos alienados mentais, dentre os melancólicos e os hipocondríacos. Há ainda a possibilidade do suicídio de um alienado ocorrer por falta de adaptação ou para livrar-se de uma obsessão. Souza aborda que nem todos os suicídios são ocorridos por alienados mentais, pois muitas vezes estes podem ser devido a crenças religiosas, costumes, ignorância, etc.

Quanto aos fatores determinantes ao suicídio, Quintino observa que o alcoolismo exerce grande influência em crimes e suicídios de alguns indivíduos. As especulações da bolsa e as flutuações do jogo podem auxiliar nos suicídios, quando levam os indivíduos à ruína ou à miséria, causando desespero. Assim, também são os clubes, lugares de jogos, logo, os indivíduos quando perdem dinheiro em quantias fabulosas, lembram dos compromissos perdidos, vindo, então, a perda da honra e o desespero, causando consequentemente o suicídio destes. Seraine ainda menciona que nos cabarés era comum a debilitação nervosa por causa das drogas, podendo deixar os indivíduos numa situação que passaria a se tornar insuportável.

Outra questão da influência abordada por Quintino é a miséria, pois a fome, o não sustento da família e a perda de bens levam ao suicídio, inclusive, menciona que Napoleão Bonaparte, quando foi afastado do seu cargo no exército após a vitória de Toulon ia se suicidar porque não tinha dinheiro para enviar a sua família, contudo, só não realizou o ato devido a um empréstimo por um amigo.

A política também, segundo Quintino, causou o suicídio de diversas personalidades celebres, como o caso do prefeito da cidade de Cork na Irlanda no início da década de 1920. Assim também seriam as derrotas em guerras, causadoras de suicídio.

Como foi visto anteriormente nas teses médicas do século XIX das paixões causando suicídio, pelo visto, isto se manteve nas da década de 1920. Quintino mencionou que amor é uma causa frequente nas ocorrências de suicídios, especialmente quando se tratando dos jovens e do Brasil.

> Amores contrariados, casamentos proibidos pelos pais, especialmente entre nós em virtude dos preconceitos de cor, união impossível de realizar-se em face do estado civil dos amantes, tem enchido as estatísticas dos suicídios passionais em que ordinariamente se vêem dois entes tombarem sem vida,

> pretendendo deste modo unirem-se na morte, já que não o puderam ser na vida. Cruel e fatal desilusão os espera, porém, do lado de lá. [174]

Alcides Siqueira, na sua tese médica sobre o amor, mostra este como sendo uma arma poderosa, porque,

> [..] amar é desejar a felicidade da pessoa amada mas dela participando." Se o amor se inclina a mais de dois – nasce o ciúme, porque ele se impende a se eximir dos dois a um – germina o desespero, não raro inconsolável, que leva ao crime e ao suicídio. Sem o ente querido, como viver? Se a vida, tanto encanto que encerrava, se transmuta num fardo intransportável? Se, do calor que anima e vivifica, se transforma no frio que enregela? Se, sem o amor recompensado, a alma é um vácuo – sem crenças, sem estímulos, sem a luz da esperança – caliginoso de tristeza e desalento? Como, sem forças para a vida, ter energias para a luta? Como? ! Para os mais fracos, acena a morte, como o último remédio, com prestígio de um, bálsamo divino – suicidam-se; sobre as mais fortes, zurze o vergalho da Vindicta – matam. Phedra suicida-se, por que é desprezada por Hyppolito. Pyramo, relata Ovidio, crendo morta Thisbé, suicida-se, no local que marcara entrevistá-la, por julgar-se traído e esta, ao deparar-se-lhe com o corpo inanimado, suicida-se também, igual resolução tomam Romeu e Julieta. A tragédia do duplo suicídio é, ainda hoje, o epilogo frequente das paixões infelizes. [175]

O ciúmes, quando exaltado, pode levar ao suicídio, bem como ao assassinato. Em alguns crimes passionais há a presença de ambos, pois após o assassinato do parceiro ou parceira, o indivíduo honesto acaba se arrependendo ou sentindo remorso, passando a ficar impelidos ao suicídio. Para Alcides não se pode negar o poder do amor, como pode ser notado na sua citação a seguir:

> O amor é como o ópio: dosado – é o bálsamo divino e salutar que seda as dores, que alivia e conforta os corações, que reanima e que serena a vida; exagerado – é o tóxico fatal que cava abismos de profundos sofrimentos, que esmaga e que consterna os corações, que absorve, atropela e aniquila a existência; pouco – é a paz remansosa, a euforia benéfica, a quietude evangelica da vida; muito – é a idéia que obseda e que alucina, que jugula a vontade, que conduz ao delírio, ao crime, ao suicídio... É então que o amor, como o disse Bourget "é certo estado mental e físico durante o qual tudo se oblitera no nosso pensamento, no nosso coração, nos nosso sentidos, ambição, dever, passado, futuro, hábitos, necessidades, tudo, pela única idéia de um determinado ente. [176]

Os romances passionais auxiliariam nisto, visto que apresentam frequentemente os suicídios dos personagens, desta forma acabam influenciando os leitores. Seraine mostrou que certas obras de ficção também são fontes para casos de imitação e contágio de suicídios. Como exemplo, ele mostra a obra Werther de Goethe, que, segundo José

[174] COSTA, Quintino Castellar da. **Do Suicídio e sua Prophylaxia.** Op. Cit. P. 23. LAPEH
[175] SIQUEIRA, Alcides Lopes de. **O Amor como Dirimente Penal.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico –Cirúrgicas. (Cadeira de Medicina Legal). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 20 de Novembro de 1927. P. 42. LAPEH
[176] Idem, p. 53.

de Calasans[177], foi na época dada como responsável para vários suicídios, tendo sido proibida a venda deste livro em vários países. Outras obras por ele mencionada são: Manfred (Byron); Rene (Chateaubriand); Hamlet de Shakespeare, pois este sonhava com o suicídio libertador; etc.

Além dos romances, Quintino observou a influência das notícias de jornais sobre o suicídio e dos filmes cinematográfico como fator de influência em casos de suicídio, pois "são dois poderosos meios de inocular no cérebro das pessoas e de nelas despertar predisposições e vontades"[178]. Seraine ainda observou a influência das exibições teatrais.

Auxiliando na influência dos romances, dos jornais, dos filmes e dos teatros havia a imitação contagiosa de suicídio, que em certos momentos podiam levar ao que parecia uma epidemia de suicídios, como mencionado por Quintino. Esta imitação pode ser observada nos casos de suicídio em que ocorriam num mesmo lugar até que houveste a destruição deste, quando estão parava-se as imitações.

O suicídio muitas vezes é tido como contagioso, ao impor ou transmitir a idéia deste ato para outro. Possivelmente, segundo este autor, isto pode até chegar a ser epidêmica, tanto que frequentemente estava ocorrendo suicídios a dois no país. Entretanto, o contágio, em si, só ocorre com pessoas que possuem predisposição patológica para isto, logo, necessitando de um indivíduo possuidor da herança mórbida, mas também podendo ser fraco e hesitante.

A hereditariedade mórbida é algo necessário ao contágio do suicídio, mas este é sempre ocasional ou determinante, e nunca a causa produtora. A forma mais propensa a causar a contaminação de idéias suicidas é a leitura, porque "o espetáculo, a observação própria, com toda a comoção da mise-em-scène realizada cuidadosamente, a impressão viva do momento cheio de pathetismo, exercerão sem dúvida extraordinária influência sobre o espírito qualquer sugestionável."[179]

A imprensa, em especial, tornava públicos os casos de suicídio, divulgando o desenrolar das cenas e os mínimos detalhes do evento. Alguns jornalistas, segundo Seraine, ainda usavam da fotografia na divulgação dos casos e a maioria colocava um teor dramático ao noticiar os eventos, alguns até colocam informações extras ou falsas,

[177] CALASANS, José Júlio de. **Nervosos e Loucos na Literatura Brasileira.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Medicina. (Ensaio de Psicologia Clínica). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1924. LAPEH
[178] COSTA, Quintino Castellar da. **Do Suicídio e sua Prophylaxia.** Op. Cit. P. 26. LAPEH
[179] SERAINE, Florival Alves. **Suicídio e Mimetismo.** Op. Cit. P. 24. LAPEH

como uma carta deixada pelo suicida, que muitas vezes são aperfeiçoados antes de publicá-los. "Tanto mais for um suicídio cercado de circunstâncias extraordinárias e de mistério, maiores e mais pitorescas serão as narrativas dos jornais."[180] Desta forma, alimentando a imaginação humana, tendo, então, influência sobre a imitação. Souza também observou a influência da imprensa nos suicídios por envenenamento, além da facilidade de adquirir o veneno.

Voltando-se a tese de Quintino, o mesmo aborda sobre que o suicídio de alienados e doentes febris devia-se às alucinações, que são espontâneas, e as ilusões, que são consecutivas e podem ser viscerais ou dos sentidos. Havia também a possibilidade de impulsões irresistíveis levarem os loucos ao suicídio ou ainda a praticarem crimes. Os alienados apesar de saberem os perigos, mencionam que são impotentes para lutarem contra os seus estados, tanto que os suicídios destes são realizados sem terem sido deliberados, pois são efeitos de impulso súbito. Os maníacos também podem suicidar-se devido às alucinações e também por concepções diversas. As alucinações ainda podem ocorrer nos casos em que há a presença do álcool, pois, segundo Seraine, deixa os indivíduos agitados.

Para Quintino ainda havia o suicídio ocasionado pelas tradições, como nos povos bárbaros em que as mulheres se suicidavam com a morte de seus maridos, ou ainda no Japão quando os súbitos se suicidavam com a morte do Imperador.

Dentre os meios utilizados para se praticar o suicídio, Quintino destaca a existência de uma variedade destes. Segundo ele, os suicidas consideram todos os recursos bons desde que exerçam seus efeitos, mas há aqueles meios que são, digamos, mais popularmente escolhidos para a prática. No caso brasileiro seria pelo envenenamento. Este predomínio também foi observado por Seraine, cuja escala viria depois à submersão, arma de fogo, enforcamento, precipitação, queimadura, e por fim os instrumentos perfurantes e cortantes. Este ainda menciona que os meios escolhidos variam de país e de épocas, cujas escolhas dependem da moda, imitação e sugestão. Souza menciona que a escolha do meio era grandemente influenciada pelo sexo do indivíduo, como o caso por envenenamento, escolha principal nas tentativas de suicídio das mulheres.

[180] SERAINE, Florival Alves. **Suicídio e Mimetismo.** Op. Cit. P. 31. LAPEH

O envenenamento mostra-se como a primeira escolha, segundo Costa menciona utilizando as estatísticas do serviço médico legal. No caso baiano, o principal veneno[181] escolhido era o cianureto, principalmente, o de potássio, depois o arsênico e em terceiro lugar o lisol. Seraine também observou a predominância do cianureto de potássio, - algo também observado por Souza –, possivelmente, por questões de preço, moda ou rapidez deste veneno em levar a morte.

Segundo Souza, com o progresso da toxicologia, surgindo novos venenos, houve um aumento nas taxas de suicídio, havendo o aumento desta forma de suicídio diariamente, tornando-se até uma devastadora praga. Curiosamente, houve uma diminuição das taxas de homicídio por veneno, ficando até rareado, pois o seu uso ocorre mais com criminosos ignorantes ou lugares onde não dispõem de muitos recursos.

Para Quintino, a submersão, que é a morte por sufocação através de um meio líquido, por ser um dos meios de maior facilidade e estar em alcance de todos, também apresentava muitos adeptos na prática dos suicídios. A facilidade deste meio é porque pode ser realizado em rios, mares, lagos, lagoas, banheiras e até pequenos recipientes com algum líquido. No caso baiano, esta forma de morte é a segunda escolhida nos casos de suicídios.

A arma de fogo também consiste em outro meio para realizar-se o suicídio, segundo Quintino Costa, esta forma é mais comum nos homens, especialmente de jovens e de militares. Há uma variação quanto à posição dela nas estatísticas de suicídio, mais geralmente encontra-se em terceiro lugar, em alguns lugares, porém é a primeira posição. No caso baiano, as estatísticas mostram que o uso das armas de fogo é mais comum nos suicídios de profissionais do comércio e negociantes; entre os indivíduos de 20 a 40 anos; e nos solteiros. Há a presença de suicídio de mulheres por este meio, segundo este autor, deve-se que elas estão aprendendo a atirarem.

O enforcamento, segundo Costa, foi o meio mais utilizado pelos suicidas que se encontram reclusos, pois para isto só necessitam de um laço ou pano e de um lugar para amarrá-lo. Este, inclusive, foi o meio escolhido pelo caso mencionado anteriormente do suicídio de José C. M. que se encontrava no hospício em Pernambuco em 1928. Esta

[181] "Por veneno deve-se entender entre nós, toda substancia estranha a categoria dos agentes vulnerantes e biológicos que, introduzida ou aplicada de qualquer modo ao corpo humano em certa quantidade, relativamente grande, produz mais ou menos rapidamente acidentes graves na economia, que podem terminar pela morte, ou deixar defeitos permanentes e irremediáveis." MALTEZ, Annibal. **Os Envenenamentos.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Medicina (Cadeira de Química Analítica e Toxicologia). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1924. P. 5. LAPEH

forma ocorre mais nos civis solteiros e nos militares casados, isto no caso baiano. Consiste no meio mais utilizado na Europa, segundo Orlando Monteiro[182], especialmente, pelos camponeses, sendo método pouco usado nas cidades.

Há duas formas de enforcamento a completa e a incompleta, o primeiro ocorre quando a suspensão é total e o segundo, quando o indivíduo encontra-se parcialmente de pé, ajoelhado, deitado ou ainda agachado, isto segundo Monteiro. Quintino ainda menciona o suicídio por estrangulação, mas que esta forma não é comum no Brasil, sendo mais usada em assassinatos.

A precipitação ocorre "quando um indivíduo cai sobre uma superfície situada sensivelmente abaixo daquela em que se acha. Diz-se que há queda se o indivíduo cai de sua altura sobre o solo."[183] Segundo Quintino, quando esta ocorre, geralmente, há a ruptura viscerais e lesões ósseas, além de levarem a hemorragias internas dos órgãos. Esta forma, na Bahia, era mais comum nos solteiros, tanto masculino quanto feminino, sendo que estas representavam apenas ¼ dos casos.

As armas brancas, ou seja, os instrumentos cortantes e perfuro-cortantes, independente de seu tipo, podem ser usadas nas práticas do suicídio. No caso baiano, segundo Quintino, os suicídios por armas brancas ocorreram entre homens, na sua maioria sendo solteiros, pois as mulheres baianas não gostam de se suicidar desta maneira.

As queimaduras, segundo Quintino, não é uma forma comum de suicídio entre os homens, mas sim nas mulheres, pois são como mariposas que buscam se consumirem pelas chamas. Elas utilizam desta forma geralmente após molharem as vestes com querosene e depois tocando fogo.

Uma forma, digamos mais comum com o progresso tecnológico, seria o esmagamento, que ocorre quando o indivíduo se atira sob as rodas de algum veículo qualquer. Quintino ainda menciona que nas derrubadas de árvores, certos indivíduos aproveitam-se disto como uma forma de se suicidarem, ao se jogarem na direção em que a árvore esteja caindo.

Os progressos tecnológicos ainda possibilitam o suicídio por asfixia pelos vapores de carbono, sendo esta forma de acordo com Costa mais usada pelas mulheres, pois como são vaidosas, queriam permanecer belas mesmo após a morte. Esta forma

[182] MONTEIRO, Orlando da Silva. **Do Enforcamento.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas (Cadeira de Medicina Legal). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1929. LAPEH

[183] COSTA, Quintino Castellar da. **Do Suicídio e sua Prophylaxia.** Op. Cit. P. 35. LAPEH

ainda é comum nos casos de suicídios duplos ou de grupos. Contudo, não foi observado por ele nenhum caso de suicídio por esta forma no Brasil.

A fome também pode ser outra forma de se suicidar, dada a inanição provocada por ela. Todavia, não foi encontrado nenhum caso de suicídio desta forma no Brasil, isto por Quintino.

Quanto à profilaxia do suicídio, Quintino da Costa comenta, "estudando o grande mal social que é o suicídio, tivemos em mira um intuito: de posse da sua etiologia, tentar estabelecer e apontar aos interessados, os meios que poderão ser postos em prática para sua repressão e profilaxia."[184]

Para ele, os castigos estabelecidos pelos dirigentes só visa o corpo já sem vida e em menor escala ainda sobre os sentimentos religiosos do suicida, que isto não adianta no combate contra o suicídio, pois o suicida não se incomoda com o seu corpo sem vida, o que ele busca é livrar-se do mal que lhe consome.

Desta forma, a profilaxia do suicídio deveria mirar o lado espiritual (a alma ou o espírito), estabelecendo uma terapêutica psíquica. Isto porque o suicida visando acabar com o mal que lhe consume vê a morte como o remédio contra seus sofrimentos morais e materiais. "Se o homem tiver a certeza de que, com tal recurso não encontrará alívio para seu mal e, ao contrário, vê-la centuplicado, jamais se suicidará." [185]

Quintino, que aparentemente seguia os preceitos do espiritismo[186], menciona que o crime só ocorre porque as leis não são aplicadas com todo rigor, pois se o indivíduo soubeste que haveria o cumprimento das penas não o faria. Assim, o indivíduo continuara a fazer delitos porque nunca foi punido, continuando a praticá-los até morrer. Ao morrer levará o seu espírito as idéias de crimes, desta forma quando encarnado, caso não tenha se arrependido ou progredido, vira como um criminoso nato e caso tenha sido um suicida, voltará predisposto ao mesmo. "Os suicidas desencarnados, no seu desespero, procuram por sua vez insinuar outros encarnados à prática do mesmo delito."[187]

Quintino Costa, na sua tese médica, propõe alguns meios terapêuticos e profiláticos para serem seguidos por médicos e também pelos governos, através de suas repartições sanitárias. As medidas são as seguintes:

---

[184] COSTA, Quintino Castellar da. **Do Suicídio e sua Prophylaxia.** Op. Cit. P. 41. LAPEH.
[185] Idem. P. 42.
[186] Quintino Costa, talvez por seguir preceitos do espiritismo, tenha uma fala com cunho de moralismo religioso católico, para evitar críticas e ser mal visto quanto aos seus ideais espíritas, que ainda não eram bem aceitos, como visto anteriormente neste mesmo capítulo.
[187] COSTA, Quintino Castellar da. **Do Suicídio e sua Prophylaxia.** Op. Cit. P. 43.

> a) Terapêutica psíquica ou espiritual, visando:
> 1) O próprio doente;
> 2) O obsessor, quando exista;
> b) Combate ao alcoolismo;
> c) Combate às moléstias venéreas;
> d) Desenvolvimento das fontes de trabalhos e produção;
> e) Proteção, por parte dos Governos, aos operários e empregados;
> f) Propaganda da união entre os jovens, pelo matrimônio;
> g) Combate à ociosidade, especialmente entre as mulheres;
> h) Considerar o suicídio como um crime, punindo severamente as tentativas. [188]

O meio pela terapêutica psíquica consistia em aconselhar e instruir o doente e o obsessor. Assim, informando àquele o possível resultado caso realize seu intento e a este, mostrando-lhe os seus deveres quanto espírito e buscando lhe persuadir a praticar boas ações e méritos, para que seu espírito possa progredir e livrar lhe dos seus débitos espirituais, pois caso contrário não irá sair da cadeia.

Vimos anteriormente que os médicos combatiam os hábitos e costumes sociais que não consideravam moralmente aceitos, assim, era o alcoolismo. O combate a este deveria ser realizado por meio da propaganda, dado a importância da imprensa nesta época, mostrando as consequências negativas do seu uso, tanto no usuário, como na sua família e na sociedade. As outras formas seriam aumentar o imposto do álcool, para tornar o seu acesso mais difícil e modificar os processos industriais visando tornar este produto intolerável à ingestão.

Também vimos anteriormente que os médicos eram contra a sexualidade viciosa dos jovens e também, principalmente, contra a sífilis. Segundo Quintino, nas suas recomendações, não havia necessidade do mesmo sugerir o que fazer para diminuir as doenças venéreas, pois as mesmas já estavam sendo realizadas regularmente. Contudo, dever-se-ia fazer a propaganda em favor do casamento, possivelmente, como uma forma de melhorar os valores da família, evitar a sexualidade viciosa e também as doenças venéreas.

Quintino afirma que esta campanha para o casamento visava:

> 1) elevar o nível da moral da sociedade; 2) fazer o organismo se aproveitar dos benefícios que lhe dão os produtos elaborados pelas glândulas de secreção interna dos órgãos genitais; 3) fazer a profilaxia das moléstias venéreas; e 4) incentivar o melhor meio de povoamento do solo. [189]

[188] COSTA, Quintino Castellar da. **Do Suicídio e sua Prophylaxia.** Op. Cit. P. 44. LAPEH
[189] Idem. P. 49.

Apesar deste autor ser favorável ao casamento, ele menciona ser favorável ao divórcio nos casos de incompatibilidade dos cônjuges, pois isto evitaria que os casados infelizes se suicidassem para livrar-se do casamento.

Curiosamente, vemos medidas contra a expansão do capitalismo, porém vale observar que os avanços da civilização e do progresso foram várias vezes identificadas como fatores de aumento ao suicídio. Seraine até mencionou que "a civilização, creando ou antes, apenas aguçando paixões e apetites já delineados, e nem sempre logrando, aumentar os meios de satisfazê-los, tem contribuído bastante para a eliminação de muitos indivíduos."[190]

Quintino buscava o desenvolvimento das fontes de produção e trabalho como um forma dos desempregados obterem trabalho, desta forma conseguindo se manterem, além de suas famílias. Ainda havia a necessidade dos governos em proteger os operários e empregados, para evitar a ganância dos patrões e dos salários miseráveis e insuficientes. Seraine, inclusive, menciona os estudos de Maurice Lachâtre, que observou que são os operários que mais se suicidam nas cidades industriais populosas, isto devido a questão do trabalho e da miséria, mas também pelo maior consumo de álcool entre estes.

Apesar desta medida contra o capitalismo, havia aquela de evitar o indivíduo ocioso, medida que também tinha valores morais sociais por trás, pois o indivíduo sem trabalho abre portas para a imaginação, que passa a ser usada em coisas fúteis e inúteis, mas também para a rebeldia. Nas mulheres essa ociosidade abre porta para a sua imaginação, que é fantasiosa, assim, com os romances e os filmes podem possibilitar o uso negativo desta, logo, necessita que as mesmas ocupem-se em trabalho úteis. Vale observar que para Seraine a exaustão do trabalho também poderia ao suicídio, logo, podemos notar que deveria se evitar a ociosidade mas também o excesso.

Por fim, Quintino era a favor da criminalização do suicídio, que os códigos penais o considerasse com um crime e usar de punições semelhantes às tentativas de homicídio aos que tentarem o suicídio. Souza já era favorável a uma maior fiscalização da Saúde Pública na venda de tóxicos, buscando tornar a sua venda mais difícil, possivelmente esta medida já estava sendo tomada por alguns farmacêuticos em Pernambuco, pois vimos no caso de Célia C. O, anteriormente mencionado, que o farmacêutico havia recusado-lhe a venda de um tóxico.

[190] SERAINE, Florival Alves. **Suicídio e Mimetismo.** Op. Cit. Pp. 10. LAPEH

Seraine, quando abordando a profilaxia do suicídio, menciona que apesar da influência do contágio da imprensa sobre o suicídio, a proibição disto não acabará com as taxas de suicídio. Observamos que Souza pensava ao contrário de Seraine neste ponto, pois para ele a proibição da publicação das notícias de suicídio pela imprensa era fundamental na redução dos casos de suicídio.

Para Seraine o que se necessitava era uma educação moral dos indivíduos, desde a infância, inserido neles os conhecimentos dos seus deveres com a sociedade e não o individualismo. Já os indivíduos hereditariamente tarados, dever-se-ia mantê-los ocupados, para que concentrassem suas energias no trabalho ou ainda com passeios, exercícios, leituras apropriadas e entre outros.

Não sabemos ao certo se estes médicos continuaram os estudos sobre o suicídio, apenas sabemos, através da dissertação em história de Fábio Henrique Lopes, que Florival Seraine lançou o livro "Considerações sobre o autocídio", em 1936, pela editora Ramos e Pouchain de Fortaleza. Este termo autocídio seria usado como um sinônimo de suicídio e morte voluntária, segundo consta na sua tese médica.

Concluímos que "o suicídio em patologia social é uma doença das mais graves e que será talvez a mais difícil de curar."[191], tendo em vista que para os suicidas "se apagou a luz deste farol sempre verde que guia a humanidade inteira no oceano da vida – a esperança."[192]

[191] LACASSAGNE *apud* SERAINE, Florival Alves. **Suicídio e Mimetismo.** Op. Cit. Pp. 53-54.
[192] SOUZA, José de Araujo. **Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia.** Op. Cit. P.31.

CAPÍTULO 4

OS VOLUNTÁRIOS DA MORTE[1]:

MODERNIDADE, SUICÍDIO E IMPRENSA PERNAMBUCANA,
EM ESPECIAL O DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Nos dias atuais, a imprensa, geralmente, procura mascarar e esconder o suicídio, por diversas razões, desde ao sentimento de culpa causado pelo ato até como forma de evitar o contágio que este ato poderia ocasionar em outros. Quando os casos de suicídio são noticiados isto ocorre por possuírem algum aspecto peculiar ou também quando envolvem alguma figura conhecida ou importante da sociedade, mas que quando noticiados, geralmente, são feitos utilizando dados genéricos. [2]

Entretanto, o mesmo não se verificava na imprensa pernambucana da década de 1920. Caso uma pessoa se suicidasse ou tentasse, esta poderia ter seu nome publicado no jornal como algum que tentou contra a sua existência. Não dependia se você fosse pobre ou rico, branco ou negro, mulher ou homem, jovem ou velho, caso vieste a tentar contra a sua vida, poderias ter seu nome publicado no jornal.

Aliás, não era só o seu nome que seria publicado, mas também diversas outras informações, como: endereço de residência, que incluía o número do edifício, estado civil, profissão, idade, raça, entre outros. Além das características pessoais do indivíduo, também eram publicadas referências quanto ao ato em si, como método utilizado, instrumento, local do ato, razão, etc. Contudo, as quantidades de informações variavam de caso em caso, até havendo alguns em que eram publicadas as cartas de despedida.

O Diário de Pernambuco publicou, durante esta época, 821 casos de suicídios e tentativas de suicídio, excluindo da contagem alguns casos em que não se sabia se ocorreu por suicídio ou crime. Apesar de informarem que a polícia averiguava os casos, a maioria destes casos de dúvida nunca tiveram o resultado concluído pela polícia no jornal, com raras exceções.

Um caso de dúvida de grande notoriedade foi "O caso do Acadêmico Novaes", como assim era chamado. Este caso ocorreu em março/abril de 1920 e ainda no início

[1] Título de uma reportagem sobre o suicídio de uma indivídua em Pernambuco, pelo Jornal do Commercio, Janeiro, 9 de 1920. P. 9.
[2] DAPIEVE, Arthur H. M. **Suicídio por contágio –** A maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária. Op. Cit.

de 1921 era mencionado no Diário de Pernambuco. No dia 4 de abril de 1920, este jornal trouxe uma notícia de que foi encontrado boiando no Capibaribe o corpo do jovem Novaes, de 22 anos. Este era natural de São Paulo, inclusive, sendo filho do Coronel Novaes, fazendeiro e chefe político em Bebedouro. O termo acadêmico usado na notícia referia-se ao fato que o jovem Novaes era estudante da Faculdade de Direito do Recife.

Com o início dos inquéritos policiais, achava-se que Novaes havia se suicidado, baseando-se nos testemunhos dos hóspedes na Pensão Landy, onde ele residia. Aliado as declarações, havia a questão de que Novaes era viciado no jogo, tendo até perdido dezesseis contos de réis no poker em São Paulo[3]. Já no Recife, Novaes recebia uma mesada de seu pai, a qual, segundo a publicação, gastava nos "cabarets" elegantes da cidade e no jogo do "baccarat". Esse vício o deixava por vezes em dificuldades financeira, como no período de sua morte, em que havia gasto o dinheiro do aluguel. Os vícios devem ter exercido uma forte influência na hipótese de suicídio, pois o jovem não seguia uma conduta moral, além do setor religioso católico ter estes vícios como causadores do suicídio, devido a vergonha que causavam.

A dúvida se era crime ou suicídio pairava sobre a sociedade. "Trata-se de um crime ou fora suicídio? Quase toda a população do Recife foi presa dessa violência emoção de dúvida".[4] Contudo, em 15 de abril de 1920, "acabou-se" a dúvida, pois o 2º Delegado concluiu pela hipótese de suicídio, pois:

> O acadêmico Novaes no dia 31 de março, quarta-feira de trevas, teve os seus hábitos na pensão bastantes alterados. Saiu cedo, após ligeiro almoço, sem dinheiro para o bonde. Foi ao Banco, recebeu a sua mesada, que era de duzentos mil réis, atirou-a quase toda na aventura da sorte do bicho, pensando salvar-se da situação embaraçosa em que se achava, qual a de pagar no dia seguinte a sua conta no hotel, cuja proprietária tinha generosamente prorrogado o prazo para o pagamento.
> Perdeu no jogo, ficou em conjuntura mais difícil. Não jantou na pensão. Ao voltar, tarde da noite, aos seus aposentos, cruza no jardim com o guarda noturno e também com o maestro Manoel Augusto. Este nota que o estudante sai pelo portão nervosamente. Meia hora mais ou menos depois, são ouvidos gemidos e o vulto de uma pessoa no rio Capibaribe à mercê da correnteza das águas. [5]

Contudo, isto não foi o fim do caso do acadêmico Novaes, isto porque se iniciou novas diligências policiais do caso, agora se suspeitando de ter ocorrido um crime. Não sabemos ao certo se houve nova averiguação por pressões exercidas pelo pai de Novaes,

[3] Pelo que indicam as notícias no Diário de Pernambuco, Novaes veio a Recife por ordem de seu pai, como uma forma de sair dos vícios praticados em São Paulo, mas que pelo jeito não surtiu efeito.
[4] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Crime ou Suicídio?** Recife, quinta, 15 de abril de 1920. P. 2. FUNDAJ
[5] Ibidem.

figura importante em São Paulo, mas os indícios indicam que sim. Isto porque o Diário de Pernambuco de 30 de abril de 1920 publicou a resposta de Agamenon Magalhães ao despacho enviado pelo Coronel Novaes pedindo a exumação do cadáver para a realização de novos exames, por ter sido um crime simulado como suicídio, apesar da autopsia inicial ter concluído que não houve nenhum sinal de violência corporal. O caso ainda teve outros dramas, mas do suicídio passou a ser considerado crime, tendo o jardineiro da pensão preso e julgado como o autor do crime.

O caso de Novaes ainda serviu como referência a outro caso de dúvida, quando se encontrou outro cadáver boiando no rio Capibaribe no final de abril de 1920.

> Mais um caso que parece destinado ao mesmo ruidoso sucesso que teve no noticiário dos jornais, o do inditoso acadêmico J. Novaes. Um outro cadáver acaba de ser encontrado flutuando nas águas do Capibaribe, em condições tais que a respeito, pelo menos por ora, se pode admitir, tanto a hipótese de crime, como a de suicídio ou de acidente. [6]

Terá sido um caso de imitação, tanto do suicídio, pois ainda nesta época não havia um culpado no caso de Novaes, ou de simulação de suicídio? Esta mentalidade de suicídio como fator de contágio não era um fator novo, dado que Fábio Henrique Lopes notou este pensamento em teses médicas do Rio de Janeiro do século XIX.

A imprensa era considerada a principal forma de contágio, pois propagava casos, que serviam como exemplo. "O suicídio propaga-se como a peste, os males de alma matam tão eficazmente como outros quaisquer. A idéia de contágio é simples, segura, e permite visualizar um fenômeno de outro modo inexplicável." [7]

Esta idéia de contágio poderia atingir grandes proporções, como pensava os intelectuais do século XIX, pois a psiquiatria desta época veio a atribuir uma nova forma de epidemia, a do suicídio, com a mentalidade de que era ocasionada pelas condições da vida urbana. Podemos mais uma vez observar isto em algumas publicações no Diário de Pernambuco, ao mencionarem a ocorrência de uma epidemia de suicídios em Alagoas, ocorrida por volta de outubro de 1923. Também observado na publicação, de janeiro de 1928, da reunião da Sociedade brasileira de neurologia, psiquiatria e medicina-legal do Rio de Janeiro, em que menciona uma pandemia de suicídios, que vinha ocorrendo desde uma década.

Esta reunião ainda mostrou um dado curioso, mencionado pelo médico psiquiatra da Assistência dos Psicopatas do Distrito Federal, de que:

---

[6] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Nas águas do Capibaribe.** Recife, 28 de abril de 1920. FUNDAJ

[7] GUILLON, Claude; BONNIEC, Yves Le. **Suicídio, modo de usar:** História, Técnica, Notícia. Lisboa : Antígona, 1990. P. 25

> [...] há casos patentes de imitação aos processos de morte violenta entre os suicidas, referindo e fato de nos estabelecimentos que os recebem, vivos ou mortos, ser hábito batizar as semanas pelos diversos tipos de suicídios que nela predominam – Semana das barcas (afogamentos na Guanabara, atirando-se os suicidas das barcas da Cantareira), a semana do revólver, semana do laço (por enforcamento), semana do fogo, da tintura de iodo, de permanganato de potássio, do lysol e, por último, até a semana da ilha de Paquetá [...]. [8]

Esta mesma publicação da Sociedade Brasileira trouxe ainda medidas a serem adotadas, ou seja, a profilaxia do suicídio relacionada à imprensa.

> **Da Profilaxia do Suicídio** e que, em relação à imprensa, especialmente, foram as que se seguem:
> 1ª – Restringir o mais que for possível as reportagens sobre o suicídio, não podendo cada notícia passar de um quarto de coluna, publicada nas páginas menos interessante do jornal.
> 2ª – Em hipótese nenhuma publicar os retratos dos suicidas nem de pessoas que com eles se relacionaram, quer como coisa direta ou indireta, quer mesmo como co-autores, como seria aos casos de suicídio a dois ou coletivo.
> 3ª – Nunca publicar as cartas ou quaisquer outros documentos nem declarações escritas ou não pelos suicidas.
> 4ª – Jamais publicar os seus nomes, que deverão ser substituídos pelas iniciais apenas, nem tão pouco fazer referencias ao sexo, idade, estado civil ou mesmo nacionalidade dos suicidas, ficando arquivado tudo o que diga das identidades e das causas do seu ato, e só podendo ser fornecido à família ou à justiça. [9]

Apesar do Diário de Pernambuco ter publicado esta reportagem, não seguiu as suas diretrizes, isto referente à década de 1920, valendo observar, que já desde o início da década de 1920, não houve nenhuma publicação de retratos dos suicidas no jornal. Além de não seguir as diretrizes, ainda publicou, alguns dias depois, uma reportagem de Barbosa Lima Sobrinho criticando esta idéia de que a epidemia dos suicídios seria resolvida com a supressão da publicidade.

> Se a miséria arrasta à eliminação algum desvairado, cumpre castigar a imprensa, que não deixou desaparecer o fato no infinito das coisas ignoradas. Como o assunto tem importância, cogita-se de remédios enérgicos contra o jornalismo. Não sei que humorista, num congresso de higiene, propôs a censura prévia, que a assembléia aplaudiu. A instituição da censura prévia se completaria chegando a outros domínios de jornal. Os anúncios deveriam ser aprovados pela Saúde Pública. As próprias matrizes dos linotipos não sei se não seriam obrigados ao exame pré-nupcial. [10]

Para Barbosa Lima, os livros e os jornais não justificariam os suicídios, pois estes já existiam antes da criação daqueles. Ele também via que cada indivíduo tem o direito de acabar com a sua vida e o mundo não deveria impor a ele a sua manutenção

[8] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Em Favor dos Insanos**: A profilaxia do suicídio e o sigilo dos nomes dos alienados na Sociedade brasileira de neurologia, psiquiatria e medicina-legal. Recife, sexta 6 de janeiro de 1928. P. 4. FUNDAJ
[9] Ibidem.
[10] SOBRINHO, Barbosa Lima. Suicídio e Jornalismo. In: DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, quinta, 12 de janeiro de 1928. FUNDAJ

na Terra, quando esta não o trouxe a felicidade. Contudo, ainda fez críticas aos suicidas por cederem aos sentimentos e às dificuldades inevitáveis. Lima ainda observou a existência de dois tipos de suicidas, aqueles que gostam do espetáculo do seu nome nos jornais e aqueles que desprezam terem seus nomes publicados nos jornais.

> Os que assim se eliminam, não são também dos melhores. Pondo da parte os que cedem a condugências inelutáveis, encontramos um rebotalho sentimental, moços que brigaram com as namoradas, senhoritas desprezadas, indivíduos sem dinheiro. Gente enfim, de tal modo fraca e inútil, que não sei se não valeria mais permitir que essas criaturas se executassem, carrascos e vítimas da lei da seleção.
> Observo que a espetaculosidade criada em redor do suicídio atrai os cabotinos, que morrem pelo prazer antecipado de saber que os seus nomes andarão pelas colunas dos jornais, em tipos enormes e acompanhados de interjeições doloridas. Mas se revolvermos acabar com o noticiário, teremos facilitado o suicídio a uma classe muito mais simpática e benfazeja, a classe dos modestos, aqueles que fogem do suicídio exatamente pelo escândalo que acarreta. [11]

Mas porque então os jornais traziam notícias de suicídio? Segundo Dapieve, "o suicídio pode, sim, ser uma notícia espetacular, naquilo que uma notícia tem de igualmente essencial: o inesperado, a ruptura de uma "ordem natural" das coisas."[12] Isto porque, ainda no século XIX, surgiu o gosto pelos aspectos policiais na literatura e, com o crescente domínio da imprensa e dos progressos da ciência e da tecnologia, as investigações policiais causam fascínio, tendo os crimes e a polícia como temáticas sensacionais e interessantes.[13] Desta forma, observamos que o suicídio, durante a década de 1920, foi alvo de interesse dos cinemas, dos contos e crônicas, de reuniões médicas, e até de propaganda para remédio.

Havia, porém, uma unanimidade quanto ao suicídio nos artigos publicados no Diário de Pernambuco, de que este era conseqüência da vida moderna. Segundo Barbosa Lima, "O suicídio está em relação direta, com as condições da existência, [...]. Maior miséria, maiores crises e haveis de ver que ele aumenta, como nos próprios livros se registrará a insatisfação, o desgosto de viver, a melancolia"[14].

Isto também foi observado no artigo intitulado "A influência da situação econômica no lar moderno", do professor David Snedder, sociólogo e economista norte americano, na qual o mesmo retrata que,

> O aumento rápido da fortuna subitâneo, da noite para o dia, leva a crescido número de divórcios, mas também leva a crescido número de suicídios,

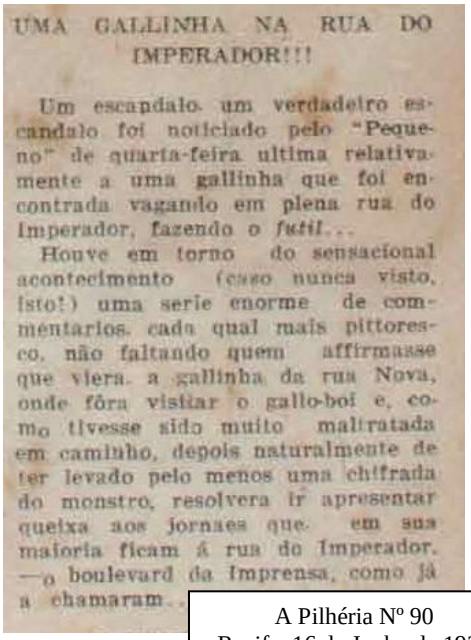
[11] SOBRINHO, Barbosa Lima. Suicídio e Jornalismo. Op. Cit.
[12] DAPIEVE, Arthur H. M. **Suicídio por contágio –** A maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária. Op. Cit. P. 158.
[13] BRETAS, Marcos. Revista Policial. Op. Cit.
[14] SOBRINHO, Barbosa Lima. Suicídio e Jornalismo. Op. Cit.

> chantagens, burias, contrabando de bebidas alcoólicas e em suma à maior imoralidade social. Esses produtos perniciosos do desenvolvimento rápido e anormal da riqueza de certos elementos da sociedade parecem inevitáveis se estudarmos a vida das grandes metrópoles.
> Por isso é que se pode dizer que nas nações mais ricas e progressistas é que se encontram não só o maior número de divórcios, mas também o maior número de crimes, a mão armada, suicídios e outros delitos. [15]

Este pensamento poderia também ser devido às modificações passadas na família, como foi visto no 2º capítulo, que ocorreram, principalmente, devido à crescente liberdade das mulheres perante as instituições sociais.

4.1. Os Desiludidos da Vida[16]: As Notícias dos Suicídios no Diário de Pernambuco.

A imprensa na década de 1920 possuía um maior prestígio, em comparação com os dias de hoje, tanto que não se podia aceitar um intelectual que não estiveste envolvido com a imprensa.[17] Esta imprensa serviu na divulgação de diversos fatos do cotidiano da população, desde aos crimes, aos enviados aos presídios e hospícios, até as notícias digamos mais banais, como: perseguido por uma vaca, mordido por um cachorro ou até a presença de uma galinha na rua [figura ao lado].



UMA GALLINHA NA RUA DO IMPERADOR!!!

Um escandalo um verdadeiro escandalo foi noticiado pelo "Pequeno" de quarta-feira ultima relativamente a uma gallinha que foi encontrada vagando em plena rua do Imperador, fazendo o *futil*...

Houve em torno do sensacional acontecimento (caso nunca visto, isto!) uma serie enorme de commentarios, cada qual mais pittoresco, não faltando quem affirmasse que viera a gallinha da rua Nova, onde fôra visitar o gallo-boi e, como tivesse sido muito maltratada em caminho, depois naturalmente de ter levado pelo menos uma chifrada do monstro, resolvera ir apresentar queixa aos jornaes que em sua maioria ficam á rua do Imperador, —o boulevard da Imprensa, como já a chamaram...

A Pilhéria Nº 90
Recife, 16 de Junho de 1923

Esta imprensa teve papel fundamental na divulgação dos casos de suicídio e das tentativas de suicídio, sendo publicados nos principais jornais de Pernambuco, como Diário de Pernambuco; Jornal do Commercio, Jornal Pequeno e possivelmente outros. Contudo, nesta dissertação primamos pelas notícias do Diário de Pernambuco, das quais construímos nosso banco de dados.

O Diário de Pernambuco divulgou, ao longo da década de vinte, 821 casos de suicídios e tentativas ocorridos em Pernambuco, tendo sido publicados uma variação de casos ao longo dos anos, tendo o maior número de 117 casos publicados no ano de 1926 e o menor de 43, de 1923, como pode ser visto na tabela a seguir.

---

[15] SNEDDER, David. "A Influência da situação econômica no lar moderno". In: DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Domingo, 13 de maio de 1928. P. 1. FUNDAJ

[16] Título de uma reportagem sobre o suicídio de um indivíduo em Pernambuco, pelo Diário de Pernambuco. Agosto, 30 de 1922. P. 2.

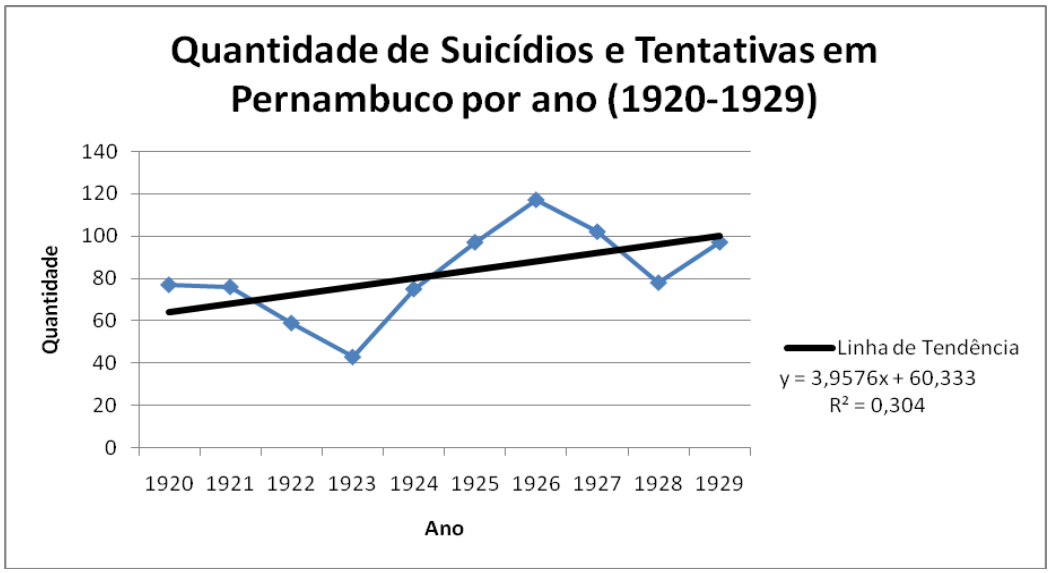
[17] SOUZA BARROS, M. **A Década 20 em Pernambuco** (Uma Interpretação). Rio de Janeiro: Graf. Academica, 1972.

Tabela 1

Ano	Quantidade de Suicídios/Tentativas
1920	77
1921	76
1922	59
1923	43
1924	75
1925	97
1926	117
1927	102
1928	78
1929	97
Total	821

Pela Tabela 1, não podemos tirar nenhuma conclusão, devido à grande oscilação dos mesmos, ora havendo um acréscimo, ora um decréscimo. Observamos que durante os anos de 1922 e 1923 foram os anos com os menores casos publicados e, coincidentemente, também foram os que menos apresentaram informações nas notícias – como idade, profissão, raça, etc. Contudo, se observamos a tabela 2, podemos observar que havia uma tendência crescente durante o período estudado.

Tabela 2



A tendência ao aumento do suicídio ao longo da década de 1920, pode ser corroborada pelos dados encontrados por Antonio Paulo Rezende, que observou “cerca

de 940 [casos de suicídios] em três anos de jornais pesquisados no início dos anos 1930". [18]

> Por toda a parte cresce o número de suicídios rapidamente. Todos os jornais bem pensantes se lastimam ao reproduzir as estatísticas oficiais. Com certeza que os suicídios irão aumentar muito mais: tenderão a igualar o número de infelizes estupidamente trazidos ao mundo em condições absurdas, deploráveis ou só demasiado difíceis, por pais ignorantes ou inconscientes. Os suicídios só desaparecerão dos que se dêem ao luxo de reproduzir a espécie.[19]

Vale lembrar que estes números consistem numa certa "realidade", mas apenas sendo considerado numa "realidade" dos casos divulgados no Diário de Pernambuco. Provavelmente estes números estão longe da realidade, pois até hoje há dificuldades em obter uma estatística real dos casos divulgados, ocasionados por diversos fatores, desde a omissão de casos até os que apresentam dúvidas se foram ou não suicídios.

> Além do mais, há os óbvios fatores evidentes de mudanças nas definições, mudanças nos métodos de certificação das causas das mortes, mudanças nas autoridades encarregadas de tais certificações, mudanças nos métodos de reportar as causas da morte, etc. Estas mudanças têm sido muito grandes no século dezenove e vinte [...]. [20]

As taxas de morte por suicídio são diferentes de acordo com as épocas e com os países, mas, geralmente, se observa um padrão de distribuição das taxas por países. Estas diferenças são, geralmente, atribuídas aos aspectos culturais, "mas as transformações sociais profundas que têm tido espaço neste século [XX], mais evidente em alguns países que em outros, têm provocado alguma alteração no padrão." [21]

> "As pessoas comem, bebem e respiram cultura". Em outras palavras, cultura é o fundamento na vida das pessoas e, portanto, será de importância crucial para suas tendências suicidas. [...]. [...] fatores culturais contribuem significativamente para a ocorrência de atitudes suicidas numa sociedade. Prevalência e fatores de risco de atitudes suicidas claramente variam pelas regiões, países e parte do mundo. [22]

Desta forma, para um maior entendimento do suicídio, é preciso de análises periódicas das taxas para se observar as mudanças dentro da mesma. Analisando-o nas suas variáveis, pois os indivíduos não estão isolados dos acontecimentos sociais e econômicos da sociedade em que se encontram inseridos.

---

[18] REZENDE, Antonio Paulo de M. "Cidade e modernidade: Registros Históricos do Amor e da Solidão no Recife dos anos 1930. Op. Cit. P. 67.
[19] ROBIN, Paul. "Anexo 2: Técnica do Suicídio". In: GUILLON, Claude; BONNIEC, Yves Le. **Suicídio, modo de usar**. Op. Cit. P. 284.
[20] DOUGLAS, Jack D. **The Social Meanings of Suicide.** New Jersey: Princeton University Press, 1967. PP. 228-229.
[21] BARROS, Marilisa B. A. "As Mortes por Suicídio no Brasil". In: CASSORLA, Roosevelt (coord.). **Do Suicídio:** Estudos Brasileiros. Campinas, SP: Papirus, 1991. P. 47.
[22]HJELMELAND, Heidi. "Cultural Research in Suicidology: Challenges and Opportunities". In: **Suicidology Online**, 1:34-52, 2010. P. 34.

Estudando o suicídio pela suas especificidades históricas e sociais "pode tornar mais rica a análise de determinadas sociedades e comunidades, lançando nova luz sobre práticas cotidianas; relações entre o individual e o coletivo, o público e o privado. Representações sobre relações de gênero, étnicas, geracionais e de classe, num certo tempo e lugar".[23]

Então, vejamos a seguir o suicídio e suas possíveis variáveis em Pernambuco da década de 1920, vista pelos dados coletados com as notícias do Diário de Pernambuco desta época.

4.1.1. Variáveis de Tempo: Mês; Estações Climáticas; Dia da Semana; e Horário:

Existe uma tradição nos estudos da sociologia e da biomédica de tentar relacionar o suicídio com os fatores temporais.

> Nós somos, pelo resto de nossas vidas, criaturas periódicas, devendo os nossos ritmos à rotação da Terra pelo sol e da lua ao redor da Terra. A química dos nossos cérebros e oscilações corporais em adaptação as flutuações da Terra no calor e luz, e provavelmente ao campo eletromagnético. Como outros mamíferos, nossos padrões alimentares, de dormir, e outras atividades físicas oscilam com as estações, variando de acordo com as mudanças da duração do dia e da temperatura. Um relógio máster biológico, geneticamente determinado, controla o ciclo dos constituintes químicos do cérebro e molda nossas respostas ao ambiente físico. [24]

Assim, para alguns especialistas há uma influência das estações nas taxas de suicídio, tanto que alguns relacionam que as taxas variam com a temperatura, como a idéia de que nos invernos frios haveria um aumento das mesmas.[25]

Durkheim observou relações entre os meses, os dias da semana e hora do dia com a ocorrência dos casos de suicídio. Contudo, para ele, estas relações não estavam associadas aos fatores climáticos e temporais em si, mas sim com as atividades sociais ligadas a estas variáveis, logo não haveria uma relação direta entre essas variáveis com as taxas.

Segundo Kposowa e D'Auria, estudos quantitativos contemporâneos não apresentam uma unanimidade enquanto as variáveis temporais e o suicídio. Entretanto,

---

[23] WADI, Yonissa M.; SOUZA, Keila R. de. "Suicídio e escrita autobiográfica: cultura, relações de gênero e subjetividade". In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas.** Rio de Janeiro: FGV, 2009. P. 94.

[24] JAMISON, Kay R. **Night Falls Fast:** Understanding Suicide. Op. cit. p. 205.

[25] KPOSOWA, Augustine; D'AURIA, Stephanie. "Association of temporal factors and suicides in the United States, 2000 – 2004". In: **Soc. Psychiat. Epidemiol.** 45:433-445, 2010.

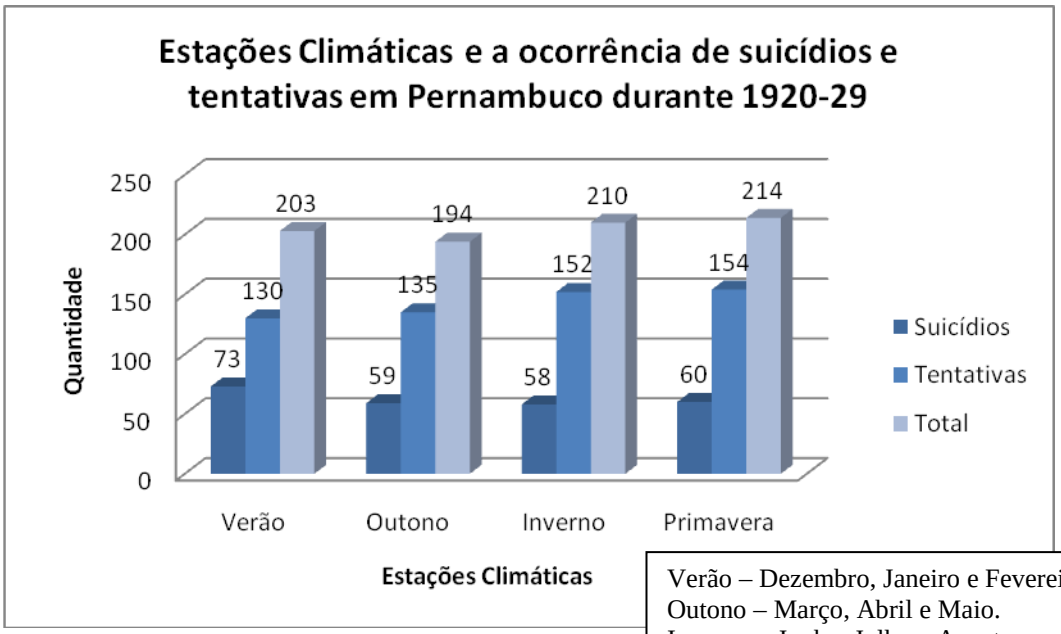
alguns pesquisadores encontraram uma associação entre eles, tendo a maioria identificada maiores taxas de suicídio durante a primavera ou verão.

Contudo, segundo Jorge[26], esta associação das taxas de suicídio com as estações climáticas não pode ser definida para a realidade brasileira, devido à inexistência de estações nitidamente definidas. Isto pode ser observado com a Tabela 3.

Pela tabela abaixo, observamos uma maior incidência durante as estações de primavera (26,1%) e de inverno (25,6%), que, coincidentemente, também são as estações com o maior número das tentativas de suicídio [(26,97%) e (26,62%) respectivamente]. Contudo, devido à pequena diferença percentual entre as estações podem-se considerar insignificantes a relação entre o suicídio e as estações climáticas.

A vista de consideração, ignorando esta pequena diferença, podemos supor que uma maior presença na primavera deve-se ao fato que as relações sociais estão voltando à ativa, após o período das chuvas intensas, que afetam a vida cotidiana e a vida social na rua, dada a crescente valorização intensificação das sociabilidades nas ruas desta época. Esta mesma questão pode justificar a questão do inverno como a segunda maior presença e a questão da maior incidência das tentativas nestas estações.

Tabela 3



Verão – Dezembro, Janeiro e Fevereiro.
Outono – Março, Abril e Maio.
Inverno – Junho, Julho e Agosto.
Primavera – Setembro, Outubro e Novembro.

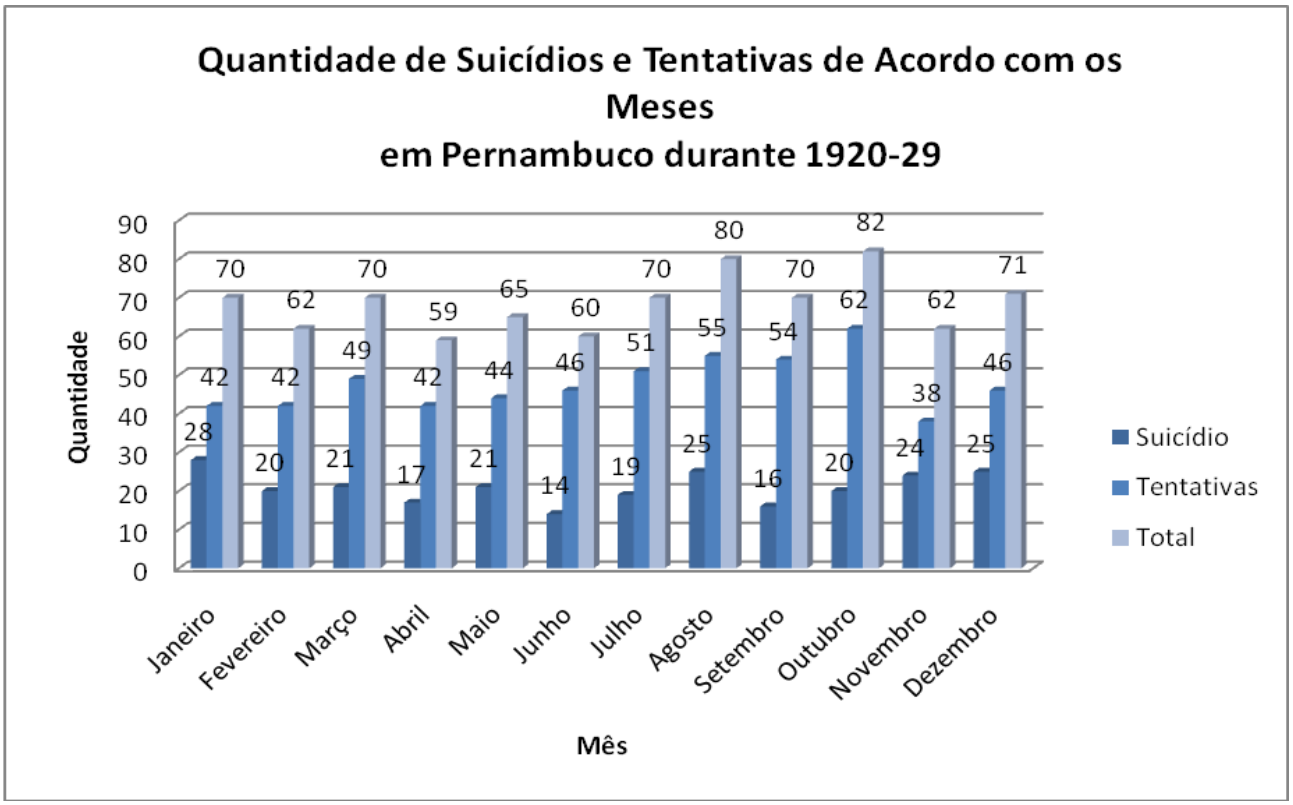
Quanto ao suicídio, podemos observar uma maior intensificação da mesma durante o verão (29,2%), possivelmente como um período de maior solidão dada à intensidade dos feriados e da união, como de natal, de ano novo e do carnaval, além do

[26] JORGE, Maria Helena P. de M. "Mortalidade por causas violentas no município de São Paulo, Brasil: III – Mortes Intencionais". In: **Revista Saúde Pública.** São Paulo, 15:165-93, 1981.

verão nas praias. Nesta "época, as famílias do Recife passavam a estação quente em arrabaldes como Poço da Panela, Monteiro, Caxangá, em busca de melhor clima, de ares mais saudáveis e dos banhos de rio"[27].

Ao olharmos os meses isolados dos períodos das estações climáticas, observamos uma maior incidência no total dos suicídios e das tentativas no mês de outubro (10%) e uma menor em abril (7,2%), como pode ser observado na Tabela 4. Observamos novamente uma pequena diferença entre as taxas, que percentualmente são consideradas insignificantes.

Tabela 4



Esta maior presença em outubro pode ser justificada novamente pelas chuvas, pois as precipitações vão ficando menores, facilitando o intenso movimento nas ruas. Contudo, há ainda outro fator, apesar da volta ao movimento intenso das ruas, estas não voltam a sua totalidade, pois

> [...] no início do século XX, entre os meses de setembro e fevereiro as famílias começaram a trocar a cidade por uma temporada nas praias. Nessa fase, a vida à beira-mar, o contato com a natureza - areia, sol e os banhos salgados -, passaram a ser vistos de forma diferente. Os banhos de mar, que a partir do século XIX eram recomendados enquanto técnica terapêutica, prescritos pelos médicos para a cura de vários tipos de enfermidade,

[27] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 119.

> começavam a representar não apenas saúde mas também uma prática ligada à diversão e ao descanso da vida urbana [...]"[28].

Quanto à menor taxa sendo em abril, esta poderia ser justificada pela volta a normalidade no cotidiano e nas sociabilidades da população, dado ao fim dos períodos das festas, do carnaval e da temporada nas praias.

As ocorrências das festas também podem explicar porque os suicídios ocorreram maiores em janeiro (11,2%) e menores em junho (5,6%). Aquele devido à solidão ocasionada pela intensificação das festas familiares, período após o Natal e Ano Novo (Bom Ano), que podemos supor o aumento de sua importância nesta época. Isto porque, segundo Couceiro, "Desde o final do século XIX novos tipos de diversão começaram a aparecer no Recife, convivendo com festas e manifestações tradicionais da cidade (Natal e Bom Ano)." [29] Além do mais, novas tradições surgiram, tanto que "a decoração das residências do Recife ganhava novos elementos, como [...] as lâmpadas multicores para as árvores de Natal, comercializadas pela firma Bezerra Autran e Cia."[30] Quanto a junho, apesar do período das chuvas, esta também era a época do São João, que apesar de ser um festa de cunho religioso, era uma festa mais popular em comparação ao Natal.

Quanto às tentativas de suicídio, com uma maior incidência em agosto (9,6%) e uma menor em novembro (6,7%), podemos supor que estas ocorriam com a questão das chuvas e do retorno às intensificações nas ruas, pois com a diminuição das chuvas em agosto, o povo começa a este retorno, havendo uma nova adaptação à vida social e já em novembro, esta fase de adaptação já teria passado.

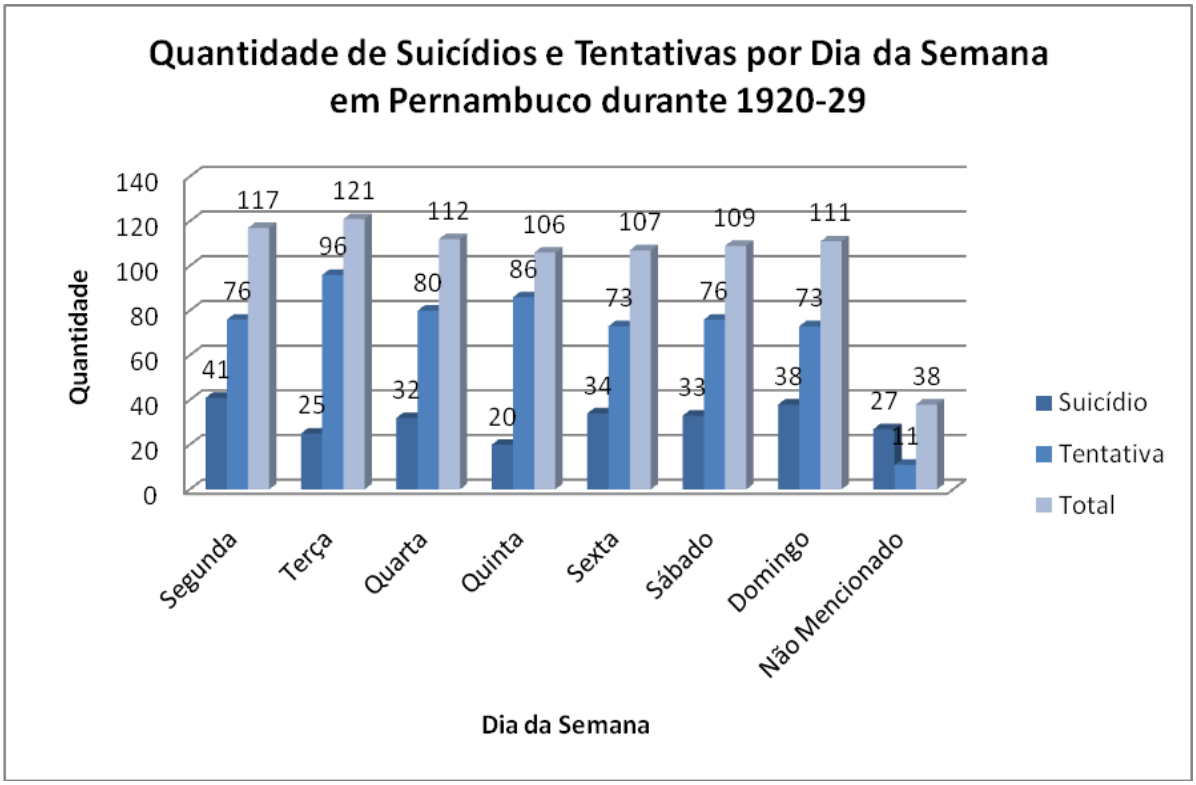
Alguns estudiosos observaram que os fatores temporais apresentam diferenças quanto ao gênero. Pelos nossos dados, observamos que as mulheres se suicidaram e tentaram mais em agosto e os homens em outubro, e menos em abril e junho, respectivamente. Estas diferenças podem ser justificadas pelos fatores já mencionados, quanto à vida social. Observando que como as mulheres ainda estavam pouco inseridas no mercado de trabalho e dadas à nova "liberdade" na suas sociabilidades, estas vivenciavam uma maior adaptação nas relações sociais.

Ainda com a questão temporal, os suicídios e as tentativas podem também serem analisados quanto ao dia da semana. Alguns estudiosos observaram que as ocorrências

[28] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. PP. 119-120.
[29] Idem. P. 100.
[30] Idem. PP. 80-81.

dos suicídios e das tentativas se deram mais nas segundas[31]. Quanto à realidade brasileira, Cassorla[32] observou as segundas como dia preferido pelos suicidas e os sábados por aquele que tentaram o suicídio, isto segundo os dados referentes à Campinas. Entretanto, isto se verificou em parte com base nos nossos dados, como pode ser observado na Tabela 5 a seguir.

Tabela 5



Apesar da variação, podemos observar que o dia da semana de maior ocorrência de casos (suicídios + tentativas) foi a terça-feira (14,7%), seguido pela segunda (14,3%) Estes dias também foram os dias com maior incidência das tentativas (16,8%), que foi na terça, e dos suicídios (16,4%), nas segundas.

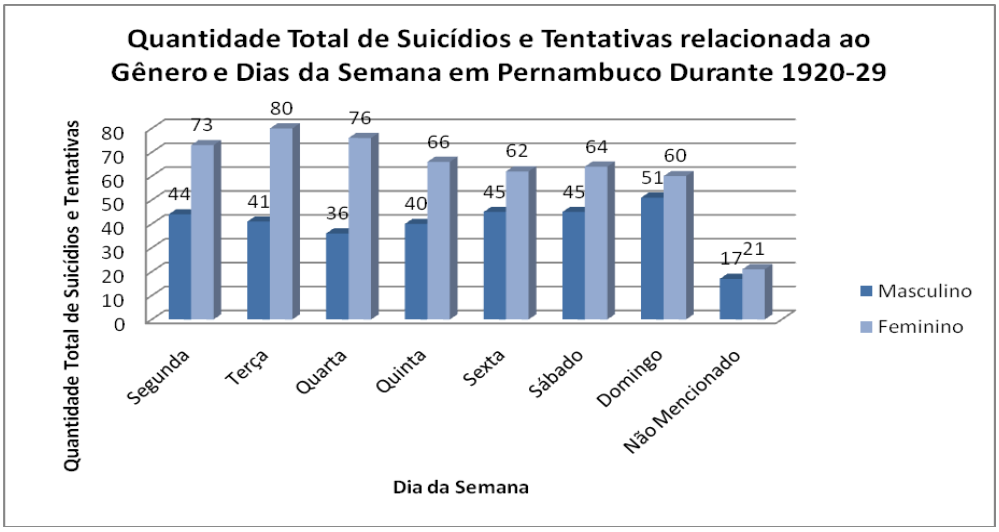
Para Cassorla, a ocorrência dos suicídios nas segundas justifica-se "porque os conflitos tornem difícil iniciar uma nova semana"[33], esta "transição entre o final de semana e os dias de trabalho tem influenciado o "efeito segunda" encontrado no suicídio."[34] Jamison comenta ainda que a questão das segunda é:

[31] KPOSOWA, Augustine; D'AURIA, Stephanie. "Association of temporal factors and suicides in the United States, 2000 – 2004". Op. cit.
[32] CASSORLA, Roosevelt. **O que é Suicídio.** São Paulo: Brasiliense, 2005.
[33] Idem, p. 109.
[34] NATIONAL STATISTICS. **Amendment: Health Statistics Quartterly 26 & 27.** Inglaterra e País de Gales, 2005.

> [...] atribuída por um efeito de 'promessa-quebrada', um senso de desespero ou traição quando do início de uma nova semana, que deveria ser um começo psicológico, prova não ser em nada diferente dos dias que lhe procedem. Para outros, se severamente depressivos ou perturbados, as tarefas da nova semana, espalhadas num balcão ou num livro de compromisso, pode vir a ser aniquilador. [35]

A maior incidência das terças-feiras foi observada por especialistas em 1932, segundo a revista Time[36]. Poderíamos supor que a maior presença das terças-feiras devia-se ao estresse do trabalho, pois se demoraria dias para a chegada do domingo, típico dia de cinema, passeios de carro, ou seja, dia mais comum para as diversões. Contudo, esta previsão do estresse no âmbito do trabalho não se verifica quando correlacionarmos os dias da semana com os gêneros, como pode ser observado na tabela a seguir (Tabela 6).

Tabela 6



Analisando esta tabela, observamos que as terças foram os dias de maior ocorrência das mulheres, enquanto que dos homens foram os domingos. Assim, a maior ocorrência das terças, tanto nas taxas totais, quanto referente às mulheres, possivelmente, pode ser explicado quanto à questão da sociabilidade e as diversões, pois enquanto os maridos estavam, provavelmente, trabalhando, as mulheres estavam cuidado dos afazeres da casa sonhando com o próximo domingo – das feiras, dos passeios de carro, das praias; dos cinemas; etc.[37] O sonho estava cinco dias longe, enquanto isto, elas cuidavam da casa, dos filhos e do marido, ou seja, das atividades rotineiras que provavelmente não lhes traziam prazer.

[35] JAMISON, Kay R. **Night Falls Fast:** Understanding Suicide. Op. cit. P. 206.
[36] TIME. **Medicine: Suicide Time.** New York, segunda, 13 de julho de 1932. Disponível em: http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,743807,00.html. Acessado em:21/04/2011.
[37] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit.

O domingo sonhado pelas mulheres era o de terror dos homens, pois no dia seguinte começaria a sua vida rotineira do trabalho, além de que os finais de semana eram os dias de maior atrito emocional, possivelmente, ligado aos desejos das esposas em saírem ao domingos. Contudo, os passeios e as diversões significavam dinheiro e o estado econômico de Pernambuco apresentava problemas nas primeiras décadas do século XX, assim, as dificuldades econômicas afetariam seu ego másculo de subsistência do lar e da família, causando-lhe pressões quanto a sua obrigação moral.

As terças também foram os dias de maior episódio dos suicídios e tentativas durante a primavera e também o outono, fato que pode ser justificado pela mesma questão das sociabilidades, já mencionada antes. O inverno foi marcado pela intensificação das quartas, possivelmente como resposta ao período das chuvas aliadas ao estresse e cansaço[38] das atividades diárias no trabalho ou no lar.

Já o verão foi marcado pela sexta e domingo, algo que pode ser justificado pela questão do final de semana como de atritos, além de que no verão deveria intensificar os passeios a praia como foi visto anteriormente com as temporadas de veraneio, e, possivelmente, outras formas de diversão. Divertimentos tão sonhados para aqueles que não poderiam se dá ao luxo de realizar, pois a vida estava difícil, precisava-se trabalhar, especialmente, entre os populares, mas a intensa propaganda dos produtos da época deveria deixar os populares sonhando em possuí-los, sonho este que dificilmente tornaria realidade.

Propaganda de Automóvel para o Turismo. Diário de Pernambuco, julho de 1928

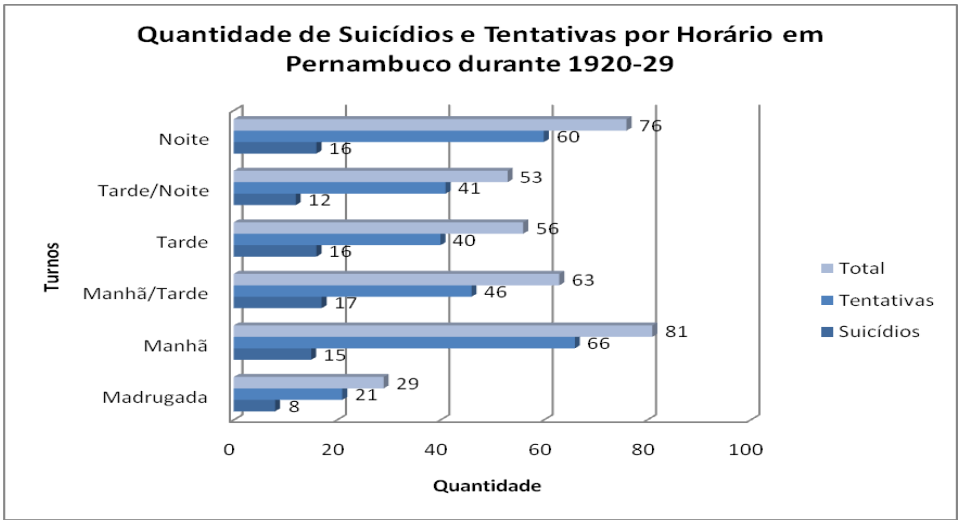
Além dos dias da semana, existe ainda a questão do horário, que também apresenta variáveis. Algumas notícias do Diário de Pernambuco traziam a hora do ato ou, ao menos, o turno, porém aqui optamos somente pelas notícias em que apresentavam as horas. Isto porque, seguindo a linha de pensamento de Jack Douglas, a classificação dos turnos do Diário não seria a mesma da nossa, já que optamos em

[38] CARROLL, Linda. **Deadliest Day for suicides: Wednesday:** Surprise findings suggest job stress may be behind midweek spike. Julho, 2009. Disponível em: http://www.msnbc.msn.com/id/31780455/ns/health-mental_health/. Acessado em: 21/04/2011.

dividir o dia em cinco turnos: madrugada (meia noite às 04:59h); manhã (05:00h às 10:59h); manhã/tarde (11h às 14h); tarde (14:01h às 17h); tarde/noite (17:01 às 19:00); e noite (19:01 às 23:59h).

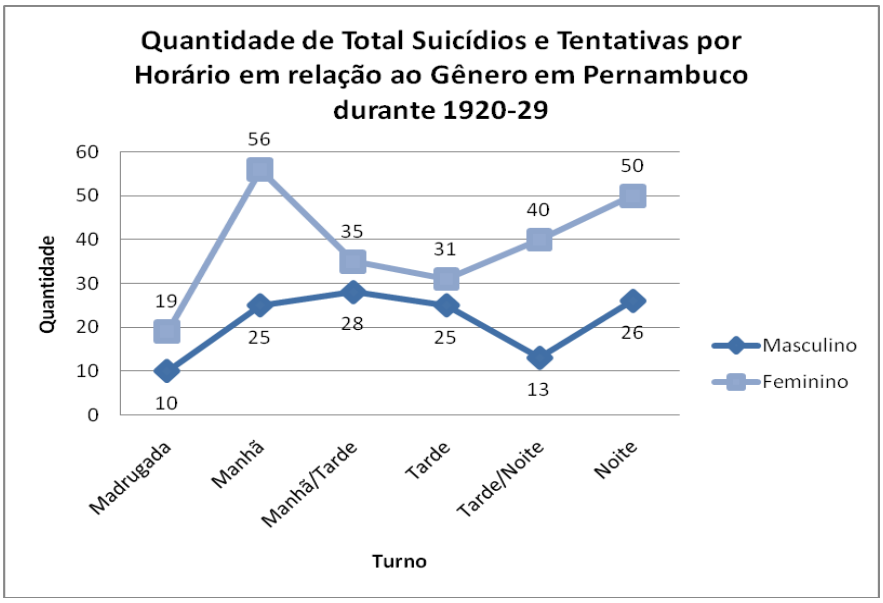
Pelos nossos dados podemos observar uma maior incidência pelo turno da manhã e depois pelo da noite, isto também é verdadeiro analisando-se a questão dos turnos com a quantidade de casos de tentativas de suicídio. Quanto ao suicídio, suas variáveis encontram-se muito próximas, evitando um melhor entendimento desta relação entre ambas. Isto pode ser observado na tabela 7, a seguir.

Tabela 7



O predomínio da manhã e depois da noite foi ainda verificado quando relacionada ao total de suicídios e tentativas perante as mulheres, quanto aos homens, à maior predominância foi do turno manhã/tarde e depois seguido da noite, como pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 8



O predominio do turno da manhã foi notado por Enrico Morselli, que mencionou haver o máximo número de suicídios entre as 6h e 12h. O mesmo justifica isto pelo simples fato que "a distribuição diária de suicídios é paralela à atividade nos negócios, para as ocupações e o trabalho, condizente com o ruído que caracteriza a vida na sociedade moderna [...]"[39].

Durkheim explica este predomínio do suicídio durante o dia também por razões da atividade comercial e social, pois para ele, este "é o momento em que se desenvolve uma atividade maior, em que as relações humanas se cruzam e entrecruzam, em que a vida social é mais intensa."[40]

Possivelmente, isto justifica o domínio matinal dos suicídios e das tentativas em Pernambuco, tanto que a manhã predominou também na maioria dos dias da semana, ou melhor, da terça ao sábado. Outra observação que enfatiza este pensamento foi que relacionando as notícias em que traziam a hora e atividade profissional, notamos o turno na manhã como o segundo período preferido, apenas atrás do turno da noite.

Os suicídios e as tentativas à noite podem ser justificados por "serem as horas em que o indivíduo não tem outras atividades, facilitando a solidão e os problemas de relacionamento [...]" [41]. Isolamente também presente no turno manhã/tarde de predominância na escolha masculina, pois seria o período designado ao almoço. Isto também justifica a razão pela qual os profissionais escolhiam a noite para a prática do ato, além deste turno ser preferido nas segundas e também aos domingos, que neste também predominava o turno manhã/tarde. Estes dois dias marcam o que seria o início e o fim da semana em relação ao trabalho, logo a solidão, provavelmente, exerceria uma maior influência, pois não se aguentaria passar mais uma semana isolado de contato humano.

Quanto a relação entre os turnos e as estações climáticas, observamos que não há diferença entre elas, pois em todas há a predominância da manhã ou da noite, somente na primavera é que se tem um valor igual entre a noite e o período manhã/tarde, que pode ser justificado usando as razões acima trabalhadas.

O turno preferido, em geral, pela manhã pode ainda ser justificado pelo que Corrêa e Barrero[42] classifica como "gravidade nula ou baixa" e ainda "tentativa de

[39] MORSELLI, Enrico Agostino. **Suicide:** Na Essay on Comparative Moral Statistics. Op. Cit. P. 79.
[40] DURKHEIM, Èmile. **O Suicídio.** Op. Cit. P. 105.
[41] CASSORLA, Roosevelt. **O que é Suicídio.** São Paulo: Brasiliense, 2005. P. 109.
[42] CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio P. "O Suicídio: Definições e Classificações". In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. **Suicídio:** Uma morte evitável. Op. Cit.

suicídio não séria ou pouco séria", ou seja, são aqueles ato que ocorrem nos períodos em que o indivíduo tem mais probabilidade de serem socorridos, assim, evitando a consumação do ato, mas ao mesmo tempo sendo atraído alguma atenção ou gratificação.

O suicídio além de sua possível ligação com os vetores temporais, pode também ser relacionado à fatores epidemiológicos, como: gênero; idade; raça; profissão; estado mental; estado civil; e entre outros. Esta relação é de extrema importância para o entendimento da realidade do suicídio em Pernambuco, em especial o Recife, da década de 1920, isto porque "os estudos epidemiológicos descritivos sobre o suicídio em diferentes realidades sociais, econômicas e geográficas do país continuam sendo imprescindíveis para oferecer um nível de conhecimento das peculiaridades daquela realidade local [...]" [43].

4.1.2. Aspectos Epidemiológicos[44]:

Os seres humanos são diferentes quanto a sua biologia física, podendo serem homens ou mulheres, contudo, há a questão de que podemos nos tornar masculino ou feminino. Nesta questão, influí tanto os aspectos biológicos, como socioculturais, que, consequentemente, também exercem certa influência no suicídio.[45]

> Embora a maioria de nos aceitamos um número de estereotípicos de gênero, pesquisas tem substanciado somente poucas, nas maiorias pequenas, disparidades entre os sexos. Daqueles relevantes à suicidologia, menos ainda parecem pertinentes. No domínio cognitivo, fêmeas são mais verbais do que os homens. Portanto, devemos esperar em encontrar diferenças nas comunicações suicidas com as mulheres "chorando por ajuda" mais do que os homens. No domínio social, agressão, ambas físicas e verbais, é mais característica dos homens. Portanto, devemos esperar em encontrar mais atitudes violentas entre os homens. As mulheres são mais sensíveis do que os homens para comunicações não verbais e pistas. Assim, são mais empáticas para os sentimentos de outros e mais susceptíveis à influência social do que os homens. Além do mais, há evidentes sugestões de que as mulheres são mais dispostas à admitir os seus medos e ansiedades. Deste modo, nós devemos esperar em encontrar mais reatividade social e procurar ajuda/aceitar ajuda entre as mulheres. [46]

---

[43] WANG, Yuan Pang; MELLO-SANTOS, Carolina de; BERTOLOTE, José Manoel. "Epidemiologia do suicídio". In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio:** estudos fundamentais. São Paulo:Segmento Farma, 2004. P. 106.

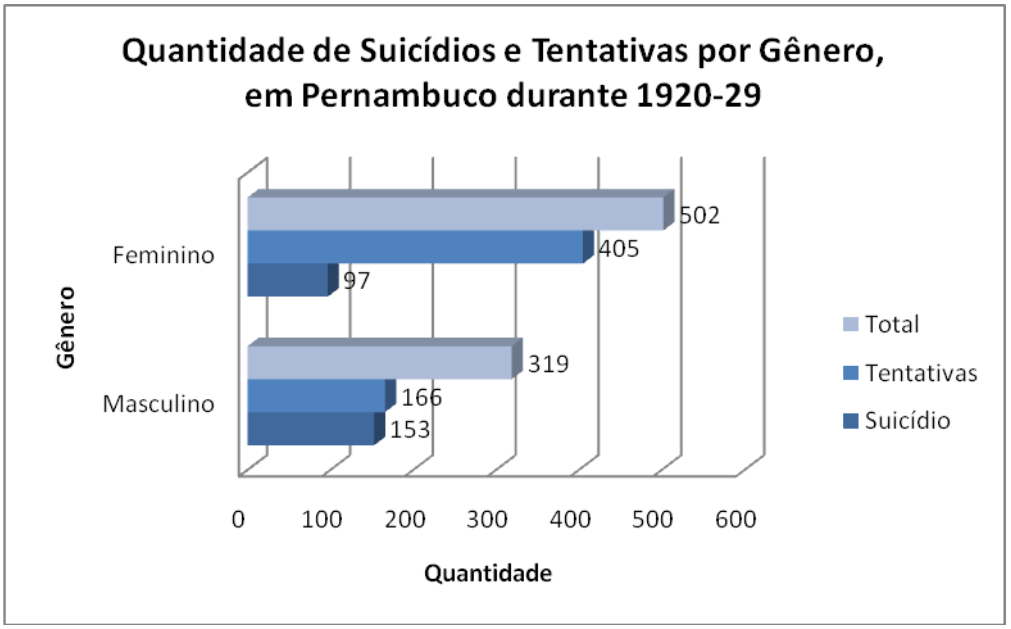
[44] Quando trabalharmos a questão percentual, estaremos desconsiderando os casos em que o aspecto trabalhado era desconhecido, para uma melhor precisão percentual do dado, exceto quando mencionado o contrário.

[45] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Suicide, Gender and Sexuality. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

[46] Idem. PP. 146-147.

Desta forma, os homens e as mulheres agem e reagem diferentes entre si, assim, também ocorria no suicídio. Isto pode ser verificado em diferentes estatisticas de diversos países, nas quais encontraram que as mulheres tentam mais o suicídio, enquanto que os homens se suicidam mais. Verificamos este achado com os nosso dados, como pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 9



Pela tabela acima podemos observar que os casos relacionado ao gênero feminino representam o total de 61,14% do total dos suicídios e das tentativas, enquanto que do masculino foram 38,86%.

Esta grande diferença pode ser, em parte, justificada pelo meio utilizado por estes – o método utilizado será melhor tratado posteriormente -, pois os homens, sendo mais aptos à violencia, utilizam meios mais violentos, que podem gerar dúvidas se foi suicídio, acidente ou crime. Pensamos ser isto verdadeiro dado as inúmeras notícias de acidentes do tiro, quedas dos bondes e acidentes de trabalho observadas no Diário de Pernambuco da década de 1920.

Um "tiro acidental" pode ser observado no caso de Enoch[47], um jovem de Alagoas com 18 anos, que veio ao Recife ficando hospedado no dormitório da firma Joaquim Gonçalves & C., junto com outros empregados. Às 6h do dia 15 de julho de 1920, os companheiros de casa de Enoch desceram para o serviço, sendo que um deixou uma pistola Mauser no quarto contíguo ao de Enoch, que ali ficara dormindo. Por volta

[47] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Triste Occurrencia.** Recife, sexta 16 de julho de 1920. P. 2. FUNDAJ

das 7h, ouviu-se um barulho de tiro vindo dos quartos e lá encontraram o jovem, ainda de pijama, banhado em sangue, com ferimento de bala no peito esquerdo.

Abriu-se inquérito policial para averiguar o caso, mas suposiçoes iniciais indicavam, segundo a notícia, ter sido um acidente, pois não havia indícios de crime ou tentativa de suicídio. Um fato curioso da caso é que o tiro foi do lado do coração, tendo a bala passado pelo tórax, logo Enoch, muito provavelmente, não poderia estar deitado quando recebeu "acidentalmente" o tiro. Possivelmente, foi uma tentativa de suicídio motivado por um possivel estresse de esperar algo novo, visto que ele estava com passagem marcada para os Estados Unidos, onde completaria seus estudos em engenharia. Os indícios sugerem uma possivel tentativa de suicídio, porém por falta de maiores detalhes, não poderemos confirmar isto.

Voltando à questão dos gêneros, observamos que com relação somente as tentativas, o percentual feminino foi de 70,93% e o masculino, de 29,07%. Desta forma, enquanto havia 1 tentativa de suicídio de um homem havia 2,44 por mulheres, logo 2,44 para 1. Valores próximos aos de atualmente, em que a média são de 3 para 1.[48]

Já com o suicídio, o predomínio foi masculino com 61,2% e o feminino, de 38,8%, assim, enquanto havia um suicídio por mulheres ocorria 1,58 por homem. Contudo, em estudos recentes, os suicídios masculinos ocorrem em média três a quatro vezes superiores aos suicídios das mulheres.[49] Talvez esta era a realidade da época, ou que esta baixa relação devia-se à questão do método usado que abriu portas para dúvidas se foi ou não suicídio, ou ainda a um possível aumento dos suicídios das mulheres, dado que as mesmas ainda não haviam se adaptado as mudanças da vida moderna, como Durkheim aborda com o seu suicídio anômico.

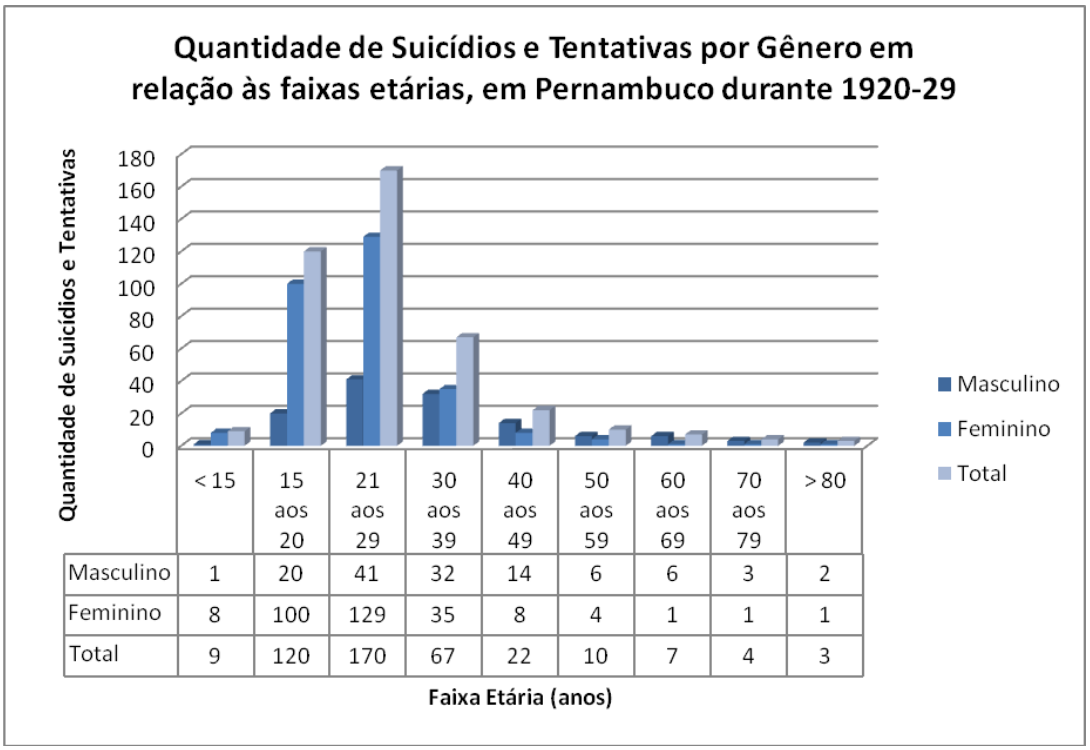
> Enquanto a sociedade moderna demanda mais androginia e se torna menos patriarcal isto torna menos claro o que constitui as singularidades nas identidades de gênero. Ambos os homens e as mulheres podem experimentar um papel mais confuso e mostrar os efeitos de um maior estresse em se adaptando as mudanças culturais sancionadas. Um resultado deste efeito nivelador pode ser observado nas mudanças das taxas de suicídio. [50]

As taxas de suicídio e tentativas variam também quando relacionados os gêneros às faixas etárias, cuja idade média foi de 27,07 anos, tendo a idade mínima observada de 8 anos e a máxima de 90. A Tabela 10 nos mostra que a faixa etária com maior número

[48] VOLPE, Fernando; CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio. "Epidemiologia do Suicídio". In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. **Suicídio:** Uma morte evitável. Op. Cit.
[49] Idem.
[50] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Suicide, Gender and Sexuality. Op. cit. P. 147.

de suicídios foi a dos 21 aos 29 anos, observando que a taxa de suicídio e de tentativa vai subindo junto com o avanço da idade até atingir o seu máximo no grupo acima mencionado, após isso vai havendo um decréscimo da taxa ao avançar da idade, atingindo o seu mínimo no grupo dos maiores de 80 anos de idade.

Tabela 10



	< 15	15 aos 20	21 aos 29	30 aos 39	40 aos 49	50 aos 59	60 aos 69	70 aos 79	> 80
Masculino	1	20	41	32	14	6	6	3	2
Feminino	8	100	129	35	8	4	1	1	1
Total	9	120	170	67	22	10	7	4	3

Este pico máximo do grupo dos 21 aos 29 anos pode ser justificado pela baixa expectativa de vida da população brasileira, apesar de não termos o número da expectativa da época, podemos supor que era menor da calculada pelo IBGE em 1942, cuja idade esperada era de 42,7 anos.

A razão deste grupo ser o de maior predomínio dos suicídios e das tentativas pode remontar à questão familiar na época, que foi abordado anteriormente, na qual vimos que o ambiente familiar desequilibrado auxilia no comportamento suicida, tendo em vista, que o casamento era visto por Durkheim como algo que protegia os indivíduos contra o suicídio e alguns estudos atuais ainda apontam esta proteção.

Contudo, isto não foi verificado pelos nossos estudos, na qual o suicídio dos casados atingiu o seu máximo neste grupo dos 21 aos 29 anos, seguido depois dos solteiros. Isto pode nos mostrar um possível desregramento na estrutura familiar da época, que na sua fase de adaptação aos novos hábitos da sociedade moderna não estava mais protegendo os indivíduos do suicídio.

Quanto ao solteiro, esta foi uma época de maior liberdade do controle da família e da igreja, logo, proporcionando os chamados *flirts* e *footings*, na qual os indivíduos não estavam mais construindo vínculos emocionais e familiares, algo que, inclusive, foi de preocupação médica. Como foi visto no capítulo anterior, os médicos observaram este predomínio dos jovens nas taxas de suicídio, pois estes estavam mais propensos às ilusões e as paixões, e por não estarem prontos para as dificuldades da vida.

Este fato também pode ser intensificado por este grupo ser o de maior predomínio entre as mulheres, pois apesar da crescente liberdade, esta ainda era uma época em que se divulgava a importância do casamento e da família para o desenvolvimento e moralidade da sociedade.

Este também foi o grupo de maior predomínio entre os homens, que pode ser justificado pelas dificuldades financeiras, que atrapalhavam na manutenção ou construção de uma família. O desespero financeiro poderia levar o homem honesto e bem quisto à prática de crimes, como visto no caso de Cecílio[51], que invadiu a casa de um fazendeiro em Pesqueira, roubando-lhe certa quantia, inclusive, ferindo uma das filhas deste que reagiu ao roubo. Cecílio depois foi encontrado enforcado com a quantia roubada no bolso, acreditaram que o mesmo se suicidou por arrependimento do crime, já que era conhecido na região como um homem morigerado.

Um fato curioso desta tabela é o número de suicídio entre os jovens menores de 15 anos, pois apesar do suicídio entre criança ser raro, ele existe. Contudo, considera-se que crianças abaixo dos 5 anos ainda não possuem o entendimento conceptual de que a morte consiste no fim, logo, podem não ter a intenção da morte.[52] Isto pode ser verificado pelos nosso dados, pois a menor idade indicada foi de 8 anos.

Entretanto, nossos dados vão contra estudos atuais, em que a maioria das crianças que cometem suicídio, ou ao menos tentam, são do sexo masculino. Possivelmente, isto se devia que não havia uma regulamentação dos estágios da vida, pela qual as crianças trabalhavam, tanto que estas faziam parte da maioria dos proletariados, no Brasil nas décadas iniciais do século XX. Dentre as nove crianças dos nossos dados, pelo menos há a menção de uma trabalhando como doméstica.

No geral, o suicídio das crianças remonta, também, ao ambiente familiar, na qual elas condicionam as hostilidades paternais a si próprias, ou seja, a criança internaliza-as.

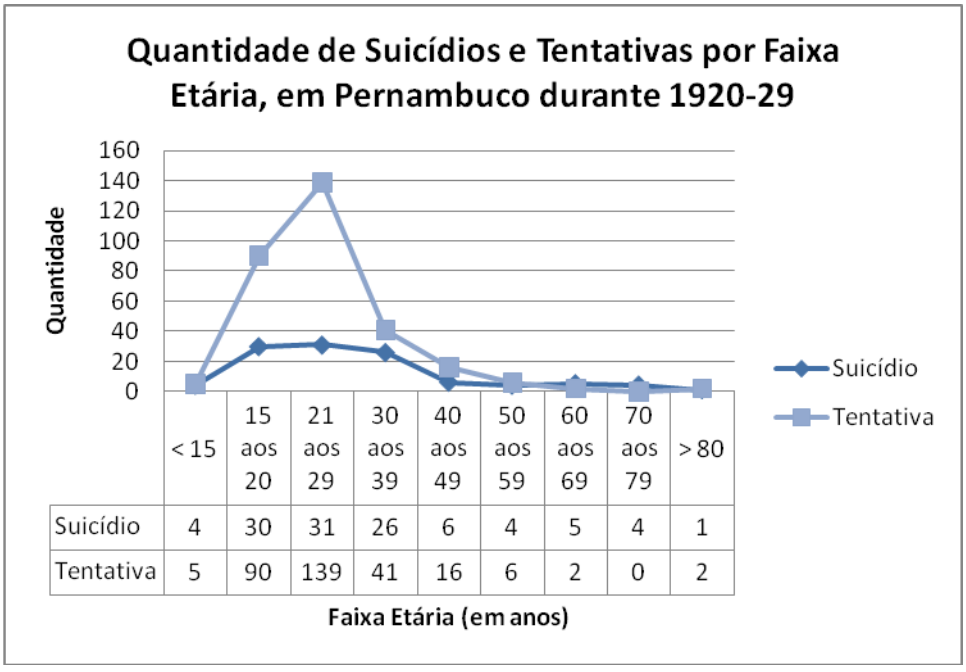
[51] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Roubo e Suicídio.** Recife, 25 de janeiro de 1920. P. 5. FUNDAJ
[52] NISBET, Paul. MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Age and the Lifespan". In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

Isto pode ser observado no caso da tentativa de suicídio do menino de 8 anos[53], que estava brincando com um carrinho, quando partiu uma de suas rodas, assim, foi censurado pela sua mãe, razão pela qual tentou se matar com um tiro de revólver contra a sua região temporal direita.

Segundo Baptista *et. all*[54], como o suicídio e as tentativas de suicídio consistem em fenômenos distintos, devemos analisá-los quanto as suas diferenças entre idade, gênero, métodos e outros.

Assim, ao analisarmos a Tabela 11 notamos que as faixas etárias com as maiores taxas de suicídio e das tentativas são as mesmas, sempre havendo mais tentativas do que os suicídios, exceto nos grupos de 60 aos 69 anos e dos 70 aos 79 anos. Esta inversão destes dois grupos pode ser justificada pelo meio utilizado na prática do ato – que será melhor abordado posteriormente – pois houve a utilização de meios, digamos, mais mortíferos, evitando desta forma um possível socorro.

Tabela 11



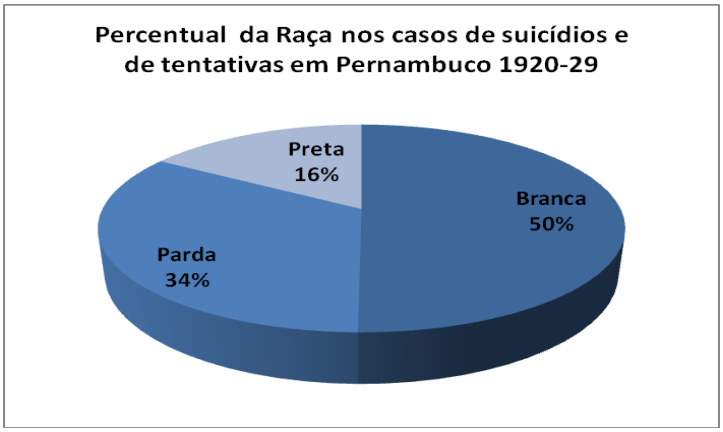
	< 15	15 aos 20	21 aos 29	30 aos 39	40 aos 49	50 aos 59	60 aos 69	70 aos 79	> 80
Suicídio	4	30	31	26	6	4	5	4	1
Tentativa	5	90	139	41	16	6	2	0	2

Outro fator de análise epidemiológico seria a raça (branca; parda [morena], e preta, assim definida nas notícias), dos casos em que havia este dado, observamos uma grande predominância entre os brancos, depois os pardos e por último os pretos, com pode ser visto na tabela 12. Esta mesma predominância pode ser observada quando se

[53] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentativa de Suicídio.** Recife, 7 de março de 1921. P. 4. FUNDAJ
[54] BAPTISTA, Makilim; BORGES, Amanda; BIAGI, Tatiana de. "Pesquisas de Suicídio no Brasil". In: BAPTISTA, Makilim N. **Suicídio e Depressão:** Atualizações. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2004.

analisando separadamente os suicídios das tentativas de suicídio, estando estas relacionadas à questão da raça.

Tabela 12



Esta mesma classificação racial foi observada entre os médicos da época, que atribuíam as maiores taxas aos brancos por serem mais cultos e educados. Pelos nossos dados, podemos observar esta relação profissional com a raça, pois entre os brancos predominavam os proprietários, comerciantes e trabalhadores da área comercial; já entre os pardos, prestadores de serviço, operários na indústria, alfaiates e também da área comercial; e quanto aos pretos, operários da construção e das indústrias, vendedor e, principalmente, dos empregados dos lares.

Vale observar que a quantidade da raça relacionada à atividade de empregados do lar foi a mesma entre as três raça (quatro casos em cada um), contudo, proporcionalmente eram diferentes, sendo 11,43% para os brancos; 21,1% para os pardos; e 57,1% para os pretos. Desta forma podemos também observar que os brancos na época tinham mais chances de empregos "melhores" do que os membros das outras duas raças, algo que pode ser justificado pela eugenia, que atribuíam aos brancos certa superioridade e também não devemos esquecer-nos do histórico da escravidão e do preconceito com os trabalhos manuais presentes na mentalidade dos brasileiros.

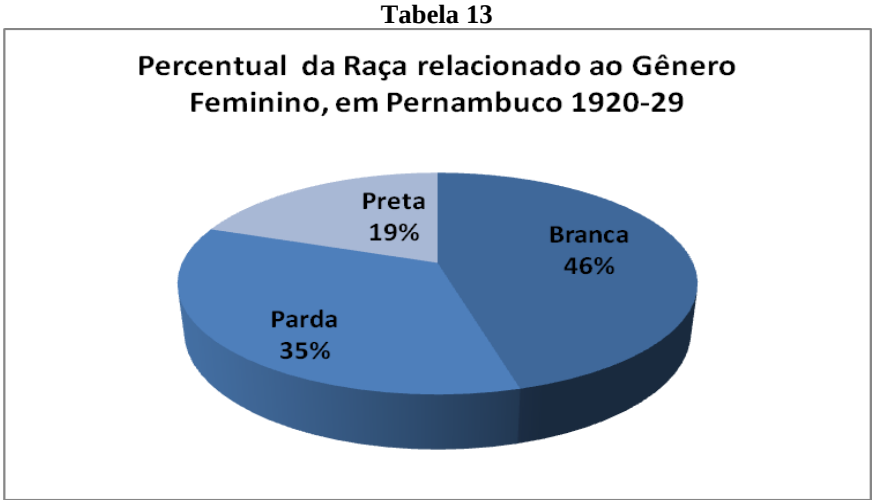
Além do mais, Maris *et. all.*[55] justifica a maioria branca com fatores casuais, como uma posição socioeconômica mais privilegiada, poder, maior isolamento social, entre outros.

Esta mesma relação de predominância pode ser observada quando analisando a questão da raça com os gêneros, lembrando que como houve mais casos femininos,

[55] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Racial, Ethnic, and Cultural Aspects of Suicide". In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

estas apresentam números maiores do que os homens, mas algo que não afeta a relação já mencionada. Entretanto, uma observação pode ter tomada com a questão da raça relacionada ao gênero feminino, pois vimos no capítulo anterior que os processos criminais eram predominantemente referentes às mulheres e, em especial, as pardas, mas os dados do Diário de Pernambuco mostram uma diferente realidade, como pode ser visto na tabela a seguir.

Tabela 13



Supomos, então, que a questão racial afetava o andamento dos processos criminais no Recife dos Anos 1920, pois apesar de haver uma maioria de casos publicados entre as brancas, eram as pardas que mais sofriam com as investigações. Talvez com relação às negras, não havia o interesse na investigação dos seus casos, dada a atribuição de sua inferioridade na época.

Discriminação contra as negras visível até nas notícias, pois, geralmente, começam as mesmas com a mulher de tal [...], mas quando se tratou de uma negra, observamos pela notícia de 11 de dezembro de 1927, que a mesma começou da seguinte forma "A preta de 22 anos Alice [...]"[56]. Acreditamos ter sido discriminação, pois observamos que só começa com outro termo, sem ser mulher, quando sendo usado primeiramente um termo com atribuição de uma característica com denotação negativa para a época, como: decaída; mundana; ou meretriz.

> Na consciência coletiva, estão profundamente arraigadas as associações entre o negro e o ócio, a violência, a permissividade sexual. O pórtico destas páginas é apenas um exemplo de como isso se reflete na imprensa. Ser negro é um atributo conferido pela natureza que só se desfaz parcial e excepcionalmente pela demonstração de características positivas.[57]

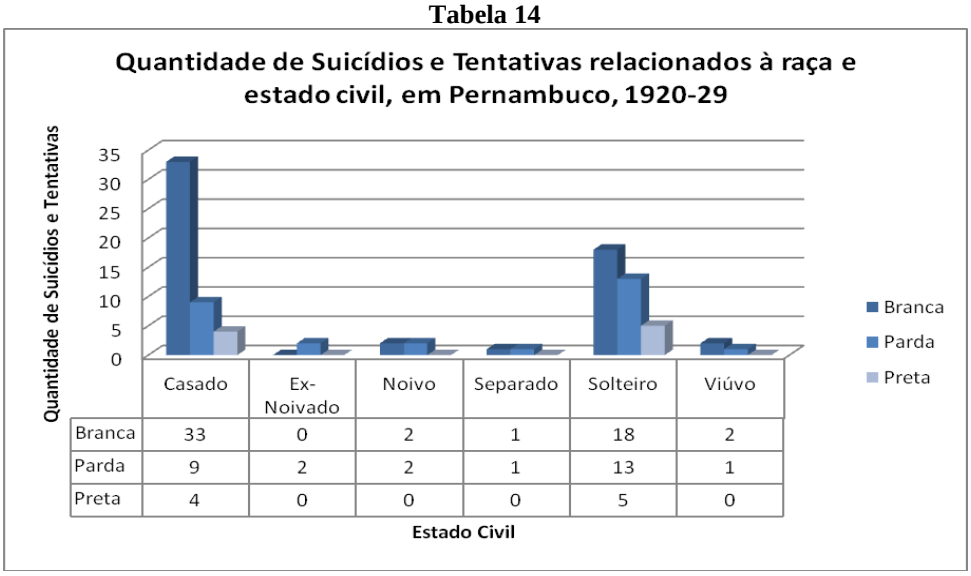
[56] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Domingo 11 de dezembro de 1927. P. 8. FUNDAJ
[57] FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano.** Op. Cit. P. 67.

Maris *et. all.*[58] justifica a minoria dos negros nas taxas pelo simples fato que ao invés de direcionarem a agressão contra si própria, as descarregam em outros. Entretanto, segundo Boris Fausto, os negros e pardos furtavam e roubavam mais, enquanto que os brancos cometiam mais homicídios e crimes sexuais.

Maris ainda aborda a questão das famílias negras, nas quais residia um maior número de pessoas, logo, tendo-se maiores vínculos familiares. Fausto observou que as pessoas de cor tendiam a valorizar o casamento e a virgindade, ao contrário do que acreditava Florestan Fernandes, contudo, há de observar que a valorização não necessariamente significava que seriam atingidos.

Ao analisarmos os nossos dados, aqueles em que havia uma correlação entre raça e estado civil, podemos supor com tabela 14, que entre os negros havia uma fraca relação matrimonial entre eles, algo que, segundo o pensamento de Durkheim, causaria uma maior taxa de suicídios, contudo, isto não se verifica.

Tabela 14



	Casado	Ex-Noivado	Noivo	Separado	Solteiro	Viúvo
Branca	33	0	2	1	18	2
Parda	9	2	2	1	13	1
Preta	4	0	0	0	5	0

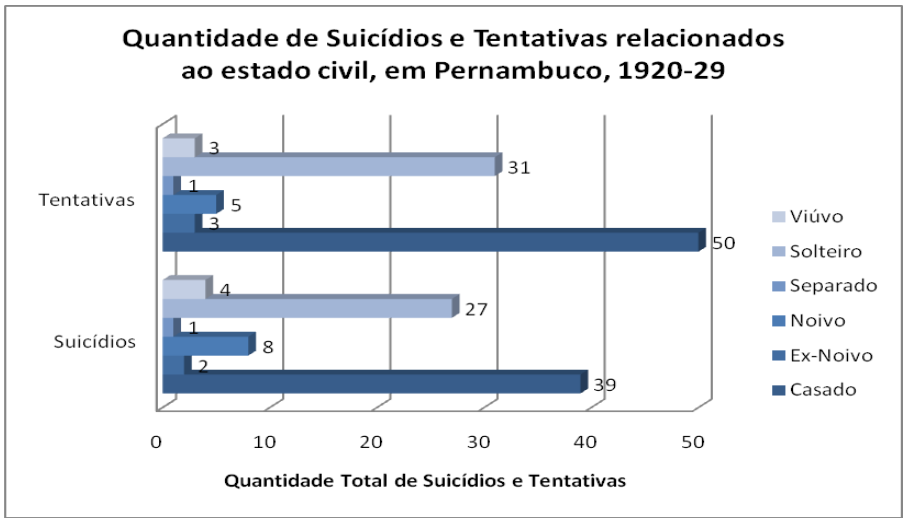
Estes dados observados na tabela acima, na realidade, apresentam uma falsa noção da realidade, pois há notícias em que os indivíduos moram com companheiros, dando a entender que possuíam uma relação íntima entre eles, mas que como não eram casados pela lei, seus estados civis era determinado como solteiros. Além do que, segundo Maluf e Mott, "a maioria das mulheres vivia relações conjugais consensuais,

[58] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Racial, Ethnic, and Cultural Aspects of Suicide". In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

sem uma presença masculina efetiva no lar, ou convivia com companheiros que não tinham um trabalho nem efetivo nem regular".[59]

Dentre as notícias, podemos observar que registraram um maior número de casos nas quais os casados foram, dentre do estado civil, a maioria tanto nas tentativas, como nos suicídios. Os solteiros seriam a categoria seguinte, como podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 15



O domínio dos casados pode ser justificado pelas mudanças nas quais a família moderna estava passando, vistas anteriormente. Ainda há a possibilidade dos casamentos infelizes, tendo em vista que o divórcio e separação não eram bem aceitos, podendo isto ser observado numa pequena nota publicada no Diário de Pernambuco, que dizia:

> Contra o divórcio – Belém, 29 – Sendo entrevistado a respeito da debatida questão do divórcio que atualmente tem revolucionado os principais centros do país, o Sr. Almeida Genú declarou ser o divórcio um cancro terrível e infeliz da sociedade que o tiver plantado no seu seio.
> Adiantou que o exagero das modas femininas é a principal causa da lei do divórcio, sendo essa moda execranda, uma consequência da falta de instrução e nula educação moral do meio em que vivemos.
> Em seguida disse que para se elevar o nível moral da sociedade brasileira é preciso cuidar, franca, leal e sinceramente da verdadeira instrução da mocidade, o que se poderá facilmente, conseguir entregando-a a mestres competentes e dignos. [60]

O casamento entre os jovens era vistos por alguns médicos da época e pela religião católica como um fator de proteção ao suicídio, algo que acreditamos possuir fundamentação, pois estatísticas atuais mostram que as pessoas casadas possuem menos probabilidade de cometerem o suicídio. Contudo, na década de 1920, a instituição do

[59] MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. "Recônditos do Mundo Feminino". Op. Cit.
[60] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, domingo 31 de outubro de 1926. P.1. FUNDAJ

casamento e da família estava passando por uma remodelação, ou seja, por um período de desregramento.

> A família burguesa, com os seus costumes que favoreciam a desconstrução das antigas sociabilidades e instauravam novos padrões de comportamento social, se afirmava no Recife desde o final do século XIX, quando os bacharéis começaram a adotar novas posturas, tais como o abandono das ocupações rurais e o apego às profissões burocráticas. Um novo estilo de viver, de morar, de educar, de se comportar e de construir e administrar famílias estava se instaurando socialmente, e a cidade passava a ser remodelada e dissecada pelos novos saberes emergentes para acolher melhor esses homens de "novo tipo". [61]

Para Durkheim, o casamento exercia no indivíduo a partir dos 20 anos certo favorecimento contra o suicídio, pois reduziria o isolamento social e integraria mais os indivíduos. Também seria nas sociedades em que os homens absorvem mais proveitos ao casamento que as mulheres, estes são mais vulneráveis ao suicídio, quando a dissolução do matrimônio.

Contudo, através das notícias, observamos que a maioria dos casados eram homens (55%), possivelmente, isto se explica pelas atribuições financeiras impostas aos homens no sustento de suas famílias, sendo esta a sua obrigação social e moral. Isto pode ser exemplificado na tentativa de suicídio de José P. S.[62], operário de fábrica Lafayette, que se jogou ao Capibaribe, tendo sido retirado por dois policiais, que o levaram à delegacia para prestar depoimentos. No caminho, José ainda atirou-se sobre as rodas de um bonde, seu esmagamento foi evitado pela ação rápida do motorneiro. Já na delegacia, ele justificou seu ato pelas dificuldades da vida, possivelmente, pelo baixo salário e pela suas obrigações perante o sustento de sua família, visto que era casado, com dois filhos.

Os homens casados, provavelmente, também estariam, nesta época, passando por um período de crise quanto à sua função familiar e social, pois com a crescente libertação das mulheres e na sua busca por trabalhos fora do lar, o cargo chefe do homem como mantedor do lar estaria passando por um período de turbulência. Fato que poderia ser intensificado com a necessidade do trabalho feminino para a manutenção e a sustentação básica da família, como já foi visto anteriormente.

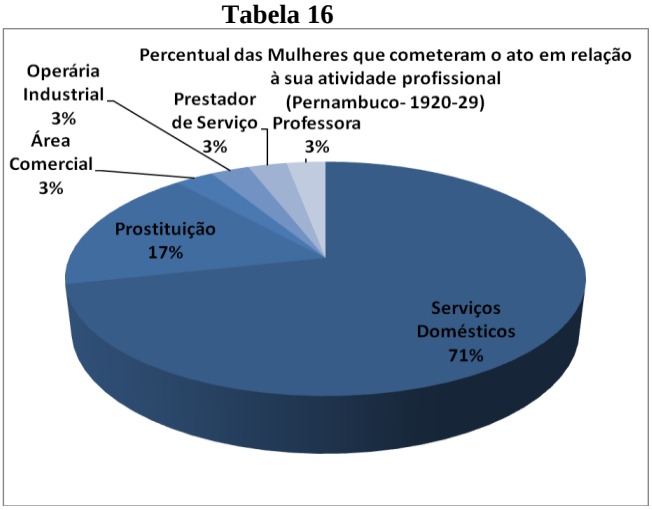
Quanto aos casos das mulheres casadas (45%), nós supomos que isto ocorria dada a sua submissão matrimonial, pois foi visto que deveriam cuidar do lar, dos filhos

[61] OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a Família à Nossa Imagem:** A Construção de Conceitos de Família no Recife Moderno (Décadas de 20 e 30). Tese de Doutorado em História. Recife: UFPE, 2002. P. 327.
[62] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentativa de Suicídio.** Recife, 25 de julho de 1920. P. 4. FUNDAJ

e da família, só podendo trabalhar fora caso tiveste permissão do marido, segundo o código civil vigente na época. Vimos com Filgueiras que algumas mulheres pediram separação para trabalharem fora do lar, tanto que podemos observar ao relacionarmos os nossos dados dos casamentos com as profissões que nenhuma destes 45% possuía emprego fora do lar, caso possuía, esta informação não foi divulgada nas notícias. Contudo, nos dois casos em que o estado civil era separado, estes eram constituídos de mulheres, talvez cometeram o ato por terem sido abandonadas pelos seus esposos ou, quem sabe, por arrependimento, dada as dificuldades que as mulheres tinham em obter emprego na época.

As profissões também foram publicadas nas notícias e através dela, podemos observar as profissões das mulheres, que tentaram o suicídio ou se suicidaram, eram constituídas por empregos na área comercial, nos serviços domésticos; na indústria; como prestadora de serviço (neste caso cozinheira); professora; e na prostituição[63].

Tabela 16



Observamos, então, que a maioria era constituída por trabalhadoras exercendo os serviços domésticos e depois pela prostituição. Nestas duas profissões, a maioria era constituída por jovens, entre os 15 e 29 anos, sendo das que trabalhavam no serviço doméstico, 50% eram abaixo da idade de maioridade penal (21 anos).

As empregadas menores de idade era algo comum para a época, contudo, como foi visto no capítulo anterior, elas eram mantidas sob a vigilância e, segundo Marcos Bretas[64], eram constantes as suas fugas, mostrando um ambiente não harmonioso de trabalho. Além da vida vigiada, outra possível razão na culminação dos suicídios e das tentativas das empregadas seria o desgaste físico com a sua atividade, pois "assim como

[63] Consideramos prostituição os casos em que divulgaram as mulheres como sendo decaídas; mundanas ; e meretrizes.
[64] BRETAS, Marcos Luiz. **Ordem na Cidade**. Op. Cit.

a lavagem da roupa, o preparo da alimentação e a limpeza da casa, passar e engomar a roupa eram atividades igualmente exaustivas e demoradas."[65]

A sociedade moderna, urbana e industrial também trouxe mudanças na prostituição, que da doméstica, passou para a urbana. Contudo, a prostituição no Recife dos anos vinte possuía suas ambiguidades, isto porque ora havia uma grande repressão contra as mesmas, ora eram "esquecidas" pelas autoridades.

> Permeada por momentos de conflito e repressão e por períodos em que uma política de tolerância era a tônica, a ação policial em relação à prostituição foi conduzida ao sabor de influências e negociações do momento, variando de acordo com as autoridades, com os pedidos de figuras influentes, ou mesmo com o poder de persuasão e sedução que as mulheres que trabalhavam no ramo exerciam sobre as autoridades. [66]

Sedução esta capaz de levar outros ao suicídio, como ocorrido no caso da tentativa de suicídio de Fernando R., de 22 anos e auxiliar do comércio, que ainda na casa da meretriz Analia, tentou suicidar-se com um tiro de pistola contra seu ouvido. A razão foi que "tomado de amores pela referida mulher e sem dinheiro suficiente para as despesas que a sua paixão exigia" [67]. Assim, como as prostitutas podiam causar paixões, as mesmas poderiam sofrer disto, razão que culminou em alguns de seus suicídios, como será visto mais adiante.

No entanto, supomos as dificuldades do seu âmbito de trabalho como elo principal na prática dos suicídios. "A polícia era frequentemente chamada para arbitrar discussões entre prostitutas e fregueses. O motivo girava geralmente em torno de dinheiro", adicionando a isto havia a questão que elas "também eram vítimas de larápios que tinham fácil acesso aos seus aposentos."[68]

Havia ainda outro fator que seria uma variável a mais na ocorrência dos suicídios, a questão dos entorpecentes. "Finalmente, na década de 1920, a polícia associou a prostituição ao novo crime de tráfico de entorpecentes. [...]. Elas eram consideradas como as principais clientes dos traficantes de tóxicos"[69] Segundo David Lester[70], a maioria dos estudos mostra uma associação entre atitudes suicidas com o abuso das substâncias entorpecentes, podendo ser drogas ou álcool.

---

[65] MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. "Recônditos do Mundo Feminino". Op. Cit. P. 414.
[66] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 146.
[67] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentativas de Suicídio.** Recife, 11 de fevereiro de 1921. P. 2. FUNDAJ.
[68] BRETAS, Marcos Luiz. **Ordem na Cidade**. Op. Cit. P. 201.
[69] Idem. P. 203.
[70] LESTER, David. "Alcoholism, Substance Abuse, and Suicide". In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

No geral, as profissões estão relacionadas com a economia, tendo o capitalismo auxiliado na mudança e criações daquelas. Isto porque "o capitalismo, como força renovadora, é resultado, sobretudo, de espírito de iniciativa, de mudança e de criação. Uma economia que não se renova, não se diferencia e não descobre outras fontes de aproveitamento, se estiola e tende e definhar."[71] Mudanças e criações necessárias a economia local, dada o declínio do açúcar.

> [...] inúmeras profissões transformaram-se, ou mesmo desapareceram, e outras surgiram em decorrência das novidades tecnológicas implantadas e dos diferentes comportamentos que a modernidade trazia. Uma das novas profissões de maior sucesso na época era a de *chauffeur*. [72]

O comércio no Recife nos anos vinte apresentava uma força própria, chegando até a rivalizar com a indústria açucareira. Parte disso deveria ser devido ao parque industrial no estado e ao porto, que servia na exportação de produtos para os Estados fronteiriços.[73]

Desta forma, podemos observar, até certo ponto, estas mudanças, através das notícias dos suicídios e das tentativas, nas profissões de domínio masculino, como a presença do chauffeur e do dono de um atelier fotográfico.

Através da tabela 17, podemos observar através dos dados dos suicídios e das tentativas divulgados no Diário de Pernambuco, que a maioria dos homens que cometeram o ato era da área ligada ao comércio (área comercial; comerciantes; proprietários de estabelecimentos diversos; dono de atelier de fotografia; e vendedores), constituindo num total de 40,85% de todas as profissões. Possivelmente, isto ocorria em fase à força e o poderio do comércio. Esta área também possui um fator de risco ao suicídio, tendo em vista que dependem dos clientes para a sua manutenção.

Na área comercial ainda haveria o fator dos indivíduos encontrarem-se presos a uma rotina pouco variável e a um ambiente físico em contraste como a antiga vida rural, como mencionado no segundo capítulo, segundo as observações de Durval Muniz.

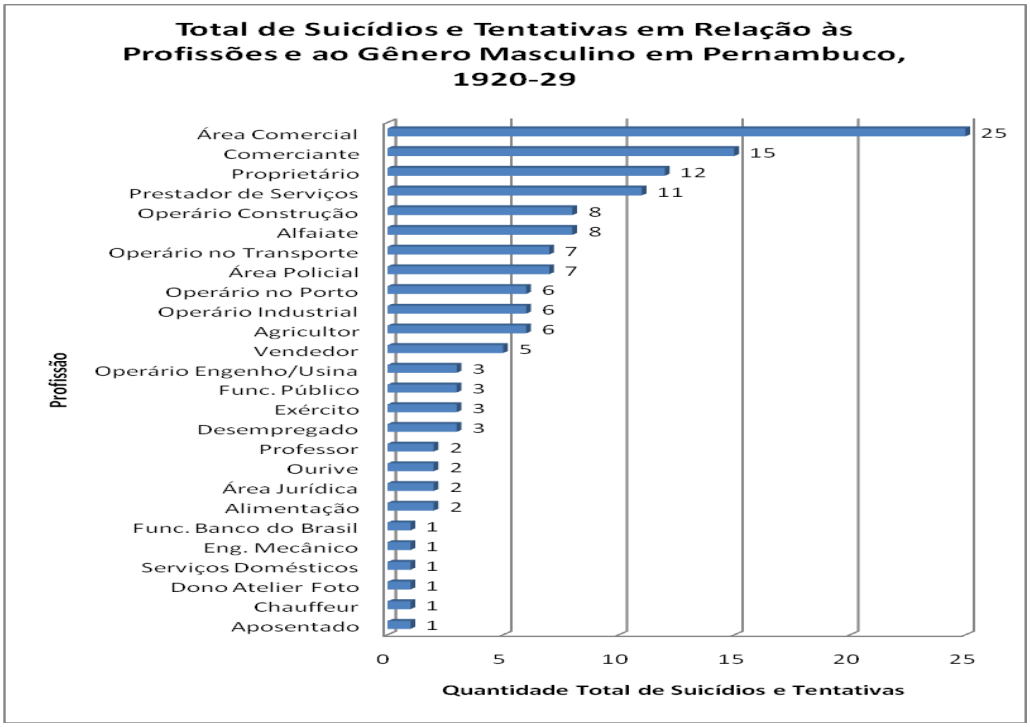
Segundo alguns estudiosos,

> A ocupação profissional do indivíduo tem influência no risco de suicídio, pois em algumas profissões as incidências são particularmente elevadas ao passo que em outras as taxas são especialmente baixas. As ocupações têm relevância principalmente no que diz respeito ao acesso aos métodos letais e também ao nível de estresse variável que provocam, podendo assim facilitar o ato suicida. [74]

---

[71] SOUZA BARROS, M. **A Década 20 em Pernambuco.** Op. Cit. P. 61.
[72] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 85.
[73] SOUZA BARROS, M. **A Década 20 em Pernambuco.** Op. Cit.
[74] VOLPE, Fernando; CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio. "Epidemiologia do Suicídio". In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. **Suicídio:** Uma morte evitável. Op. Cit. P. 18

Tabela 17



Este acesso de algumas profissões aos meios mais letais pode ser observado entre a área policial, na qual dos 7 casos encontrados, 57% foram realizados por tiro. Os engenhos também proporcionaram em dois casos um meio peculiar de cometer o ato, estes se jogaram numa tacha de mel fervendo, meio que possivelmente não seria possível com outra profissão.

Contudo, nem todos estes profissionais eram pernambucanos ou brasileiros, havia aqui diversos estrangeiros, que exerciam das atividades mais qualificadas ou profissões em que não se exigiam um nível superior. Também havia os brasileiros provenientes de outros estados, na maioria, dos outros estados nordestinos.

A grande maioria dos estrangeiros era provinda da Europa, de 20 casos em que foi mencionada a nacionalidade, apenas um era da Venezuela, o restante era de europeus. O desenvolvimento industrial no país atraiu estes imigrantes, especialmente os europeus, pois possuíam técnicas manuais mais elaboradas, que os possibilitou abrirem alguma pequena oficina ou trabalharem nas indústrias, dada as oportunidades apresentadas nas cidades.

Ao todo foram 23 estrangeiros que se suicidaram ou ao menos tentaram, dentre estes, havia: espanhóis (3), ingleses (3), russos (3), francês (1), irlandês (1), alemão (1) e a grande maioria de portugueses (7), além de três casos só especificando que eram estrangeiros.

Apenas 12 destes tiveram sua profissão divulgada nas notícias dos atos, sendo estes todos do gênero masculino. Destes dozes: quatro trabalhavam como auxiliares do comércio; dois eram proprietários (um de mercearia e o outro de atelier fotográfico); um de cada: garçom, engenheiro mecânico, pasteleiro, serralheiro, mecânico e tripulante de um vapor. Mais uma vez observamos o predomínio daqueles que trabalhavam na área comercial.

Dos vinte e três casos, apenas cinco eram mulheres, sendo uma apenas mencionada que era estrangeira, uma portuguesa e três russas, que, aliás, todos provenientes da Rússia eram mulheres. Das russas, apenas uma era mencionada o seu estado civil como casada, desta forma, havia a possibilidade das outras duas terem vindo ao Brasil com o propósito da prostituição, pensamos isto porque, segundo Mary Del Priori, as imigrações de europeus não-ibéricos e não-católicos, especialmente do norte da Europa, modificaram também a prostituição, com a presença das prostitutas ruivas e louras e com o falar arrevezado.

Há a idéia de que a migração serve como um possível fator de acréscimo ao risco de suicídio, isto porque, segundo Maris *et. all.*,

> [...] o objetivo da auto-transformação por imigrantes as vezes está conectado ao repúdio dos valores do passado "Velho País", social ou fracasso econômico que não podem ser difusos por seguindo a tradição dos valores do Velho País. Além dos mais, imigração pode expor o imigrante à maior perda do suporte familiar nas horas de crise, bem como refletir maiores características suicidas do seu país de origem. [75]

Além do que há o processo de adaptação para a nova realidade, que podem ocasionar em efeitos melancólicos naqueles que apresentam uma predisposição para isto.

Como estes estrangeiros viam ao Brasil para trabalharem nas áreas industrializadas urbanas, podemos observar que apenas um caso destes estrangeiros ocorreu na área rural de Pernambuco nos anos de 1920, a grande maioria destes ocorreu na cidade do Recife.

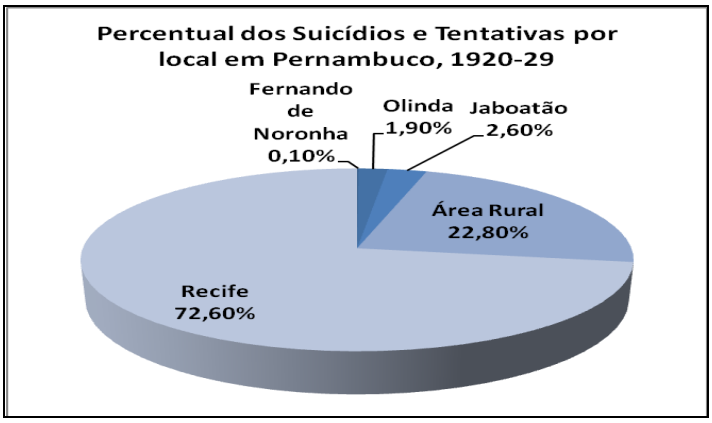
Segundo a teoria de Durkheim, vista no primeiro capítulo, o suicídio seria mais típico das áreas urbanas, algo também aceito na teoria de Henry e Short. Para estes, a vida urbana auxiliava no suicídio por possuir um estilo de vida mais marcado pelo anonimato e pela vida impessoal, logo, afetando o grau de envolvimento de uma pessoa

[75] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Racial, Ethnic, and Cultural Aspects of Suicide". Op. cit. p. 184.

com outra, tornando-os mais isolados e sozinhos, fatores frequentes nos casos de suicídio.

Este aspecto mais urbano do suicídio pode ser observado nos casos divulgados pela imprensa do Diário de Pernambuco, como pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 18



Apesar dos dados indicarem um percentual bem maior de suicídios e tentativas que ocorrerem no Recife, em comparação com a área rural, devemos lembrar que, possivelmente, nem todos os casos que ocorriam na área rural deveriam chegar ao conhecimento público. Ainda haveria a questão das investigações policiais que deveriam ser mais precárias.

O suicídio, como sendo mais urbano do que rural, nem sempre se verifica, isto porque estudos recentes mostram que em certos países, como a China, o suicídio ocorre mais nas áreas rurais. Nos Estados Unidos as diferenças estão cada vez mais diminuindo, com o crescente número de suicídios na área rural, devido a pressão econômica, acesso limitado às instituições médicas; maior acesso as armas e também aos venenos agrotóxicos; e a tradição patriarcal em não solicitar auxílio. [76]

Este acesso limitado por ser verificado com os nossos dados, pois enquanto no Recife dominava as tentativas de suicídio, na área rural foram os suicídios, pois as notícias indicaram uma menor presença do socorro nas áreas rurais, logo, salvava-se menos.

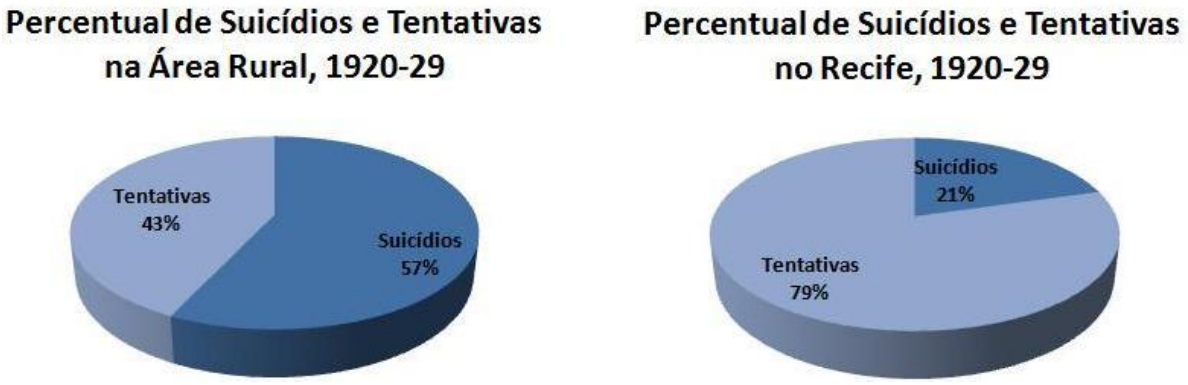
Este fato do socorro ainda pode ser verificado num caso ocorrido em Boa Viagem, antes do processo de modificações que esta região recebeu no governo de Sérgio Loreto, como a abertura da Avenida Boa Viagem. O Diário de Pernambuco, na edição de 24 de maio de 1920, trouxe a notícia que "um popular", que em sua residência em Boa Viagem, havia tentado o suicídio ingerindo verde Paris. A popular, pois na

[76] COLT, George Howe. **November of the Soul:** The Enigma of Suicide. New York:Scribner, 2006.

realidade descobriu-se depois que era uma mulher de nome Deodata, foi socorrida pela família e vizinhos, contudo,

> Infelizmente, não foi possível a prestação de recursos mais eficazes, devido a ser divulgada a notícia nesta cidade em hora adiantada que não permitia a ida até aquele arrabalde de automóveis – ambulâncias, tanto da assistência policial como da assistência pública.
> Deodato, caso tenha sobrevivido, deverá ser removido hoje para o Recife, a fim de ser internado no Hospital Pedro 2º, no primeiro trem da manhã. [77]

Tabela 19



As taxas de suicídio também variam de cidade para cidade, porém as notícias do Diário de Pernambuco não nos possibilitaram em fazer uma melhor análise da variação dentre os diferentes bairros. No entanto, segundo Colt, as taxas de suicídio não são proporcionais ao tamanho das cidades (ou bairros), mas sim quanto à fragmentação das tradicionais instituições sociais.

Segundo Cassorla,

> [...] as zonas das cidades onde predominam os suicídios são aquelas de transição, de maior desorganização social, com maior promiscuidade, geralmente cortiços, pensões e hotéis baratos, e onde há maiores taxas de alcoolismo, toxicomania, deliquência e grande mobilidade populacional. Não creio que o local de moradia seja um fator causal, mas que as pessoas com características autodestrutivas, exacerbadas por fatores sociais, acabam por concentrar-se nessas áreas. [78]

Estas áreas também seriam caracterizadas pela pobreza, que para Durkheim e Henry e Short haveria baixas taxas de suicídios entre os pobres, ao contrário do que pensava Marx. Ambos estariam corretos, mas até certo ponto, pois, segundo Colt e Stack, há altas taxas de suicídio entre a classe pobre, mas isto se devia mais pelas questões de isolamento social, problemas familiares e financeiros, doenças, alcoolismo, trabalho, etc., logo, mostrando que a pobreza causa um aumento nas taxas e não uma diminuição, como pensava Durkheim.

[77] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentativa de Suicídio.** Recife, 24 de maio de 1920. P. 3. FUNDAJ
[78] CASSORLA, Roosevelt. **O que é Suicídio.** Op. Cit. 104.

Além das diferenças entre as cidades, há também uma diferença nos lugares de escolha para a prática do ato, bem como os instrumentos, as razões e outros fatores ligados mais diretamente ao ato em si, que analisaremos a seguir.

4.1.3. Uma Escolha: Fatores de escolha para a realização do ato.

O Recife das águas também era o Recife das mortes, pois a água teve sua influência na escolha do local para a realização do que, possivelmente, seria o seu último ato na terra. A escolha do local onde se praticaria o ato poderia ser algo premeditado ou impulsivo, na qual a escolha do método a ser utilizado também influencia na escolha do lugar em que ocorreu o ato.

Segundo Morselli,

> As mulheres cujas vidas estão sujeitas ao lar doméstico, e que preservam até mesmo nas ocasiões mais sérias o sentimento de decoro, aparenta ter uma repugnância para cometer o suicídio abertamente, ou em lugares públicos. Assim, nós vemos aumentar as suas proporções de suicídios cometidos na privacidade do lar, e se aqueles por afogamento aparecem como exceção a regra, isto é certamente devido à sua propensão acentuada para este método. Portanto, pode ser notado como os suicídios em poços adjacentes as casas são menos raros entre as mulheres, enquanto que nos rios, tanto no ambiente aberto do interior ou passando pelas cidades, a proporção dos homens excede a das mulheres. [...]. Para as violentas mortes cometidas no interior das casas, as mulheres sempre preferem sua própria casa em relação a dos outros, e nas partes mais remotas e obscuras da casa. [79]

A preferência feminina pelos suicídios e tentativas no lar pode ser comprovada pelos nossos dados, pois 90,14%, dentre elas, se suicidaram ou tentaram nas suas residências, enquanto que apenas 48,25% dentre os homens optaram pelas suas residências, como pode ser observado na tabela a seguir[80].

O local escolhido também pode ser influenciado pela ideação suicida. Isto quer dizer que às vezes alguns indivíduos ao irem cometer suicídio, escolhem métodos de menor letalidade, horário em que há grandes chances de serem encontrados vivos, e em locais mais acessíveis e visíveis, isto tudo com a finalidade de ser salvo, ou seja, a questão de Karl Menninger do desejo de ser morto ainda encontra-se numa proporção fraca. Como pode ser visto que a maioria dos casos ocorridos na residência, ocorreram no turno da manhã e depois pela noite, horários em que possivelmente haveria mais pessoas presente no local.

[79] MORSELLI, Enrico Agostino. **Suicide.** Op. Cit. PP. 351-352.
[80] Os cálculos dos valores percentuais foram realizados desconsiderando os valores do item "desconhecido".

> [...] a maneira como o indivíduo tenta matar-se ou as precauções que toma para não ser (ou ser) socorrido nem sempre têm relação com a intensidade do desejo de morrer. E, mesmo que o desejo de morrer não seja acentuado, o ato suicida é uma mensagem, um pedido que o indivíduo faz à sua família e à sociedade, para que seja ajudado. [81]

Tabela 20

Gênero		Tipo		
Feminino	Local do Ato	Suicídio	Tentativa	Total
	Desconhecido	41	116	157
	Corpo de Água	2	9	11
	Asilo Mendicidade	1	0	1
	Engenho	3	0	3
	Est. Comercial	0	1	1
	Fora do Lar	2	0	2
	Hospital	1	0	1
	Hotel/Pensão	2	1	3
	Prisão	0	1	1
	Rua	0	4	4
	Residência Outros	1	6	7
	Residência	44	267	311
TOTAL		97	405	502
Masculino				
	Desconhecido	44	47	91
	Alojamento	1	0	1
	Corpo de Água	12	11	23
	Cemitério	2	0	2
	Engenho	5	2	7
	Est. Comercial	6	6	12
	Fora do Lar	5	0	5
	Hospício	2	1	3
	Hospital	6	0	6
	Hotel/Pensão	3	3	6
	Prisão	8	2	10
	Rua	16	15	31
	Residência Outros	6	6	12
	Residência	37	73	110
TOTAL		153	166	319

Isto pode ser verificado em algumas tentativas de suicídio nos anos vinte, em que um indivíduo ia tentar o suicídio, mas que não chegava a realizar o ato por intervenção de outros moradores ou funcionários da residência. Alvina M. G.[82], em junho de 1920, tentou se suicidar ao embebedar as vestes com querosene, porém, antes de tocar fogo, foi surpreendida por suas companheiras de casa, que chamaram o guarda civil de ponto. Alvira acabou sendo levada à delegacia e foi "recolhida ao xadrez", no

[81] CASSORLA, Roosevelt. **O que é Suicídio.** PP. 96-97.
[82] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Queria por termo a vida.** Recife, 11 de junho de 1920. P. 3. FUNDAJ

entanto, a notícia não publica a razão pela qual ela foi presa, provavelmente, foi por distúrbio da ordem.

Todavia, as prisões não eram isentas dos suicídios, bem como os hospícios, como pode ser visto na tabela acima e no capitulo anterior. Apesar de haver um número maior de casos ocorridos na prisão, observamos pelas notícias que havia um grande número de indivíduos sofrendo das faculdades mentais fora dos hospícios, isto porque há a menção de 49 casos de indivíduos sofrendo de problemas mentais.

Isto pode sugerir que os hospícios não eram bem vistos ou havia a estigma social em volta dela. Inclusive, num destes três casos ocorridos dentro do hospício, o indivíduo Sebastião encontrava-se parcialmente internado no Hospital de Doenças Nervosas e Mentais da Tamarineira – "Este doente que não era propriamente um alienado, nem estava submetido ao regime próprio dos alienados, gozava, a seu pedido e de sua própria família e dada à natureza de sua psicose, de inteira liberdade."[83] Sebastião era um comerciante de Alagoas que estava internado por questões de ansiedade, tendo se suicidado com um canivete.

Outra possível razão para estes indivíduos não estarem internado, podia ser devido à falta de conhecimento da população em lidar com os indivíduos que possuíam sinais de alienação ou a demora em interná-los. Isto pode ser observado no caso de Orlando L[84], funcionário da Great Western, que estava sofrendo de neurastenia, razão pela qual a sua família ia interná-lo. Algo que nunca chegou a ocorrer, pois num dia em que ele estava mais calmo, a sua irmã saiu de casa para buscar a pensão, logo, Orlando aproveitou a ocasião e enforcou-se.

Tabela 21

Relação dos Crimes cometidos por gênero, PE 1920-29		
Crime Cometidos	**Feminino**	**Masculino**
Tentativa de Homicídio/Agressão Física	0	8
Absolvido por Homicídio	0	1
Homicídio	2	5
Roubo/Furto	1	3
Adultério	1	0
Crime não especificado	1	4

Além dos suicídios nas prisões, havia aqueles que cometiam um crime antes de cometer suicídio ou tentativa de suicídio. Os crimes iam desde assassinato, furto e

[83] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, quarta 22 de julho de 1925. P.2. FUNDAJ
[84] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, quinta 8 de julho de 1926. P. 2. FUNDAJ

adultério. Os assassinatos foram na maioria ligados à questão amorosa, pois antes do suicídio, assassinaram ou tentaram assassinar amantes, noivas, esposas, esposos, ex-noivo ou ex-companheiro, filho, etc.

Destes vinte e seis crimes, onze ocorreram na área rural, um em Fernando de Noronha e o restante no Recife. O caso do adultério feminino, curiosamente, ocorreu na área rural, em que a mulher Sebastiana[85] cometeu o suicídio por ter sido pega em flagrante pelo marido. Do interior também veio um casal, na qual a esposa tinha cometido adultério, só que neste caso ela foi "suicidada" pelo marido.

Ernestina L. S. V. morava em Palmares com seu esposo, como estava com problemas de saúde, foi passar uns dias com seu pai, que morava em Garanhuns. De volta à Palmares, o seu esposo soube de relatos que ela havia sido infiel, mas ela jurou não ter feito nada contra sua honra. Entretanto, o seu esposo Orlando encontrou em sua bagagem uma carta que comprovava a sua infidelidade, mas não quis se separar dela para não dar escândalo de uma separação. Posteriormente, conseguiu um emprego no Recife, para onde veio com Ernestina.

Já no Recife, se instalou numa pensão e dois dias após aqui chegar, Ernestina "cometeu suicídio". Orlando, em declaração à polícia, disse que dormia com uma pistola embaixo do travesseiro e, que neste dia do ato, Ernestina havia pedido para dormir no seu lado da cama, algo que cedeu.

> [...] pela madrugada, cerca de cinco horas, o depoente acordou com um forte estampido e logo viu Ernestina com um ferimento na região frontal direita, banhada em sangue e sem sentidos; que em vista do ocorrido, o depoente apavorado gritou por socorro, ocorrendo ao local diversos hóspedes da pensão e um guarda civil; que o depoente, ao se levantar da cama, encontrou o revolver no chão, ao lado de Ernestina; que essa arma o depoente sempre a conservava carregada com seis balas; que, sob uma pequena caixinha, o depoente encontrou o bilhete deixado por Ernestina, o qual foi entregue a autoridade policial; que o depoente presume que a sua esposa tenha se suicidado por desgostos íntimos. [86]

Contudo, o delegado encarregado da investigação estava suspeitando homicídio simulado de suicídio, pois se tratava de um caso de infidelidade e o suposto bilhete deixado por Ernestina não possui caligrafia semelhante a que seria a real dela. Infelizmente, o jornal não publicou resultados do inquérito, mas os sinais indicam simulação, apresentando até um bilhete: ""Meu esposinho – Morro porque tenho a

[85] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, quarta, 17 de novembro de 1920. P. 2. FUNDAJ
[86] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio?** Recife, 6 de junho de 1925. P. 4. FUNDAJ

certeza de que sabes de tudo. Fui infame! Vinga a minha morte. Perdoa a tua – (a) Ernestina"[87]

Segundo Boris Fausto, houve "um número considerável de maridos e homicidas em geral suicida-se ou tenta suicidar-se após a prática do crime"[88]. Estudos recentes mostram que os casos de homicídio-suicídio são extremamente raros, na qual a intimidade entre casais ou pessoas com algum relacionamento amoroso pode ocasionar isto, todavia, isto ocorre ocasionalmente.

> Na maioria dos homicídios-suicídios o homem assassina a mulher com a qual está envolvido romanticamente ou afastado de e, então, se mata. O mais típico destes envolve parceiros com um padrão crônico amor-ódio: Eles não podem viver uns com os outros; eles não podem viver sem uns aos outros. O homem (tipicamente) insiste por afeição de seu parceiro, como se sua vida dependeste disso. Quando ela ameaça ou consegue romper o relacionamento, ele reage com ciúmes e raiva. A rejeição dela o faz sentir envergonhado, arruinado, e rejeitado, e ele reage depois a matando e se matando. [89]

O Diário de Pernambuco na edição de vinte e sete de janeiro de 1925 trouxe um caso que retrata disto. José B. A., motorneiro de 27 anos, apesar de ser casado, apaixonou-se por Severina, que por alguns meses havia trabalhado em sua residência. José começou suas investidas amorosas, mas era sempre repelido. Aconselhada por sua mãe, Severina deixou de trabalhar na casa dele. Após a saída dele, ele começou a maltratar a sua esposa e ficou insistindo o seu amor por Severina, dizendo que até deixaria a sua esposa para viver com ela.

Contudo, nada adiantava, pois Severina sempre o repelia, dizendo que não queria viver com homem nenhum, muito menos ele que era casado e com filhos. José tentou mais uma vez vê-la, algo que ela negou, assim, declarou: "Como irei viver sem ela! Não a poderei ver junto de outro homem! [...] nem eu, nem ela"[90] Ele ficou, então, a esperando sair do emprego, tendo a perseguido, até que em certo momento a assassinou com um golpe de navalha e depois se matou com a mesma arma.

Quanto aos pais, em geral as mulheres, antes de se suicidarem, matam antes os seus filhos, pois acredita que irão sofrer sem a proteção delas. Desta forma, acreditam que levar os filhos juntos é algo necessário e lógico.[91] Fato observado com o suicídio de

[87] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio?** Recife, 6 de junho de 1925. P. 4. FUNDAJ.
[88] FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano.** Op. Cit. P. 124.
[89] BONGAR, Bruce; *et. ali*. "Marriage, Family, Family Therapy and Suicide". Op. cit. pp. 225-226.
[90] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Crime Passional.** Recife, 27 de janeiro de 1925. P. 2. FUNDAJ
[91] BONGAR, Bruce; *et. ali*. "Marriage, Family, Family Therapy and Suicide". Op. cit.

Jacintha[92], em Belmonte, pois a mesma envenenou seu filho de 3 anos antes de tomar o mesmo veneno.

Curiosamente, os casos, relacionados entre os crimes e os suicídios das mulheres, estavam conectados de alguma forma ao mundo rural, pois o fato ou ocorreu nesta área ou elas vinham dela. Talvez isto se devesse aos traços mais fortes do patriarcalismo nesta área, logo, deveriam ser mais reprimidas quando comparadas à área urbana, com a crescente liberdade feminina. Contudo, estas ações das mulheres também nos mostram que as mesmas nem sempre aceitavam o seu estado de "submissas" e "inferiores" aos homens, como menciona Soihet,

> Ao contrário do usual, muitas populares vítimas da violência rebelaram-se contra os maus-tratos de seus companheiros numa violência proporcional, precipitando soluções extremas; mais uma vez desmentindo os estereótipos correntes acerca de atitudes submissas das mulheres.[93]

Isto pode ser observado no caso, também ocorrido na área rural, de Maria M. C[94], que estava cansada do seu esposo por ser ébrio inveterado, ameaçando-o de morte, algo que fez. Maria envenenou o seu marido e após assassiná-lo, arrependeu-se e se suicidou. Possivelmente, ela sofria abusos do seu marido embriagado, porém deve ter chegado ao seu limite, quando reagiu com violências aos abusos.

Abusos que também podiam ser financeiros, pois como menciona Soihet, as mulheres tinham muito mais chances de oferecerem serviços autônomos do que os homens, logo,

> [...] os homens pobres encontravam nas mulheres um abrigo seguro em face dos dissabores da existência, marcada pelo desemprego ou pelos parcos ganhos. Não conseguiam, porém, desfrutar uma relação mais igualitária com suas companheiras, já que sobre eles incidiam o estereótipo dominante de que a mulher era sua propriedade privada sobre a qual tinha um poder ilimitado. A insegurança e a frustração decorrentes da impossibilidade de exercer concretamente o papel que lhes era prescrito exacerbavam sua agressividade. [95]

Apesar da importância dos casamentos para as mulheres, vimos que as mesmas reagiam a isto. No entanto, o papel de submissa podia está enraizado nos seus pensamentos e atitudes, tanto que Maria – do caso mencionado acima – apesar dos sofrimentos com o marido embriagado, após tomar ação, acabou arrependendo-se, razão para o seu suicídio.

---

[92] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, sexta 17 de setembro de 1920. P. 2. FUNDAJ
[93] SOIHET, Rachel. "Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano". P. 370.
[94] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, terça 10 de outubro de 1922. P.4. FUNDAJ
[95] SOIHET, Rachel. "Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano". P. 380

Aliás, a possibilidade do suicídio por sentimentos de culpa de um homicídio, desespero e agressão, não se restringiu ao caso de Maria, como podemos observar com o caso de Antonio F. S., que estava sendo julgado por homicídio, mas que havia sido absolvido pelo júri. Possivelmente, Antonio estava se sentindo culpado, pois se sentou sobre os trilhos do trem, onde esperou o vagão chegar para levá-lo deste mundo. [96]

O esmagamento pelo trem foi um dos métodos utilizados na época para se cometer o suicídio, porém este não foi o único. Os métodos escolhidos estão ligados aos valores culturais e sociais de uma sociedade, sofrendo variações ao longo dos anos, países e regiões. Isto pode ser verificado com o maior uso das armas de fogo, a partir do momento em que ficaram mais disponíveis, em lugar das armas brancas.

A escolha do método usado para a prática do suicídio depende de vários fatores. A disponibilidade seria uma das fundamentais; bem como a sua letalidade; a idade do indivíduo; gênero; estado mental; simbolismo; sugestão; raça; profissão; familiaridade; conhecimento; cultura; nacionalidade; e entre outros, influenciam na escolha do método.

As mulheres tendem a escolher meios menos violentos, assim, acabam tendo preferências pelos venenos e pelas drogas, pois também as consideram que são fáceis de usar, livre das dores e de fácil acesso. Apesar dos homens aceitarem mais os venenos, consideram as armas de fogo e as armas brancas como sendo másculas, mais eficientes, e além dos seus prévios conhecimento quando ao seu uso. [97]

Assim, através da tabela 22 podemos observar que havia uma diferença entre os métodos utilizados entre os homens e as mulheres, contudo, o envenenamento foi predominante entre os dois grupos, quando se considera o número total de suicídios e tentativas. Após o envenenamento, entre os homens predominam os métodos por arma de fogo e armas brancas, ou seja, instrumentos considerados tipicamente masculinos, dado aos seus aspectos de violências característicos. Já entre as mulheres, teríamos o fogo como à segunda opção escolhida.

Se considerarmos isoladamente o suicídio da tentativa de suicídio teremos entre as mulheres o fogo como dominante naqueles e o envenenamento nestes. Entre os homens, o tiro domina nos suicídios e o envenenamento nas tentativas. Disto tiramos que o envenenamento era predominante nas tentativas de suicídio. Segundo Maris *et.*

[96] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio?.** Recife, terça 3 de fevereiro de 1920. P. 2. FUNDAJ
[97] JAMISON, Kay R. **Night Falls Fast:** Understanding Suicide. Op. cit.

all[98]., este é método principal nas tentativas de suicídio não-fatais, isto porque este requer certo período de tempo para causar a morte, assim, possibilitando maiores chances de socorro, de uma intervenção ou de uma reconsideração.

Tabela 22

Quantidade de Suicídios e Tentativas por Método, relacionado com Gênero; Local do Ato; e Grupo Etário - Pernambuco, 1920-1929

Gênero	Método	Tipo		Total	Local do Ato							Grupo Etário									
		Suicídio	Tentativa		Fernando de Noronha	Jaboatão	Olinda	Recife	Rural	Desc.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Desc.
Fem.	Desconhecido	2	1	3	0	0	0	1	2	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1
	Arma Branca	1	4	5	0	0	1	3	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	3
	Enforcamento	9	1	10	0	0	0	1	8	1	1	1	0	1	0	1	0	0	0	6
	Envenenamento	36	295	331	0	5	1	267	31	27	2	71	104	27	5	2	0	0	1	119
	Esmagamento	0	2	2	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
	Fogo/Queimaduras	45	77	122	0	3	2	74	36	7	5	19	19	6	2	1	1	1	0	68
	Precipitação/Afogamento	3	17	20	0	1	1	13	1	4	0	6	2	0	0	0	0	0	0	12
	Arma de Fogo	1	7	8	0	0	0	4	3	1	0	2	1	0	0	0	0	0	0	5
	Composto (2 métodos)	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	TOTAL	97	405	502	0	9	5	365	83	40	8	100	129	35	8	4	1	1	1	215
Masc.	Desconhecido	6	1	7	0	0	0	3	2	2	0	0	1	0	1	1	0	0	1	3
	Arma Branca	9	39	48	0	3	0	21	17	7	0	3	4	5	2	2	2	0	1	29
	Enforcamento	27	2	29	1	0	2	7	18	1	0	1	0	3	3	0	1	0	0	21
	Envenenamento	36	68	104	0	3	2	71	19	9	0	7	17	7	4	1	0	1	0	67
	Esmagamento	9	5	14	0	0	0	9	2	3	0	1	4	1	2	0	0	1	0	5
	Fogo/Queimaduras	7	8	15	0	2	0	7	5	1	0	1	1	5	0	0	1	1	0	6
	Precipitação/Afogamento	19	15	34	0	1	1	21	5	6	0	1	3	6	0	0	1	0	0	23
	Arma de Fogo	40	25	65	0	1	4	33	19	8	1	6	11	4	2	2	1	0	0	38
	Composto (2 métodos)	0	3	3	0	0	0	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2
	TOTAL	153	166	319	1	10	9	175	87	37	1	20	41	32	14	6	6	3	2	194

Legenda: Grupo Etário	Idade (em Anos)
Grupo 1	<15
Grupo 2	15 aos 20
Grupo 3	21 aos 29
Grupo 4	30 aos 39
Grupo 5	40 aos 49
Grupo 6	50 aos 59
Grupo 7	60 aos 69
Grupo 8	70 aos 79
Grupo 9	>80

[98] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Suicide Attempts and Methods". In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

A tabela 22 também nos mostra que o suicídio e a tentativa por suicídio por envenenamento foram predominantes entre os dos 15 aos 29 anos, tanto masculino como feminino, isto coincide com a baixa intenção suicida e atitudes impulsivas dos adolescentes e dos jovens adultos, pois, geralmente, agem em resposta aos conflitos familiares ou amorosos. Segundo estudiosos, estes não buscam a morte, mas sua intenção principal seria a manipulação de outros. [99]

Outra possível razão, para a predominância entre o método por envenenamento pelas mulheres, seria que as mesmas buscam um meio em que não as deixariam desfiguradas, ou seja, um método que possibilitaste a manutenção da sua beleza.[100] Supomos isto ser possível devido à promoção da beleza, da magreza, da moda, dos exercícios físicos e dos produtos de beleza nesta época no Recife, tanto que o envenenamento foi o método principal neste, como pode ser observado na tabela 22.

No entanto, somos também inclinados a pensar que o predomínio pelo método do envenenamento devia-se à facilidade na aquisição dos venenos nesta época, como foi observado pelo Doutor Souza na sua tese médica.[101]

O Doutor Souza também mencionou que o progresso da toxicologia fez surgir vários novos tipos de veneno, como pode ser observado pelos nossos dados, tendo em vista a diversidade dos venenos usados, tais como: permanganato de potássio; ácido azótico; ácido fênico; ácido muriático; ácido nítrico; ácido oxálico; ácido sulfúrico; alvaiade; arsênico; calomelanos; cianureto de potássio; elixir de inhame; estricnina; sublimado corrosivo; sulfato de zinco; iodo; lysol; entre outros.

Dentre os venenos, os principais utilizados foram: o permanganato de potássio que foi o mais utilizado com 83 casos, depois viria o lysol e ácido fênico, ambos com 30 casos e iodo com 25 casos. Ressaltamos o grande predomínio do permanganato de potássio, que segundo a Enciclopédia Larousse, serve como anti-séptico e desinfetante.[102] Aliás, estas propriedades podem ser observadas em todos estes. A facilidade de obter estes foi sugerida na tese médica de Annibal Maltez[103], em razão da propriedade desinfetante destes.

---

[99] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Suicide Attempts and Methods". Op. Cit.
[100] Idem.
[101] SOUZA, José de Araujo. **Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia.** Op. Cit. LAPEH
[102] GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998. V. 19.
[103] MALTEZ, Annibal. **Os Envenenamentos.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Medicina (Cadeira de Química Analítica e Toxicologia). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1924. LAPEH

O querosene também deveria ser de fácil acesso, tanto que foi utilizado em quase todos os casos ocorridos por fogo – exceto em quatro casos em que o álcool foi utilizado e em dez casos em que foi usado como veneno. O uso do fogo foi algo tipicamente feminino, pois apenas 10,95% dos casos por este meio foram realizados por homens.

O suicídio pelo fogo nos faz pensar como alguém escolheria uma morte que possivelmente ocorre com muita dor e violência. Segundo Santana, o fogo apresenta uma simbologia de divindade, purificação e de regeneração, tanto que foi usada na Santa Inquisição para expurgar o mal do indivíduo. Além de que, "segundo certas lendas, o Cristo (e alguns santos) trazia de volta à vida os corpos passando-os pelo fogo da fornalha. [...]. Esse fenômeno evoca a imagem do fogo que não queima."[104] Desta forma, o fogo estaria ligado ao simbolismo de Deus e do sol, como fatores que iluminam.

O fogo também pode está ligado à paixão, quando se tratando dos seus significados terrenos. Assim, apresenta uma simbologia ligada à sexualidade, ligadas ao descontrole, "como a chama que consome, devora."[105] Através desta idéia, Santana justifica as tentativas de suicídio por esta forma quando ligadas aos conflitos amorosos.

Oposto a este lado "feminino" do suicídio pelo fogo, está o uso das armas de fogo e das armas brancas pelos homens, que forem, respectivamente, o segundo e terceiro método mais utilizados pelos homens. Geralmente, quando houve o suicídio ou tentativa por uma mulher pela arma de fogo, esta pertencia a algum parente masculino. Portanto, algo tipicamente masculino, pois além do lado violento destes meios, os homens possuíam uma melhor familiaridade com seu uso, tanto que houve mais casos de tentativas por armas de fogo do que de suicídio quando as armas foram utilizadas pelas mulheres.

Este aspecto másculo justifica a razão pela qual o uso do tiro encontra-se com o mesmo percentual que o envenenamento (21,84%) pelos homens na área rural, além de que as armas brancas (19,54%) possuem uma diferença insignificante quando relacionados a estes dois. As armas brancas e as armas de fogo, assim como os venenos, variavam, algo que também foi observado quando comparados os tipos de armamentos aos locais onde ocorreram o ato, como pode ser observado a seguir.

---

[104] SANTANA, Leonardo. **Os Sentidos do Suicídio por Fogo:** Um Estudo com Mulheres através do Método de Rorschardch. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Brasília:UCB , 2010. P. 39.
[105] Idem, p. 66.

Pelas tabelas abaixo, podemos observar que os tipos de armas brancas e as armas de fogo variavam mais no Recife do que na área Rural, possivelmente, por questões de oferta e que as armas da área rural serem mais direcionadas ao trabalho, sustento e segurança. Isto pode-se observar pelo domínio das espingardas e dos rifles na área Rural, pois garantiriam uma melhor segurança contra os bichos e possíveis invasores, pois tem maior potência e precisão do que as pistolas. Ainda por cima, no Recife haveria a necessidade de andar com armas mais "discretas", pois poderiam ser apreendidas, como ocorreu durante o cargo de Chefe de Polícia por Souza Leão, que veio a proibir o uso das armas.

Tabela 23

Tipos de Armas Brancas usadas nos atos em quantidade Total, no Recife e na área Rural, PE/1920-29

Arma Branca	Quant.	Recife	Rural
Vidro Quebrado	1	1	Ξ
Estilete	1	1	Ξ
Fação	1	Ξ	1
Foice	1	1	Ξ
Ferro	1	Ξ	1
Gillette	1	1	Ξ
Garfo	1	1	Ξ
Peixeira	1	1	Ξ
Sabre	1	1	Ξ
Tesoura	1	1	Ξ
Tijolo	1	Ξ	Ξ
Trinchete	1	Ξ	1
Formão	2	2	Ξ
Punhal	2	1	Ξ
Canivete	3	1	Ξ
Navalha	9	4	2
Faca	24	10	10

Tipos de Armas de Fogo usadas nos atos em quantidade Total, no Recife e na área Rural, PE/1920-29

Arma de Fogo	Quant.	Recife	Rural
Garrucha	1	1	Ξ
Pistola Colt	1	1	Ξ
Revólver Gicard	1	1	Ξ
Parabellum	2	2	Ξ
Rifle	4	Ξ	2
Pistola Smith Wesson	5	4	Ξ
Espingarda	7	Ξ	7
Pistola Comblain	8	6	1
Pistola Mauser	14	10	2
Revólver/Pistola	17	8	6

Segundo Couceiro,

> O tipo de arma mais usado para resolver os conflitos era, geralmente, a arma branca. As colunas policiais referiam-se a facas de diversos tipos usadas pelos populares: faca americana, faca de ponta, faca peixeira, faca de cozinha, além de navalhas, punhais, canivetes e outros instrumentos cortantes como garfos, espetos, e até foices. [...].
> Na falta das bicudas, pedaços de pau, tabicas, cacetes, pedras, telhas, canos de ferro, instrumentos de trabalho e até chaves de porta eram usados como armas, além de revólveres e pistolas do tipo Mauser, que talvez em função do

> preço e das dificuldades de aquisição apareciam em número bem menor nos crimes e agressões relatados nos jornais. [106]

Dentre as variedades das armas, sobressai a Pistola Mauser, tida como algo ligado à modernidade. O modelo Mauser 1914 adquiriu sucesso comercial em todo o mundo durante a década de 1920, sendo, inclusive, usada na I Guerra Mundial. Talvez o seu sucesso devia-se ao fato de ser uma arma compacta; possuía um dispositivo que servia como um sistema de segurança, algo que se tratava de uma grande inovação; fabricada com o uso do aço e sua empunhadura envolvente era feita de madeira; e era fabricada pensando-se na defesa pessoal, principalmente nas zonas urbanas.[107]

O uso das armas brancas também dependia da acessibilidade delas, como pode ser visto no caso da tentativa de suicídio de Pedro S.[108], que se encontrava recolhido a subdelegacia de Pombal e para a prática da sua tentativa utilizou "um tijolo do ladrilho do xadrez. Com o mesmo vibrou vários golpes na cabeça."

Segundo Maris *et. all.*, o uso das armas brancas é algo incomum nas práticas de suicídio, entretanto, são frequentes nas tentativas, algo que pode ser observado com os nossos dados da tabela 22, além de observamos que o uso destes foi menor do que os das armas de fogo.

> Mortes suicidas por cortes e esfaqueamentos possuem várias características descritivas. Há locais comum para as feridas (tipicamente o pescoço, punho, ou tórax), acessível a e consistente com a direção da penetração; a presença de múltiplas (repetidas) penetrações; feridas feitas na pele nua do que pelas roupas; a presença de marcas de hesitação; e a ausência de outras lesões e feridas de defesa. Em adição, cortar é doloroso e não leva a um rápido falecimento. Portanto, alguns suicídios começam por corte, mas acabam sendo substituídos por outros métodos, preferindo não esperar sangrar até a morte. [109]

A mudança de método foi verificada em alguns casos de nossos dados, como o de Pedro P. S.[110], que iniciou a sua tentativa ao golpear o ventre com uma faca e depois derramou querosene sobre a cabeça, ateando fogo em seguida.

Assim como as armas brancas, as armas de fogo também variavam os locais dos tiros, que também variavam de gênero, pois os homens escolhiam locais de maior letalidade. Segundo Maris, as escolhas das mulheres aos locais de menos letalidade podia ser em consequência de que as mesmas tinham receios de desfiguração, mesmo ao

---

[106] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 251.
[107] Disponível em: http://www.luftwaffe39-45.historia.nom.br/militaria/mauser1914.htm. Acessado em: 28/04/2011; Disponível em: http://www.mauserguns.com/mauserHistory.asp. Acessado em: 28/04/11.
[108] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentativa de Suicídio.** Recife, sábado 28 de fevereiro de 1925. P. 4.
[109] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Suicide Attempts and Methods". Op. cit. P.305.
[110] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentativa de Suicídio.** Recife, terça 31 de maio de 1921. P. 4.

utilizarem as armas de fogo. Estas diferenças de locais dos ferimentos podem ser vistas na tabela a seguir.

Através da tabela 24, podemos observar que as armas de fogo eram utilizadas, principalmente, contra a cabeça, ouvido e coração/peito, enquanto que as armas brancas foram no pescoço/garganta e no tórax/ventre. Sendo estes os locais também de domínio nos suicídios e tentativas dos homens, enquanto que nas mulheres não houve um local que sobressaísse o outro.

Tabela 24

Local do Ferimento por Armas de Fogo ou Brancas e por Gênero Nos Casos dos Suicídios e das Tentativas, PE/1920-29				
Local Ferimento	Método		Gênero	
	Arma de Fogo	Armas Brancas	Feminino	Masculino
Cabeça	21	1	1	21
Ouvido	17	0	2	15
Boca	3	0	1	2
Pescoço/Garganta	0	19	1	18
Coração/Peito	12	6	1	17
Região Frontal	1	0	0	1
Tórax/Ventre	6	11	1	16
Pulso/Punho	0	5	1	4
Mais de uma área	0	2	1	1
Desconhecido	13	11	Ξ	Ξ

Após o envenenamento e o fogo pelas mulheres, e o envenenamento, as armas de fogo e as armas brancas para os homens, viria à questão da precipitação/afogamento. Colocamos estas duas variáveis juntas pelo fato de como os corpos de água são característicos do Recife, estas duas formas de suicídio estão relacionadas, pois os indivíduos jogavam-se das pontes, dos navios e outros. Desta forma, não sabemos se morreriam da queda ou por afogamento, pois, segundo Maris,

> Quando o pulo ocorre de uma ponte para dentro da água e a força do impacto é suficiente para render a inconsciência individual ou só restringe a habilidade do indivíduo para o auto-salvamento, a morte consequente seria devido ao pulo (em oposição ao afogamento). [111]

Pela tabela a seguir, notaremos esta presença da água, em especial, dos Rios, como lugares de escolha para as precipitações/afogamento. Dentre os rios, o Capibaribe envolvia a área urbana, auxiliado pelo Beberibe. A água possuía uma relação especial

[111] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Suicide Attempts and Methods". Op. cit. P.304.

com o Recife, tanto que os suicídios e as tentativas com o auxílio da água predominaram nela.

Pela tabela abaixo, podemos observar que os corpos de água tiveram também uma proteção contra as tentativas de suicídios, pois apenas 38,24% dos casos envolvendo a água levaram ao suicídio consumado. Isto pode ser explicado, segundo Maris *et. all.*, pelo fato que levam, em média, 4 minutos para a morte por imersão em água doce, enquanto que na água salgada, esta sobe para 8 minutos, devido a diferença da pressão osmótica, levando à um diferença na transferência do fluído para o plasma sanguíneo.[112]

Tabela 25

Local do Pulo/Afogamento em relação à Quantidade; Tipo; Gênero; e Área do Suicídio em Pernambuco de 1920 à 1929

Local do Pulo/Afogamento	Quant.	Tipo		Gênero		Área do Suicídio			
		Suicídio	Tentativa	Fem.	Masc.	Recife	Rural	Olinda	Jaboatão
1º Andar	5	1	4	5	0	4	0	0	0
2º Andar	7	3	4	2	5	7	0	0	0
3º Andar	6	3	3	2	4	3	0	0	0
Açude	3	3	0	1	2	0	3	0	0
Mar	9	3	6	1	8	7	0	1	0
Sobre Pedras	1	0	1	0	1	0	0	0	1
Rio	22	7	15	9	13	14	1	1	1
Tacha com Mel Fervendo	2	1	1	0	2	0	2	0	0

A tabela 25 também nos mostra uma diferença do local do pulo/afogamento com diferentes regiões de Pernambuco, como os suicídios e as tentativas ao pular-se de prédios só ocorreram no Recife (aqui desconsiderando os casos em que não foi definida a área do acontecimento). Isto sugere que não havia prédios de vários andares ou se havia não foram mencionados como ponto de suicídio. Na década de 1920, supomos que os prédios mais altos, devido à presença do elevador, eram destinados aos edifícios comerciais, ao porto e aos edifícios institucionais. "Além do mais, as ousadias de edifícios mais verticais eram consideradas propostas exageradas e até mesmo monstruosas, ou seja, incompatíveis para a população e estrutura locais; conforme constatação do Jornal do Recife, em 1916".[113]

[112] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Suicide Attempts and Methods". Op. cit. P.304.
[113] SILVA, Terezinha de J. P. da. **O papel do elevador na verticalização do Recife:** 1914/1997. Recife: Ed. do Autor, 2006. P. 128.

Esta tabela 25 também nos mostra que os casos pelos açudes só ocorreram na área rural, dada a possível finalidade destes na irrigação, bem como os casos ocorridos pela tacha de mel fervendo, que seriam utilizados nos engenhos ou usinas. A área rural também consiste na região com maior número de suicídios/tentativas por enforcamento, como pode ser observado pela tabela 22, fato, possivelmente, devido ao fácil acesso aos instrumentos que possibilitem o enforcamento.

Esta forma de suicídio acontece com a disponibilidade dos instrumentos ou uma possível adaptação dos mesmos, como o uso de cintos, pedaços de panos, entre outros. No caso de Pernambuco, houve a predominância do enforcamento por auxílio de cordas, como pode ser ressaltado pela tabela 26. O enforcamento e a precipitação, segundo Jamison, são os métodos mais comuns em hospícios (apenas 1 dos 3 casos ocorridos nos hospícios foi por enforcamento, segundo nossos dados) e digamos também as prisões e os hospitais, como sugerem nossos dados, pois são os de mais fácil acesso nestes ambientes.

Tabela 26

Instrumentos usados nos enforcamentos e sua quantidade. Pernambuco, 1920-29	
Enforcamento	Quant.
Cinto	1
Meia	1
Pedaço de Pano	1
Punho de Rede	1
Coberta/Lençol	3
Corda	19

Assim, chegamos ao último método observado pelos nossos dados, o esmagamento. Talvez este seja o método mais difícil para se definir como um suicídio ou uma tentativa, isto porque, este possibilita inúmeras dúvidas se foi acidente, como observado nos inúmeros casos de atropelamento no Recife dos anos vinte.

> Os temores quanto aos perigos da velocidade não tardaram a se concretizar. Descarrilamentos, batidas com automóveis, atropelamentos de pedestres, quedas. Muita gente morrendo esmagada sobre os trilhos, outros caindo involuntariamente dos bondes, e alguns, na tentativa de subir ou saltar com o veículo em movimento, acabavam por se acidentar. Os pingentes, aqueles que viajavam em pé na parte externa, pendurados nos estribos do bonde, não raro esbarravam nos postes próximos da linha, ou caíam nas curvas mais fechadas ou num balanço mais forte.[114]

Este método, segundo Maris *et. all.*, sugere que ocorre em "resultado de manejo imaturo de hostilidade ou sentimentos de raiva, pobre tolerância ao estresse, conflitos internos, dificuldades interpessoais, e que acidentes pode ser um contador depressivo ou contrafóbico".[115]

O suicídio pelo esmagamento também acompanha o desenvolvimento tecnológico, pois iam surgindo novos meios para auxiliar os indivíduos a tirarem a sua vida, tais como: os bondes

Tabela 27

Tipo de Veículo Usado	
Esmagamento	Quant.
Bonde	8
Trem	9

[114] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. PP. 88-89.
[115] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Suicide Attempts and Methods". Op. cit. P.307.

elétricos e os automóveis. O trem e o bonde dominaram nos esmagamentos, como pode ser visto na tabela 27. Estes métodos, como cremos, seriam os escolhidos devido à sua força e potência, que possibilitaria numa morte quase certa, tanto que dos 9 casos por trem, 6 foram de suicídios, e dos bondes foram 3 para ambos os suicídios e as tentativas.

O que impressiona é ausência por carros, talvez em razão da problemática em definir se foi suicídio ou acidente. Ainda podia ser o sentido simbólico do carro nesta época, como um luxo a ser adquirido, mas que realizado por poucos.

> Algumas práticas, que o autor considerava desaparecidas em um tempo passado, como a seresta ou a boemia, deixavam a cidade à mercê de um novo tipo de amor; um amor marcado pela presença de um dos principais símbolos da época: o automóvel. Esse ícone da modernidade acabava por associar ao amor as sensações e ritmos de um presente veloz e fugaz. [116]

Os métodos utilizados servem como indicativos aos padrões culturais da época, que segundo Boris Fauto, servem como um "reflexo de um padrão cultural, do estágio tecnológico, de uma política de Estado, o uso de instrumentos para matar [e suicidar] pode ser objeto de uma micro-história, com seus limites sensíveis".[117]

Padrão cultural também visível nas profissões; na nacionalidade e, em certo ponto, no fator racial. Com as profissões tem-se a familiaridade com seu uso e o acesso mais fácil a estes, ou seja, isto justifica por que os agricultores preferiram as armas brancas; os da área policial, as armas de fogo, e as empregadas pelo envenenamento e fogo. Curiosamente, todas as mulheres na prostituição escolheram o envenenamento e quase todas, pois apenas uma não trazia a informação, foram com o uso do permanganato de potássio, produto usado como anti-séptico e desinfetante, sendo usado no banho para higienizar as partes íntimas, logo, podemos relacionar este produto à profissão delas.

Quanto à nacionalidade, esta pode ter influência no método escolhido, tendo em vista que o indivíduo ao imigrar traz embutidos os vestígios de sua cultura. O predomínio das armas de fogo pelos ingleses pode remontar ao fato que apesar da lei do "Firearms Act 1920" que visava à restrição do uso das armas de fogo na Inglaterra só ficaram mais restritos após 1937, isto pode justificar o aumento dos suicídios pelas armas de fogo até 1940, quando após começa haver a sua diminuição.[118]

---

[116] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 68.
[117] FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano.** Op. Cit. P. 111.
[118] Disponível em: http://books.google.com/books?id=tJA9AAAAIAAJ&lpg= PA179&ots=UVOF_DLY6x&dq=suicide%20england%20method%20firearms%201920&pg=PA175#v=onepage&q&f=false. Acessado em: 28/04/2011.

Por último, observamos que o envenenamento predominou entre as três raças, entretanto, variando quanto ao segundo método mais utilizado, sendo para os pardos e negros foi pelo fogo – com 18 casos cada – e com os brancos ficou empatado o fogo e as armas de fogo – 13 casos cada. Curiosamente, o suicídio ou tentativa por armas de fogo só ocorreu em um caso com os pardos e nenhum com os negros, talvez sendo este método preferido pelos brancos ou também por questões econômicas, dado pelos altos valores destas armas.

Assim como variavam os métodos, bem como os instrumentos usados no ato, variavam também as supostas razões pelas quais levaram os indivíduos a praticarem o suicídio ou tentarem o suicídio, razões que veremos a seguir.

4.1.4. A Última Gota: As razões para o suicídio.

Ao folhearmos pelas notícias dos suicídios e das tentativas, atraiu a nossa atenção, que em algumas delas publicavam-se as razões pelas quais teriam levado as pessoas a cometerem este ato. Foram inúmeras razões, desde a perda de uma vaca de estimação, que foi vendida pelo companheiro, ao abandono de um parceiro, que contraiu casamento com outra pessoa. Dada a esta variedade, resolvemos as dividir em categorias, que seguem a seguir:

- → Abandonado(a) pelo(a) Companheiro(a);
- → Amores Contrariados;
- → Ciúmes;
- → Motivos Íntimos [houve diversos casos em que esta foi a justificativa];
- → Maus tratos e brigas por parentes ou vizinhos;
- → Desgosto da Vida;
- → Perda de um Objeto [no sentido de objeto material];
- → Morte de outros;
- → Doença;
- → Desequilíbrio Mental;
- → Alcoolismo;
- → Dificuldades da vida e/ou financeira;
- → Ligados ao crime;
- → Recusa a esclarecer;
- → Desconhecido, ignorado ou não mencionado.

Podemos observar que estas categorias possuem ligação com eventos relacionados às emoções negativas, isto porque, segundo Shneidman, "o suicídio nunca nasce da exaltação ou alegria, ele é fruto de emoções negativas."[119]

Atualmente, se direciona as causas da maioria dos suicídios aos fatores mentais, ou melhor, à algum distúrbio mental. Contudo, como menciona Colt, o ato em si possui

[119] SHNEIDMAN, Edwin. **The Suicidal Mind.** Op. cit. p. 7.

um significado, objetivo ou motivação, pois as pessoas sempre se suicidam por alguma boa razão. Para elas, o suicídio é visto como a única saída, como relata Sneidman.

Se os suicídios são frutos dos distúrbios mentais, não estamos aptos e nem consiste no nosso objetivo desta dissertação, mas sim os valores da sociedade por traz destas razões, que podem ser reais ou imaginárias, mas que possuem algum valor para um melhor entendimento da ligação entre a sociedade, a modernidade e o suicídio. Isto porque, segundo Jamison, "cada cultura tem sublinhado suas próprias motivações para o suicídio"[120], na qual "o suicídio significa coisas diferentes para pessoas diferentes em momentos diferentes."[121].

Apesar de sabermos que há grandes chances destas razões serem apenas superficiais, estas ainda nos auxiliam num melhor entendimento deste fenômeno complexo e a sociedade em que estava inserida na época, pois "nada influencia tanto nossa capacidade de suportar as dificuldades da existência quanto o contexto em que as vemos"[122]. Vejamos agora a relação entre o suicídio e tentativa com as razões.

Tabela 28

Razão Para O Suicídio	Suicídio	Tentativa	Total
Perda do Objeto	1	2	3
Embriagado	3	1	4
Morte	2	3	5
Recusa a Esclarecer	0	5	5
Desequilíbrio Mental	3	3	6
Ligados ao Crime	5	4	9
Maus Tratos e Brigas Família/Vizinho	8	10	18
Desgosto da Vida	5	18	23
Doença	16	9	25
Abandonado pelo Companheiro	9	17	26
Dificuldades da Vida e Financeira	14	21	35
Amores Contrariados	16	41	57
Ciúmes	5	56	61
Motivos Íntimos	9	58	67
Desconhecido ou Ignorado	154	323	477

Pela tabela 28 podemos observar que a maioria das notícias não trouxe uma razão para o ato, talvez porque as notícias foram publicadas antes de uma averiguação dos casos pela polícia, os indivíduos não quiseram mencionar ou ainda a impossibilidade de se saber quando fosse um suicídio, caso o indivíduo não tenha deixado nenhum registro.

Pulando esta questão do desconhecido e ignorado, notamos que as questões ligadas às intimidades pessoais e aos amores (aqui se referindo às categorias: ciúmes;

[120] JAMISON, Kay R. **Night Falls Fast:** Understanding Suicide. Op. cit. p. 87.
[121] ALVAREZ, A. **O Deus Selvagem:** um estudo do suicídio**.** Op. Cit. P. 13.
[122] ZELDIN, Theodore. **Uma história íntima da humanidade.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2008. P.25.

abandonados pelos companheiros; amores não correspondidos e motivos íntimos) foram as principais causas em relação ao número total de suicídios e tentativas, equivalente a 61,63% dos casos – quando se desconsidera os valores da categoria desconhecido ou ignorado.

O amor na modernidade, segundo Hugo Augusto, passou a ser algo essencial nos casamentos e nas relações afetivas, tendo acontecido um movimento, nas primeiras décadas do século XX, "de inserção do amor como uma emoção a ser valorizada e desejada, o que a credenciou a ser um elemento esperado dentro das relações entre homens e mulheres, especialmente do casamento"[123].

Contudo, observamos que este amor moderno também veio a ser a razão para vários suicídios e tentativas, pois o amor não significava a união, dado à presença do abandono dos companheiros, quebras de noivados e vários casos de ciúmes.

Desta forma, a ausência do amor ou pelo menos a idéia dele teve papel nos casos de suicídio e de tentativas em Pernambuco da década de 1920, segundo Ornish,

> Quando a pessoa é incapaz de experimentar o sentimento de união e comunidade de forma curativa, geralmente encontra outros meios escusos e autodestrutivos. A poderosa necessidade que o ser humano tem de intimidade, conexão e comunidade pode ser preparada para a cura, [...], mas pode também ser distorcida, de modo a levar à doença, ao desespero, à escuridão.
> Essa necessidade de intimidade é tão forte que pode até mesmo sobrepujar nosso instinto de sobrevivência.[124]

Edwin Shneidman menciona que as pessoas, em geral, possuem a necessidade de *succorance*, que seria a busca do afeto, de ser cuidado, de ser amado, da proteção, do suporte e do auxílio de outros. Algo, que podia ser típico das mulheres na década de 1920, dado que as mesmas deveriam ser submissas aos homens e estes lhe proveriam suas necessidades, constituindo, assim, a família ideal burguesa.

Nossos dados nos mostram que a maioria dos suicídios e tentativas por questões amorosas ocorreram entre as mulheres, como pode ser observado na tabela 29. Estas nos seus papeis de submissas, desejavam o amor e a atenção, muitas vezes aceitando diversos abusos visando à aceitação e afeição, como mostra Shneidman.

Esta necessidade pelo amor e proteção do parceiro, pode ser observada no caso de Sarah F.[125], uma russa de 27 anos, que se encontrava no Recife e seu esposo no Rio

---

[123] MEDEIROS, Hugo Augusto Vasconcelos. **Amores de ontem, amores de outrora:** emoção e gênero no Recife dos anos 1920 e 1930. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2010. P. 142.
[124] ORNISH, Dean. **Amor & Sobrevivência:** a base científica para o poder curativo da intimidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. P. 27.
[125] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, sábado 25 de setembro de 1920. P. 4. FUNDAJ

de Janeiro. Desde que seu esposo tinha ido para o Rio, Sarah começou a ficar triste, pois achava que ele a queria abandonar e depois que soube que isto ia acontecer mesmo, pois seu marido estava de passagem marcada para Nova York, ela suicidou-se ingerindo lysol.

Tabela 29

Razão Para O Suicídio	Gênero	
	Fem.	Masc.
Desconhecido ou Ignorado	283	194
Abandonado pelo Companheiro	22	4
Amores Contrariados	38	19
Ciúmes	55	6
Desequilíbrio Mental	1	5
Desgosto da Vida	13	10
Dificuldades da Vida e Financeira	9	26
Doença	8	17
Embriagado	0	4
Ligados ao Crime	3	6
Maus Tratos e Brigas Família/Vizinho	13	5
Morte	1	4
Motivos Íntimos	52	15
Perda do Objeto	2	1
Recusa a Esclarecer	2	3

Isto pelo jeito era algo comum nesta época, pois, segundo Cláudia Fonseca, "o homem que não queria mais viver com sua esposa podia simplesmente sumir, esperando que sua mulher desse conta de sustentar a família".[126] Algo que podemos verificar nas notícias, como no caso de Luiz A. C.[127], que era casado, mas estava vivendo com a sua amante, com a qual tinha um filho de 8 meses, passando a viver "uma vida de dissipações", segundo a notícia. Quando ia para a casa da sua esposa, era para tratá-la mal. Outro fato curioso desta história foi que Luiz tentou se matar com uma pistola Mauser, por causa disto a sua amante acabou sendo presa, mesmo ele dizendo ao tenente que a mesma não tinha nenhuma culpa. Mesmo assim, a amante foi recolhida ao xadrez de Santo Antonio.

No entanto, não eram sós os homens que abandonavam o lar, mas também as mulheres, como observado no suicídio de Bartholomeu J. F.[128], que era casado, mas cuja esposa apaixonou-se por um chauffeur, com o qual foi viver, tendo levado o filho, fruto do casamento, junto. Este fato o deixou envergonhado e com saudades do filho.

[126] FONSECA, Cláudia. "Ser mulher, mãe e pobre". In: PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) **História das Mulheres no Brasil.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. P. 523.
[127] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentou contra a existência.** Recife, 24 de dezembro de 1920. P.4. FUNDAJ
[128] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Ingeriu vidro em pó, morrendo.** Recife, sexta 01 de março de 1929. P. 1. FUNDAJ

Portanto, o abandono do lar e do casamento era um motivo para o suicídio, mas também era a rejeição, como o caso anteriormente mencionado de José B. A., motorneiro de 27 anos, que era casado, mas apaixonou-se por Severina, sendo constantemente rejeitado pela mesma.

Pode-se observar que apesar da valorização do casamento como fator de status social, ser casado ou noivo não significava que haveria o casamento ideal. O noivado podia-se acabar a qualquer momento, como ocorreu com Laurinda M.[129], de 20 anos, trabalhando como auxiliar de uma empresa telefônica, cujo noivo estava no Amazonas. Ela havia recebido, dias antes de tentar o suicídio, uma carta do seu noivo dizendo que ira para os Estados Unidos, razão pela qual não voltaria à Pernambuco para realizar o matrimônio.

Cláudia Fonseca menciona que, segundo pesquisas recente, dados indicam que a maioria da população iniciava sua vida sexual antes do casamento, tanto que "bastava a moça acreditar na seriedade das intenções de seu pretendente para lhe entregar o dote de sua virgindade. Porém, os homens nem sempre eram sinceros"[130]. Não sabemos se isto aconteceu com Laurinda, pois o Diário de Pernambuco não trazia notícias de defloramento nas suas páginas. No entanto, ao pesquisarmos os processos criminais do Memorial de Justiça de Pernambuco, podemos observar vários processos de acusação de defloramento em que o homem havia prometido casamento, mas depois do "ato" acabava fugindo, isto quando também não havia dado um nome fictício antes.

Apesar de Rezende mencionar que "a mulher moderna [...] não se interessa mais pelos devaneios do amor romântico"[131], notamos que o amor ainda tinha um papel fundamental na vida das pessoas, em especial, das mulheres. Talvez isto se devesse as mudanças nas estruturas sociais desta época que possibilitaram uma profunda sensação de solidão e de isolamento, logo, necessitava-se o que Shneidman mencionou como sendo *succorance*.

> O medo da solidão tem sido como uma bola e uma corrente que restringem a ambição e são um obstáculo à vida plena [...].
> [...], uma epidemia de solidão varre o mundo, de mãos dadas com a prosperidade, e pior ainda, quanto maior êxito que se alcança, mais provável será o sofrimento dele decorrente, [...].[132]

[129] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentou contra a existência, atirando-se ao mar.** Recife, quinta 28 de março de 1929. P. 6. FUNDAJ
[130] FONSECA, Cláudia. "Ser mulher, mãe e pobre". Op. Cit. P. 529.
[131] REZENDE, Antonio Paulo de M. "Cidade e modernidade: Registros Históricos do Amor e da Solidão no Recife dos anos 1930. Op. Cit. P. 63.
[132] ZELDIN, Theodore. **Uma história íntima da humanidade.** Op. Cit. P. 78.

Rezende também notou nas suas pesquisas o aumento das notícias de suicídio por causa do abandono e das dificuldades de dividir a vida com outro, que acabava levando ao desespero. Isto porque "o isolamento social ou relações sociais conflituosas são encontrados frequentemente nos suicidas"[133].

Litman e Farberow[134] mencionam que os suicídios e as tentativas ocasionados pela separação do companheiro ou do amado muitas vezes são acompanhados de sentimentos ambivalentes, pois o indivíduo ao tentar o suicídio na realidade deseja que o seu amado lhe salve, sendo unidos novamente. Isto pode ser sugerido pelos nossos dados, pois as tentativas de suicídio por questões amorosas possuem as taxas mais altas, enquanto que o mesmo não se observa com o suicídio.

Então como explicar a maioria dos suicídios pelos casados, como visto anteriormente? A interação social, geralmente, exerce seu fator de proteção quando esta não é negativa e vimos que estar casado nesta época não significava que estivesse "casado", devido aos abandonos dos lares, abusos dos parceiros e o adultério, como pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 30

Razão Para O Suicídio	Estado Civil					
	Casado	Ex-Noivado	Noivo	Separado	Solteiro	Viúvo
Abandonado pelo Companheiro	**4**	**4**	0	0	**1**	0
Amores Contrariados	**7**	0	0	1	**2**	0
Ciúmes	**2**	0	1	0	**14**	0

Quanto aos solteiros, vale lembrar que esta foi uma época em que o flerte consistia numa das práticas mais comum de relacionamentos, na qual ocorria o envolvimento de diversos parceiros e tão rápido como começa, também terminava.[135] Época também em que a beleza passou a ser algo fundamental, com o culto da beleza, da magreza, da moda e dos corpos bem cuidados, e também da maquiagem que veio ao auxílio das feias, como foi descrito no segundo capítulo.

Além do que, como este também foi o período dos casamentos cada vez mais por amor, também era o das seduções, na qual "propagava-se um imaginário influenciado pela modernidade: pernas de fora, jogos de sedução em cada gesto ou

[133] MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung. "Fatores de risco de suicídio". In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio:** estudos fundamentais. São Paulo:Segmento Farma, 2004. P. 116.
[134] LITMAN, Robert; FARBEROW, Norman. "Emergency Evaluation of Self-destructive Potentiality". In: FARBEROW, Norman; SHNEIDMAN, Edwin. **The Cry for Help.** New York: McGraw-Hill, 1961.
[135] REZENDE, Antonio Paulo de M. "Cidade e modernidade: Registros Históricos do Amor e da Solidão no Recife dos anos 1930. Op. Cit.

olhar, enfim, a quebra de tabus que anunciava a mulher moderna"[136] Logo, a sedução poderia esta em cada esquina, tanto que , segundo Couceiro, "os homens apareciam nas notas sociais como vítimas da astúcia e do poder de sedução das moças"[137].

Isto também serve para justificar os suicídios e as tentativas por questões de ciúmes, uma das principais razões da época, em especial, das mulheres. Segundo Couceiro, as cenas de ciúmes, acompanhadas de disputas e discussões eram comuns nos cafés do Recife nos anos vinte.

Desta forma, podemos observar porque as questões amorosas dominavam no fenômeno total do suicídio, especialmente, das tentativas. Estas questões também podem explicar a razão pela qual os suicídios e tentativas por questões íntimas e amorosas ocorrem com predominância no Recife, em comparação com a área rural e entre os mais jovens, que eram mais suscetíveis as paixões e relações amorosas.

Tabela 31

Razão Para O Suicídio	Local Ato		Grupo Etário (em anos)								
	Recife	Rural	< 15	15-20	21-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70-79	≥ 80
Desconhecido ou Ignorado	297	116	5	58	90	38	13	5	5	4	2
Abandonado pelo Companheiro	**20**	2	0	4	9	2	0	0	0	0	0
Amor Contrariados	**40**	11	0	**15**	**8**	3	0	0	0	0	1
Ciúmes	**43**	9	0	**15**	**16**	0	0	1	0	0	0
Desequilíbrio Mental	4	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0
Desgosto da Vida	17	1	0	3	7	1	2	0	1	0	0
Dificuldades da Vida e Financeira	27	5	0	4	9	4	5	0	0	0	0
Doença	12	7	0	1	4	3	2	1	0	0	0
Embriagado	2	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Ligados ao Crime	2	3	0	1	2	0	0	0	0	0	0
Maus Tratos e Brigas Família/Vizinho	15	1	4	5	2	3	0	1	1	0	0
Morte	5	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0
Motivos Íntimos	51	11	0	**12**	**19**	**10**	0	1	0	0	0
Perda do Objeto	2	1	0	2	1	0	0	0	0	0	0
Recusa a Esclarecer	3	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0

A questão do amor e das paixões, segundo Fraser, pode estar relacionada à melancolia:

> O sujeito, quando estabelece um vínculo amoroso, o faz de forma totalitária, um tipo de amor compatível com a abolição da existência em separado do objeto-o objeto é incorporado ao próprio ego do indivíduo, uma relação que não resguarda a alteridade do outro e a dimensão estrutural da falta.
> No apaixonamento encontramos também referências de uma perda de si mesmo – estou perdidamente apaixonado. A paixão consiste em elevar o objeto de amor ao estatuto de objeto *a*, e a emergência deste objeto implica numa queda subjetiva. Porém, quando a paixão sofre suas primeiras desilusões através de um trabalho semelhante ao luto, o sujeito pode reencontrar sua falta, possibilitando a instauração do amor. O melancólico

[136] PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas.** Op. Cit. P. 111.
[137] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 208.

> distingue-se do apaixonado por não ter meios de fazer emergir a falta, é um enamoramento que, chegando ao extremo, pode desembocar na fatalidade de um amor mortífero. [138]

A melancolia de Freud pode também ser usada para entender o suicídio e a tentativa devido à morte de outros e a perda do objeto amado, isto porque a pessoa acaba confundindo a si mesmo como um objeto, onde o ego é dominado pelo objeto e a pessoa acaba dirigindo a si própria a hostilidade relacionada a um objeto.

Traços da melancolia podem ser observados no caso tentativa de Ezequiel L.[139], de 55 anos e professor, que já era viúvo e após a morte de sua mãe, que aconteceu três meses antes, entrou numa profunda tristeza e solidão, que "lhe produziram incapacidade de espírito e o impossibilitavam do exercício regular de sua profissão, ao mesmo tempo insônia que o privava do sono e do descanso, que assim se sentia cansado e aborrecido de viver, [...]."

O suicídio ocasionado devido à morte de terceiros, pode ser atribuído a idéia consciente ou não de reunião com a pessoa morta, como pudemos supor que ocorreu com o suicídio de Eugenio C. L.[140], de 34 anos, que se suicidou no cemitério de Santo Amaro perto da cova de seu filho, de três meses e meio, que havia falecido no início de janeiro. Com a investigação policial, uma das possíveis causas atribuídas foi a morte deste seu filho, pelo qual tinha extrema afeição.

Nestes dois casos, podemos notar que o suicídio ou a tentativa ocorreram poucos meses depois da morte da pessoa amada, isto porque, segundo Litman e Farberow, o suicídio ocorre dentre o primeiro ano após a morte da pessoa amada. Dos cinco casos de suicídio e tentativa por questões da morte – (destes dois foram de um mesmo indivíduo, que tentou a primeira vez sem êxito, após tentou outra vez, tendo então consumido o seu desejo de morrer)-, três foram relacionados à morte das esposas ou companheiros. Isto pode ser justificado usando o pensamento de Durkheim, de que o indivíduo, que tira mais proveito com um casamento, será mais propenso ao suicídio com o divórcio ou viuvez. Como nesta época tanto o homem como a mulher podiam tirar proveito do casamento, pois dependendo deste, ele teria os cuidados do lar e ela o sustento, pode-se justificar nenhum predomínio dos sexos sobre a morte dos parceiros.

---

[138] FRASER, Márcia T. D. "Melancolia – Um Amor Fatal". In: PERES, Urania T.; COELHO, Mª Thereza A. D. **Anais:** 1º Congresso Internacional do Colégio de Psicanálise da Bahia – Amor e Morte. Salvador: EGBA, 1998. PP. 195-196.
[139] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Facto Lamentavel.** Recife, 22 de março de 1920. P. 3. FUNDAJ
[140] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Triste Occurrencia.** Recife, 16 de março de 1921. P. 3. FUNDAJ

Entretanto, a vida em família e numa comunidade nem sempre serviram como forma de proteção contra o indivíduo, especialmente, com as mulheres, que eram mais vigiadas quanto as suas condutas, tanto que se suicidaram ou tentaram mais do que os homens quando relacionados aos maus tratos e abusos dos familiares e vizinhos, e por desgosto da vida.

A família e a comunidade de vizinhos podem ser as principais instituições sociais que protegem os indivíduos, mas também podem ser aquelas que levam ao suicídio: ao controlar seus amigos; acabando o namoro; não consentindo com seu casamento; perseguindo-lhe; difamando-lhe; repreendendo-lhe, entre outras. Esta perseguição já foi observada num dos processos criminais, referentes ao caso de Maria, mencionado no capítulo anterior, tendo até ocorrido denúncias policiais contra a mesma por seu vizinho.

Assim, todas estas razões mencionadas no parágrafo anterior foram causas de suicídios e tentativas em Pernambuco da década de 1920. Estes maus tratos podem ser observados no caso de Severina C.[141], que tinha 17 anos, que foi repreendida por seu pai, um fotógrafo ambulante, por estar andando com indivíduos de conduta duvidosa. Também no caso de José C. P.[142], cujo namoro foi acabado pela família da moça.

Apesar disto, os laços familiares são essenciais como uma forma de proteção aos indivíduos, tanto que os homens (74,3%) se suicidavam e tentavam mais do que as mulheres (25,7%), quando estes ocorriam por questões de problemas financeiros. Isto porque o sustento do lar dependia do homem, tanto que a maioria dos suicídios e tentativas dos casados foi devida a esta razão. Como no caso do suicídio de José F. S.[143], que segundo a notícia tinha 40 anos e era chefe de uma numerosa família, assim, "vivia ele em sérias dificuldades, pois ganhava pouco para a manutenção da família".

O sustento do lar e da família cabia ao homem, sendo esta a sua obrigação moral e social, assim, ocasionando a vergonha e desespero. Para piorar o quadro, o Estado apresentava dificuldades econômicas, como menciona Couceiro,

> Apesar do incentivo financeiro e dos esforços políticos dos primeiros governos republicanos, que estimularam a instalação de modernas usinas em Pernambuco, as exportações do produto continuavam a cair. A crise que afetava o principal produto do Estado, as secas periódicas e a própria conjuntura econômica mundial do início do século XX interferiam na economia local, provocando constantes flutuações nos preços dos produtos de

[141] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, quarta 8 de julho de 1925. P. 2. FUNDAJ
[142] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Ingeriu iodo para morrer.** Recife, 11 de abril de 1929. P. 4. FUNDAJ
[143] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Acabou com a vida, enforcando-se.** Recife, quinta 7 de novembro de 1929. P. 5. FUNDAJ

> primeira necessidade, gerando crises cíclicas e desabastecimento na cidade. Preços altos, escassez ou mesmo falta de produtos básicos, como carne e outros, foram uma constante na vida da população nas primeiras décadas do século. [144]

Razões pelas quais os salários dignos e a oferta de emprego foi uma das sugestões na tese do Doutor Quintino para se evitar o suicídio, como foi visto no capítulo anterior. Assim, os homens conseguiriam sustentar suas famílias, logo cumprindo com as suas atribuições morais e sociais. Além de que, esta era uma época em que o trabalho feminino, especialmente da esposa, fora do lar não era muito bem visto.

Apesar de não ser bem visto, as mulheres das camadas populares também precisavam manter seu sustento, especialmente, as solteiras, pois supostamente não teriam um esposo para isto. Das nove mulheres que se suicidaram ou tentaram por motivos financeiros, não foi mencionado em nenhum destes casos como sendo elas casadas ou até noivas. Os homens solteiros também não eram impunes, pois precisavam se sustentar justo numa época com dificuldades econômicas e de extremo combate aos vagabundos e gatunos, tanto que estar à noite andando pela rua podia levá-lo a ser preso.

Outro fator de combate do governo foi o alcoolismo e aos embriagados, que também levou indivíduos ao suicídio. Colt menciona que os indivíduos que abusam do álcool têm 115 vezes mais riscos de cometer suicídio do que os que não abusam. Risco que aumenta quando associado com uma doença mental, principalmente da depressão. Esta associação pode ser observada no suicídio de José F. M.[145], que segundo relata a notícia, "o infeliz que de algum tempo a esta parte vinha demonstrando sinais de desequilíbrio mental, tendo se alcoolizado levou a termo, nesse estado, esse ato de tresloucamento."

Neste exemplo acima, observamos que o álcool também podia estar relacionado à redução das inibições, mas também ao encorajamento impulsivo e atitudes de risco. O alcoolismo também pode ocasionar dificuldades sociais, especialmente numa época em que havia uma grande campanha contra a mesma, sendo considerada uma das trindades dos problemas da humanidade. [146]

---

[144] COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade.** Op. Cit. P. 234..
[145] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio por enforcamento.** Recife, terça 15 de agosto de 1922. P. 5. FUNDAJ
[146] COLT, George Howe. **November of the Soul**. Op. cit.

Segundo Pirkola *et. all.*[147], os suicídios por alcoolismo, geralmente, estão relacionados a outros problemas, como financeiras, relacionamentos e empregatício. Também ocorrem, frequentemente, em indivíduos do gênero masculino, que moram sozinhos, algo condizente com nossos achados, pois todos foram do sexo masculino, e em todas as notícias em que havia o estado civil, podemos observar que eram solteiros. Geralmente também são indivíduos ligados aos trabalhos manuais, também observados nos nossos casos, onde um era catraeiro e o outro jornaleiro, os outros casos não foram mencionados a profissão.

Os suicídios ligados ao consumo de álcool, não raramente, estão associados aos suicídios consumados, observados nos nossos dados, nos quais 75% foram consumados. Contudo, os estudos recentes notaram que estes são típicos dos casos de suicídios entre brancos, porém nossos dados apontam para os pardos (quando foi mencionado a raça, observamos que todos eram pardos), talvez por estes estarem mais correlacionados à vida de solteiro e aos empregos manuais na década de 1920. [148]

Apesar do baixo número de suicídios e tentativas pelo alcoolismo, vale observar que em alguns casos não foram atribuídos o suicídio aos embriagados, como podemos observar no caso de Cecílio F. V.[149]. Este quando se encontrava na ponte da Boa Vista, jogou-se ao rio, fato que foi presenciado por várias pessoas, que acreditavam ter sido um caso de tentativa de suicídio. A polícia interveio, tirando-o da água, quando, então, notaram que ele estava em completo estado de embriaguez, assim, a notícia do jornal não atribuiu isto como sendo um caso de tentativa de suicídio.

A histeria também não era atribuída ao suicídio, como pode ser visto no caso de Maria S.[150], que "quando passava pela ponte da Boa Vista foi acatada de histerismo e nesse estado quis se atirar da ponte abaixo, não o fazendo, porém, devido à intervenção das pessoas que passavam na ocasião". Todavia, esta não atribuição ao suicídio não foi observada nos casos, cujas razões foram por doença ou desequilíbrio mental.

Há uma indicação de que as doenças físicas, segundo Goldblatt, são fatores de risco para o suicídio e atitudes suicidas, isto porque, "as doenças quase sempre resultam numa mudança nos indivíduos quanto a sua percepção e relações com si mesmo,

[147] PIRKOLA, Sami; *et. all.* "Suicides of Alcohol misusers and non-misusers in a Nationwide Population". In: **Alcohol & Alcoholism.** Vol. 35, nº 1, PP. 70-75, 2000.
[148] LESTER, David. "Alcoholism, Substance Abuse, and Suicide". Op. Cit.
[149] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Embriagado jogou-se n'água.** Recife, quarta 19 de janeiro de 1921. P. 4. FUNDAJ
[150] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Hysterismo.** Recife, sexta 27 de agosto de 1920. P. 2. FUNDAJ

família, amigos, trabalho e sociedade. Tais mudanças na percepção e relacionamentos podem contribuir para as atitudes suicidas".[151]

Podemos supor mudanças de percepção no suicídio do inglês Noel A. M.[152], que estava no Recife fazia quase um ano, pois o mesmo havia contraído sífilis havia umas três semanas, que culminaram com o insucesso de uma cirurgia e a morte de sua esposa. A sífilis, possivelmente, deve ter contribuído com o sentimento de vergonha, pois era um engenheiro inglês, que deveria ser lhe atribuído um melhor status social. Além do mais, esta doença era considerado um mal social, como pode ser visto na propaganda do remédio aluol, divulgado na revista *A Pilhéria.*

> **Ser sifilítico. Que horror** !!! A sífilis é uma moléstia que mais concorre para a degenerescência da raça, inutilizando não só o individuo como também os seus descendentes. Os loucos, os dementes, os neurastênicos, os epilépticos, os paralíticos, os portadores de aortites, aneurismas, os doentes dos pulmões, coração, fígado, baço, intestinos, etc., devem sua infelicidade, em 90% dos casos, a este perigoso agente de destruição. O sifilítico tem a todo instante sua felicidade ameaçada e, o que é pior, o futuro dos seus descendentes comprometido pelo grande numero de taras que lhes pode legar. [153]

Para Shneidman as doenças resultam no suicídio mais pelas ansiedades com as possíveis dores físicas, do que a dor física em si, que até certo ponto pode ser controlada com auxílio médico. Esta idéia da possibilidade pode justificar os casos em que se julgavam tratar de uma doença incurável, como no caso do suicídio de Joaquim F. F.[154], que "vinha sofrendo de uma moléstia julgada incurável". Entretanto, vários foram os casos em que o indivíduo vinha sofrendo de uma doença incurável.

Isto ocorria numa época em que o suicídio ou morte pela eutanásia de uma pessoa com doença incurável era altamente criticado. Como visto através da notícia *O direito de matar, em caso de moléstia incurável*, publicada no Diário de Pernambuco, que trazia relatou de diversas pessoas sobre a sua opinião acerca da eutanásia, dos seis entrevistados, apenas um mostrou-se favorável à eutanásia:

> O sr. Bulhões Pedreira, presidente do "Club de Advogados", ouvido, também, declarou o seguinte:"Em face da lei, como dizer-se impune o homicídio piedoso? Mas a justiça humana pouco poderá divorciar-se da piedade. Quem mata para abreviar a dor alheia não é socialmente um criminoso, nem a pena para ele teria qualquer finalidade." [155]

---

[151] GOLDBLATT, Mark. "Physical Illness and Suicide". In: In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000. P. 342.
[152] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, domingo 27 de março de 1921. P.5. FUNDAJ
[153] A PILHÉRIA. **Syphilis.** Recife, 21 de julho de 1923, nº 95. P. 2. Grifo nosso. DP
[154] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio de um guarda-civil.** Recife, 25 de abril de 1928. P. 4. FUNDAJ
[155] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **O direito de matar, em caso de moléstia incurável.** Recife, sábado 9 de novembro de 1929. P. 1. FUNDAJ

Atualmente, Goldblatt menciona que se considera que algumas doenças estão mais associadas aos riscos de suicídio do que outras. Não podemos observar se isto ocorria com as doenças mais típicas da década de 1920, pois os jornais não relatavam a doença que o suicida sofria, só relatando que era uma moléstia incurável ou julgada como sendo uma.

Quanto às doenças mentais, acredita-se hoje que 90% dos casos apresentam sinais disto. Apesar do baixo número de suicídios e tentativas por desequilíbrio mental (seis casos), vale lembrar que em 49 casos foram mencionados sinais disto, contudo, nem sempre os atos foram atribuídos a isto.

Antigamente, acreditava-se que desordens de cunho afetivo, humor e depressivo eram os sinais principais para riscos de suicídios entre os que sofriam de distúrbios mentais. Isto é contestando atualmente, como visto em Shneidman no primeiro capítulo, já que para ele a associação entre o suicídio e a depressão não é verdadeira.

Podemos notar um específico caso entre nossos dados que indicam distúrbios de personalidade, que, segundo Tanney, "31 a 57% dos suicídios consumados qualificavam com [...] diagnóstico de desordem de personalidade"[156]. O caso refere-se a João S. L.[157], que estava noivo da senhorita Olivia, tendo mandado, durante o seu relacionamento, duas cartas para a noiva, sendo que assinadas com diferentes nomes, tendo uma com seu nome e a outra com Antonio F. M. Inclusive, no anel de noivado estava gravada as iniciais A.F.M, como relata no depoimento de Olivia:

> Que há 3 meses contratou casamento com João de Souza Lima; que, dois dias depois, ele a presenteou com uma aliança, tendo gravadas as iniciais A.F.M.; que algumas vezes conversou com o seu noivo João de Lima na janela de sua residência, nunca tendo, porém, o mesmo entrado em sua casa; que o dia da realização do seu consórcio ainda não havia sido marcado; que, durante o tempo de noivado, apenas recebeu duas cartas, tendo uma a assinatura de João de S. L. e a outra de Antonio F. de M., que ignora o motivo por que seu noivo lhe enviara cartas com nomes diferentes [...]. [158]

Os sinais indicam que antes de João se suicidar, ele iria assassinar a sua noiva antes, pois se encaminhou para a casa da mesma, tendo solicitado a presença dela. Isto não aconteceu, porque Olivia foi impedida por sua irmã, que "vendo João L. preocupado e tendo a mão direita no bolso da calça, não consentiu que ela aparecesse;

---

[156] TANNEY, Bryan. "Psychiatric Diagnoses and Suicidal Acts". In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000. P. 329.
[157] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, sexta 28 de outubro de 1921. P. 4. FUNDAJ
[158] Ibidem.

que, logo após, ouviu uma detonação, sabendo depois que o seu noivo havia tentado contra a existência disparando uma pistola contra a cabeça".

Geralmente, as notícias só referiam que o indivíduo estava sofrendo das faculdades mentais ou era louco, em alguns casos mencionam sinais de neurastenia e num caso relatado de uma suicídio em Paris, mencionam que uma Madame francesa que havia sido roubada, começou a apresentar sinais de mania de perseguição. Isto porque sintomas de ansiedade após um evento traumático e neuroses não-depressivas apresentam uma ligação com o aumento do risco de suicídios, como menciona Tanney.

O curioso destes casos, cujas razões para os suicídios foram o desequilíbrio mental, foi que em nenhum destes ocorreu num hospício ou hospital, todos (quando mencionados o lugar) se deram nas residências. Observamos isto também nos casos ligados aos crimes, pois em apenas um dos noves casos ocorreu na prisão.

Assim, chegamos à última razão dada por ter se cometido o ato, aquelas ligadas ao crime, sendo que a maioria destes foi realizada por homens (66,67%) e quando foram mencionadas as profissões, que ocorreu em apenas 5 casos, notamos que todos os cinco trabalhavam como auxiliares do comércio, sendo três destes na casa dos vinte anos de idade (outros dois não mencionados).

Muitos destes ocorreram porque o dinheiro do estabelecimento comercial, onde trabalhavam, havia sumido e não tinham como repor; ou foram acusados de roubo e ameaçados de polícia, ou ainda por arrependimento do crime. No geral, todos os casos estavam envolvidos com roubo ou sumiço de dinheiro, menos um caso em que foi de adultério de uma mulher, que foi pega em flagrante, tendo em vista que este era penalizado pelo código penal da época.

Podemos observar que os suicídios ligados ao crime, também estavam, de certo modo, conectado à honra. Época em que a honra servia como defesa nos julgamentos e também como justificava para agressões, quando foste desonrando. Desta forma, podemos entender estes suicídios mencionados no parágrafo anterior, pois caso dinheiro sumisse do seu patrão, algo de que era da responsabilidade sua e não houvesse culpados, logo, esta agressão contra a honra cairia para si próprio. De certa forma, o indivíduo seria ao mesmo tempo o que foi desonrado e aquele em busca do restabelecimento de sua honra.

Podemos observar isto no caso da tentativa de suicídio de Raul M.[159], que trabalhava para os Irmãos Seixas e Cª, pela qual foi encarregado de receber a importância da casa Loureiro Barbosa e Cª a quantia de 72:500$000. Após o recebimento e já de volta ao escritório onde trabalhava, Raul observou que faltavam 10:000$000, assim, resolveu adiar a prestação de contas para o próximo dia. Desta forma, sob forte impressão moral e sem saber explicar o sumiço do dinheiro, viu a morte como sua única saída. Raul deixou uma declaração aos seus patrões, a qual dizia:

> Recife, 22 de março de 1922. – Srs. Seixas Irmãos e Cª. – Amigos e patrões – Faltam 15 minutos para as 24 horas, hora que deve ser fatal para mim. Recebi, hoje, dos srs. Loureiro Barbosa e Cª Ltd. a importância de 72:500$000. Como perdi ou roubaram a importância de 10:000$000 e eu não tenho recursos para pagar, resolvi dar cabo a minha vida. Os 62:500$000 os srs. encontrarão na minha carteira dentro da bolsa de cobranças. Peço tes a fineza de mandar me enterrar com a roupa do corpo. – a. Raul. (ilegível) e esta chave de minha carteira. O mesmo.[160]

Este caso acima também nos mostra que alguns indivíduos deixavam cartas ou bilhetes ou até simplesmente uma frase, que foram mencionados por Maria Luiza Dias[161] como sendo as "mensagens de adeus", das quais trataremos agora.

4.1.4.1. As Cartas Suicidas: As Mensagens de Adeus

Algumas pessoas, quando resolvem cometer o suicídio, também resolvem deixar para trás uma mensagem ou mensagens, que pode ser uma carta ou um simples bilhete de uma frase, servindo como vestígios de seus últimos pensamentos: "[...] aproxima-se a hora fatal e a mão treme, não posso escrever, sinto-me mal, como se um corpo se apoderasse do meu organismo."[162]

Maria Luiza Dias, no seu estudo, diferenciou os bilhetes das cartas, na qual aqueles seriam breves e informativos, enquanto que estes, "um discurso que segue uma progressão com começo, meio e fim", mas não necessariamente sendo um texto longo.[163]

As mensagens de adeus podem auxiliar no estudo pela simples razão que:

> Uma vez que o indivíduo nunca está descompromissado com o meio social e com os vínculos que nele estabelece, o ato suicida está sempre voltado para o mundo em que tal pessoa se insere. A partir desse princípio, a interpretação do "material de adeus" tenta reconstruir essa inter-relação entre indivíduo e

[159] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Lamentável ocorrência.** Recife, 24 de março de 1922. P. 2. FUNDAJ
[160] Ibidem.
[161] DIAS, Maria Luiza. **Suicídio:** Testemunhos de Adeus. São Paulo: Brasiliense, 1997.
[162] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Lamentável ocorrência.** Recife, 24 de março de 1922. P. 2. FUNDAJ
[163] DIAS, Maria Luiza. "O Suicida e suas mensagens de adeus". In: CASSORLA, Roosevelt (coord.). **Do Suicídio:** Estudos Brasileiros. Campinas, SP: Papirus, 1991. P. 101

> meio social, tomando o discurso suicida como a última fala deixada por esse sujeito às pessoas ou à sociedade. [164]

Estas mensagens, geralmente, são escritas momentos antes do ato, logo apresentam certa espontaneidade. Para Shneidman[165] as mensagens de adeus são privadas dos insights profundos, mas que podem ter significados especiais quando correlacionados com o contexto em que foram escritos.

Todavia, apenas um número mínimo deles deixa cartas, dos 821 casos aqui trabalhados, os jornais apenas mencionaram que 47 dos casos deixaram alguma forma de escrita, ou seja, apenas 5,72%. O Diário de Pernambuco chegou a publicar estas mensagens de adeus, porém não em todos os casos.

No nosso caso, a maioria das cartas foi escrita pelos homens, no total de 93,6% (44 dos casos), enquanto que das mulheres só ocorreram em três casos. Isto vem a contestar com estudos recentes, que dizem serem as mulheres como a maioria que deixam cartas.[166] Podemos, então, supor que esta grande diferença devia-se que os homens estavam mais propensos a receberem uma educação ou serem alfabetizados, ou ainda, que esta era uma realidade diferente em comparação com os estudos atuais.

Supomos ser mais correta a suposição de que as mulheres tiveram menos acesso a escolarização na época, algo também observado na pesquisa de Filgueiras sobre os crimes passionais no Recife dos anos vinte, apesar do baixo número de processos criminais por ele trabalhado. Além de que, a maioria, que deixou cartas, trabalhava na área comercial, tanto como auxiliares ou proprietários, profissões que supomos haver a necessidade da escrita, ou de uma educação básica.

Nossos dados também nos mostram que a maioria das mensagens foi escrita quando se tratando dos suicídios (65,96%), em comparação com as tentativas (34,04%). Esta diferença pode ser observada que nos suicídios consumados, os indivíduos fazem certo planejamento do ato, quanto ao método, local e num horário em que terá menos chances de ser socorrido, enquanto que as tentativas são atribuídas por ocorrerem mais impulsivamente ou buscando ser socorrido, dado a menor letalidade dos métodos usados, como o predomínio no uso dos venenos nas tentativas observado pelo nosso estudo, e em momentos e locais com maiores chances de que serão socorridos.

---

[164] DIAS, Maria Luiza. "O Suicida e suas mensagens de adeus". Op. Cit. P. 99.
[165] SHNEIDMAN, Edwin. **Autopsy of a Suicidal Mind.** New York: Oxford University Press, 2004.
[166] MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Suicide Notes and Communications".. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

Como as cartas foram mais comuns entre os casos com a utilização das armas de fogos, logo condiz com o maior número de casos entre os suicídios consumados, tendo em vista que este método possibilita uma menor chance de salvamento.

Analisando a quantidade de cartas por faixa etária (apenas 29 dos 47 casos apresentam a idade), podemos observar uma maior quantidade de cartas na faixa etária dos 21 aos 29 anos. Contudo, fazendo-se uma análise mais detalhada, com o percentual entre as cartas deixadas em relação ao total de indivíduos de cada faixa etária, podemos observar outra realidade, isto quanto ao gênero masculino, pois o feminino só há um caso em que podemos relacionar a idade com a carta.

Tabela 32

Faixa Etária	Masculino		Percentual
	Total	Cartas	
15 aos 20	20	05	25%
21 aos 29	41	10	24,39%
30 aos 39	32	06	18,75%
40 aos 49	14	02	14,29%
50 aos 59	06	03	50%
60 aos 69	06	01	16,67%
70 aos 79	03	01	33,33%

Obs:Vale lembrar que o percentual não está relacionado ao número total de casos, mas sim entre o total de cada grupo etário com o número das cartas deixadas.

Desta forma, notamos que o número de cartas deixadas vai decrescendo, quando inverte para o seu máximo dos 50 aos 59 anos, voltando a decrescer para depois subir novamente. Isto condiz com os achados de Dias, pois a mesma verificou serem mais comuns entre os indivíduos com mais idade.

As mensagens de adeus são escritas das diversas formas, como escritas numa poesia, ou com uma simples frase ou ainda ser um texto longo, porém, não observamos este nas cartas publicadas no Diário de Pernambuco. A presença de uma mensagem poesia só foi observada em um caso, do espanhol Spinosa C., cuja mensagem trazia: "Brasil adorado, hospitaleiro, Brasil, a adorado cativeiro, Brasil adorado do meu coração, Brasil peço-te perdão. As faltas adoradas que cometi dentro do teu torrão! Adeus povo pernambucano. Adeus mulheres! – Segundo."[167]

Esta busca pelo perdão e o adeus mulheres podem ser em consequências das ações antes da tentativa de suicídio de Spinosa, pois o mesmo ataca a mulher Maria A. C., deixando-a gravemente ferida. Esta era amante dele, que segundo a notícia, possuía um defeito na perna, que a fazia andar coxeando.

[167] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Cena de Sangue.** Recife, 6 de setembro de 1928. P. 4. FUNDAJ

Como exemplo de uma única frase, podemos observar isto no bilhete de José A. V., que dizia: "Ponho termo a vida e ninguém é culpado. (a) José V."[168] Possivelmente, apesar do mesmo não dizer que havia culpados, sinais indicam que culpava a sua noiva, pois foi na residência da mesma, que José se envenenou. Colt menciona que, geralmente, quando atribuem que não havia culpado, o oposto que é verdadeiro, porque buscam causar sentimentos de culpa.

As mensagens de adeus também podem sem escritas num livro, num cartão postal, numa folha de papel, e entre outras. O Diário de Pernambuco trouxe um caso em que o indivíduo deixou sua mensagem num livro. Este caso, inclusive, ocorreu meio como uma encenação ou um espetáculo, como veremos a seguir.

Mario E. estava vindo do Rio de Janeiro ao Recife por navio, a vida no mar era algo comum a ele, pois dedicou 16 anos de sua vida a esta. Na viagem, Mario estava lendo um livro, que jogou no mar, mas fingiu ter sido levado pelo vento, e após isto gritou: "Vou apanhar o livro que o vento arrebatou". Ele jogou-se ao mar, tentaram ainda salvá-lo, mas só encontraram o livro, no qual se encontrava escrito dentro: "Suicido-me por muitas circunstancias: os meus assassinos são os olhos de ... e o comandante Bertucci. Não vinguei-me porque morri. Mas Deus é grande."[169]

Bertucci era o comandante de um navio, mas não foi publicada a relação entre os dois. Como observado neste caso, alguns dos suicídios ocorrem por raiva e a idéia de vingança, que são, as vezes, expressos literalmente nas mensagens, como no caso de Mario, em que culpava Bertucci por seu suicídio.

As mensagens de adeus podiam ser direcionadas a pessoas específicas, como: parentes; noivas; patrões; esposas; mãe; polícia; etc. As mensagens direcionadas à polícia ou que diziam não haver culpados, serviam como uma forma de ninguém ser condenado por auxílio ao suicídio, que como foi visto, era considerado crime na época.

Uma carta direcionada à polícia e sendo bem explicita foi escrita por Altamir M., que se suicidou com um tiro de pistola. Talvez por ele ser de Alagoas e sua família morar lá, pelo que indica a notícia, direcionou sua mensagem à polícia, que dizia:

> "À Polícia – Levado por sérios desgostos, não me sentindo com a coragem precisa para levar de vencido a fatalidade, suicido-me. Que não incomodem a pessoa alguma com perguntas idiotas, pois a causa deste meu ato ninguém sabe e nem tão pouco me apraz dizer. Preenchidas as formalidades do ato, entreguem a arma que me libertou da vida ao chauffeur deste auto como pagamento. (a) Altamir de M.".[170]

[168] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentou contra a vida.** Recife, 5 de setembro 1924. P. 4. FUNDAJ
[169] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Atirou-se ao mar...** Recife, 6 de agosto de 1927. P. 6. FUNDAJ
[170] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, sábado 9 de fevereiro de 1924. P. 4. FUNDAJ

Talvez Altamir deixou a carta à polícia como meio de evitar que fosse divulgada o seu suicídio nos jornais e evitar constrangimento e vergonha à sua família, tanto que solicita que ninguém seja interrogado. Fundamentamos este pensamento, com auxílio da carta de Roberto A. G., que solicitava aos seus patrões: "Peço-vos pelo amor de Deus e pelo que tendes nos vossos filhos, não esclarecer e não consentir que seja colhida minuciosamente reportagem para a imprensa"[171]

A vergonha também podia ser do próprio suicida ou até sentimentos de culpa, perante a sociedade e a família.

> Está vencida a minha vida que não pode dar auxílio à minha família. A humanidade perdoe-me pela santa cruz da igreja que está o Senhor Deus. Peço que a minha família tenha notícia da minha morte, mas não da maneira como se deu – (a.) Lourenço A. Oliveira. Rua Affonso Penna nº 89 – Rio de Janeiro. Adeus, filhos queridos, adeus esposa que Deus vos proteja.[172]

Notamos a presença da culpa religiosa em algumas mensagens dos suicidas, porém nenhuma tão explicita como no suicídio do comerciante Pedro G., que, inclusive, deixa parte de seus bens aos pobres, desde que estes rezem por ele.

> Eu abaixo assinado declaro e nomeio o Sr. Zezinho, farmacêutico, como liquidatário e para tratar do meu funeral. Fica na gaveta a importância de 1:000$000 para o funeral e missas. A casa a ser vendida, para pagar ao Sr. José do Rego Barros, na importância de 3:000$ e o resto a ser empregado nas obras da igreja. As mercadorias da venda serão distribuídas com mil pobres para cada um deles rezar e rogar por mim a Deus. Os pobres serão os meus herdeiros nesta terra. Pagar a farmácia e pagar a pensão. Os que me devem estão perdoados devendo rogar a Deus pela minha alma. Todos desta terra queiram ter a bondade de rogar a Deus pela minha alma. As minhas roupas e utensílios entreguem ao Zuzú. Adeus, adeus, adeus. A todos deste mundo roguem a Deus pela minha alma. – (a) Pedro G.. Desgostoso por ter vindo para esta terra quente." [173]

Como se pode observar, algumas cartas deixavam solicitações de pedidos específicos ou instruções. O engenheiro mecânico inglês Noel, mencionado anteriormente, também deixou pedidos ao cônsul britânico, solicitando que cuidaste de seus negócios.

Noel também deixou duas cartas, pois assim como houve pessoas que deixaram uma mensagem de adeus, houve outros que ainda deixam mais de uma carta, mas, segundo Maris *et. all.*, apenas um pequena proporção daqueles que escrevem cartas deixam mais de uma. Quanto a Noel, uma foi para seu companheiro de casa que dizia

---

[171] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicidou-se ingerindo cianureto de potassa.** Recife, quinta 25 de agosto de 1927. P. 6. FUNDAJ

[172] Mensagem deixada por Lourenço A. O. DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Cadáver encontrado, parece tratar-se de um suicídio.** Recife, terça 12 de outubro de 1926. FUNDAJ

[173] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio de um comerciante.** Recife, 21 de janeiro de 1927. P.4. FUNDAJ

ter realizado o suicídio por motivos privados e que não houve induzimento de ninguém. A segunda carta foi enviada ao cônsul inglês, na qual dizia estarem as coisas indo ruins desde quando encontrava-se na Inglaterra com a morte da sua esposa e que aqui pioraram quando contraiu sífilis. Ainda pedia ao cônsul que cuidaste de seus negócios, em favor do seu filho.

Alguns suicidas acreditam que o suicídio não será a sua morte em si, como relata Maria Luiza Dias. Segundo ela, a morte vinda pelo suicídio seria como um meio em que ele passaria a viver, pois não observa o suicídio como seu fim, mas como um novo nascimento ou até que se juntará a Cristo – indo contra os pensamentos da Igreja Católica, que considera o suicídio como um pecado.

> Recife, 22 de março de 1922. Minha Querida Noiva, - Seguirei para o outro mundo, e pela última vez pego na pena para te escrever as horas felizes que passamos juntos. Hoje, por ocasião da nossa despedida que, alias não acreditasse, pedi-te que por ocasião, das tuas orações, rogasse a Deus por mim, peço-te novamente. Ao acabar esta vou pedir ao Sagrado Coração de Jesus por ti.[...]. [174]

Do mesmo modo que podiam ter o suicídio como um momento de renascimento, também podiam usá-lo como uma forma de ameaçar os que ficaram, pois seus espíritos voltariam para assombrá-los.

> Meu querido esposo – Até o dia de juízo, a morte para mim é descanso, pois o falso que a mim não é merecido obrigo-me a ir dormir o sono da eternidade e o **meu espírito ficará perseguindo a ti e a todos**. **Não abandonarei a ti e a todos quantos foram cúmplices nesta minha morte.** Assim poderás acreditar que nunca fui falsa e termino esta cheia de dor, banhada em lágrimas. Da tua esposa – Nair.[175]

Como visto, as cartas podiam trazer inúmeros significados, desde a vingança; para fazer solicitações e pedidos; como forma de testamento, para expressar o amor, pedir perdão; e entre diversas outras. Servindo para nos mostrar o papel dominante dos homens nas cartas através dos "pedidos e solicitações" pós-morte ou ainda da mulher submissa, como no trecho acima, que usa da sua morte como um meio de revolta e vingança contra seu esposo. Estas mensagens serviram como seus últimos momentos de terem a palavra, sem intervenção de terceiros e, possivelmente, expressando seus últimos pensamentos, que nos auxiliaram para o entendimento da sociedade da época.

[174] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Lamentável ocorrência.** Recife, sexta 24 de março de 1922. P. 2. FUNDAJ
[175] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tentou contra a vida ingerindo ácido azótico.** Recife, quarta 23 de maio de 1928. P. 4. Grifo nosso. FUNDAJ

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suicídio esteve presente em todos os momentos da história humana e em Pernambuco, dos anos vinte, não foi diferente, no entanto, este fenômeno complexo possui seu diferencial, quando se tratando de diferentes sociedades e épocas.

Pernambuco, em especial o Recife, estava passando por mudanças nas suas estruturas sociais durante a década de 1920, possibilitadas pelo progresso tecnológico e na busca pela modernidade no país. Estas levaram as pessoas a um processo de liberação das principais instituições sociais da época: a família; a igreja e a comunidade.

Estas mudanças, segundo Èmile Durkheim, levariam os recifenses a um período de desregramento, havendo uma modificação nas taxas de suicídio, pois a população precisaria de um tempo para se adaptar a esta nova realidade.

Apesar de não ser possível afirmamos que o suicídio aumentou durante os anos vinte, sinais indicam que houve, como o número de suicídio – cerca de 940 - encontrado por Rezende nos três primeiros anos da década de 1930, ou pelo menos indicam que houve uma maior preocupação e divulgação do mesmo. Assim, o suicídio foi objeto: de estudo de algumas teses médicas; de remédio; de debates entre médicos; dos processos criminais; dos periódicos religiosos; dos filmes cinematográficos, como no filme "A Primeira Mulher" de Robertson Cole[1], e das notícias nos jornais.

Pelos jornais podemos observar uma evolução nos termos usados, pois gradativamente, os termos usados com conotação negativa vão sendo substituídos para o termo vítima, que começou por volta do ano de 1924. Contudo, esta mudança não significou que o suicídio deixou de estar envolta de uma conotação negativa.

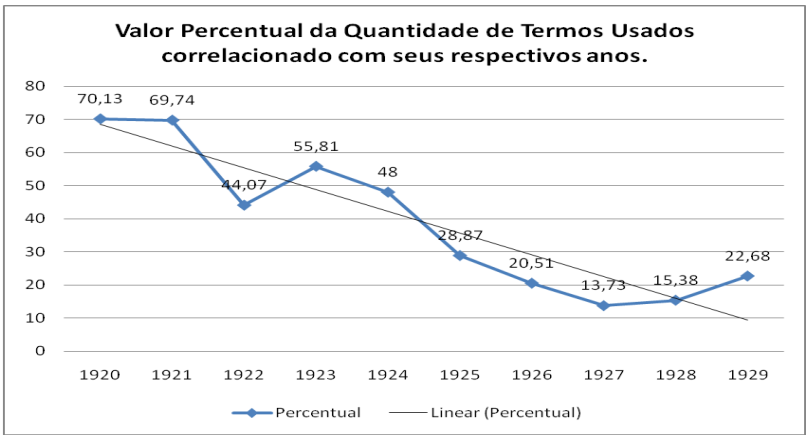
Assim, foi comum observarmos a utilização dos termos: acesso de loucura; tresloucado; ato tresloucado; irrefletido ato; impensado ato; lúgubre intento; desventurado; infeliz; ato de desespero; triste desígnio; ato de loucura; tresloucado desígnio; extinto; fúnebre intento; lamentável ocorrência; triste ocorrência; macabro desígnio; e infortunado.

Entretanto, pela tabela 33 podemos observar a tendência decrescente na utilização dos termos de conotação negativa ao longo dos anos, os valores correspondem à relação entre o número de casos em que apareceram os termos com a quantidade total de suicídios e tentativas nos respectivos anos, assim, podemos observá-

[1] A PILHÉRIA. **Hoje, no Helvetica – Maciste em férias. Quarta-feira – A Primeira Mulher, primor da Robertson Cole, protagonista a linda actriz Mildred Harris**. Recife, 4 de agosto de 1923. Nº 97. P. 20. DP

los pelas proporções que possibilitam tirar uma conclusão concreta, de que houve uma diminuição no uso dos termos negativos usados para referir-se aos suicidas. Redução possivelmente devido a uma mudança de mentalidade, que passou a referir os suicidas como vítima, termo usado também nos processos criminais.

Tabela 33



Os termos usados remontam ao fato que o suicídio deixa dúvidas, inquietações, vergonha e sentimento de culpa, como podemos observar no caso do suicídio da russa Sarah F.[2], em que duas de suas companheiras de casa pediram ao chefe de polícia que não fizeste a autopsia do cadáver dela, algo que não foi atendido.

> O suicídio é incorporado ao tecido social de nossas vidas. Nós não somos seres isolados, existindo separadamente e distintamente de uns aos outros. Ao contrário, nós estamos inextricavelmente ligados, a uma profundidade e complexidade que se torna dolorosamente aparentes quando há um suicídio. O suicídio agita para dentro do sistema familiar estendido e para dentro da larga comunidade, imediatamente e gerações por vir. A perda deixa um legado doloroso que vive sob a pergunta persistente, Por quê? É uma perda sentida na psique daqueles deixados para trás [...]. [3]

Apesar de certa visão de vergonha, culpa e conotações negativos, os suicidas não foram discriminados pelo sistema de saúde e de socorro em Pernambuco, tanto que 75,66% dos casos de tentativas de suicídio receberam socorros pela assistência pública; hospitais e enfermarias. No entanto, vale observar que este número deveria ser mais alto, pois não foram incluídos, neste percentual, os casos em que só foram mencionados que houve socorro, pois não especificaram quem os socorreu.

Quanto ao suicídio, podemos observar um percentual menor, pois apenas 22% receberam cuidados médicos. Isto nos mostra que o sistema de saúde em Pernambuco, em especial do Recife, teve papel fundamental na redução dos números dos suicídios na

[2] DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Suicídio.** Recife, sábado 25 de setembro de 1920. P. 4. FUNDAJ
[3] RUDD, David. "Consultation by David Rudd, Ph.D". In: SHNEIDMAN, Edwin. **Autopsy of a Suicidal Mind.** Op. cit. P. 137.

década de 1920, pois sem o mesmo, certamente haveria um maior número de suicídios e menos tentativas.

As notícias dos suicídios e das tentativas no Diário de Pernambuco também serviram para mostrar-nos que houve uma evolução e melhoramento no sistema de saúde de Pernambuco, em especial dos hospitais. Isto porque vemos ao longo dos anos mais hospitais usados nos socorros dos casos, tendo em vista que inicialmente, quando havia necessidade, eram todos enviados ao Hospital Pedro II. Algo que muda por volta de 1925, quando também entra o Hospital de Santo Amaro na prestação do socorro e cuidados médicos, observando que houve também o auxílio de outros hospitais, mas em menor número de casos.

Não devemos também nos esquecer da Assistência Pública, que na maioria dos casos, consistiu na primeira forma de socorro dado às vítimas, que eram medicadas pelos médicos da assistência, que os deixavam fora do perigo e caso houvesse necessidade eram encaminhados ao hospital.

Assim, se deu o suicídio em Pernambuco da década de 1920, que vieram a sugerir um aumento das taxas deles como fruto do progresso, possibilitado pela modernidade. Tendo em vista, que estudos atuais comprovam a teoria de Durkheim, quanto ao progresso, desta forma, indo contra os estudos de Henry e Short, que só observaram um aumento nos períodos de depressão econômica.

A modernidade possibilitou a introdução de inúmeros progressos tecnológicos na vida dos recifenses, modificando seus hábitos e desejos. Estes causam que,

> Aspirações aos materiais e bens de consumo podem acelerar mais rápido do que a oferta, criando uma situação de anomia. Em adição, a busca por bens materiais sem limites é visto como sem sentido. A chave para a prevenção do suicídio cai sobre fortes ligações sociais com a família, religião e trabalho. Crescimento econômico e a busca por objetivos materiais podem distrair de uma manutenção das fortes ligações sociais. [4]

Contudo já era tarde, pois os efeitos da modernidade já estavam se instalando, com os encantos aos objetos modernos, que passaram a serem fontes de desejos e de fetiches. Os jovens e as esposas estavam se libertando das instituições que antes lhe controlavam, buscando a desejada liberdade, que encantava, mas que também destruía.

[4] STACK, Steven. "Work and the Economy". In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000. Pp. 203-204.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

Fontes Primárias:

Arquivo Público estadual Jordão Emerenciano, Divisão de Hemeroteca (APEJE)-PE:

- Big Parade;
- O Cenaculo;
- O Dia.
- Saúde e Assistência;
- A Tribuna

Biblioteca Nacional (BN)– RJ:

- **DICCIONÁRIO PRÁTICO ILLUSTRADO.** Novo Diccionário Encyclopédico Luso-Brasileiro. 2º Ed. rev. Porto: Livraria Chardron, 1928.

***Fundação Joaquim Nabuco*- Setor de Microfilmes (FUNDAJ)-PE:**
- Diário de Pernambuco, de 1920 a 1929.

***Laboratório de Pesquisa e Ensino em História* (LAPEH) – PE:**
- Teses em Medicina:

BRUNI, Attilio. **Melancolia**. Tese de Medicina. (Cadeira de Psiquiatria). Faculdade de Medicina do Paraná, Novembro de 1921.

CALASANS, José Júlio de. **Nervosos e Loucos na Literatura Brasileira.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Medicina. (Ensaio de Psicologia Clínica). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1924.

CARVALHO, Benjamin Alves de. **Da resistencia dos estados morbidos á Therapeutica e da incurabilidade perante a Euthanasia.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico –Cirúrgicas. (Cadeira de Terapêutica Clínica). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 25 de Fevereiro de 1928.

COSTA, Quintino Castellar da. **Do Suicídio e sua Prophylaxia.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas (Cadeira de Medicina Legal). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 28 de Outubro de 1927.

CUNHA, João Vidal. **O Problema Médico do Chauffeur.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia (Cadeira de Medicina Legal), 30 de Outubro de 1928.

MALTEZ, Annibal. **Os Envenenamentos.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Medicina (Cadeira de Química Analítica e Toxicologia). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1924.

MONTEIRO, Orlando da Silva. **Do Enforcamento.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas (Cadeira de Medicina Legal). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1929.

OLIVEIRA, Virgílio Joaquim. **A septicidade oral e suas complicações metasticas ou generalisadas** (observações colhidas na Clínica Oto-Rhino-Laryngologica). Tese para obter o grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1929.

SANTOS, Ruy. **Da Euthanasia nos Incuraveis Dolorosos.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico –Cirúrgicas. (Cadeira de Deontologia Médica). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1928.

SERAINE, Florival Alves. **Suicídio e Mimetismo.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas (Cadeira de Medicina Legal). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1930.

SIQUEIRA, Alcides Lopes de. **O Amor como Dirimente Penal.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico –Cirúrgicas. (Cadeira de Medicina Legal). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 20 de Novembro de 1927.

SOBRINHO, Porphirio de Andrade. **Da Trichomonose Intestinal.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas. Recife: Faculdade de Medicina do Recife, 1925.

SOUZA, José de Araujo. **Do suicídio por envenenamento, principalmente na Bahia.** Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas (Cadeira de Medicina Legal). Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 30 de Outubro de 1929.

***Memorial da Justiça de Pernambuco* (MJPE) – PE:**
- Processos Criminais:
Comarca do Recife – Caixas: 521; 532; 540; 773; 840; 851; 944.
BR PE PJ PG JM1VCR Processos Ação Criminal, 1920.

Site do Domínio Público (DP):
- A Pilhéria.
- Revista da Cidade.

Bibliográfico:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira:** história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

ALMEIDA, Alexander Moreira de. Suicídio assistido, eutanásia e cuidados paliativos. In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio:** estudos fundamentais. São Paulo:Segmento Farma, 2004.

ALMEIDA, Alexander M. de; NETO, Francisco Lotufo de A. Religião e comportamento suicida – a cultura da morte. In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio:** estudos fundamentais. São Paulo:Segmento Farma, 2004.

ALMEIDA, Angélica A. S. de. **Religião em Confronto:** O Espiritismo em Três Rios (1922-1939). Dissertação em História. Campinas: UNICAMP, 2000.

ALVAREZ, A. **O Deus Selvagem: um estudo do suicídio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ASBERG, Marie; TRÄSKMAN, Lil; THORÉN, Peter. "5-HIAA in the Cerebrospinal Fluid: A Biochemical Suicide Predictor?". Archives of General Psychiatry 33: 1193-1197, 1976. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.

BAECHLER, Jean. "Suicides". New York: Basic Books, 1979. In: SHNEIDMAN, Edwin S. **Comprehending Suicide: Landmarks in 20th – Century Suicidology.** Washington, DC: American Psychological Association, 2007.

BAPTISTA, Makilim Nunes. "Suicídio: Aspectos Teóricos e Pesquisas Internacionais". In: BAPTISTA, Makilim N. **Suicídio e Depressão:** Atualizações. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2004.

BAPTISTA, Makilim; BORGES, Amanda; BIAGI, Tatiana de. "Pesquisas de Suicídio no Brasil". In: BAPTISTA, Makilim N. **Suicídio e Depressão:** Atualizações. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2004.

BARROS, Marilisa B. A. "As Mortes por Suicídio no Brasil". In: CASSORLA, Roosevelt (coord.). **Do Suicídio:** Estudos Brasileiros. Campinas, SP: Papirus, 1991.

BARROS, Natália Conceição Silva. **As Mulheres na Escrita dos Homens:** Representações de Corpo e Gênero na Imprensa do Recife nos Anos Vinte. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2007.

BEATO, Cláudio Chaves. "Suicídio e a teoria social". In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio: Estudos Fundamentais.** São Paulo: Segmento Farma, 2004.

BECK, Aaron T.; KOVACS, Maria; WEISSMAN, Arlene. “Hopelessness and Suicidal Behavior”. Jornal of the American Medical Association 234: 1146-1149, 1975. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.

BONADIO, Maria Claudia. **Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920.** São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

BONGAR, Bruce; GOLDBERG, Laura; CLEARY, Karin; BROWN, Kaprice. “Marriage, Family, Family Therapy and Suicide”. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

BRAZIL, Código Criminal do Império do. Pela Lei de 16 de dezembro de 1830. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm. Acessado em: 03 de março de 2011.

BRAZIL, CÓDIGO PENAL DOS ESTADOS UNIDOS DO. Disponível em: http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049. Acessado em: 19 de outubro de 2010.

BRETAS, Marcos Luiz; PONCIONI, Paula. A cultura policial e o policial civil carioca. Disponível em: www.comunidadesegura.org/files/aculturapolicialepolicialcarioca.pdf Acessado em 11 de novembro de 2010.

BRETAS, Marcos Luiz. **Ordem na Cidade:** o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907-1930. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. Revista Policial: formas de divulgação das polícias no Rio de Janeiro de 1903. In: História Social, n. 16, primeiro semestre de 2009.

CARDOSO, Fernando Henrique. “Dos Governos Militares a Prudente – Campos Sales” In: In: FAUSTO, Boris (dir.). **III. O Brasil Republicano.** Vol. 1, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CARVALHO, Marcus J. M. **Liberdade:** Rotinas e Rupturas do Escravismo no Recife, 1822 – 1850. Recife: UFPE, 1998.

CASSORLA, Roosevelt. **O que é Suicídio.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

CASTRO, Vanessa de. **Das Igrejas ao Cemitério:** políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

CASTRO, Vanessa de. Reforma Cemiteral Oitocentista e o caso do Caçote: uma Necrópole que o Recife não quis. In: **CLIO.** Revista de Pesquisa Histórica, nº. 24, vº. 2. Recife: UFPE, 2007.

COLT, George Howe. **November of the Soul:** The Enigma of Suicide. New York:Scribner, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude Nem Favor:** Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **História da Psiquiatria no Brasil:** um corte ideológico. 5 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "As Teorias do Suicídio". In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. **Suicídio: Uma Morte Evitável.** São Paulo: Atheneu, 2006.

CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. "O Suicídio ao Longo dos Tempos". In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. **Suicídio: Uma Morte Evitável.** São Paulo: Atheneu, 2006.

COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade:** conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. Tese de Doutorado em História. Recife: UFPE, 2003.

_____. Médicos e Charlatães: Conflitos e Convivências em torno do 'Poder da Cura' no Recife dos anos 1920. In: **CLIO.** Revista de Pesquisa Histórica, nº. 24, vº. 2. Recife: UFPE, 2007.

_____. Cidade, cotidiano e violência: cultura popular e polícia no Recife dos anos 1920. In: GUILLEN, Isabel C. M.; GRILLO, Maria A. F. (orgs). **Cultura, cidadania e violência:** VII Encontro Estadual de História da ANPUH de Pernambuco. Recife, UFPE, 2009.

DAPIEVE, Arthur H. M. **Suicídio por contágio – A maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária.** Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006.

DIAS, Maria Luiza. **Suicídio:** Testemunhos de Adeus. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. "O Suicida e suas mensagens de adeus". In: CASSORLA, Roosevelt (coord.). **Do Suicídio:** Estudos Brasileiros. Campinas, SP: Papirus, 1991.

D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e Família Burguesa". In: PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) **História das Mulheres no Brasil.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DOUGLAS, Jack D. **The Social Meanings of Suicide.** New Jersey: Princeton University Press, 1967.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** São Paulo: Martin Claret, 2005.

ESQUIROL, E. **Mental Maladies: Treatise on Insanity.** Philiadelphia: Lea and Blanchard, 1845. [Republicação do original pela Kessinger Publishing, 2007].

FALK, Pedro Frederico; CANÁRIO, Ezequiel D. do A.; AGUIAR, Sylvana M. Brandão de; MAGALHÃES, Renan. Cemitérios Públicos em Pernambuco: Uma Análise da Política Pública de Secularização dos Sepultamentos em Pernambuco na Primeira República. In: AGUIAR, Sylvana M. Brandão de. (org.). **Gestão Pública:** práticas e desafios. V. 3. Recife: Bagaço, 2009.

FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano:** A Criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Edusp, 2001.

FAUSTO, Boris (dir.). **O Brasil Republicano, v.9**: Sociedade e Instituições. Tomo III. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

FERLA, Luis. **Feios, sujos e malvados sob medida:** a utopia médica do biodeterminismo, São Paulo (1920-1945). São Paulo: Alameda, 2009.

FILGUEIRAS, Carlos Eduardo de A. **Do Ciúme ao Crime:** crimes passionais no Recife da década de vinte. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2008.

FILGUEIRAS, Carlos Eduardo de Albuquerque. "Crimes passionais no Recife da década de vinte: cortes e regularidades". In: **Documentação e Memória/**TJPE, Recife, PE, v.1, n.1, 36-49, jul./dez.2008.

FILHO, Nestor Goulart Reis. "Cultura e Estratégias de Desenvolvimento". In: In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da. (orgs.). **A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno.** São Paulo: UNESP, 1997.

FONSECA, Cláudia. "Ser mulher, mãe e pobre". In: PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) **História das Mulheres no Brasil.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FONTENELLE, Paula. **Suicídio:** O Futuro Interrompido: guia para sobreviventes. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

FRASER, Márcia T. D. "Melancolia – Um Amor Fatal". In: PERES, Urania T.; COELHO, Mª Thereza A. D. **Anais:** 1º Congresso Internacional do Colégio de Psicanálise da Bahia – Amor e Morte. Salvador: EGBA, 1998.

FREUD, Sigmund. "Além do Princípio de Prazer." In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1987. Vol.XVIII.

_____. "Contribuições para uma discussão acerca do Suicídio**."** In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** São Paulo: Imago, 1969. Vol. XI.

_____. “Luto e Melancolia”**.** In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** São Paulo: Imago, 1969. Vol. XIV.

_____. (1901) **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana.** Disponível em: http://www.4shared.com/document/qRBi3PBB/FREUD_Sigmund_6_Sobre_a_psicop.html.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GOLDBLATT, Mark. “Physical Illness and Suicide”. In: In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

GRANDES acontecimentos que transformaram o mundo. Rio de Janeiro: Reader’s Digest Brasil, 2000.

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998, vs. 9, 12, 22.

GRANZIERA, Rui Guilherme. “O Brasil depois da Grande Guerra.” In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da. (orgs.). **A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno.** São Paulo: UNESP, 1997.

GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciários (processos criminais). In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). **O Historiador e suas Fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

GUILLON, Claude; BONNIEC, Yves Le. **Suicídio, modo de usar:** História, Técnica, Notícia. Lisboa : Antígona, 1990.

HENRIQUES, Júlio; PALOMAR, Deidre. “Tudo o que de melhor esta sociedade vai ter a oferecer-nos é um bom suicídio”. In: GUILLON, Claude; BONNIEC, Yves Le. **Suicídio, modo de usar:** História, Técnica, Notícia. Lisboa : Antígona, 1990.

HENRY, Andrew; SHORT Jr, James. **Suicide and Homicide: Some economic, sociological and psychological aspects of aggression**. New York: The Free Press, 1965.

HILLMAN, JAMES. **Suicídio e Alma.** 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HJELMELAND, Heidi. “Cultural Research in Suicidology: Challenges and Opportunities”. In: **Suicidology Online**, 1:34-52, 2010.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos:** O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOOFF, Anton J. L. van. A Historical Perspective on Suicide. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

JAMISON, Kay Redfield. **Night Falls Fast:** understanding suicide. New York:Vintage Books, 2000.

JENSEN, Viggo W.; PETTY, Thomas A. "The Fantasy of Being Rescued in Suicide". Psychoanalytic Quarterly, 27 (1958): 327-339. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.

JORGE, Maria Helena P. de M. "Mortalidade por causas violentas no município de São Paulo, Brasil: III – Mortes Intencionais". In: **Revista Saúde Pública.** São Paulo, 15:165-93, 1981.

KPOSOWA, Augustine; D'AURIA, Stephanie. "Association of temporal factors and suicides in the United States, 2000 – 2004". In: **Soc. Psychiat. Epidemiol.** 45:433-445, 2010.

KUSHNER, Howard I. **Suicide, gender, and the fear of modernity in nineteenth-century medical and social thought.** Journal of Social History. 22/03/1993. Disponível em:http://www.thefreelibrary.com/Suicide,%20gender,%20and%20the%20fear%20of%20modernity%20in%20nineteenth-century...-a013797245 . Acessado em: 25 de março de 2010.

LAHUERTA, Milton. "Os Intelectuais e os Anos 20: Moderno, Modernista, Modernização". In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da. (orgs.). **A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno.** São Paulo: UNESP, 1997.

LESTER, David. "Alcoholism, Substance Abuse, and Suicide". In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

LEVINE, Robert. "Pernambuco e a Federação Brasileira, 1889-1937". In: FAUSTO, Boris (dir.). **III. O Brasil Republicano.** Vol. 1, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

LIMA, Denyse. "Freud e o Suicídio: Contribuições para um Estudo Psicanalítico do Suicídio". In: CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. **Suicídio: Uma Morte Evitável.** São Paulo: Atheneu, 2006.

LITMAN, Robert. "Sigmund Freud on Suicide." In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.

LITMAN, Robert; FARBEROW, Norman. “Emergency Evalution of Self-destructive Potentiality”. In: FARBEROW, Norman; SHNEIDMAN, Edwin (editors). **The Cry for Help.** New York: McGraw-Hill, 1961.

LOPES, Fábio Henrique. **A Experiência do Suicídio:** Discursos Médicos no Brasil, 1830-1900. Tese de Doutorado em História. Campinas: UNICAMP, 2003.

_____. “Literatura, um perigo à vida? Discursos médicos e literários sobre o suicídio, século XIX”. In: **Revista do Mestrado de História**. Vol. 9, nº 9, 2007.

_____. **O Suicídio Sem Fronteiras:** Entre a Razão e a Desordem Mental. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: UNICAMP, 1998.

LORENZO, Helena Carvalho de. “Eletricidade e Modernização em São Paulo na Década de 1920”. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da. (orgs.). **A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno.** São Paulo: UNESP, 1997.

LUZ, Madel Terezinha. **Medicina e Ordem Política Brasileira:** políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MALATIAN, Teresa. “Cartas: Narrador, registro e arquivo”. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de. (orgs.). **O Historiador e suas Fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do Mundo Feminino”. In: NOVAIS, Fernando (dir.); SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil:** República: da Belle Époque à Era do Rádio. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARINS, Paulo C. G. Habitação e Vizinhança: Limites da Privacidade no Surgimento das Metrópoles Brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (org.); NOVAIS, Fernando (dir.). **História da Vida Privada no Brasil:** República: da Belle Époque à Era do Rádio. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. Ethical, Religious, and Philosophical Issues in Suicide. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

_____.; _____; _____. Suicide and the Law. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

_____.; _____; _____. “Racial, Ethnic, and Cultural Aspects of Suicide”. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

_____.; _____; _____. “Suicide Attempts and Methods”. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

_____.; _____; _____. “Suicide, Gender and Sexuality. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

_____.; _____; _____. “Suicide Notes and Communications”. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

_____.; _____; _____. “The Theoretical Component in Suicidology”. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

_____.; _____; _____. “A Empirical Foundations of Suicidology”. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

_____.; _____; _____. “The Social Relations of Suicides”. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

MARX, Karl. **Sobre o Suicídio.** São Paulo: Boitempo, 2006.

MEDEIROS, Hugo Augusto Vasconcelos. **Amores de ontem, amores de outrora:** emoção e gênero no Recife dos anos 1920 e 1930. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2010.

MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung. “Fatores de risco de suicídio”. In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio:** estudos fundamentais. São Paulo:Segmento Farma, 2004.

MENNINGER, Karl A. “Psychoanalytic Aspects of Suicide”. International Journal of Psychoanalysis 14: 376-390, 1933. In: MALTSBERGER, John; GOLDBLATT, Mark. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.

MINOIS, Georges. **History of Suicide:** Voluntary Death in Western Culture. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1999.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. A Fatalidade Biológica: A Medição dos Corpos, de Lombroso aos Biotipologistas. In. MAIA, Clarissa N; NETO, Flávio de Sá; COSTA,

Marcos; BRETAS, Marcos L. (orgs.). **História das Prisões no Brasil.** Vol. II. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. Um Urbanismo Excludente: O Caso da Capital Federal e do Bairro do Recife no Início do Século XX. In: **CLIO.** Revista de Pesquisa Histórica, nº. 20. Recife: UFPE, 2002.

_____. Vivências Amargas: A divisão de Assistência a Psicopatas de Pernambuco nos Primeiros anos da Década de 30. In: **CLIO.** Revista de Pesquisa Histórica, nº. 24, vº. 2. Recife: UFPE, 2007.

MISSE, Michel. O inquérito policial no Brasil: Resultados gerais de uma pesquisa. IN: **DILEMAS**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Vol. 3; nº 7; JAN/FEV/MAR 2010 (PP. 35-50).

MORAES, Adriana dos S. **Uma Novela de 1897, uma Imagem da Cidade em Direção à Modernidade. Estrychnina:** Na Porto Alegre do Final do XIX, o Moderno se Envenena de Desejo. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: PUC-RS, 2006.

MORAIS, Paulo Rogério. "Neurobiologia da Depressão e Suicídio". In: BAPTISTA, Makilim Nunes. **Suicídio e Depressão: Atualizações.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

MORSELLI, Enrico Agostino. **Suicide:** Na Essay on Comparative Moral Statistics. New York: D. Appleton and Company, 1882. Reimpresso pela coleção da University of Michigan Library.

NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil.** Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial; Londrina, Paraná: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

NETO, José Miguel Arias. "Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização". In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. Neves (orgs.). **O Brasil Republicano:** O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930. Livro 1, 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NISBET, Paul. MARIS, Ronald W.; BERMAN, Alan L.; SILVERMAN, Morton M. "Age and the Lifespan". In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

NUNES, Everardo Duarte. "O Suicídio – reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX". **Caderno de Saúde Pública** 14: 7-34, Rio de Janeiro, jan-mar, 1998.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a Família à Nossa Imagem:** A Construção de Conceitos de Família no Recife Moderno (Décadas de 20 e 30). Tese de Doutorado em História. Recife: UFPE, 2002.

OLIVEIRA, Saulo Veiga. **O Suicídio de escravos em Campinas e na província de São Paulo (1870 – 1888).** [Dissertação] Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007.

ORNISH, Dean. **Amor & Sobrevivência:** a base científica para o poder curativo da intimidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PAULINO, Naray J. A. Considerações Jurídicas sobre o Suicídio. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. P. **Suicídio: Uma Morte Evitável.** São Paulo: Atheneu, 2006.

PEREIRA, Geraldo. A Medicina e os Médicos de Pernambuco. O Pioneirismo da Ciência e a Procrastinação do Ensino. In: **CLIO.** Revista de Pesquisa Histórica, nº. 24, vº. 2. Recife: UFPE, 2007.

PIRKOLA, Sami; ISOMETSÄ, Erkki; HEIKKINEN, Martti; LÖNNQVIST, Jouko. "Suicides of Alcohol misusers and non-misusers in a Nationwide Population". In: **Alcohol & Alcoholism.** Vol. 35, nº 1, PP. 70-75, 2000.

PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas:** sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAGO, Margareth. "Trabalho Feminino e Sexualidade". In: PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) **História das Mulheres no Brasil.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos Modernos:** Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

_____. "Cidade e modernidade: Registros Históricos do Amor e da Solidão no Recife dos anos 1930. In: MONTENEGRO, Antonio Torres ... et al. (orgs.). **História: cultura e sentimento:** outras Histórias do Brasil. Recife: UFPE; Cuiabá: UFMT, 2008.

_____. **O Recife:** Histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja Católica e Modernidade no Maranhão 1889-1922.** Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2003.

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na Década de 1920:** Os anos que mudaram tudo. São Paulo: Ática, 1997.

SANTANA, Leonardo. **Os Sentidos do Suicídio por Fogo:** Um Estudo com Mulheres através do Método de Rorschardch. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Brasília:UCB , 2010.

SEABOURNE, Alice; SEABOURNE, Gwen. Suicide or accident – self-killing in medieval England: series of 198 cases from the Eyre records. In: **British Journal of Psychiatry.** 2001, 178, 42-47.

SHNEIDMAN, Edwin S. **Comprehending Suicide: Landmarks in 20th – Century Suicidology.** Washington, DC: American Psychological Association, 2007.

_____. "Suicide as Psychache". Journal of Nervous and Mental Disease 181: 147-149, 1993. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.

_____. **The Suicidal Mind.** New York: Oxford University Press, 1998.

_____. **Autopsy of a Suicidal Mind.** New York: Oxford University Press, 2004.

SHNEIDMAN, Edwin; FARBEROW, Norman. "Statistical Comparisons between Attempted and Committed Suicides". In: FARBEROW, Norman; SHNEIDMAN, Edwin. **The Cry for Help.** New York: McGraw-Hill, 1961.

SIEPIERSKI, Paulo D. Educação Protestante e Modernidade na Década de 20 em Pernambuco. In: ANDRADE, Manoel Correia de; FERNANDES, Eliane M.; CAVALCANTI, Sandra M. (orgs.). **Além do apenas Moderno:** Brasil Séculos XIX e XX. Brasília: CNPq; Recife: Massangana, 2001.

SILVA, Jaílson Pereira. **O Encanto da velocidade:** Automóveis, Aviões e Outras Maravilhas no Recife dos Anos 20. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 2002.

SILVA, Lígia Osório. "A Crise Política no Quadriênio Bernardes: Repercussões Políticas do 'Caso da Itabira Iron'". In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da. (orgs.). **A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno.** São Paulo: UNESP, 1997.

SILVA, Severino Vicente da. Igreja Católica no Brasil no Final do Século XIX e Início do Século XX: Uma Adaptação aos Novos Tempos. In: ANDRADE, Manoel Correia de; FERNANDES, Eliane M.; CAVALCANTI, Sandra M. (orgs.). **Além do apenas Moderno:** Brasil Séculos XIX e XX. Brasília: CNPq; Recife: Massangana, 2001.

SILVA, Terezinha de J. P. da. **O papel do elevador na verticalização do Recife:** 1914/1997. Recife: Ed. do Autor, 2006.

SINGER, Paul. “O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional: 1889-1930.” In: FAUSTO, Boris (dir.). **III. O Brasil Republicano.** Vol. 1, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

SOIHET, Rachel. “Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano”. In: PRIORE, Mary Del. (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) **História das Mulheres no Brasil.** 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOUZA BARROS, M. **A Década 20 em Pernambuco** (Uma Interpretação). Rio de Janeiro: Graf. Academica, 1972.

STACK, Steven. “Work and the Economy”. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

STOFF, David M.; MANN, J. John. “The Neurobiology of suicide: from the bench to the clinic”**.** New York: New York Academy of Sciences, 1997. In: SHNEIDMAN, Edwin S. **Comprehending Suicide: Landmarks in 20th – Century Suicidology.** Washington, DC: American Psychological Association, 2007.

TANNEY, Bryan. “Psychiatric Diagnoses and Suicidal Acts”. In: MARIS, Ronald; BERMAN, Alan; SILVERMAN, Morton. **Comprehensive Textbook of Suicidology.** New York: The Guilford Press, 2000.

TABACHNICK, Norman; FARBEROW, Norman. The Assessment of Self-destructive Potentiality. In: FARBEROW, Norman; SHNEIDMAN, Edwin (editors). **The Cry for Help.** New York: McGraw-Hill, 1961.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **As Cidades enquanto palco da Modernidade:** O Recife de Princípios do Século. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 1994.

TENG, Chei Tung; DEMETRIO, Frederico Navas. “Neurobiologia do suicídio”. In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio: Estudos Fundamentais.** São Paulo: Segmento Farma, 2004.

WADI, Yonissa M.; SOUZA, Keila R. de. “Suicídio e escrita autobiográfica: cultura, relações de gênero e subjetividade”. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

WANG, Yuan Pang; MELLO-SANTOS, Carolina de; BERTOLOTE, José Manoel. “Epidemiologia do suicídio”. In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei Tung; WANG, Yuan Pang. **Suicídio:** estudos fundamentais. São Paulo:Segmento Farma, 2004.

WANG, Yuan P.; RAMADAM, Zacaria. “Aspectos psicológicos do suicídio.” In: MELEIRO, Alexandrina; TENG, Chei T.; WANG, Yuan P. (coord.). **Suicídio:** estudos fundamentais. São Paulo: Segmento Farma, 2004.

VOLPE, Fernando; CORRÊA, Humberto; BARRERO, Sérgio. “Epidemiologia do Suicídio”. In: CORRÊA, H.; BARRERO, S. **Suicídio:** Uma morte evitável. São Paulo: Atheneu, 2006.

ZELDIN, Theodore. **Uma história íntima da humanidade.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

ZILBOORG, Gregory. “Considerations on Suicide, with Particular Reference to That of the Young”. American Journal of Orthopsychiatry, 7: 15-31, 1937. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.

_____. “Differential Diagnostic Types of Suicide.” Archives of General Psychiatry 35: 270 – 291, 1936. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.

_____. “Some Aspects of Suicide”. Suicide and Life Threatening Behavior 5: 131-139, 1975. In: MALTSBERGER, John T; GOLDBLATT, Mark J. (editors). **Essential Papers on Suicide.** New York: New York University Press, 1996.